

ERIC FRATTINI

Autor de Mossad: Os Carrascos do Kidon

A FUGA DOS NAZIS

COMO ESCAPARAM OS MAIORES
CRIMINOSOS NAZIS

PREFÁCIO DE JOSHUA RUAH



B

BERTRAND EDITORA



ERIC FRATTINI

Autor de Mossad: Os Carrascos do Kidon

A FUGA DOS NAZIS

COMO ESCAPARAM OS MAIORES
CRIMINOSOS NAZIS

PREFÁCIO DE JOSHUA RUAH





© Jorge Puente

Eric Frattini foi correspondente no Médio Oriente e residiu em Beirute e Jerusalém. É autor de mais de uma vintena de livros, entre os quais se contam *Mossad: Os Carrascos do Kidon* e *Hitler Morreu no Bunker?*. A sua obra está traduzida para várias línguas e editada em 47 países. Em 2013, recebeu o II Prémio Nacional de Investigação Jornalística (Itália) pela sua investigação do caso Vatileaks – trabalho que deu origem ao livro, já publicado em Portugal, *Os Abutres do Vaticano* – e o Prémio Anual Strillaerischia (Itália) pelo seu trabalho como correspondente no Afeganistão.

Realizador e guionista de dezenas de documentários de investigação para as principais cadeias espanholas de televisão, colabora assiduamente em diferentes programas de rádio e TV. Ministra frequentemente cursos e conferências sobre segurança e terrorismo islâmico a várias forças policiais e de segurança de Espanha, Grã-Bretanha, Portugal, Roménia e Estados Unidos.

Título: La Huida de las Ratas

1.ª edição em papel: novembro de 2018

Autor: Eric Frattini

Tradução: José Espadeiro Martins

Revisão: Luísa Pinho

Design da capa: Ana Monteiro

© Eric Frattini Alonso, 2018

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Fotografias e documentos do interior: Bayerische Staatsbibliothek, Yad Vashem, United States Holocaust Memorial Museum, Sueddeutscher Verlag Bilderdienst, United States National Archives & Records Administration (NARA), Israel National Photo Collection, Israel Government Press Office, CIA, OSS, United Kingdom National Archives (UKNA), Das Bundesarchiv, Institute for Jewish Research (YIVO), Trial International, Bundesarchiv, Deutsche National Bibliothek.

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3736-0

Para o meu filho Hugo, que teve oportunidade de visitar os campos de concentração de Dachau, Ravensbrück e Sachsenhausen e o Museu do Yad Vashem, em Jerusalém, e perceber o que isso significa. Agora é responsabilidade da sua geração impedir que isso volte a acontecer.

Para o meu «irmão mais velho», M. D., que perdeu parte da sua família no Holocausto e que me ensinou a necessidade de salvaguardar a segurança de Israel e do seu povo, para que nada daquilo possa acontecer novamente.

O princípio, o fim: todos os caminhos do mundo, todo o clamor da humanidade levam a esse lugar maldito. Aqui é o reino da noite, onde se oculta o rosto de Deus e um céu em chamas se converte no cemitério de um povo desaparecido.

ELI WIESEL
Sobrevivente de Auschwitz
e Prémio Nobel da Paz

PREFÁCIO

Em dezembro de 1963, aquando de uma visita a Paris, inteirei-me de que estava em cena no Teatro de l'Athénée a peça de Rolf Hochhuth, *Le Vicaire*, traduzida para o francês e que lançou enorme polémica.

Uns dias antes da minha chegada, os jornais da época noticiavam que alguns contestatários haviam invadido o teatro gritando «Viva Pio XII, Viva Hitler e Viva o Rei» e um par de dias depois mais uma manifestação com *slogans* como «porcos judeus e comunistas».

Vindo de Lisboa, onde nem sequer se tinha conhecimento da peça, fiquei com uma vontade irresistível de ir ver *Le Vicaire*.

Valeu-me uma senhora de uma agência de bilhetes, e fui com minha mulher, em viagem de núpcias, avisados no entanto de que poderia ser perigoso dado haver todas as noites agitadores neonazis a perturbar o espectáculo.

Assistimos a uma representação múltiplas vezes interrompida por agitadores da extrema-direita francesa com palavras de ordem antissemitas, vivas ao nazismo e até rebentamento de petardos dentro do teatro. Não houve qualquer intervenção policial.

O autor católico, apesar de a peça ser representada em múltiplas cidades europeias, mas em janeiro de 1965 ter sido proibida em Itália ao abrigo da Concordata, declarou nesse mesmo ano que não autorizava que a peça fosse à cena nos países de Leste, por ser imoral representá-la em países onde a Igreja e os padres eram vítimas de opressão.

Fiquei curioso com toda a polémica levantada nessa altura, dado que em Lisboa nada se publicava sobre o assunto.

Em 1964 saiu então uma edição traduzida em português do autor Saul Friedlander, intitulada *Pio XII e o III Reich, Documentos*.

Li o livro de ponta a ponta, já com sublinhados do meu Pai.

O interesse pelo tema foi-se desenvolvendo e a confusão estabelecendo-se.

Múltiplos artigos de jornal, livros e declarações de políticos, até mesmo israelitas, defendiam posições antagónicas em relação ao problema do papel da Igreja Romana face ao nazismo e antissemitismo durante, antes e após a Segunda Grande Guerra.

Ao longo destes mais de 70 anos sob a forma de polémica infinda mas pouco esclarecedora, apesar da publicação de múltiplos documentos verdadeiros, a luta pelo branqueamento das realidades continuava.

Para não ir mais longe, citarei apenas informação colhida em jornais de 2017, *A Folha de São Paulo* e *Observador*.

Da *Folha de São Paulo*, março de 2017, da autoria de David I. Kertzer:

«Hitler é um agitador simpático», disse o cardeal Eugenio Pacelli, «mas é cedo demais para dizer se é um homem de governo.»

Fazia muito tempo que chefes da Igreja alemã desconfiavam do extremo nacionalismo de Hitler, que para eles beirava o paganismo.

Mas o líder nazista, ciente de que um em cada três alemães era católico, estava ansioso para conquistar o apoio do Vaticano. Assim como o Partido Popular católico havia atrapalhado os planos de Mussolini na Itália, o Partido do Centro Católico atrapalhava as aspirações de Hitler na Alemanha. Menos de um mês depois que Hitler assumiu o poder, o embaixador alemão assegurou a Pacelli que o novo chanceler queria manter boas relações com a Santa Sé. Afinal, observou o embaixador, Hitler era católico.

Neste artigo chama-se a atenção para o facto de Pio XI ter estruturado a relação com fascismo italiano e o nazismo alemão de forma não conflituosa.

Vejamos ainda a *Folha de São Paulo*:

Até então, Orsenigo vivera confinado aos limites da Igreja dentro e nos arredores de Milão; não tinha experiência diplomática nem qualquer interesse evidente em assuntos internacionais. Apesar disso, meros quatro meses após se tornar papa, Pio XI nomeou-o núncio na Holanda, com o título de arcebispo. A nomeação provocou muitos comentários entre o alto clero, que via naquilo mais um exemplo da preferência dada pelo pontífice aos seus amigos de Milão, em vez de escolher homens da hierarquia com mais experiência. O cardeal Gasparri presidiu a cerimônia de consagração episcopal de Orsenigo; o padre milanês usava com orgulho a cruz que o pontífice lhe dera para honrar a ocasião, mas, à exceção de alguns alunos do Pontifício Seminário Lombardo em Roma, que serviram como coroinhas, a igreja estava vazia.

Depois de passar dois anos na Holanda, Orsenigo se tornou núncio na Hungria. Em 1928, enquanto ele estava em Roma para uma visita, um dos informantes de Mussolini conjecturou que o papa Pio XI talvez o escolhesse para substituir o cardeal Gasparri como

secretário de Estado. Segundo o informante, o pontífice valorizava acima de tudo homens de lealdade inquestionável. A escolha seria uma dádiva para o regime, acrescentou o informante, pois Orsenigo era menos astuto e mais maleável do que o voluntarioso Gasparri.

Embora tenha passado batido por Orsenigo para o cargo de secretário de Estado, o papa Pio XI o escolheu para substituir Pacelli como núncio na Alemanha. Tanto Hitler quanto o cardeal Pacelli viriam a considerar Orsenigo pouco importante. Sem dúvida Pacelli nunca sentira necessidade de pedir conselhos para lidar com Berlim. Prudente e escrupuloso, vivia com medo de ofender Hitler. Mais adiante, quando as relações com a Alemanha nazista se tornaram sua preocupação central, Pio XI não substituiria Orsenigo. O papa não queria um pensador independente, nem um homem belicoso, como seu embaixador no país de Hitler. O medíocre Orsenigo permaneceria no cargo, sob o comando do papa seguinte (Pio XII) durante todos os dramáticos anos da Segunda Guerra Mundial.

[...]

Orsenigo disse ao Vaticano que os nazistas justificavam a perseguição culpando os judeus pelo comunismo. «Não sei se todo o bolchevismo russo foi obra exclusiva dos judeus», relatou o núncio, «mas aqui eles encontraram uma maneira de fazer o povo acreditar nisso e agir em conformidade contra o judaísmo.» E concluiu, em tom aziago: «Se, como parece provável, o governo nazista durar muito tempo, os judeus estão condenados a desaparecer deste país.»

O fato de a população católica da Alemanha achar a noção de uma conspiração judaica verosímil não deveria surpreender. Durante anos, a revista que passava pela avaliação do Vaticano, La

Civiltà Cattolica – entre muitas outras publicações da Igreja –, vinha alertando que os judeus eram a força do mal por trás de uma perigosa conspiração. Dizia-se que controlavam em segredo tanto o comunismo quanto o capitalismo, ambos com o objetivo de escravizar os cristãos.

No jornal digital *Observador* de 7/10/2017, num artigo intitulado «Os 80 anos da encíclica antinazi», pretende branquear a atividade da Igreja na relação que teve com o problema do antissemitismo, citando uma encíclica mandada escrever por Pio XI mas só publicada por Pio XII.

Passou quase despercebido o 80.º aniversário da encíclica Mit brennender Sorge, de 14 de março de 1937. Não obstante o tempo já decorrido, vale a pena evocar aquela corajosa declaração da Igreja católica contra o nacional-socialismo, que foi também a primeira condenação pública, por um chefe de Estado europeu, do nazismo.

A hostilidade do regime nazi para com a Igreja católica foi, desde o início, patente: o então Cardeal Secretário de Estado, Eugenio Pacelli, que depois seria o Papa Pio XII – sobre a sua acção em defesa dos judeus, leia-se Os Judeus do Papa, de Thomas Gordon – chegou a fazer, sem efeito, mais de 50 protestos formais ao embaixador alemão na Santa Sé, Von Bergen.

Ante a inoperância das intervenções diplomáticas da Santa Sé, o Papa Pio XI, já de muita idade e doente, decidiu denunciar publicamente o nacional-socialismo germânico. Para este efeito, pediu ao então bispo de Munique, cardeal Michael Faulhaber, que redigisse um primeiro esboço da encíclica. Curiosamente, foi ao

futuro Pio XII que se ficou a dever o seu título: «Com ardente (brennender) preocupação...», em vez de «Com grande (grosser) preocupação...», como o prelado de Munique propusera. Que a versão oficial deste documento seja em alemão, quando é da praxe que as encíclicas sejam redigidas em latim, é significativo de que o seu destinatário era, obviamente, o povo germânico e, sobretudo, o seu regime nacional-socialista.

Mit brennender Sorge critica vários princípios da ideologia nazi como, por exemplo, o exacerbado nacionalismo, a divinização do Führer, o paganismo pangermânico e a exaltação da raça ariana, em detrimento de outros povos, nomeadamente os judeus, eslavos e ciganos. «Só espíritos superficiais», diz a encíclica, «podem incorrer no erro de falar de um Deus nacional e de uma religião nacional, na tentativa de limitar Deus, criador do mundo, rei e legislador de todos os povos, às fronteiras de um só povo e da exiguidade étnica de uma única raça.» Como é óbvio, esta censura ao nacionalismo nazi é já uma implícita condenação do seu antissemitismo.

Como se vê, mais de setenta anos depois, como se já disse, a polémica continuava. Justifica-se assim que obras como a presente de Eric Frattini, *La Huida de Las Ratas*, no seu título original, sejam publicadas entre nós, obra absolutamente baseada em documentos reais e fidedignos que nos pode esclarecer acerca de um período ainda pouco conhecido.

A leitura dos vastos documentos já publicados pela Libreria Editrice Vaticana em 1981, com o título *A Santa Sé e a Guerra Mundial Janeiro 1944 – Maio de 1945*, traz-nos informação preciosa para se perceber ainda melhor, se possível, a completa teia de

proteccionismo e colaboracionismo desenvolvido no Vaticano face ao III Reich durante o período de guerra.

Frattini traz-nos, sobre «o negro tempo do pós-guerra», a história verdadeira e mais completa das fugas ajudadas e minuciosamente preparadas, de criminosos nazis da Humanidade, pelo Passillo Vaticano, coordenadas pelo bispo Alois Hudal.

Nestas operações de fuga de importantes figuras do aparelho criminoso nazi, colaboraram muitos outros bispos, conseguindo identidades falsas para os fugitivos, executando os planos desenhados cuidadosamente por cardeais, como Montini, Tisserant e outros, com a colaboração de Cruz Vermelha Italiana.

A obra que ireis ler é um livro fundamental para o conhecimento de um período da História que nos tem sido ocultado.

JOSHUA RUAH, 2018

INTRODUÇÃO

Do mito de Odessa à Operação Picareta

O Holocausto implicou a perseguição sistemática e o assassinio em massa de seis milhões de judeus, mas também de ciganos sinti e rom, homossexuais, comunistas, liberais, conservadores, sociais-democratas, polacos, deficientes, maçons, testemunhas de Jeová e, deste modo, uma enorme lista. Ou seja, todos aqueles que a Alemanha nazi via como cidadãos de segunda, numa Europa conquistada e projetada para se transformar no que os altos comandos do Terceiro Reich denominaram o «Reich dos Mil Anos».

Em 1921, um obscuro cabo austríaco chamado Adolf Hitler assumiu o controlo do então insignificante Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), que pouco a pouco foi ganhando protagonismo no mapa político da Alemanha, com ações que iam da agitação política – incluindo insultos em comícios de outros partidos – a agressões violentas contra líderes sindicalistas e comunistas ou discursos populistas de tom incendiário, dirigidos contra certos setores da população que «só empobreciam a Alemanha» e dos quais era preciso «libertar-se». Exatamente doze anos depois, em 1933, num clima político de

manipulação, repressão e intimidação estatal, Hitler foi eleito chanceler. No ano seguinte, ele e os seus assumiram o poder absoluto sobre milhões de alemães que acreditaram nas promessas do antigo cabo: renascimento do orgulho nacional após o Tratado de Versalhes, emprego a tempo inteiro, a superioridade da raça «nórdica» e a erradicação dos judeus, responsabilizados por todos os males da sociedade alemã.

Assim que os nazis tomaram o poder, começou o que vários historiadores definiram como a «perseguição calculada» contra este coletivo demonizado: boicotes estatais a negócios judaicos, atos de vandalismo contra sinagogas, campanhas de propaganda antijudaica por parte do Estado ou a expulsão de todos os judeus da vida pública ou social.

A 1 de setembro de 1939, os exércitos de Hitler invadiram a Polónia, primeiro passo bélico da Alemanha nazi na sua pretensão de criar um grande império, a que se seguiram novas campanhas militares, depois das quais Hitler conseguiu anexar e submeter em pouco tempo grande parte da Europa Continental. Iniciava-se assim a Segunda Guerra Mundial, conflito que, por ter sido descrito em milhares de livros, não descreveremos aqui. Para os objetivos deste livro, convém sublinhar uma data importante: 20 de janeiro de 1942. Nessa manhã, numa idílica vivenda situada nas margens do lago Wannsee, num abastado distrito berlinense, reuniram-se catorze homens sob a presidência de Reinhard Heydrich, o todo-poderoso chefe do Sicherheitsdienst, ou SD, o serviço secreto da SS. Um deles era Adolf Eichmann, braço direito de Heydrich e responsável pelo Gabinete de Assuntos Judaicos no Gabinete Central de Segurança do Reich (RSHA). A reunião durou apenas 87 minutos; no entanto, em tão curto espaço de tempo planificou-se a

«eliminação» de milhões de seres humanos em toda a Europa. É claro que os fuzilamentos maciços tinham começado sete meses antes, e, num local da Polónia chamado Chelmno, estavam a gasear judeus desde dezembro de 1941. A reunião de Wannsee não foi portanto uma reunião para decidir a Solução Final, mas sim uma convocatória executiva para coordenar como levá-la a cabo da forma mais rápida e mais eficiente.

Desde a invasão da Polónia, os nazis tinham já montado uma autêntica engrenagem de morte, através de guetos e de quilómetros de linhas férreas que conduziam aos campos de extermínio, muitos deles construídos na Polónia conquistada. «Há que aniquilá-los a todos», disse Heydrich, incluindo os *mischlinge* («híbridos, mestiços», ou seja, fruto de casamentos mistos entre alemães e judeus). Foi Eichmann quem elaborou os conscienciosos e precisos relatórios, repletos de dados e de números. Inclusivamente, pormenorizou o número de pessoas que poderiam caber no vagão de um comboio de mercadorias, sempre e quando se mantivessem de pé. Todos os convocados para essa reunião aplaudiram a proposta de Heydrich e elogiaram a precisão de Eichmann: Georg Leibbrandt e Alfred Meyer, em representação do Ministério do Reich para os Territórios Ocupados do Leste (Estónia, Letónia e Lituânia); Wilhelm Stuckart, coautor das Leis de Nuremberga de 1935 e representante do Ministério do Interior; Roland Freisler¹, do Ministério da Justiça; Josef Buhler, do Governo-Geral da Polónia Ocupada; Gerhard Klopfer, ajudante de Bormann; Eberhard Schöngarth e Rudolf Lange, dos serviços de segurança na Polónia; Martin Luther, Friedrich Kritzinger, Otto Hofmann, Erich Neumann e Heinrich Müller. Todos eles compreenderam as palavras de Hitler de 30 de janeiro de 1942, quando, durante um discurso em Berlim,

garantiu que «o resultado desta guerra será a aniquilação total dos judeus»².

A reunião de Wannsee teve como objetivo apurar a burocracia nazi ao máximo, de forma a convertê-la numa máquina de extermínio maciço, perfeitamente lubrificada e operacional. Assim, naquela luxuosa vivenda que tinha pertencido a uma família judaica, foi projetada a arquitetura do Holocausto. A partir desse preciso momento, a Alemanha foi dividida entre *untermenschen* («sub-humanos»), vítimas que era preciso liquidar, e «raça ariana» ou cidadãos de «sangue puro», como a definia Alfred Rosenberg, o «filósofo» do nacional-socialismo. De entre esses cidadãos de sangue puro surgiram os encarregados de levar à prática a Solução Final em todos os seus níveis, como projetistas ou planificadores, como carrascos e executores ou, simplesmente, como «cúmplices» silenciosos. Os grandes historiadores do Holocausto ainda não conseguiram chegar a acordo sobre se este brutal genocídio foi projetado durante a guerra ou se foi planeado desde o início do Terceiro Reich.

Muito se tem escrito sobre o *porquê* ou o *como* do Holocausto; muito menos, porém, sobre o *quem*. O historiador Herbert Luethy, no seu magnífico retrato *Der Führer*, explicava que «Hitler não era sobrenatural, nem nada desse género. Nem chegou ao poder através de uma conquista, como Átila, rei dos Hunos [...]». «Hitler era proveniente dos esgotos de Viena. E Göring, Himmler, Eichmann e muitos outros eram homens cinzentos, obscuros [...]. Viram-nos cinzentos e abatidos no banco dos réus em Nuremberga, insignificantes, descoloridos, superficiais, sem dignidade, fanatismo, um ódio cruel, com a estatura que a maldade em grande escala muitas vezes confere», escrevia o historiador Irving Kristol. O que

podemos garantir, isso sim, é que, embora não tenha ainda sido descoberto nenhum documento assinado por Hitler em que desse ordem expressa para iniciar o Holocausto, não resta dúvida de que este não teria sido possível sem o conhecimento do próprio Hitler nem a cumplicidade do nacional-socialismo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, foram assassinadas na Europa mais de 55 milhões de pessoas, entre civis e militares. Após a queda da Alemanha e a desintegração do Terceiro Reich, os responsáveis por aquelas atrocidades tiveram de prestar contas. No entanto, muitos dos carrascos conseguiram fugir, através da via conhecida pelo nome de Rota das Ratazanas: Klaus Barbie, o Carniceiro de Lyon; Gerhard Bohne, que gaseou 62 mil deficientes ao abrigo do programa Aktion T4; Kurt Christmann, chefe do *Einsatzgruppe D*, um dos esquadrões de execução itinerante das SS; Adolf Eichmann, arquiteto da Solução Final; Hans Fischbock, que se ocupou das expropriações de propriedades dos judeus na Áustria e nos Países Baixos; Albert Ganzenmüller, subsecretário de Estado do Ministério de Transportes do Reich e responsável pelas deportações de alemães; Fridolin Guth, antigo membro da polícia política alemã em França; Hans Hefelmann, médico e responsável pelo assassinato de milhares de crianças deficientes mentais; Josef Janko, membro das Waffen-SS na Jugoslávia; Karl Otto Klingenfuss, envolvido na deportação de judeus na Itália, Croácia e Bulgária; Eckard Krahmer, general da Luftwaffe; Walter Kutschmann, que mandou fuzilar 36 professores e 1500 intelectuais polacos em Lwów; Fritz Lantschner, responsável pelo confisco dos bens dos judeus na Alemanha; Gerhard Laussegger, oficial da SS; Josef Mengele, o «Anjo da Morte», que atuou no campo de Auschwitz; Erich Priebke, responsável pelo massacre das Fossas Ardeatinas;

Erich Rajakowitsch, peça-chave da Solução Final nos Países Baixos; Friedrich Joseph Rauch, tenente-coronel da SS, encarregado da segurança na chancelaria de Hitler; Walter Rauff, coronel da SS e responsável pelas câmaras de gás móveis; Eduard Roschmann, o «carniceiro de Riga», sob cujas ordens foram executados 24 000 judeus no bosque de Rumbula; Josef Schwammberger, comandante da SS em diversos campos de trabalhos forçados em Cracóvia; Siegfried Uiberreither, comissário do Reich na região austríaca da Estíria; Josef Votterl, membro da Gestapo; Horst Wagner, diplomata responsável pelo gabinete de ligação do Ministério de Assuntos Exteriores do Reich com a SS; ou Guido Zimmer, oficial da SS na Itália, foram alguns dos milhares de nazis que conseguiram escapar através das rotas de evasão criadas pelo Vaticano, rumo a refúgios seguros na América do Sul ou no Médio Oriente, principalmente a Síria e o Egito³.

Na realidade, os primeiros planos de evasão para os dirigentes nazis foram esboçados dois meses antes do fim da Segunda Guerra Mundial. Heinrich Himmler, ao ver que tudo estava perdido, tinha decidido criar a chamada Operação *Aussenweg* (Rota para o Exterior). Para tal, pôs na frente da mesma o jovem capitão da SS Carlos Fuldner.

Fuldner, um dos cabecilhas da Rota das Ratazanas, nasceu em Buenos Aires a 16 de dezembro de 1910, no seio de uma família de imigrantes alemães; mas em 1922, o pai decidiu regressar à Alemanha e a família instalou-se na cidade de Kassel. Em princípios de 1932, Carlos Fuldner foi admitido na SS. Tinha 21 anos. Ao terminar a guerra, Fuldner refugiou-se em Madrid, onde estabeleceu a sua base de operações.

Durante os cinco anos que se seguiram à derrota alemã, Fuldner iria converter-se em ponta de lança da evasão de criminosos de guerra nazis, desejosos de se esquivarem à justiça aliada. Espanha, Portugal, Marrocos, Áustria e Itália, foram as zonas seguras de passagem e centros de proteção para os evadidos, que viajavam com documentação e identidade falsas, facultadas na maioria dos casos por altos funcionários do Vaticano. Muitos desses funcionários atuaram inclusive como guias e protetores de criminosos de guerra até que estes encontrassem um lugar seguro onde esconder-se, fora do alcance da justiça dos Aliados⁴.

Carlos Fuldner efetuou um périplo contrarrelógio por várias capitais europeias, entre as quais Madrid e Roma. Nesta última, teve uma reunião com o padre Krunoslav Draganovic, o dirigente máximo de San Girolamo, que confirmou ao enviado de Himmler que a sua organização estava preparada para dar assistência e refúgio às altas hierarquias nazis que decidissem fugir para a América do Sul. Garantiu inclusive a Fuldner que podiam contar com o apoio e a proteção do Vaticano, através do seu subsecretário de Estado, monsenhor Giovanni Battista Montini, o futuro papa Paulo VI. Existe de facto um documento, datado de 10 de maio de 1946, no qual agentes dos serviços secretos norte-americanos denunciam as estreitas relações entre Ante Pavelic, ditador da Croácia pró-nazi, e monsenhor Montini.

Foi em Madrid que Carlos Fuldner estabeleceu o primeiro contacto com o bispo argentino monsenhor Antonio Caggiano, pouco depois ordenado cardeal pelo papa Pio XII. Caggiano estava acompanhado por Stefan Guisan, um sacerdote franciscano nascido numa aldeia próxima da cidade suíça de Berna. No seminário onde estudou, Guisan tinha-se relacionado com um sacerdote croata que

o apresentou a Draganovic. Desde 1944, o padre Stefan Guisan começara a colaborar com a instituição de San Girolamo às ordens de Krunoslav Draganovic e trabalhando na sede da Pontifícia Comissão para a Assistência (PCA), na Villa San Francesco. A PCA era o organismo do Vaticano encarregado de emitir documentos de identidade para os refugiados; porém, depois da derrota nazi, encarregar-se-ia de facultar documentos falsos a um grande número de fugitivos nazis, que tentavam escapar à justiça aliada na Europa. Na PCA trabalhavam cerca de trinta sacerdotes de diversas ordens, a maior parte deles franciscanos, falsificando selos de organismos internacionais de ajuda aos refugiados. Esta ajuda ia desde simplesmente escondê-los a facultar-lhes documentação falsa, financiar-lhes a viagem de fuga ou entregar-lhes uma lista de contactos para cada etapa da sua evasão⁵.

Existem documentos que demonstram que Draganovic não era o responsável máximo da chamada Operação Convento, nome atribuído à trama articulada desde o Vaticano para facilitar a fuga dos nazis, também conhecida como Corredor do Vaticano ou Rota dos Conventos. Um relatório do serviço de contraespionagem militar norte-americano na Itália, assinado por William Gowen e com data de 1946, referia que a cabeça visível desta trama era na realidade o cardeal Eugene Tisserant.

Tisserant disse-me acreditar firmemente que neste momento existem cinquenta por cento de probabilidades de que a Rússia provoque uma guerra ainda este ano. Segundo o cardeal, os russos estão numa posição privilegiada para invadir a Europa Ocidental (...), uma oportunidade que sabem não voltará a repetir-se.⁶

A maior parte dos nazis escolheu para a fuga o Corredor do Vaticano. Geralmente passavam por instituições religiosas de Milão ou de Roma, dando daí o salto para Génova, de onde partiam de barco para algum porto seguro na América do Sul ou no Médio Oriente. O papel de alguns religiosos como cúmplices das fugas deve ser analisado de um ponto de vista mais ideológico do que técnico.

Tisserant era tão anticomunista que achava que os nazis que os tinham combatido mereciam ser enterrados em sepultura cristã; e entendia a necessidade de criar um grupo de peritos «nazis» anticomunistas na América do Sul, para os utilizar caso rebentasse uma guerra contra os soviéticos. A partir de então, a embaixada da Argentina em Roma começou a receber uma chuva de pedidos de vistos para cidadãos franceses. Os colaboracionistas e criminosos de guerra franceses, como Marcel Boucher, Fernand de Menou, Robert Pincemin ou Émile Dewoitine, obtiveram um visto especial por ordem do então cardeal Antonio Caggiano para entrarem na Argentina. Os quatro dispunham de passaportes com numeração consecutiva, emitidos pela Cruz Vermelha de Roma, e levavam uma carta de recomendação do Vaticano. Curiosamente, os quatro tinham encontrado refúgio em San Girolamo, a instituição controlada por Krunoslav Draganovic.

Obviamente, por detrás da fuga dos criminosos de guerra nazis estava o seu desejo de escaparem a todo o custo à justiça dos vencedores e a sua preocupação, justificada, perante o clima reinante de vingança. As sentenças de Nuremberga viriam a confirmar os seus receios. No Terceiro Reich trabalhavam pouco mais de 45 000 funcionários e agentes da Gestapo, que, a partir de 20 direções-gerais e 39 repartições, assim como de 300

subrepartições e 850 comissariados da guarda fronteiriça, captavam e registavam qualquer manifestação hostil ao regime nazi. Pela segurança interior e exterior do Reich velavam 65 000 agentes de segurança, especialmente preparados para isso, às ordens de cerca de 30 chefes superiores da SS, bem como 2 800 000 agentes da ordem pública. Além disso, 950 000 soldados das Waffen-SS estavam sempre prontos para sufocar qualquer revolta contra o Terceiro Reich. O Serviço de Segurança (SD) do Gabinete Central de Segurança (RSHA) contava com um verdadeiro exército de mais de 100 000 informadores diretos e ativos, e espiões infiltrados em todos os círculos das atividades nacionais. O certo, porém, é que a lista de líderes da SS, Gestapo e SD assinalados pelos serviços secretos aliados e pelas unidades de investigação de crimes de guerra não passava dos três mil nomes⁷.

Embora muitos deles tenham conseguido encontrar refúgio seguro em países como a Argentina, o Chile, a Bolívia, a Síria ou o Egito, a decisão do Bundestag, em 1965, de prorrogar o prazo de prescrição dos crimes nacional-socialistas acabou com os sonhos alimentados por muitos dos seus responsáveis de algum dia poderem regressar à sua pátria. No fim de contas, a vigência da prescrição baseava-se na presunção do Direito Penal alemão de que, ao cabo de vinte anos, dificilmente havia maneira de reconstruir um facto considerado delito. Está claro que os alemães, carrascos e testemunhas, não contavam com toda a documentação probatória reunida pelas unidades aliadas, nem com a presença reveladora das instalações que ainda estavam de pé em locais como Dachau, Bergen-Belsen, Birkenau, Majdanek, Treblinka ou Auschwitz, nem com os milhares de sobreviventes que puderam prestar depoimento acerca dos horrores que tinham testemunhado. Para muitos, estava

na hora de os cidadãos alemães serem julgados pelo que permitiram que fosse levado a cabo.

Lord Russell, procurador britânico, afirmou então: «Os cidadãos alemães têm de entender que todos eles são responsáveis pelo que aqui aconteceu. Uns devido ao seu papel de carrascos, outros pelo seu papel de testemunhas mudas e silenciosas. Durante as próximas décadas, as gerações seguintes de alemães continuarão a pagar pelo que hoje fizeram os seus pais e avós. Além disso, será muito difícil para eles poderem responder a uma pergunta muito simples: “Avô, e o que tu fizeste durante a guerra?”» O mesmo Lord Russell, depois da sua visita ao campo de concentração de Dachau, escreveu:

Cravada num poste do telhado dos fornos crematórios podia ver-se uma pequena caixa rústica a servir de ninho para as aves selvagens, ali colocada por algum esquizofrénico da SS. Só nesse momento consegui perceber até que ponto o país de Goethe e de Beethoven, de Schiller e de Schubert, também era o país de Auschwitz e de Belsen, de Ravensbrück e de Dachau.

Em 1945, do seu exílio na Suécia, o ex-juiz alemão Fritz Bauer pronunciou um *mea culpa* a favor do povo alemão:

«Neste momento, a Alemanha é uma *tabula rasa*. Podemos e devemos construir uma Alemanha melhor a partir dos alicerces. Reconhecemos a obrigação de a Alemanha pagar pelos crimes de guerra cometidos em seu nome. Os inúmeros criminosos de guerra que levaram o nazismo ao poder e iniciaram a guerra, os criminosos de Buchenwald, Belsen e Majdanek terão de ser castigados com toda a severidade. Nenhum de nós pede compaixão para com o povo alemão. Sabemos que nós, os alemães, teremos de trabalhar para ganharmos o respeito e a compreensão dos outros durante os próximos anos e as próximas décadas.»⁸

Terminada a Segunda Guerra Mundial, os altos hierarcas nazis processados por crimes de guerra na cidade de Nuremberga viram-se obrigados a testemunhar sobre o seu conhecimento ou participação nos massacres. Assim que começaram a ser apresentadas as provas documentais, os testemunhos diretos de sobreviventes e de membros da SS guardiões de campos, bem como a projeção de atrozes documentários realizados pelos Aliados nos campos libertados, e outros realizados pelos próprios nazis, altos comandos como Göring, Kaltenbrunner, Speer, Keitel e outros, foram «recuperando» a memória até que se viram forçados a admitir a existência dos campos da morte e a reconhecer as atrocidades neles cometidas. Como não podiam negá-lo, estes homens, que compunham o núcleo próximo de Hitler, adotaram atitudes que se transformariam na tónica comum nos processos por crimes de guerra que se seguiram:

1. Negar a sua participação nos factos.
2. Lançar as culpas para cima dos seus superiores, já falecidos.
3. Fingir desconhecimento das atrocidades cometidas, com expressões como «eu não sabia de nada».
4. Invocar o princípio de obediência devida ao *Führer*, vinculado a expressões como «eu só recebia ordens».

Apesar desta exibição de argumentos com que pretendiam esquivar-se da sua responsabilidade nos factos, nenhum deles chegou a negar abertamente que tinha havido um genocídio contra o povo judaico, um genocídio à escala maciça, projetado e orquestrado pelo Terceiro Reich. Tentaram, é um facto, rejeitar o seu conhecimento direto e, em alguns casos, inclusive a sua participação ativa nos acontecimentos, atirando a culpa para cima

de outros. Alguns líderes nazis tiveram de aceitar o facto de que o Holocausto foi uma política ordenada pelo Partido Nazi e pelos seus dirigentes, executada pela SS e pela Gestapo, através de campos de concentração e de extermínio espalhados por toda a Europa ocupada. Hans Frank, o carrasco da Polónia, com lágrimas nos olhos, foi o primeiro líder nazi a aceitar abertamente a sua culpa. Hermann Göring, embora a princípio o negasse, por fim teve de o admitir quando lhe puseram diante dos olhos documentos assinados pelo seu próprio punho e com a sua letra. Um destes documentos era o célebre memorando enviado a Reinhard Heydrich em meados de 1941 para que ativasse a Solução Final da questão judaica, antecedente direto da conferência de Wannsee de janeiro de 1942.

Ernst Kaltenbrunner, sucessor de Heydrich à frente do SD, e, a par de Göring, o mais intimamente implicado no Holocausto, defendeu até ao fim a sua inocência, queixando-se de que o acusavam injustamente e alegando que «estavam a condená-lo pelo que Himmler fizera». Walter Funk, o tímido presidente do Reichsbank, foi interrogado a propósito de ter sido encontrada, entre os valores da entidade a que presidia, uma grande quantidade de peças dentais em ouro e platina, procedentes dos assassinados nos campos de extermínio; limitou-se a responder com um eloquente silêncio. Albert Speer, o arquiteto de Hitler e o onnipotente responsável pela produção bélica nos últimos anos da guerra, não só admitiu ter utilizado mão de obra escrava procedente dos campos de extermínio, como ficou célebre a resposta que deu ao terminar de cumprir a sua sentença de duas décadas de reclusão na prisão de Spandau. Interrogado sobre o conhecimento que os seus colegas nazis tinham do Holocausto, Speer respondeu sem hesitar: «Todos sabiam.»

Nos diferentes processos instaurados, tanto em Nuremberga como em outras cidades alemãs, contra responsáveis «secundários» do genocídio nazi – médicos, industriais ao serviço do Terceiro Reich, *Einsatzgruppen*, médicos de Auschwitz, guardas deste mesmo campo – o resultado foi idêntico: apesar de recorrerem em sua defesa ao mesmo discurso dos altos comandos nazis («eu não sabia de nada», «eu só cumpria ordens»), foram declarados culpados e condenados. Nestes julgamentos, tal como nos primeiros julgamentos dos líderes máximos do nacional-socialismo, jamais foi negada a existência dos campos de extermínio nem as atividades neles levadas a cabo. Ninguém negou o Holocausto, nem as deportações, nem os comboios da morte, nem as câmaras de gás, nem os fornos crematórios.

Por exemplo, Rudolf Höss, ex-comandante de Auschwitz, executado na forca a 16 de abril de 1947, ficou célebre pelas suas confissões, em que admitiu ter ordenado a morte de «pelo menos um milhão de judeus» naquele campo da morte. Nas suas memórias, *Eu, comandante de Auschwitz*, escritas pouco antes da sua execução, chegou a manifestar o seu alívio ao ficar a conhecer a decisão adotada de utilizar o gás nos campos de extermínio para eliminar mais rapidamente os prisioneiros:

Confesso sem rodeios que [a escolha] do gaseamento me deixou tranquilo; sempre me horrorizaram os fuzilamentos, principalmente de mulheres e de crianças. Desde que evitámos essa carnificina, senti-me mais tranquilo. Franz Stangl, comandante de Treblinka, costumava declarar perante os seus subordinados que se sentia orgulhoso de «ter supervisionado a destruição de centenas de milhares de pessoas [...]». É o meu trabalho, dá-me prazer e sinto-me realizado.»

Otto Ohlendorf, *SS-Gruppenführer*, antigo comandante do *Einsatzgruppe D* no sul da Ucrânia, executado na forca a 8 de junho de 1951, não só reconheceu ter mandado assassinar cerca de cem mil judeus na sua zona de operações, como, no decurso do seu julgamento, forneceu detalhes horripilantes de como tinha dado instruções aos seus subordinados «para eliminar decentemente» os judeus que caíam em seu poder e para que a culpa destes assassinatos recaísse «sobre todos os que integravam o comando e não apenas sobre um deles».

Paul Blobel, responsável pelo *Einsatzgruppe C* na Ucrânia, também se queixava amargamente «do sofrimento moral que os carrascos tinham de suportar, pior do que o sofrimento das suas vítimas». Menção particular merece Adolf Eichmann, *SS-Sturmbannführer* e principal arquiteto da Solução Final. Durante o seu julgamento em Jerusalém, reconheceu ter assistido «apenas como espectador» a diversas «operações especiais» (assassinatos em massa) em Łódź, Lublin e Kulmhof. Apesar da grande quantidade de informação proporcionada acerca do funcionamento do processo de extermínio dos judeus, Eichmann nunca admitiu ter mandado assassinar ninguém, visto que, segundo ele, apenas se ocupava do «transporte dos judeus para os campos». O que Eichmann pretendia dizer é que ele não tinha matado ninguém, «apenas» os enviava para a morte.

Não obstante, alguns dos seus subordinados, como Dieter Wisliceny, tinham apontado Eichmann em Nuremberga como um dos principais responsáveis pelo Holocausto. Segundo este oficial, não só era culpado, como inclusive «sentia prazer» com as liquidações e ficava furioso quando não conseguia enviar para os campos um número suficiente de judeus. Segundo Wisliceny,

executado a 4 de maio de 1948, «Eichmann chegou a ignorar as ordens do próprio Heinrich Himmler, o qual, levado por motivos políticos, não humanitários, e tentando uma aproximação com os Aliados face ao rumo que a guerra estava a tomar em finais de 1944, tinha dado ordens expressas para suspender as deportações de judeus procedentes da Hungria [...]. Isso enfureceu Eichmann, que prosseguiu com o transporte de judeus húngaros para os campos de extermínio, como se nada fosse.»

Outra via utilizada por muitos nazis implicados nos crimes de guerra – tanto oficiais de alta patente como comandos intermédios da SS, da Gestapo e do SD – para fugirem ao castigo dos Aliados foi o suicídio. A começar por Robert Ley, o alcoólico chefe da Frente de Trabalho, preso pelos Aliados no fim da guerra, que se suicidou na sua cela ao saber que seria executado pelos seus crimes; e o próprio *Reichsführer* Heinrich Himmler, que, descoberto pelos britânicos a poucos dias do fim do conflito, acabou por se suicidar. Outros comandos da SS que seguiram o seu exemplo foram Odilo Globocnik, chefe do SD austríaco, ou Ernst Robert Grawitz, médico da SS e presidente da Cruz Vermelha alemã, que se suicidou juntamente com toda a sua família; ou Richard Glücks, antigo inspetor-chefe dos campos de concentração, que se suicidou na companhia da esposa; ou Leonardo Conti, outro médico da SS, fiel seguidor da política racial e um dos responsáveis máximos do Aktion T-4. Outros chefes nazis implicados em centenas de milhares de crimes que decidiram também acabar com a vida ao invés de enfrentarem a justiça aliada seriam os comandantes das SS Friedrich Krüger, ex-chefe das SS na Polónia ocupada, e Hans Prützmann, chefe do *Einsatzgruppen* nos Estados bálticos. Alguns nazis que conseguiram fugir da Europa acabaram os seus dias

escondidos como ratazanas e suicidando-se nos seus esconderijos. Entre estes últimos contaram-se Gustav Wagner, ex-comandante do campo de extermínio de Sobibor, que se enforcou, depois de se apunhalar, em 1980, numa obscura fazenda do Brasil; ou Hermann Höfle, perito em extermínio e braço direito de Globocnik, que se enforcou em 1962, na cela da prisão vienense onde aguardava julgamento por crimes de guerra.

Há indícios de que Martin Bormann, o poderoso secretário do *Führer*, organizou em finais de 1943 uma operação chamada *Hacke* («picareta» ou «enxada» em alemão). Aparece referenciada num relatório da CIA com data de 5 de janeiro de 1960⁹. Tratava-se de um plano secreto conhecido apenas por trinta e cinco líderes nazis, entre os quais Heinrich Müller, chefe da Gestapo, Albert Förster, *gauleiter* de Danzig, e Ernst Kaltenbrunner; nem sequer Hitler ou Himmler estavam ao corrente desse plano. O objetivo da «Picareta» era preparar as possíveis rotas de fuga para os líderes nazis, perante a já inevitável derrota da Alemanha. Bormann acreditava firmemente na necessidade de salvaguardar os brilhantes ativos do Partido Nazi, com a finalidade de os reutilizar para um futuro Quarto Reich. Estabeleceram-se bases nazis na Espanha, em Portugal, na Argentina e na Itália. Em 1944, a «Picareta» controlava já cerca de cinco milhões de dólares da época, na sua maioria roubados às vítimas dos campos de extermínio.

Tenha ou não existido a Operação Picareta, o certo é que Bormann planeava já o período do pós-guerra. A 10 de agosto de 1944, vários industriais alemães reuniram-se secretamente no Hotel Maison Rouge de Estrasburgo. Bormann presidiu pessoalmente à reunião. À sua volta sentavam-se representantes das grandes corporações do Reich, como a Krupp, a Messerschmitt, a Thyssen

ou a Volkswagen. Bormann declarou que «depois da derrota da Alemanha, o Partido Nazi reconheceria que certos e bem conhecidos líderes económicos e industriais beneficiaram da política de mão de obra escrava, o que acarretaria que fossem julgados como criminosos de guerra». Na condição de não serem denunciados à justiça aliada, estes industriais foram obrigados a doar importantes fundos à operação iniciada por Bormann. De acordo com os serviços secretos britânicos, a 17 de abril de 1945, os industriais alemães que se tinham reunido em Estrasburgo tinham já enviado para a Espanha cerca de oitocentos milhões de pesetas¹⁰. Este dinheiro seria utilizado para financiar não só as rotas de evasão dos criminosos de guerra nazis, mas também para ajudá-los a iniciar uma vida nova em refúgios seguros como a Argentina, o Chile, a Bolívia, o Paraguai, a Síria e o Egito.

Assim se iniciaria a lenda da organização ODESSA (Organização de Antigos Membros da SS). O termo ODESSA apareceu pela primeira vez num memorando datado de 3 de julho de 1946, do Corpo de Contraineligência (CIC) norte-americano, cuja função principal era localizar possíveis criminosos de guerra entre os milhares de pessoas deslocadas no final do conflito. O CIC descobriu que o nome de ODESSA tinha sido utilizado no campo de prisioneiros de guerra KZ Bensheim-Auerbach, como contra-senha entre os prisioneiros da SS, na sua tentativa de obterem privilégios especiais da Cruz Vermelha. Os serviços secretos dos Estados Unidos ou do Reino Unido nunca conseguiram confirmar a existência real de uma organização conhecida como ODESSA, destinada a facilitar a fuga à justiça aliada de criminosos de guerra nazis. A suposta organização nazi popularizada pelo escritor Frederick Forsyth no seu romance *Odessa* – publicado em 1972 e

levado ao grande ecrã em 1974 pelo realizador Ronald Neame, com John Voight e Maximilian Schell como protagonistas – não passa disso mesmo: uma ficção.

O que é certo é que os criminosos de guerra nazis que fugiram da Alemanha no final do conflito fizeram-no através de três vias de evasão bem organizadas: a Rota dos Conventos ou Corredor do Vaticano (através da Itália), a Rota da Aranha (através da Espanha) e a Rota da Liberdade (rumo aos Estados Unidos, através do Canadá). A 11 de fevereiro de 1983, exatamente uma semana depois de Klaus Barbie ter sido entregue pelas autoridades bolivianas à justiça francesa, o assistente do procurador-geral dos Estados Unidos, Lowell Jensen, ordenou a Allan Ryan, diretor do Gabinete de Investigações Especiais (OSI) do Departamento de Justiça, que empreendesse uma investigação para determinar a implicação das autoridades militares norte-americanas do pós-guerra na proteção de Barbie em troca da sua colaboração. A OSI tinha investigado os nazis nos Estados Unidos, mas não os nazis na Bolívia ou na França, países onde não possuía jurisdição.

Seguindo as instruções de Jensen, Ryan solicitou ao Pentágono informação sobre a relação entre os Estados Unidos e Klaus Barbie; porém o Departamento de Defesa manteve-se silencioso até que o procurador-geral, William French Smith, interveio instando o seu homólogo, Caspar Weinberger, a entregar toda a informação requerida pelo OSI. Quatro meses e meio depois, Ryan entregou a sua informação em mão ao procurador-geral. Resumindo: concluía-se que agentes do CIC (Corpo de Contraineligência do Departamento de Estado norte-americano) tinham «desviado responsabilidades dos seus próprios atos, ao encobrirem as suas

estreitas relações com Barbie»¹¹. Ryan escreveu no mesmo relatório:

Portanto, considero apropriado e recomendo que o governo dos Estados Unidos expresse ao governo de França o seu arrependimento pela sua responsabilidade em atrasar o devido processo legal no caso de Klaus Barbie. Também devemos comprometer-nos a cooperar de qualquer forma apropriada na investigação adicional dos crimes pelos quais Barbie será julgado em França. É uma questão de decência e de comportamento honroso. Julgo que este deveria ser o último capítulo dos Estados Unidos neste caso.

O «Relatório Ryan» foi tornado público a 15 de agosto de 1983; para o seu autor representava o culminar de três anos como diretor do OSI. Durante esse tempo, foram dados passos seguros para expulsar cerca de vinte criminosos de guerra que se escondiam nos Estados Unidos.

Quando Ryan chegou ao OSI, em janeiro de 1980, perguntou aos seus colaboradores durante quanto tempo achavam que o gabinete iria operar. Responderam-lhe que «durante mais uns quatro ou cinco anos»; o que é certo, porém, é que em 2009 o OSI celebrava o seu 30.º aniversário. Ao longo destas três décadas, o gabinete ganhou os casos contra 107 pessoas estabelecidas nos Estados Unidos, suspeitas de terem participado, de uma forma ou de outra, nas atrocidades cometidas durante o Terceiro Reich. De entre elas, 86 foram «desnaturalizadas» e 66 foram expulsas dos Estados Unidos. No total, o OSI chegou a abrir cerca de 1500 investigações e, em janeiro de 2009, havia ainda 53 pessoas sob investigação. Entre os expulsos estavam Andrija Artukovic, ministro da Justiça e do Interior no governo croata pró-nazi de Ante Pavelic; Conrad Schellong, supervisor dos guardas das SS em Dachau; Arthur Rudolf, diretor de operações da fábrica de foguetões V2, em

Dora-Nordhausen; Jakob Reimer, que participou na execução em massa de judeus, perto de Trawniki (Polónia); ou Otto Albrecht von Bolschwing, colaborador de Eichmann, a quem tinha sido concedida a cidadania pelo seu valioso trabalho nos serviços secretos norte-americanos.

Segundo números do Instituto de História Contemporânea de Munique, na Alemanha ocidental foram abertos, entre 1945 e 2005, um total de 172 294 processos individuais por crimes de guerra nazis, dos quais 6656 resultaram em condenações. Pois bem, apenas 1147 dessas condenações foram por assassinato. Considerando a quantidade de vítimas do Terceiro Reich, estaríamos a falar de um número absolutamente irrisório. Em 2013, Kurt Schrimm, responsável máximo pelo Gabinete Central de Investigação para os Crimes Nacional-socialistas, anunciou na cidade de Ludwinsburg que o seu gabinete possuía informação sobre trinta antigos guardas de Auschwitz-Birkenau. «Consideramos que o facto de aceitarem um lugar de guarda no campo de Auschwitz-Birkenau, independentemente do que cada um fizesse individualmente, convertia-os *de facto* em cúmplices de assassinato», explicou Schrimm. O problema era que estes trinta guardas tinham entre 86 e 97 anos de idade. Muitos deles tinham inclusive já falecido quando a polícia alemã se apresentou à porta das suas casas para lhes entregar as intimações. No início de 2015, treze desses trinta casos continuavam por resolver e só um deles tinha terminado em condenação¹².

O último criminoso de guerra nazi a ser julgado foi Oskar Gröning, que em 2015 foi condenado a quatro anos de prisão por cumplicidade no genocídio cometido no campo de extermínio de Auschwitz. Gröning, mais conhecido como «o contabilista de

Auschwitz», tinha então 96 anos e mostrou-se disposto a lutar até às últimas consequências. Gröning, um dos poucos criminosos nazis ainda vivos, considerado cúmplice na morte de 300 000 pessoas, decidiu recorrer da sentença perante o Tribunal Constitucional alemão. Os advogados de Gröning esgrimiram, entre outros argumentos, que «a fragilidade da sua saúde [de Oskar Gröning] impedia-o de dar entrada na prisão» e que, dada a sua idade avançada, «a entrada na prisão violaria o seu direito à vida». Em novembro de 2016, um juiz indeferiu o recurso e ordenou o cumprimento total da pena, alegando que nem Oskar Gröning nem os seus companheiros das SS em Auschwitz tinham alguma vez mostrado a menor preocupação pela «frágil saúde dos milhões de prisioneiros do campo de extermínio que perderam a vida naquele lugar infame». Gröning reconheceu que no passado tinha sido testemunha de crimes nos quais afirmou não ter participado; no entanto, assumiu a sua responsabilidade. «Em termos morais, as minhas ações tornam-me culpado», declarou.

Gröning, «o contabilista de Auschwitz», foi um fervoroso militante do nazismo. Chegou ao campo de concentração de Auschwitz em 1942, tinha então 21 anos. A sua função ali era contar e registar o dinheiro das vítimas que chegavam ao campo, dinheiro que depois enviava para o quartel-general da SS, em Berlim. Após a libertação do campo, mais de um milhão de pessoas tinham sido ali assassinadas; no entanto, dos 6500 elementos da SS que trabalharam nesse campo de extermínio, desde a sua criação até à sua libertação, apenas meia centena deles chegariam a ser julgados e condenados.

Apesar de famosos caçadores de nazis como Simon Wiesenthal, Efraim Zuroff, Tuviah Friedman, Serge e Beate Klarsfeld, Ian Sayer,

Yaron Svoray ou Kurt Sauerquell terem levado perante a justiça muitos dos criminosos de guerra, muitos outros conseguiram escapar. Em dezembro de 2016, o Centro Simon Wiesenthal publicava a lista dos criminosos de guerra nazis que ainda não tinham sido alvo de um processo e julgados¹³ (entre parênteses, indica-se o último país de residência conhecido):



Oskar Gröning, 21 anos, na sua época como contabilista de Auschwitz. (esq.)

Oskar Gröning, 96 anos, durante o seu julgamento em 2015. (dir.)

HELMA KISSNER (Alemanha). Nascida em 1923. Serviu como operadora de rádio no campo de extermínio de Auschwitz de abril a julho de 1944. É acusada de cumplicidade em 260 000 casos de assassinato.

REINHOLD HANNING (Alemanha). Nascido em 1921. Guarda da SS em Auschwitz de janeiro de 1943 a junho de 1944. Acusado em 170 000 casos de assassinato. Hanning foi condenado e

sentenciado a cinco anos de prisão a 17 de junho de 2016. Nunca cumpriu a sentença, porque morreu a 30 de maio de 2017, aos 95 anos, enquanto aguardava o resultado do pedido de recurso.

HELMUT OBERLANDER (Canadá). Nascido em 1924. Serviu no *Einsatzkommando* 10A (parte do *Einsatzgruppe* D), que assassinou 23 000 civis na Ucrânia, na sua maioria judeus. Em julho de 2016, o Supremo Tribunal do Canadá indeferiu o apelo de um tribunal de nível inferior, que solicitava que o governo canadiano reconsiderasse a sua decisão de revogar a cidadania canadiana a Oberlander. Em julho de 2017, o governo do Canadá retirou pela quarta vez a Oberlander a cidadania canadiana.

HUBERT ZAFKE (Alemanha). Nascido em 1920. Serviu como enfermeiro no campo de extermínio de Auschwitz durante 1943 e 1944. Foi detido em 2014, acusado e declarado culpado do assassinato em massa de 3681 pessoas. O julgamento de Zafke começou em fevereiro de 2016, mas em setembro de 2017 o caso foi abandonado porque o acusado se encontrava nas etapas mais avançadas da doença de Alzheimer e foi declarado «incapaz» para ser julgado.

ALFRED STARK [STOERK/STORK] (Alemanha). Nascido em 1923. Participou no massacre perpetrado pelas tropas da SS na ilha grega de Cefalónia, em setembro de 1943, no qual foram executados milhares de soldados italianos. Em 2013, foi julgado *in absentia* e condenado a prisão perpétua por um tribunal militar italiano, acusado de intervir diretamente, integrando um pelotão de fuzilamento, na execução de «pelo menos 117 militares» da

divisão Acqui, formada por 11 000 soldados e 525 oficiais, divisão essa que foi totalmente exterminada.

HELMUT RASBØL (Copenhaga). Nascido em 1925. O seu verdadeiro nome era HELMUTH LEIF RASMUSSEN, que trocava pelo de Helmut Rasbøl quando a guerra terminou. Foi um dos 6000 dinamarqueses que se alistaram como voluntários nas Waffen-SS. Serviu como guarda no campo de trabalho de Waldlager, em Bobrujisk (Bielorrússia), entre 1942 e 1943, anos durante os quais quase todos os reclusos judeus do campo foram executados ou morreram devido às terríveis condições físicas a que estavam submetidos. Em novembro de 2016, o procurador-geral do ministério público dinamarquês anunciou que Rasmussen não seria acusado por falta de provas.

AKSEL ANDERSEN (Suécia). Nascido em 1924. Trata-se de outro dinamarquês que, como o anterior, ingressou como voluntário nas Waffen-SS; serviu também no campo de trabalho de Waldlager.

JOHANN ROBERT RISS (Alemanha). Nascido em 1923. Participou no assassinato de 184 civis na cidade toscana de Padule di Fucecchio, a 23 de agosto de 1944. Em 2011, foi julgado *in absentia* por um tribunal militar romano que, depois de o considerar culpado, o condenou a prisão perpétua e pediu ao governo alemão a soma de 14 milhões de euros como indemnização para os descendentes das vítimas. Berlim recusou quer a indemnização quer a extradição de Riss para a Itália.

ALGIMANTAS DAILIDE (Alemanha). Nascido em 1921. Serviu na Saugumas (a polícia de segurança lituana) no gueto de Vilnius, onde participou na detenção de judeus e polacos que posteriormente seriam executados pelos nazis e pelos seus

colaboradores lituanos. Depois da guerra, estabeleceu-se na Florida; mas quando se descobriu a sua verdadeira identidade foi-lhe retirada a cidadania norte-americana e foi extraditado. Em 2004 foi deportado para a Lituânia, onde a justiça o declarou culpado de crimes de guerra, embora nunca tenha dado entrada na prisão.

JAKOB PALIJ (Estados Unidos). Nascido em 1923. Serviu entre 1943 e 1945 como guarda da SS no campo de concentração de Trawniki (Polónia), de onde saíram muitos dos auxiliares que atuaram nos campos da Operação Reinhard.

GERHARD SOMMER (Alemanha). Nascido em 1921. Acusado do massacre de 560 civis na aldeia italiana de Sant'Anna di Stazzema. A 25 de junho de 2005, foi condenado *in absentia* por um tribunal militar italiano por cometer assassinatos «continuados, com especial crueldade» e, embora tenha apelado, a sentença foi confirmada em Roma. Na Alemanha, iniciaram-se investigações sobre Sommer em 2002, mas ainda não se apresentaram acusações penais contra ele. De facto, em maio de 2015, a procuradoria alemã declarou-o «inapto» para ser julgado, devido a demência senil grave.

VLADIMIR KATRIUK (Canadá). Nascido em 1921. Acusado de fazer parte de um batalhão ucraniano antissemita, ao serviço das Waffen-SS, a quem se responsabiliza por atrocidades cometidas contra judeus e outros civis da Bielorrússia e da Ucrânia, entre 1942 e 1944. Em 1999, foi-lhe retirada a nacionalidade canadiana, ao considerar-se que se podia demonstrar a sua intervenção direta nestes crimes. Morreu no Quebeque em maio de 2015, com 93 anos.

OSKAR GRÖNING (Alemanha). Nascido em 1921. Membro das Waffen-SS, serviu no campo de concentração de Auschwitz como guarda e como contabilista. A sua tarefa consistia principalmente em registar, confiscar e inventariar os pertences e o dinheiro trazidos pelos prisioneiros, sendo ao mesmo tempo testemunha de todo o processo que culminava nas câmaras de gás. Em julho de 2015, foi julgado em Hannover e declarado culpado de cumplicidade no assassinato de 300 000 pessoas. Foi condenado a quatro anos de prisão.

Quem melhor soube definir estes criminosos de guerra, hoje «veneráveis» idosos quase centenários, que vivem em pacífica liberdade, em bairros confortáveis ou em residências especiais para a terceira idade – muitos atormentados por Alzheimer ou por demência senil – foi Simon Wiesenthal, pouco antes da sua morte, a 20 de setembro de 2005, na cidade de Viena. O famoso caçador de nazis escreveu o seguinte:

«De Eichmann e Stangl para baixo, noventa por cento dos meus “clientes” foram, antes e depois da guerra, homens e mulheres de sólidos princípios familiares, dedicados aos filhos, leais aos amigos, trabalhadores árduos, bons contribuintes, vizinhos magníficos, cuidadores de belos jardins, que raramente causavam problemas a alguém. Quando, porém, envergavam o seu uniforme transformavam-se noutra coisa: monstros, sádicos, torturadores, braços executores ou assassinos de escritório. Um minuto depois de despirem o uniforme voltavam a transformar-se em cidadãos exemplares. No entanto, eu trabalho apenas com factos e testemunhas presenciais, não com argumentos da psicanálise. Mesmo assim, não deixo de dar voltas ao motivo de tão terrível transformação. E, por fim, acho que a chave está em que aquilo que fizeram, fizeram-no “por obrigação”.»

Dentro de poucos anos, muito poucos, esses criminosos de guerra serão apenas pó e os seus nomes serão recordados unicamente como sinónimos de infâmia; mas o que está claro é que não devemos nunca esquecer o que estes homens e mulheres fizeram, para que nunca mais volte a repetir-se algo de idêntico. Neste mundo interligado, devemos manter-nos vigilantes para dar o alarme quando pensarmos que algo parecido pode voltar a acontecer. Se não o fizermos, Majdanek, Belsen ou Auschwitz voltarão a repetir-se em lugares como My Lai, Ruanda, Srebrenica ou Darfur, e os perseguidos e aniquilados de então – judeus, ciganos, homossexuais, doentes – poderiam converter-se em comunidades como as dos tutsis, bósnios ou *rohingyas*. Nada melhor para finalizar esta introdução do que o famoso sermão intitulado: *O que teria dito Jesus Cristo?*, pronunciado na Semana Santa de 1946 por Martin Niemöller, pastor luterano alemão, fervoroso ativista antinazi e sobrevivente dos campos de Sachsenhausen e Dachau:

Quando os nazis vieram para levar os comunistas
Guardei silêncio
Porque eu não era comunista

Quando encarceraram os sociais-democratas
Guardei silêncio
Porque eu não era social-democrata

Quando vieram buscar os sindicalistas
Não protestei
Porque eu não era sindicalista

Quando vieram levar os judeus
Não protestei

Porque eu não era judeu

Quando vieram buscar-me a mim
Já não havia ninguém
Que pudesse protestar.

¹ Roland Freisler, um dos juízes mais temidos do nazismo, atuou como presidente do *Volksgerichtshof* (Tribunal do Povo), onde foram condenados à morte quase 1200 alemães dissidentes.

² Robert Ashley, Russell Lemmons, Keith Pickus e John Roth, *The Holocaust Chronicle*, Publications International Ltd., Nova Iorque, 2000.

³ Eric Frattini, *El Libro Negro del Vaticano: las oscuras relaciones entre la CIA y la Santa Sede*, Espasa Calpe, Madrid, 2016.

⁴ Uki Goñi, *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Peron's Argentina*. Granta Books, Londres, 2002.

⁵ Mark Aarons e John Loftus, *Unholy Trinity. The Vatican, the Nazis and the Swiss Banks*. St. Martin's Griffin, Nova Iorque, 1998.

⁶ Relatório de William Gowen desde a Cidade do Vaticano, 18 de setembro de 1946. National Archives and Record Administration (NARA), RG 59/250/36/27, Caixa 4016, 761.00/9.1946.

⁷ Werner Brockdorff, *Flucht vor Nurnberg*, Welsermühl, Munique, 1969.

⁸ Fritz Bauer escreveu em 1947 um artigo intitulado «Os Assassinos entre nós», que, anos mais tarde, serviria de título para a primeira autobiografia de Simon Wiesenthal.

⁹ Relatório da CIA, n.º 1/60, datado em Praga a 15 de janeiro de 1960. *SIT: Situation*, BORMANN, MARTIN.

¹⁰ NARA, RG 263, *pilha* 2000, compartimento 8, entrada ZZ-20, caixa 16, GWDN: 0055.

¹¹ Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.

¹² Andrew Nagorski, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.

¹³ *List of Nazi War Criminals Slated for Possible Prosecution in 2016*, Wiesenthal Center, 2016. Annual Report Praises Renewed Efforts by German Prosecutors.

1

FRANZ STANGL A Morte Branca

A chamada «morte por compaixão» surgiu no coração da Alemanha nazi num estado que obrigava à submissão absoluta e à aceitação incondicional das normas institucionais impostas pelo nacional-socialismo. Em outubro de 1939, Adolf Hitler assinou a nota seguinte: «O *Reichführer* [Philip] Bouhler e o doutor [Karl] Brandt encarregar-se-ão de autorizar determinados médicos, designados nominalmente, para ajudarem os pacientes que, de acordo com o julgamento humano, sejam considerados incuráveis, a desfrutar de uma morte piedosa após o respetivo diagnóstico.»¹ Estas palavras do *Führer* autorizavam o programa de eliminação sistemática dos denominados *lebensunwertes Leben* (literalmente “vidas indignas da vida”), levado a cabo oficialmente entre 1939 e 1941, e que continuou extraoficialmente até ao fim da guerra. Homens, mulheres e crianças alemães e austríacos que apresentassem alguma incapacidade física ou psíquica passaram a ser considerados oficialmente um encargo económico e um peso para a «integridade racial» do Terceiro Reich e deviam desaparecer.

Este programa secreto de eutanásia recebeu o nome de Aktion T4 por causa da morada do quartel-general da organização que executava estes planos: situava-se em Berlim, na Tiergartenstrasse 4, (rua do Jardim Zoológico, número 4).

A seleção dos «candidatos» ao programa Aktion T4, efetuada fundamentalmente entre pacientes de asilos, hospitais e clínicas psiquiátricas, estava a cargo das instituições nazis, que eram as encarregadas de decidir se uma pessoa era «mentalmente defeituosa», se padecia de alguma doença incurável ou de algum tipo de «defeito» hereditário. Martin Bormann, o poderoso secretário de Hitler, chegou a assinar um decreto que estipulava o seguinte: «A administração de justiça pode dar apenas uma pequena contribuição na tarefa de eliminação dos membros desses grupos [judeus, ciganos, russos, polacos não germanizados ou doentes mentais]. Não serve nenhum propósito útil manter estas pessoas em prisões ou hospitais alemães, mesmo quando, como se faz hoje em grande escala, sejam utilizadas como mão de obra com objetivos bélicos.» Isto significava que todos os grupos da população considerados «improdutivos» ou aqueles que, de alguma forma, não correspondessem à imagem «sã» e «ariana», necessária para a «batalha pela existência» que mantinha o regime, eram «incondicionalmente extermináveis»². Aqui estavam incluídos desde doentes incuráveis a pessoas que apresentassem algum tipo de deficiência, física ou psíquica, ou que fossem portadoras de alguma doença hereditária, e também elementos de raças consideradas «inferiores».

A diretiva de Bormann permitiu a médicos como o doutor Leonardo Conti, secretário de Estado para a Saúde Pública, desfazer-se de mais de 50 000 «bocas inúteis» ao longo dos

primeiros seis meses de guerra. O médico suíço aplicava a diretiva Bormann na hora de decidir quem devia ser gaseado ou receber a injeção letal. Qualquer médico ou jurista que se opusesse a esta diretiva, ou que mostrasse o seu desacordo alegando razões éticas, legais ou morais, podia ser destituído do seu cargo, detido e provavelmente enviado para um campo de concentração³.

É escassa a documentação oficial que se conserva sobre o número de pessoas assassinadas entre 1939 e 1941, durante a campanha de eutanásia Aktion T4; sobreviveu, porém, um relatório elaborado por um departamento de saúde das SS, em que se reconhece abertamente a eliminação de 70 273 doentes mentais incuráveis. Num dos parágrafos, faz-se uma projeção estatística segundo a qual a eliminação destes 70 273 doentes incuráveis ia permitir uma poupança de 885 439 800 marcos até 1951⁴!

A escassez de documentação existente sobre o programa Aktion T4 deve-se ao facto de que o extermínio maciço levado a cabo ao seu abrigo foi encoberto administrativamente e decretado segredo de Estado. A autorização assinada por Hitler em 1939 deixava expressamente nas mãos de peritos médicos e administrativos a organização do programa criminal e a definição dos grupos de vítimas. Para tal contribuiu de forma relevante o doutor Werner Heyde, diretor médico do projeto de 1939 a 1941. Heyde tinha entrado na SS em 1935, como oficial médico, e começou por trabalhar na SS-Totenkopfverbände como chefe das unidades psiquiátricas dos campos de concentração, onde desenvolveu um sistema de exames psiquiátricos e eugénicos, que acabaria de implementar quando integrou a Aktion T4 em 1939 como diretor médico. Heyde estabeleceu um protocolo de seleção e atuação que começava com um questionário, a partir do qual se «classificavam»

os possíveis candidatos ao programa de eutanásia. Antes do Natal de 1940, o doutor Werner Heyde tinha já recebido 2209 questionários de pacientes afetados por problemas mentais internado em asilos e hospitais, incluindo crianças com síndrome de Down ou outras deficiências mentais. Uma vez certificada a sua debilidade mental, os selecionados eram enviados para uma das seis instalações especiais, associadas ao programa Aktion T4⁵, onde eram gaseados.

Os familiares das vítimas recebiam uma carta de condolências, informando que «o seu familiar tinha falecido devido a uma complicação ocorrida durante uma intervenção cirúrgica a uma apendicite»⁶ ou outra explicação de igual teor. O protocolo médico desenvolvido por Heyde para a Aktion T4 foi posteriormente aplicado pela SS para gasear judeus, ciganos ou homossexuais, baseando-se na classificação de «dementes incuráveis» ou «pessoas com mentes inferiores»⁷.

Depois da guerra, Heyde conseguiu escapar, mas foi reconhecido por um psiquiatra alemão que o denunciou ao ministério público de Flensburg, chefiado pelo procurador Bruno Bourwieg. Apesar dos esforços do ministério público para evitar a detenção de Heyde, por fim cedeu aos protestos da opinião pública e ordenou a detenção do médico. Na noite de 13 de fevereiro de 1964, Werner Heyde enforcou-se na sua cela. O doutor Hans Vevelmann, colega de Heyde no programa Aktion T4, declarou: «Heyde sabia demais para que se pudesse confiar nele; por isso, teve de se suicidar na sua cela, para não comparecer perante os juízes e os delegados de Flensburg.» O programa foi encerrado a 24 de agosto de 1941, na sequência dos protestos formais de líderes alemães católicos e luteranos. No entanto, sabe-se agora

que na realidade o programa prosseguiu em pleno até à capitulação da Alemanha, na primavera de 1945.

Embora Heyde tenha sido um dos responsáveis por organizar a seleção e o protocolo médico-administrativo de toda aquela máquina de morte, a coordenação, o aperfeiçoamento e a supervisão da mesma deve-se em grande parte a um capitão das SS nascido na Áustria, chamado Franz Stangl. Além da sua participação no programa de eutanásia T4, e graças precisamente à elevada eficiência por ele demonstrada, chegou a dirigir dois dos seis centros de extermínio nazis mais importantes situados em território polaco: Sobibor e Treblinka.

Nascido em 1908 na cidade austríaca de Almünster, Franz era filho de um violento guarda-noturno que, durante as suas bebedeiras, se dedicava a espancar até se cansar a mulher e os filhos. Depois da morte do pai, em 1916, por malnutrição, Franz Stangl tornou-se o chefe da família. Em agosto de 1930, conseguiu um lugar na polícia federal austríaca em Innsbruck; um ano depois, entrou na academia, ao mesmo tempo que se filiava no NSDAP, o partido nazi. Franz Stangl era o filiado número 6 370 447, e o membro da SS número 296 569. Após o *Anschluss* – a anexação da Áustria pela Alemanha –, Stangl foi recrutado pela Schutzpolizei ou Gestapo⁸. Stangl tinha obtido os galões no interior do nazismo austríaco devido à sua participação no frustrado golpe de Estado perpetrado pelo Partido Nacional-Socialista austríaco a 25 de julho de 1934, no qual os golpistas, embora tivessem conseguido tomar a Chancelaria e assassinar o então chanceler austríaco, Engelbert Dollfuss, tiveram de acabar por se render. Embora a rebelião tivesse alastrado pelo resto do país nos dias seguintes, foi esmagada pelas forças governamentais⁹.

O fracasso do golpe debilitou o Partido Nazi austríaco apenas temporariamente. No sábado, 12 de março de 1938, as tropas alemãs atravessaram a fronteira austro-alemã e, nesse mesmo dia, Hitler entrava triunfalmente na sua cidade natal, Braunau. Nesse fim de semana, a polícia fez mais de setenta e seis mil detenções de «inimigos do nazismo». A 1 de abril de 1938, partia da estação de Viena o primeiro comboio com destino a Dachau. O «plebiscito» organizado pelos nazis mostrava que 99,75 por cento de austríacos e 99,08 por cento de alemães eram a favor da anexação. Desta forma, a Áustria desapareceu do mapa, passando a designar-se como Ostmark, as províncias Alpina e do Danúbio do Reich.

Como parte da sua ação de «limpeza», a Gestapo deteve cinco dos sete oficiais de polícia colocados em Linz. Apenas ficaram em liberdade os inspetores Ludwig Werner e Franz Stangl. Ambos fizeram valer perante os agentes da Gestapo as suas fichas de «suspeitos nazis», assim como os seus cartões de filiados no partido desde 1936, quando este era ilegal na Áustria. No início de 1940, Franz Stangl foi destinado ao Serviço Público para a Fundação de Instituições Sanitárias, ao abrigo do qual encontrava o programa Aktion T4. Na entrevista dada por Stangl à jornalista britânica de origem austríaca, Gitta Sereny, durante a sua detenção na Alemanha, revelou ter sido ele a pedir a Paul Werner, do Gabinete Central de Segurança do Reich, que o destinasse ao T4. Para Stangl, o programa era «um autêntico esforço humanitário [...], essencial, legal e secreto». Seria o coronel da SS Viktor Brack¹⁰ a oferecer a Stangl o lugar de supervisor de segurança de todos os centros de eutanásia da Aktion T4.



Franz Stangl com Gitta Sereny.

Embora dependesse de Brack em matéria de segurança, Stangl trabalhava diretamente sob as ordens de Christian Wirth. Conhecido como Christian, o Terrível, ou Christian, o Selvagem, Wirth era o supervisor de todo o império de eutanásia do Reich. Entre 1939 e 1941, Wirth executou cerca de cinquenta mil assassinatos por compaixão¹¹. «Wirth era um homem bom, que trabalhava arduamente e durante muitas horas para o bem do Reich. [...] Embora não tivesse problema em dar-te um tiro na cabeça se visse que tinhas cometido um erro», explicava Stangl.

Por outro lado, Stangl era metódico e gostava de imaginar formas mais eficientes para assassinar com maior rapidez e eficiência. Quando esteve colocado no centro de eutanásia de Bernburg, Franz Stangl reorganizou a burocracia do gabinete, mas também as instalações, para «industrializar» ao máximo o processo das execuções. O seu trabalho como responsável pela segurança em Hartheim, outro dos centros de eutanásia do T4, era um

eufemismo. A princípio, Stangl dedicava-se a expedir para os familiares das vítimas certidões de óbito o mais convincentes possível. «A minha responsabilidade consistia em fazer ver aos familiares [dos eutanasiados] que tinham morrido da forma mais humana possível. Ao fim e ao cabo, eram alemães e austríacos [...]». Também era responsável por que os familiares recebessem os pertences pessoais dos falecidos. Era responsável por que tudo funcionasse corretamente», declarou o próprio Stangl à jornalista Gitta Sereny. A sua eficiência chegou aos ouvidos dos seus chefes, que, em março de 1942, decidiram destinar Franz Stangl à Operação Reinhard, nome em código que os nazis deram a um grande plano para acabar o mais rapidamente possível com a vida de 2 284 000 judeus polacos¹², o que implicava, de facto, a fase inicial do Holocausto.

Não restam dúvidas de que o programa Aktion T4 foi um teste, uma preparação para o Holocausto. A ideologia de pureza racial escondida por detrás deste programa, os métodos de eliminação desenvolvidos e o pessoal treinado em protocolos médicos, administrativos e de execução, tiveram todos eles um papel fundamental na chamada Solução Final, cuja primeira fase foi a Operação Reinhard, para a qual foram construídos expressamente três novos campos de extermínio em solo polaco: Treblinka, Sobibor e Belzec, todos eles equipados com câmaras de gás.

O *SS-Hauptsturmführer* (capitão) Franz Stangl seria uma peça importante no interior da grande engrenagem da máquina de assassinar. Sob a sua rigorosa supervisão, Sobibor abriu as portas no início de maio de 1942. Em finais de julho desse mesmo ano, tinham já sido assassinados nestas instalações cerca de cem mil judeus. Enquanto Sobibor iniciava a sua atividade, Stangl foi

destinado a Treblinka. No período em que o austríaco foi comandante do campo, entre setembro de 1942 e agosto de 1943, foram gaseados em Treblinka entre 750 000 e 870 000 judeus, procedentes de toda a Europa¹³.



Castelo de Hartheim.

A chegada de Stangl a Treblinka significou a total desumanização do cargo de comandante. Para o antigo polícia austríaco, o seu trabalho era idêntico ao de qualquer outro trabalhador de uma fábrica com produção em cadeia. Franz Stangl tirou o lugar ao doutor Irmfried Eberl¹⁴, como *Kommandant* do campo:

Cheguei ali [a Treblinka] com um motorista da SS [...]. Podíamos sentir o cheiro a quilómetros de distância. A estrada seguia paralela à linha do comboio. À medida que nos aproximávamos do campo, a uns quinze ou vinte minutos de carro começámos a ver cadáveres junto à linha, primeiro dois ou três, depois mais, e enquanto seguíamos para a estação de Treblinka já eram às centenas: simplesmente estavam ali. Obviamente tinham estado ali durante dias, expostos ao calor. Na estação havia um comboio cheio de judeus, uns mortos, outros ainda vivos, parecia que estava ali há dias [...].

Ao descer do automóvel, na clareira da entrada para o acampamento, afundi-me até aos joelhos num mar de notas, moedas, pedras preciosas, joias, roupas... tudo amontoado por aqui e por ali. Não sabia para onde me virar. O cheiro era nauseabundo; por toda a parte os cadáveres eram às centenas, aos milhares, em decomposição, em putrefação. Do outro lado da clareira, no bosque, a umas centenas de metros, do outro lado da barreira de arame farpado e em volta do perímetro do acampamento, havia tendas de campanha e fogueiras, com grupos de guardas e raparigas ucranianas – mais tarde, soube que eram prostitutas de Varsóvia – a tricotarem, a beber, a dançar, a cantar, a tocar música [...]. O dr. Eberl, o *Kommandant*, mostrou-me todo o campo; ouviam-se tiros por toda a parte.¹⁵

Mit Maschinenschrift auszufüllen!

Bewerbung um Verwendung in der Sicherheits-
 =====
 polizei und im SD für die Kolonien.
 =====

Name: S t a n g l

Vorname: Franz

Geboren am: 26. März 1908

in: Altminster

H-Dienststrang: Oberscharführer

Pol.-Dienststellung: Kriminaloberassistent

Dienststelle: Geheime Staatspolizei

Bei Abordnung auch Heimatdienststelle: _____

Wohnung (Ort, Straße): Wels, Leopold Bauerstrasse 7

Familienstand (led. verh. gesch. verw.): verheiratet

Kinder (Zahl, Alter): zwei Mädchen im Alter von 3 und 4 Jahren

Schulbildung (Abschlussprüfung): Volks- und 3 Kl. Bürgerschule (Haupt)

Berufsausbildung (vor Eintritt in Polizei oder SD): _____

Textilbetriebsmeister (Weberei und Webereivorbereitung)

Polizeiliche Prüfungen (auch Sonderausbildung): 2 Jahre Schutzpolizei-
 ausbildung mit Abschlussprüfung, Kriminalbeamtenkurs mit Abschluss-
 prüfung.

Sprachkenntnisse (geläufig od. schulmäßig): engl. und latein schulmäßig

Technische Kenntnisse (Führerscheine, Zeichnen, funktechn. Kenntn.):
Führerschein, Klasse 1, 3 und 4; Staatsgewerbeschule für Autobau mit
 Abschlussprüfung;



Ficha de Franz Stangl em Treblinka.

Como novo *Kommandant* de Treblinka, Franz Stangl reorganizou toda a administração do campo. Enviou parte dos guardas ucranianos a combater na frente russa e solicitou a Himmler e ao seu chefe Odilo Globocnik que lhe fornecessem tropas da SS alemã para reforçar a guarda do campo e uma equipa de administradores

para procederem à auditoria de todo o dinheiro, joias e pedras preciosas espalhadas pelo chão, à entrada do campo. «Estávamos a falar de somas enormes, fantásticas, e toda a gente queria receber a sua parte e ter o controlo de tudo aquilo», revelou Stangl à jornalista Sereny. A sua primeira tarefa, por ordem de Globocnik, foi classificar todos os objetos de valor e o dinheiro. A administração de Treblinka enviou para o quartel-general da SS em Berlim, entre 1 de outubro de 1942 e 2 de agosto de 1943, 25 vagões de cabelos de mulher; 248 vagões de roupa; 100 vagões de sapatos; 22 vagões de *lingerie*; 46 vagões de drogas e produtos farmacêuticos; 254 vagões de tapetes e roupa de cama; 400 vagões de artigos usados variados; 2 856 976 dólares norte-americanos; 478 731 libras esterlinas; 12 milhões de rublos russos; 140 milhões de *zlotys* polacos; 415 767 relógios de ouro; 145 642 quilos de ouro em alianças de casamento; 4000 quilates de diamantes; 120 milhões de *zlotys* polacos em moedas de ouro; e vários milhares de colares de pérolas. Estes números bem poderiam valer como exemplo da dimensão real da indústria da morte orquestrada pelos nazis e, neste caso, pelo próprio Franz Stangl.



Franz Stangl envergando o seu casaco branco em Treblinka.

Stangl continuou a ser comandante de Treblinka quando chegaram os primeiros comboios carregados de judeus, após a repressão do levantamento do gueto de Varsóvia por parte das tropas às ordens de Jürgen Stroop, comandante da SS¹⁶. Em Treblinka, Franz Stangl era conhecido pelos prisioneiros como «a Morte Branca», por usar habitualmente um casaco militar desta cor, com que costumava passear pelo campo de extermínio. No meio de tamanha sujidade, imundície e pestilência, o comandante daquela fábrica de morte testemunhava o carácter impecável do seu trabalho, representado pela brancura imaculada do seu casaco, pelas luvas impecáveis da mesma cor e pelas suas reluzentes botas

pretas. «Aquele sítio [Treblinka] era o lugar mais horrível de todo o Terceiro Reich. Era o Inferno de Dante. Era como se Dante fosse vivo», reconheceria anos depois o mesmíssimo Franz Stangl.

Stanislaw Szmajzner¹⁷, um jovem professor universitário que esteve preso em Sobibor, recorda:

[Stangl] disparava para o ar da plataforma da via-férrea, supervisionando o caos organizado, era um nazi com... casaco branco. Parecia estranhamente fora deste lugar, quase como se tivesse interrompido o seu jantar para estar com aqueles judeus e estivesse ansioso por voltar ao jantar antes de este arrefecer.¹⁸

Stanislaw Szmajzner foi chamado como testemunha no julgamento de Franz Stangl, em 1970. Recorda uma conversa havida com Stangl numa noite de sexta-feira, em Sobibor.

Stangl aproximou-se do local onde eu estava e ofereceu-me uma salsicha de carne de porco. Sabia que era sexta-feira e que para mim o *Sabbath* era muito importante. Aquela carne de porco era um manjar em tempo de guerra; mas Stangl divertia-se ao ver como os judeus nos debatíamos entre a fome e a fé [...]. Um dia perguntei-lhe pelos meus pais e pela minha irmã. «Quando poderei vê-los?» Stangl ficou a olhar para mim e respondeu de forma pausada e educada: «Não se preocupe, estão bem. Foram tomar um duche (câmaras de gás). Dei-lhes roupa nova e estão a trabalhar no campo, felizes e contentes, mas têm de trabalhar duramente. Prometo-lhe e dou-lhe a minha palavra de oficial: daqui a pouco poderá reunir-se com toda a sua família.» Depois destas palavras, deu meia-volta e afastou-se sorrindo. Noutro dia, voltei a perguntar-lhe por esse lugar feliz de que me falava. «Eles estão num lugar melhor. Não precisam de nada. Dentro de pouco tempo vais juntar-te a eles», disse-me. Pouco depois, Shlomo, um amigo que trabalhava na zona das valas comuns, mandou-me uma mensagem: «Nenhum deles está vivo... Reza o *kaddish*» (a oração judaica pelos mortos).

Christian Wirth era o supervisor de quatro grandes campos de extermínio ligados à Operação Reinhard: Chelmno, Sobibor, Belzec e Treblinka. Neles foram instaladas câmaras de gás que funcionavam a diesel, o método preferido por Wirth. Mais tarde, durante uma visita a Auschwitz e através de Rudolf Höss, comandante deste campo, Stangl teve conhecimento do *Zyklon B* e mencionou-o a Wirth. O *Zyklon B* era um pesticida à base de cianeto, fabricado pela IG Farben, então utilizado principalmente para matar pulgas¹⁹, mas que acabou por ser um dos métodos utilizados na Solução Final. No fim da guerra, somente 114 prisioneiros, nenhuma criança entre eles, sobreviveram aos quatro campos de Wirth. Em Belzec, 600 000 judeus assassinados e apenas dois sobreviventes; 400 000 assassinados em Chelmno, dois sobreviventes; entre 260 000 e 300 000 assassinados em Sobibor e 50 sobreviventes. E em Treblinka, um milhão e duzentos mil assassinados e somente 60 sobreviventes²⁰.

Em agosto de 1943, juntamente com Globocnik, Stangl foi transferido para Trieste, onde ajudou a organizar a campanha de repressão contra os patriotas jugoslavos e os judeus locais. Devido a uma doença que supostamente tinha contraído durante os anos que passou em Sobibor, regressou a Viena em princípios de 1945, onde serviu na chamada Fortaleza Alpina (*Alpenfestung*), um reduto planeado por Heinrich Himmler entre novembro e dezembro de 1943, para uma possível retirada das forças alemãs, de modo a reforçarem-se no sul da Baviera e através da zona oeste da Áustria e da Itália. A verdade é que Hitler nunca aprovou esse plano e nunca se fez qualquer tentativa séria para o pôr em funcionamento.

Quando os norte-americanos chegaram a Altaussee, sem encontrar qualquer tipo de resistência, os serviços de

contrainteligência detiveram grande número de nazis que se tinham refugiado neste paraíso alpino. Stangl tinha-se escondido na casa de um oficial da polícia com quem tinha passado vários verões, na companhia das respetivas famílias. O certo é que Franz Stangl nunca soube como foi que os Aliados o descobriram. Na realidade, foi um dos filhos do seu amigo que, numa indiscrição, disse que na sua casa estava escondido «um senhor muito importante». Aquele comentário chegou aos ouvidos dos norte-americanos. No dia seguinte, cercaram a casa do agente da polícia e prenderam o antigo comandante de Sobibor e de Treblinka.

O prisioneiro foi levado por agentes do CIC (Corpo de Contrainteligência dos Estados Unidos) para Bad Ischl, uma cidadezinha situada a cerca de 25 quilómetros da estrada por onde também circulava outro antigo líder da SS. O seu nome era Adolf Eichmann. Quando Stangl foi interrogado, respondeu devagar, sem levantar a voz, de forma educada. Disse aos seus inquisidores que era oficial da SS e que a sua tarefa durante a guerra tinha sido dirigir operações antipatrióticas na Itália e na Jugoslávia. Stangl disse também aos agentes do CIC que a sua principal tarefa era a de fornecedor oficial de mão de obra para o *Einsatz Poll*, um ambicioso projeto para fortificar a península da Ístria, entre a Itália e a Jugoslávia, onde trabalhavam meio milhão de pessoas, na sua maioria prisioneiros de guerra dos alemães. «Eu era o responsável máximo de tudo [...], desde fornecer calçado, roupa, comida... O exército e a SS tinham de me ajudar nesta tarefa. Eu levava sempre no bolso uma autorização assinada por um general, que dizia: “O *SS-Hauptsturmführer* Stangl está autorizado a atuar fardado ou à civil; devem ser-lhe facilitados todos os serviços que solicitar para levar a cabo a sua missão”.» Franz Stangl referiu aos seus captores,

de forma pormenorizada, qual era o seu trabalho, incluindo o manejo de fundos para garantir o fornecimento de gasolina. O bem-educado Stangl nunca disse aos seus interrogadores norte-americanos quando tinha sido transferido para o campo de prisioneiros de guerra de Glasenbach, onde permanecera entre agosto de 1942 e agosto de 1943. Para muitos foi uma autêntica surpresa quando se descobriu que aquele homem educado, que falava com uma voz ponderada, era realmente o responsável máximo pelo assassinato de 800 000 homens, mulheres e crianças.



Franz Stangl com as suas duas filhas, em Sobibor.

Uma clareira enorme, num bosque, a 90 quilómetros a nordeste de Varsóvia, numa cidadezinha chamada Treblinka. Era ali que estava este capitão da SS nessas datas. Construído entre junho e julho de 1942, Treblinka iria converter-se num dos quatro grandes centros de extermínio da Operação Reinhard, ao abrigo da diretiva secreta criada por Heinrich Himmler. Os quatro campos eram Treblinka, Sobibor, Auschwitz e Belzec.

Stangl assessorou inclusive o projeto deste último campo, que começou a operar a 17 de março de 1942. «Quando se chegava à primeira estação de Belzec, situada à esquerda da estrada, o campo ficava do mesmo lado, mas numa pequena colina. [...] O quartel-general do comandante estava a cerca de duzentos metros, do outro lado. Era um edifício parecido com um armazém. O cheiro... oh! Deus, o cheiro impregnava tudo», recordava Stangl na entrevista feita por Gitta Sereny. «Depois chegou Wirth (Christian) e nomeou-me responsável por Sobibor [...]. Protestei, porque eu era apenas um polícia e não um “exterminador”.» O certo é que, embora tenha protestado perante o seu superior – segundo o próprio Stangl –, no dia seguinte estava a supervisionar a instalação de cinco câmaras de gás em Sobibor.

O ajudante de Stangl era o SS-*Oberscharführer* Hermann Michel, um guarda ucraniano que tinha sido enfermeiro-chefe em Hartheim, um dos hospitais psiquiátricos reconvertidos em centros de eutanásia para a Aktion T4, onde também tinha trabalhado Stangl. «Tinha uma voz melíflua, parecia um padre no púlpito. Era o encarregado de gasear os judeus que chegavam a Sobibor [...]. Chamavam-lhe “o Pregador”. Era muito eficiente. Não havia nada que se lhe pudesse apontar. Quando chegavam os comboios, Michel gritava-lhes um “Bem-vindos a Sobibor!” Seguidamente,

separava os homens para a direita e as mulheres com as crianças menores de seis anos para a esquerda, para serem gaseados», relatava Stangl anos mais tarde²¹. Michel sempre pensou que o Terceiro Reich triunfaria sobre os Aliados e que Hitler permitiria a independência de uma Ucrânia livre da tirania soviética. O sargento Hermann Michel gostava de proferir brilhantes discursos perante os judeus que chegavam a Sobibor, o que muito divertia Stangl: «Este é um campo de trânsito. Estejam tranquilos... [...]. Agora vão seguir para instalações onde poderão tomar um duche e proceder a uma desinfecção. Quando terminarem, poderão voltar a reunir-se com as vossas famílias», dizia ele. O que, evidentemente, não era verdade: os homens nunca mais voltavam a ver com vida as mulheres e os filhos²².



Hermann Michel.

Enquanto Michel lhes dava as boas-vindas, selecionava e gaseava os recém-chegados, Franz Stangl, com o seu imaculado casaco branco, permanecia de pé no cais da estação. Era o supervisor executivo, o mesmo que ordenava a morte de um trabalhador pelo simples facto de ouvir da sua boca as palavras *cadáver*, *corpo* ou *vítima*. Essas palavras nunca se pronunciavam em Sobibor, nem, mais tarde, em Treblinka. Para descrever as vítimas, usavam-se palavras autorizadas pelo próprio Stangl, como *Figuren* («figuras» ou «bonecos») ou *Schmattes* («farrapos»). No final de maio de 1942, Sobibor operava em pleno. Nesse mês, foram ali gaseados 36 000 judeus provenientes de dezanove comunidades

polacas. As seis câmaras de gás supervisionadas por Stangl usavam motores de duzentos cavalos e oito cilindros, extraídos de um tanque russo, que geravam uma mistura de monóxido e dióxido de carbono.

Até ser posta em funcionamento a Operação Reinhard, a liquidação de judeus e dos seus guetos (Varsóvia, Lublin, Cracóvia e Lvov) estava nas mãos de alguns destacamentos especiais da SS, conhecidos como *Einsatzgruppen*, autênticos esquadrões da morte, que se dedicavam a executar qualquer judeu que se cruzasse no seu caminho. Os *Einsatzgruppen* conseguiram eliminar cerca de meio milhão de judeus em toda a Europa, usando apenas as suas próprias armas; Himmler, porém, considerava que este sistema tinha um efeito prejudicial sobre a estabilidade psicológica dos seus pelotões de execução, além de resultar francamente ineficaz: era demasiado lento. Campos como o de Treblinka eram a resposta perfeita para o «problema judaico», enquanto representavam mais um passo no conceito de genocídio: o assassinato à escala industrial²³. Encontrar bons cidadãos que quisessem ajudar o Reich a livrar-se de indivíduos com «mentes inferiores» nas suas fábricas de morte não devia ser muito complicado para a Alemanha nazi. Já tinham recorrido a eles para levar a cabo o programa Aktion T4.

Enquanto os Aliados se dedicavam a percorrer a Europa devastada pela guerra, gravando imagens dos campos da morte e recolhendo provas a fim de documentar os futuros julgamentos dos criminosos de guerra, muitos destes criminosos continuavam nos campos de prisioneiros de guerra aliados tentando passar despercebidos. Franz Stangl sofreu privações no campo de prisioneiros de Glasenbach; pouco a pouco, porém, as tropas aliadas começar a aligeirar a vigilância, a pressão e as duras

medidas de aprisionamento exercidas sobre os prisioneiros. Por exemplo, em julho de 1945, permitiu-se que os prisioneiros tivessem um aquecedor para se aquecerem; em maio de 1946, os prisioneiros – entre os quais Stangl – foram autorizados a construir os seus próprios catres com tábuas de madeira e, na primavera de 1947, foi-lhes permitido plantar verduras em pequenos talhões que rodeavam o campo de prisioneiros. A muitos foram inclusive entregues materiais e ferramentas de construção e de jardinagem.

Theresa Stangl visitava assiduamente o marido, levando-lhe em cada visita pacotes com provisões (comida, fruta, verduras e até chocolate), pacotes que, com o decorrer do tempo, nem sequer eram revistados pelos guardas. Curiosamente, devido à sua arreigada fé católica, a esposa do criminoso de guerra era uma antinazi convicta, acusando os nazis de terem destruído a sua querida Áustria. Theresa via Hitler e os seus seguidores como «hereges» que tinham corrompido a Europa cristã como uma gangrena. O que nunca reconheceu foi que o seu marido tinha sido uma peça importante de toda aquela podridão²⁴. Simon Wiesenthal, que visitou o campo de prisioneiros de Glasenbach naquela altura, declarou que lhe tinha chamado a atenção o luxo extremo em que viviam muitos dos homens da SS, que tinham imposto a fome, o sofrimento, a tortura e inclusive a morte a milhões de seres humanos nos campos de extermínio. Evidentemente, o célebre caçador de nazis não fazia ideia de que entre aqueles vinte mil prisioneiros de guerra se encontrava o responsável pela morte de milhões de judeus em campos como Sobibor ou Treblinka.

Numa tarde de verão de 1947, a sorte do criminoso de guerra mudou. Nesse dia, um grupo de agentes da polícia austríaca apresentou-se à entrada de Glasenbach, pedindo que lhes fosse

entregue o prisioneiro Franz Stangl a fim de responder pelas atividades do programa de eutanásia nazi desenvolvido em Hartheim. Os norte-americanos entregaram-no sem discussão e o antigo capitão da SS foi levado para uma prisão regular em Linz. Enquanto Stangl aguardava ser presente a julgamento, foi transferido para uma prisão menos rigorosa. No fim de contas, os agentes austríacos sabiam que Stangl tinha sido um superintendente importante de uma instituição que tinha assassinado «algumas centenas, se não milhares de pessoas, e que claramente poderia não ser o tipo de pessoa que fugiria à justiça». Sem dúvida alguma, estavam enganados. Em lugares importantes da nova administração austríaca do pós-guerra ainda se encontravam nazis recalcitrantes, que sabiam que Franz Stangl tinha sido responsável pela morte de milhões de pessoas no campo de concentração de Treblinka; apesar disso, porém – ou precisamente por isso mesmo –, o prisioneiro recebia um tratamento preferencial. «Na prisão de Linz, cada cela alojava vários prisioneiros, mas Franz [Stangl] estava sozinho numa grande cela para seis prisioneiros», recorda Theresa Stangl²⁵.

Na realidade, Franz Stangl vivia em semiliberdade, podendo movimentar-se à sua vontade por qualquer zona da prisão. Apesar disso, o capitão das SS nunca tentou evadir-se; talvez preferisse aguardar uma melhor oportunidade. Foi a sua mulher quem o convenceu a preparar a evasão. Contou ao marido que um tribunal de justiça austríaco acabava de condenar a uma pena de quatro anos e meio Franz Höttl, um motorista das SS colocado em Hartheim durante o tempo em que Stangl tinha estado à frente da segurança deste centro de eutanásia. Se um simples motorista tinha

sido condenado a quatro anos e meio de prisão, qual seria a pena aplicada ao superintendente²⁶?

O que Theresa não disse ao marido foi que, durante o julgamento, Höttl declarou perante o tribunal que tinha sido Franz Stangl a levar a cabo os assassinatos e que era ele o máximo responsável policial em Hartheim²⁷.

Durante um dos encontros com a esposa, Stangl pediu-lhe que preparasse tudo para a fuga. No encontro seguinte, Theresa entregou-lhe um grande pacote de comida, quinhentos xelins austríacos, um relógio, um anel de ouro e uma gargantilha também de ouro. Ao beijá-lo na face, entregou-lhe um cartão de identidade redigido nos quatro idiomas das potências vencedoras. Stangl trocou a fotografia do salvo-conduto pela sua e, a 30 de maio de 1948, durante a noite, evadiu-se da prisão. Com Stangl evadiu-se também Hans Steiner, seu companheiro de reclusão desde o fim da guerra. No dia seguinte, conseguiram atravessar a ponte Enns, abandonando assim a zona soviética da Áustria.

Quando se encontravam a 190 quilómetros a sul de Graz, Stangl ouviu chamar de um edifício próximo. «*Herr Hauptsturmführer!*», gritou alguém. Stangl voltou-se em pânico e avistou um rosto conhecido. Era Gustav Wagner, o antigo vice-comandante do campo de Sobibor. Comparado com Stangl, era um nazi sem importância, embora fosse responsável direto por quase duzentos mil assassinatos. Wagner juntou-se ao pequeno grupo.

No verão de 1948, ambos chegaram a Roma. Steiner tinha decidido separar-se do grupo e dirigir-se novamente para a Áustria. «Eu tinha ouvido dizer que um tal Alois Hudal, um bispo do Vaticano, em Roma, ajudava os oficiais católicos da SS», declarou Stangl na sua entrevista com a jornalista Gitta Sereny²⁸. Segundo

afirma Vincent La Vista, diplomata norte-americano acreditado em Roma, «desde 1947 que o Vaticano tinha desenvolvido uma grande organização para facilitar a movimentação ilegal de emigrantes, incluindo nazis reclamados pela justiça». «Em certos países nos quais a Igreja Católica é uma força política importante, o Vaticano tem exercido pressão sobre as embaixadas estrangeiras dos países latino-americanos para que antigos grupos nazis, ex-fascistas ou outros grupos políticos – sempre que sejam anticomunistas – possam conseguir asilo. Para justificar a sua participação neste tráfico ilegal, o Vaticano alega simplesmente a propagação da fé», escreveu La Vista²⁹.



O bispo Alois Hudal.

O destino dos dois SS era o Colégio Teutónico de Santa Maria dell'Anima, um centro religioso próximo da Piazza Navona, em Roma. Alois Hudal, bispo austríaco, era um dos principais instrumentos do Vaticano para organizar a fuga de nazis através do chamado Corredor do Vaticano, cuja sede era precisamente em Santa Maria dell'Anima. Hudal, diretor do Colégio Teutónico desde 1923, era também conhecido como o «Bispo Negro», devido às suas simpatias pelo regime nazi e em particular por Heinrich Himmler, que admirava abertamente³⁰.

Nascido em 1885 na cidade austríaca de Graz, foi ordenado sacerdote em 1908, depois de cursar os estudos teológicos. Após o doutoramento, incorporou-se no Colégio Teutónico de Santa Maria dell'Anima, onde ocupou o lugar de capelão até 1913. Dez anos depois, foi nomeado reitor do Colégio, destinado a formar seminaristas alemães e austríacos na capital italiana. Mais tarde, foi nomeado consultor do Santo Ofício pelo cardeal Rafael Merry del Val, antigo secretário de Estado do papa Pio X. Depressa o ascendente bispo austríaco conseguiu reunir à sua volta poderosos e influentes setores alemães e austríacos, muito necessários em caso de um novo conclave³¹.

Em 1937, Hudal escreveu *Os fundamentos do nacional-socialismo*, obra que foi publicada e distribuída na Alemanha pelo cardeal-arcebispo de Viena, Theodor Innitzer, um nazi convicto e fiel defensor do *Anschluss*, a quem a oposição ao nazismo chamava o *Cardeal Heil Hitler*. Pela sua obra, Hudal recebeu a insígnia de ouro do partido nazi. Durante os julgamentos de Nuremberga, Franz von Papen declarou que «o livro causou profunda impressão ao próprio Hitler»³².

Segundo Von Papen, «Hudal pretendeu obter de Hitler um acordo Igreja-Estado, e que o nacional-socialismo aprovasse a educação católica em todas as escolas do Reich». Evidentemente, não o conseguiu. Segundo algumas fontes, Alois Hudal era o informador no Vaticano da inteligência alemã e do Gabinete Central de Segurança do Reich (RSHA) em Roma. Hudal mantinha contacto direto com Walter Rauff, chefe dos serviços secretos nazis em Roma. Esta relação tornou-se ainda mais estreita quando Rauff foi enviado a Milão como chefe da Gestapo e do SD, para se ocupar das operações antipatrióticas no Norte da Itália³³. O próprio Rauff beneficiaria com esta estreita relação para fugir à justiça aliada no fim da guerra, depois de escapar de um campo de prisioneiros em Rimini. A tarefa desenvolvida por Hudal durante o pós-guerra, ajudando a escapar milhares de elementos da Gestapo e da SS – oitenta por cento deles condenados à morte *in absentia* nos Julgamentos de Nuremberga – valeu-lhe a alcunha de «Pimpinela Escarlata» de Roma.

Dois colaboradores de Alois Hudal em Roma, que também ajudaram a fugir criminosos de guerra nazis, foram os monsenhores Heinemann e Karl Bayer. Heinemann, não muito apreciado pelos alemães, estava encarregado de atender os pedidos dos hierarcas nazis refugiados em Santa Maria dell’Anima. Karl Bayer, ao contrário de Heinemann, era muito estimado pelos nazis fugitivos. Monsenhor Bayer, entrevistado pela escritora Gitta Sereny para o seu livro *Into the Darkness: An Examination of Conscience*, recordaria anos depois como ele e Hudal tinham ajudado os nazis, com a proteção do Vaticano: «O papa [Pio XII] facultava-lhes o dinheiro para isso; por vezes, a conta-gotas, mas sempre chegava», diria Bayer.

A abertura dos arquivos da Cruz Vermelha Internacional redigidos durante o pós-guerra encerrou finalmente a polémica sobre se os criminosos de guerra nazis e croatas contaram com a ajuda do Vaticano para fugirem à justiça rumo à América do Sul, Austrália, África do Sul ou Canadá. A resposta está bem clara. Os cardeais Montini, Tisserant e Caggiano projetaram as rotas de fuga; bispos e arcebispos como Hudal, Siri e Barrère efetuaram os trâmites necessários para criar documentos e identidades falsas para os assassinos; sacerdotes como Draganovic, Heinemann, Dömöter, Bucko, Petranovic e muitos outros assinaram com o próprio punho e a própria letra os requerimentos para a emissão de passaportes da Cruz Vermelha destinados aos criminosos de guerra³⁴.

O escândalo da assim chamada Rota das Ratazanas começou a tornar-se um boato persistente entre os altos comandos aliados. No fim da guerra, as zonas ocupadas da Alemanha, Áustria ou Itália estavam repletas de deslocados procedentes de todas as partes da Europa. Muitos eram vítimas legítimas dos nazis, mas também do comunismo, visto que alguns destes deslocados receavam regressar aos seus países de origem, agora sob ocupação soviética.

Alguns deles eram católicos, pelo que nesse contexto não era estranho que o Vaticano tomasse o seu partido perante as autoridades militares ocidentais. Meses antes, o Terceiro Reich tinha-se desintegrado e o Vaticano, através da sua Secretaria de Estado, tinha organizado uma campanha para que fosse permitido o acesso de sacerdotes católicos aos campos de prisioneiros de guerra aliados. Essa nobre assistência humanitária era considerada «caridade cristã». Muitos dos nazis detidos naqueles campos de prisioneiros tinham as mãos manchadas do sangue de milhões de

peessoas assassinadas nos campos de extermínio e a Santa Sé sabia quem eram. Alguns religiosos davam realmente assistência humanitária, mas muitos outros davam mais do que isso, incluindo ajuda económica, documentos, salvo-condutos para poderem circular pela Itália; e inclusive bilhetes de barco para saírem da Europa rumo a países da América do Sul³⁵.

O que os Aliados não sabiam era que um dos criminosos de guerra mais procurados circulava livremente pelas ruas de Roma. Depois de atravessar a Ponte de Sant'Angelo, os dois homens dirigiram-se a um endereço próximo da Praça de S. Pedro. Ali deviam contactar com um sacerdote francês partidário da França de Vichy, que por sua vez devia levá-los até Hudal. Poucas horas depois, Stangl encontrou-se frente a frente com o poderoso religioso. «O bispo entrou na sala onde eu me encontrava e, enquanto me apertava ambas as mãos, disse: “você deve ser Franz Stangl. Estava à sua espera”», relataria anos depois o próprio Stangl à jornalista Sereny. Era evidente que Hudal tinha conhecimento antecipado da chegada do antigo comandante de Treblinka, o que claramente sugere a implicação do bispo na organização da Rota dos Conventos ou Rota das Ratazanas.

Depois da chegada de Stangl e de Wagner a Roma, Hudal redigiu uma pequena ficha de ambos, para incluí-la nos arquivos que o bispo guardava em Santa Maria dell'Anima. Datados de 20 de agosto de 1948, os documentos estavam escritos à mão e assinados com os seus próprios nomes por dois dos principais criminosos de guerra e assassinos em massa nazis. No resumo que fez a Hudal, Stangl apresentava-se a si mesmo como um simples polícia municipal (*Schutzpolizei*) e, embora tenha reconhecido perante o bispo a sua categoria de *SS-Hauptsturmführer*, a que

acrescentou ter sido prisioneiro de guerra dos Aliados, omitiu prudentemente a sua participação no programa Aktion T4 ou na Operação Reinhard, talvez porque o capitão da SS suspeitasse da caridade de Hudal³⁶. Por sua vez, a declaração de Wagner foi igualmente anódina. Disse ser um polícia regular; evidentemente, não fez qualquer referência a Sobibor, nem indicou que tinha estado colocado fora da Alemanha. O bispo austríaco ofereceu-lhes refúgio seguro sob a bandeira do Vaticano e algum dinheiro, ao mesmo tempo que lhes indicava que deviam permanecer discretos até lhes conseguir documentos falsos para poderem fugir. Deviam evitar a todo o custo chamar a atenção dos *carabinieri*. A propósito da ajuda de Hudal, Franz Stangl haveria de declarar poucos meses antes da sua morte:

Primeiro, conseguiu-me alojamento em Roma, onde ficaria até que chegassem os meus documentos. Facultou-me algum dinheiro; não me restava quase nada. Juntei-me com muitos outros civis alemães; dormíamos em esteiras num grande convento situado na Via Sicília, mesmo ao lado da avenida mais famosa de Roma, a Via Veneto. Acordavam-nos de madrugada e, depois do pequeno-almoço, tínhamos de sair do convento até à noite; deram-nos uma espécie de senhas para almoçarmos num refeitório dirigido por freiras. Como os alemães e os austríacos que não tinham documentos italianos eram detidos pelos *carabinieri*, deambulei pelas ruas tentando passar o mais despercebido possível, preguiçando nos bancos dos Jardins Borguese, onde o perigo principal era adormecer e poder ser detido se passasse uma patrulha policial.³⁷

De vez em quando, os «hóspedes» especiais alemães e austríacos eram requisitados para realizarem diversos trabalhos de manutenção para as freiras e Stangl inscreveu-se com a finalidade de conseguir comida extra. Muitos recém-chegados alemães

também protegidos pela rede de Hudal aproximaram-se de Franz Stangl, o antigo comandante de Sobibor e de Treblinka, carregando caixas e cestas, acompanhando uma freira pela Praça de S. Pedro. Theresa Stangl recorda ter recebido naqueles dias uma carta do marido: «Franz escreveu-me de Roma, dizendo-me que estava a sofrer de uma forte depressão.»³⁸

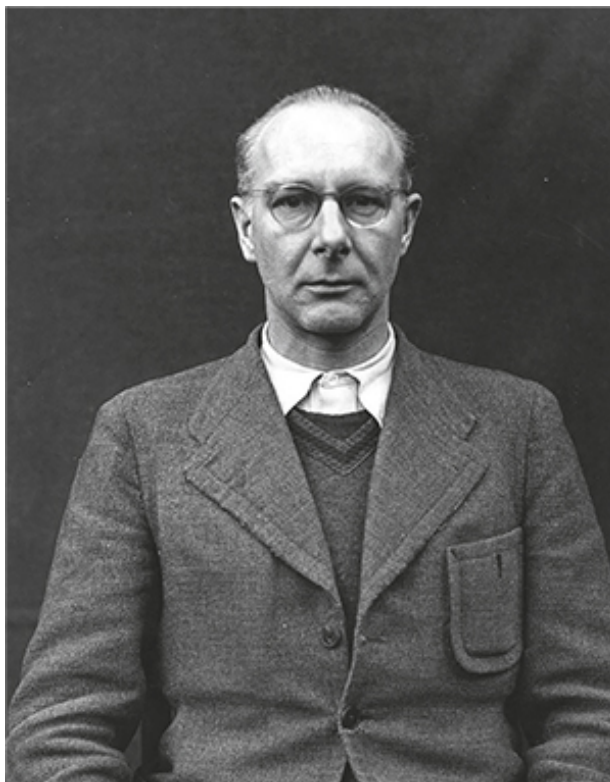
A sua espera, no entanto, não foi muito demorada. Com efeito, certa manhã, o poderoso religioso apareceu com dois passaportes da Cruz Vermelha. «Tinham feito confusão com o meu nome. Tinham escrito Paul F. Stangl [...]. Disse ao arcebispo que o meu nome era Franz Paul Stangl, e que se tinham enganado. Estava incorreto. Hudal respondeu: “Deixemos os cães adormecidos mentir. Não tem importância”», recordava Stangl na sua entrevista a Gitta Sereny.

O antigo capitão da SS revelou o poder e a influência do bispo Alois Hudal e da sua extensa rede para ajudar os fugitivos nazis a escaparem: «Depois de várias semanas, Hudal chamou-me e entregou-me o meu novo passaporte [...], um passaporte da Cruz Vermelha. Nas suas páginas podia ver-se um visto para entrar na Síria e uma morada em Damasco. Era ali que deveria dirigir-me para conseguir trabalho como operário têxtil [...]. Também me facultou um bilhete de barco. E foi assim que fugi para a Síria.»³⁹

Enquanto Franz Stangl viajava de barco para Damasco, com partida do porto de Génova, em setembro de 1948, Gustav Wagner também encontrava uma nova vida algures no Médio Oriente. A rapidez com que Alois Hudal conseguiu os documentos para Stangl mostra que o religioso sabia perfeitamente quem era o capitão da SS e qual tinha sido o seu trabalho durante a Segunda Guerra Mundial em Sobibor, em Treblinka ou no programa Aktion T4. Na

altura em que Stangl e Wagner chegaram a Roma, Alois Hudal tinha sérios problemas para enviar os seus «protegidos» peculiares para a América do Sul e talvez por esse motivo escolheu a opção síria. A verdade é que Stangl não tinha qualquer problema em viajar para um país árabe. Ao que parece, sabia que aquele recanto do mundo tinha permanecido fiel à França de Vichy, provocando uma invasão aliada por parte das tropas francesas da França Livre, das tropas britânicas e australianas, a partir do vizinho Iraque. Apesar de ter ficado sob ocupação aliada, a França decidiu retirar-se em 1946, devolvendo aos sírios o controlo do país.

Para Franz Stangl, a Síria era um paraíso tranquilo, descontraído, pacífico e, o mais importante, afastado da justiça aliada que açoitava a Europa de uma ponta à outra. Os comandantes de outros campos de concentração tinham sido detidos, julgados e executados pelos Aliados: Heinrich Wicker, último comandante do campo de Dachau; Hans Aumeier, segundo comandante de Auschwitz; ou Viktor Brack, responsável máximo do programa de eutanásia Aktion T4.



Viktor Brack, momentos antes de ser executado na forca.

Em maio de 1949, Stangl enviou à esposa os bilhetes para Damasco, a partir da sua nova morada e com o seu verdadeiro nome: FRANZ PAUL STANGL, rua Heluanie, n.º 14, Damasco. A embaixada síria na Suíça concedeu-lhe os vistos para ela e para as suas três filhas, Brigitte, Renate e Isolda, sem qualquer problema. «Não era segredo que eu ia reunir-me a meu marido em Damasco [...]. Toda a gente sabia que eu ia ter com o Franz à Síria. Além disso, usámos nos vistos os nossos verdadeiros nomes», reconheceria anos depois Theresa Stangl, falando com Gitta Sereny⁴⁰. Sabe-se que as autoridades austríacas interrogaram a esposa de Stangl perguntando-lhe porque abandonava o seu lar. Ela respondeu que «ia reunir-se com o marido». Os austríacos carimbaram no documento as palavras *Mann Geflüchtet* («marido

evadido»). A família chegou à Síria um mês depois, reunindo-se todos eles numa pensão no número 22 da rua George Haddat. Abria-se um novo e tranquilo futuro ante a família Stangl.

Durante os primeiros meses em que estiveram na Síria, a empresa têxtil onde Stangl trabalhava foi à falência. A família mudou-se então para um velho andar mobilado, na rua Bagdad; mas em dezembro de 1949 foi contratado como engenheiro mecânico pela Imperial Knitting Company. A família voltou então a mudar-se para um andar mais espaçoso e mais luminoso na rua Youssuf, na velha Damasco. Theresa Stangl recordaria: «Era uma casa maravilhosa, e com as nossas coisas transformámo-la num verdadeiro lar. Éramos a primeira família alemã a possuir casa própria e todos os alemães nos visitavam com frequência». Uma destas visitas frequentes era a do SS-*Hauptsturmführer* Alois Brunner, antigo comandante do campo de Drancy, responsável pelas deportações de judeus de Viena, Salónica e Eslováquia, e braço direito do tenente-coronel Adolf Eichmann⁴¹.

No seu livro *Los Asesinos entre nosotros. Memorias*, Simon Wiesenthal perguntava-se como é que um homem sem identidade, sem documentos, sem passaporte, tinha conseguido atravessar fronteiras. Para Wiesenthal, por detrás estava uma Odessa⁴². Wiesenthal refere que a senhora Stangl saiu da Áustria a 6 de maio de 1949 e viajou até à Suíça para obter os vistos para a Síria, passou por um comissariado da polícia e, a partir desse momento, perdeu-se-lhe o rasto. O certo é que na conversa de Franz Stangl com Gitta Sereny não houve nem uma única referência a Odessa. Nem tampouco aparece nos documentos de Alois Hudal.

Em finais de 1950, uma prima de Stangl de 14 anos, chamada Renata, chegou à Síria para se reunir a toda a família. O aspeto da

rapariga – loira, alta, magra e com bastante busto para a sua idade – fez com que o chefe da polícia de Damasco, que era vizinho da família, reparasse nela. Uma tarde, o árabe cruzou-se com Franz Stangl e disse-lhe que se aceitasse «vender-lhe» a prima, não levantaria qualquer obstáculo para renovar a sua autorização de residência no país. A conversa provocou o pânico de toda a família. Stangl decidiu então viajar para Beirute e percorrer todos os consulados de países da América Latina. O cônsul do Brasil disse-lhe que ali precisavam de engenheiros mecânicos, de forma que toda a família embarcou rumo àquele país. No final de 1951, já se haviam estabelecido no Brasil.

11-14

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

181306

Esta ficha, expedida em duas vias será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso PAUL STANGL

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE

Nos termos do art. 9º letra ---- do dec. n. 2967 de 1945

Lugar e data de nascimento Altunster-Austria em 1908

Nacionalidade Austríaca Estado civil Casado

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Adalbert e Theresa Stangl

Profissão Técnico Tecelagem

Residência no país de origem Damasco Síria

	NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS	Brigitta	15 anos	Fem.
	Renate	14 "	Fem.
	Ysolde	7 "	Fem.

L.P. Passaporte n. 193 expedido pelas autoridades de Segurança Geral Síria na data 11-4-51

visado sob n. 682

ASSINATURA DO PORTADOR: *Paul Stangl*

Serviço Consular do Brasil em Beirute Líbano

21 de Abril de 1951

O CONSUL: *João D. Honetti*

JOÃO D. HONETTI

NOTA: Esta ficha deve ser apresentada à imigração pelo autoridade brasileira, antes de desembarcar no país.

Bilhete de identidade brasileiro de Franz Stangl.

O primeiro trabalho de Stangl foi na empresa têxtil Sutema. Durante os treze anos seguintes, a família Stangl viveu na mais absoluta tranquilidade, até que a 21 de fevereiro de 1964 uma mulher se apresentou no escritório de Simon Wiesenthal, em Viena.

Acabava de ser publicada na imprensa alemã uma grande reportagem sobre Treblinka, em que se mencionava o seu antigo comandante, Franz Stangl. «Senhor Wiesenthal, a minha prima está casada com um homem terrível», disse-lhe a mulher lavada em lágrimas. «Quem é esse homem terrível a que se refere?», perguntou o caçador de nazis. A mulher abriu a bolsa, tirou um exemplar da revista e, depois de a folhear, mostrou uma fotografia já pouco nítida, onde se via um homem envergando um casaco branco e calçando umas lustrosas botas pretas, a olhar para o interior de um barracão. «É este homem», respondeu a mulher. E com o dedo assinalou uma fotografia tirada no campo de Treblinka, em que aparecia Franz Stangl. «E onde está agora a sua prima?», voltou a perguntar nervosamente Wiesenthal. «No Brasil, evidentemente, junto do marido», respondeu a desconhecida. Antes de sair do escritório, a mulher disse ao famoso caçador de nazis: «Quero 25 000 dólares para lhe dar a sua morada.» «Podia ter pedido dois milhões, porque simplesmente eu não tinha dinheiro», revelaria o próprio Wiesenthal anos mais tarde⁴³.

Em 1954, Theresa Stangl tinha registado toda a família no Consulado da Áustria em São Paulo, com os seus verdadeiros nomes, inclusive o marido. «Sabe, se esse inteligente Wiesenthal andava à minha procura, certamente tudo o que devia ter feito era perguntar à polícia ou ao consulado austríaco. Podia ter-me encontrado imediatamente. Eu não me tinha mudado», revelaria Stangl à sua biógrafa. Durante os anos seguintes, a família Stangl esteve instalada numa bela casa branca e cor-de-rosa, em São Bernardo do Campo, a 30 quilómetros de São Paulo, a Detroit do Brasil. Naquela cidade, erguiam-se grandes fábricas de peças para a Rolls Royce, a Mercedes-Benz ou a Volkswagen. Em 1962,

Theresa Stangl trabalhava como secretária na Mercedes-Benz, chegando a ter sob as suas ordens setenta empregadas; o marido, por seu lado, trabalhava como mecânico na Volkswagen. Graças à sua folgada economia familiar, os Stangl compraram um terreno e construíram uma casa em Frei Gaspar, em Brooklin, um dos melhores bairros de São Paulo. Em princípios de 1964, o caçador de nazis começou a recolher informações dos seus contactos no Brasil para tentar confirmar a identidade do antigo comandante de Treblinka e de Sobibor. Perguntou também em Viena, no Ministério de Assuntos Exteriores e no Ministério da Justiça. Investigou no Brasil, na embaixada da Áustria e no consulado em São Paulo. Também o fez em vários ministérios brasileiros e na polícia.

Por essa altura, o Ministério da Justiça do Brasil indicou a Wiesenthal que um importante funcionário estava a viajar para a Suíça e que teria todo o prazer se quisesse reunir-se com ele naquele país. O funcionário confirmou que Stangl vivia no Brasil e que trabalhava para uma empresa alemã do ramo automóvel. A 27 de fevereiro de 1967, o chefe da Polícia Federal brasileira reuniu com o embaixador da Áustria e com o governador de São Paulo para os informar de que todos os documentos recebidos de Viena estavam corretos e que se procederia à detenção de Franz Stangl. No dia seguinte, Stangl dirigia-se para sua casa com a filha Isolda, quando parou repentinamente. «Há muitos carros da polícia na nossa rua», disse a jovem para o pai. Um agente da polícia dirigiu-se à sua viatura, ordenando-lhe que saísse do carro com as mãos no ar. Vários outros agentes apontavam-lhe as armas.

tiradas num local da Polónia chamado Treblinka. «Não sei nada dessas fotografias. Talvez tenhas visto fotografias de outros campos,» respondeu Stangl por entre soluços. A 8 de junho de 1967, e por unanimidade, a Corte Suprema do Brasil autorizou a extradição de Franz Paul Stangl para a Alemanha Ocidental. Duas semanas depois, voava rumo a Frankfurt, tendo sido levado diretamente do aeroporto para uma pequena cela na prisão de Duisburg⁴⁴.

A família Stangl viu-se obrigada a vender a sua propriedade em Brooklin para poder custear as despesas relativas à defesa do chefe de família, num julgamento que duraria três anos. A 22 de dezembro de 1970, o antigo *Kommandant* de Treblinka e de Sobibor foi condenado a prisão perpétua por «ter supervisionado o assassinato de pelo menos 900 000 homens, mulheres e crianças». A jornalista Gitta Sereny, que o entrevistou em 27 de junho de 1971, na prisão de Düsseldorf onde cumpria a sua pena, perguntou-lhe: «Acha que esse período na Polónia lhe ensinou alguma coisa?» Stangl respondeu: «Sim. Que todo o ser humano tem origem na fraqueza humana». «Mas você fez parte de tudo isso. Odiou algum deles?», perguntou Sereny. «Nada tem a ver com o ódio. Eles [referia-se às vítimas] eram tão fracos... [...]. Permitiram que tudo acontecesse: entre eles e nós não havia qualquer terreno comum, não havia qualquer possibilidade de comunicação; é assim que nasce o desprezo. Nunca conseguirei perceber como puderam render-se da forma como o fizeram. Li recentemente um livro sobre os lémingues⁴⁵, que, de cinco em cinco ou de seis em seis anos, simplesmente se atiram ao mar para morrerem; isso fez-me pensar em Treblinka», respondeu Stangl⁴⁶.



Franz Stangl durante o seu julgamento em Frankfurt, onde foi condenado a prisão perpétua.

As únicas palavras que saíram da sua boca para tentar desculpar os milhares de assassinatos de homens, mulheres e crianças em que esteve envolvido foram:

O que tinha de fazer enquanto continuava a esforçar-me por sair daquilo era limitar as minhas próprias ações ao que eu, na minha consciência, poderia responder. Eu não passava de um polícia. Na escola da polícia ensinaram-nos que a definição de crime tem de cumprir quatro requisitos: tem de haver um sujeito, um objeto, uma ação e um propósito. Se faltar algum destes quatro elementos, então não se trata de uma ofensa punível [...]. Isto poderia aplicar-se à minha própria situação: se o sujeito era o Governo, o «objeto» eram os judeus e a ação, o gaseamento; poderia dizer a mim mesmo que para mim faltava o quarto elemento (a que chamarei livre-arbítrio). A minha consciência é clara a respeito do que fiz [...]. Nunca prejudiquei intencionalmente ninguém,

porém eu estava ali: assim mesmo. Na realidade, compartilho a minha culpa... porque a minha culpa é minha... minha culpa.⁴⁷



Franz Stangl na prisão de Düsseldorf, dias antes de morrer.

Menos de vinte e quatro horas depois de pronunciar estas palavras, diante de Gitta Sereny, Franz Stangl morria com um ataque cardíaco, na sua cela da prisão de Düsseldorf. Era o dia 28 de junho de 1971.

¹ Embora Hitler tenha assinado o documento em outubro de 1939, este tinha a data de 1 de setembro do mesmo ano, precisamente o dia da invasão da Polónia. Pretendia-se assim criar a impressão de que o programa de eutanásia era «uma necessidade em tempo de guerra».

² Jochen Von Lang, *The Secretary: Martin Bormann – The Man Who Manipulated Hitler*, Random House, Nova Iorque, 1979.

3 Robert Jay Lifton, *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*, Basic Books, Nova Iorque, 1988.

4 Michael Burleigh, *The Third Reich: A New History*, Hill and Wang, Londres, 2001.

5 Os centros de eutanásia associados ao programa Aktion T4, que anteriormente tinham funcionado como hospitais ou asilos, estavam situados em solo alemão e na Áustria anexada: Hartheim, Sonnenstein, Grafeneck, Bernburg, Hadamar e Brandenburg. Vide Michael Tregenza, *op. cit.*

6 Michael Tregenza, *Aktion T4: Le Secret d'État des nazis*, Calmann-Lévy Editions, Paris, 2003.

7 Vivien Spitz, *Doctors from Hell: The Horrific Account of Nazi Experiments on Humans*, Sentient Publications, Colorado, 2005.

8 Dominique Sigaud, *Il Caso Franz Stangl*, Clichy Editore, Milão, 1996.

9 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

10 Viktor Brack, médico e coronel da SS, foi um dos principais responsáveis, juntamente com Odilo Globocnik, pela implementação prática da Solução Final. Organizador do programa de eutanásia Aktion T4 e da esterilização de prisioneiros nos campos, foi também responsável por ter tornado efetiva a ordem secreta «Aktion 14f13», segundo a qual todos os prisioneiros dos campos de concentração que não fossem úteis para o trabalho deviam ser exterminados. Brack foi condenado à morte em 1947 e executado na forca a 2 de junho de 1948.

11 Michael Tregenza, *Aktion T4: Le Secret d'État des nazis*, Calmann-Lévy Editions, Paris, 2003.

12 Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps*, Indiana University Press, Indiana, 1999.

13 Robert Ashley, Russell Lemmons, Keith Pickus e John Roth, *The Holocaust Chronicle*, Publications International Ltd., Nova Iorque, 2000.

14 Irmfried Eberl foi detido pelas tropas norte-americanas em janeiro de 1948. Suicidou-se a 16 de fevereiro desse ano, enforcando-se na sua cela enquanto esperava pelo julgamento.

15 Gitta Sereny, *Into the darkness: from mercy killing to mass murder*, McGraw-Hill, Nova Iorque, 1974.

16 Peter Padfield, *Himmler, Reichführer-SS*, MacMillan, Nova Iorque, 1990.

17 Stanislaw Szmajzner foi um dos judeus que conseguiram escapar de Sobibor, depois de organizar uma revolta em outubro de 1943, quando Franz Stangl já não era comandante. Terminada a guerra, Szmajzner emigrou para o Brasil onde começou uma vida nova. Coincidências da vida, nos anos setenta o antigo prisioneiro de Sobibor soube que Franz Stangl e Gustav Wagner também tinham escolhido o Brasil para se refugiarem.

18 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

19 Dos vinte e quatro dirigentes da IG Farben, acusados no julgamento contra este aglomerado químico alemão, entre 1947 e 1948, treze foram condenados de um a oito anos de prisão. Alguns dos acusados neste julgamento tornaram-se líderes das companhias do pós-guerra, formadas depois da desintegração da IG Farben, incluindo os que foram condenados em Nuremberga. As principais empresas sucessoras da IG Farben na atualidade são a AGFA, a Bayer, a BASF, a Hoechst e a Pelikan que, além do mais, fornecia a tinta com que se tatuavam os prisioneiros. *Vide também* Diarmuid Jeffreys, *Hell's Cartel: IG Farben and the Making of Hitler's War Machine*, Holt Paperbacks, Nova Iorque, 2010.

20 Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps*, Indiana University Press, Indiana, 1999.

21 Julga-se que Hermann Michel sobreviveu ao fim da guerra e conseguiu pôr-se a salvo no Egito. Outras fontes afirmam que faleceu no Cairo a 8 de agosto de 1984.

22 Jules Schelvis, *Sobibor. A History of a Nazi Death Camp*, Bloomsbury Academic Publisher, Londres, 2007.

23 Richard Rhodes, *Masters of Death: The SS-Einsatzgruppen and the Invention of the Holocaust*, Vintage, Nova Iorque, 2003.

24 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

25 Dominique Sigaud, *Il caso Franz Stangl*, Clichy Editore, Milão, 1996.

26 Fred Leucher, *The second Leuchter Report: Dachau, Mathausen, Hartheim*, Dave Clark Editors, Londres, 1989.

27 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

28 Gitta Sereny, *Into the darkness: From mercy killing to mass murder*, McGraw-Hill, Nova Iorque, 1974.

29 Mark Aarons e John Loftus, *Unholy Trinity. The Vatican, the Nazis and the Swiss Banks*, St. Martin's Griffin, Nova Iorque, 1998.

30 Eric Frattini, *La Santa Alianza. Historia del espionaje vaticano. De Pio V a Benedicto XVI*, Espasa Calpe, Madrid, 2004.

31 Mark Aarons e John Loftus, *Ratlines: The Vatican's Nazi Connection*, Arrow, Nova Iorque, 1991.

32 Joseph E. Persico, *Nuremberg. Infamy on Trial*, Penguin Books, Nova Iorque, 1994.

33 David Alvarez e Robert A. Graham, *Nothing Sacred: Nazi Espionage Against the Vatican, 1939-1945*, Irish Academic Press, Nova Iorque, 1998.

34 Daniel Jonah Goldhagen, *A Moral Reckoning: The Role of the Church in the Holocaust and Its Unfulfilled Duty of Repair*, Vintage, Nova Iorque, 2003.

35 Mark Aarons e John Loftus, *Unholy Trinity, The Vatican, The Nazis and the Swiss Banks*, St. Martin's Griffin, Nova Iorque, 1991.

36 Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.

37 Gitta Sereny, *Into the darkness: From mercy killing to mass murder*, McGraw-Hill, Nova Iorque, 1974.

38 Gitta Sereny, *Into the darkness: From mercy killing to mass murder*, McGraw-Hill, Nova Iorque, 1974.

39 Daniel Jonah Goldhagen, *A Moral Reckoning: The Role of the Church in the Holocaust and Its Unfulfilled Duty of Repair*, Vintage, Nova Iorque, 2003.

40 Dominique Sigaud, *Il caso Franz Stangl*, Clichy Editore, Milão, 1996.

41 Alessandro Matta, *Analisi Giuridico-Storica dei Processi contro i Criminali Nazisti Franz Stangl e Alois Brunner*, setembro, 2017.

42 Simon Wiesenthal, *Los Asesinos entre nosotros. Memorias*, Editorial Noguer, Barcelona, 1967.

43 Dominique Sigaud, *Il caso Franz Stangl*, Clichy Editore, Milão, 1996.

44 Alessandro Matta, *Analisi Giuridico Storica dei Processi contro i Criminali Nazisti Franz Stangl e Alois Brunner*, setembro de 2017.

45 Os lémingues são um tipo de roedores da tundra ártica. Supõe-se que em determinada altura coincidente com crises de superpopulação, se suicidam em massa atirando-se ao mar.

46 Alessandro Matta, *Analisi Giuridico-Storica dei Processi contro i Criminali Nazisti Franz Stangl e Alois Brunner*, setembro de 2017.

47 Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps*, Indiana University Press, Indiana, 1999.

2

ERICH PRIEBKE **O Carrasco de Roma**

A 15 de fevereiro de 1948, Johann Corradini, um sacerdote católico pároco da cidade de Vipiteno, a cerca de 45 quilómetros de Merano, escreveu ao bispo Alois Hudal a pedir-lhe a sua ajuda para a família Pape. Aparentemente, esta família, composta pelo pai, a mãe e dois filhos, tinham sido «bons paroquianos» e eram bem conhecidos do padre Corradini. «Alice Pape e os dois filhos, Georg e Inge, eram muito crentes e membros fiéis da Igreja Católica», escrevia o sacerdote a Hudal. Em contrapartida, o sacerdote parecia ter tido alguns problemas com o pai, Otto Pape, que definia como «um bom católico, mas não demasiado praticante». Uma das razões pelas quais Otto Pape não queria ir à capital italiana devia-se a que o seu verdadeiro nome era Erich Priebke e Roma era a cidade onde tinha desenvolvido a sua principal atividade como criminoso de guerra¹.

Nascido a 29 de julho de 1913 em Henningsdorf, no coração do antigo reino da Prússia, o jovem Priebke perdeu os pais ainda em tenra idade, tendo sido acolhido em casa de uns tios. A sua

solicitude e a inclinação para as línguas levaram-no a trabalhar como empregado de mesa em hotéis como o Savoy de Londres, o Adlon de Berlim, o Savoia e o Europa de Rapallo e mais alguns hotéis de luxo na costa amalfitana italiana. Em 1936, Priebke, apenas com 23 anos, foi recrutado pela Gestapo graças ao seu domínio das línguas. O seu primeiro destino foi o gabinete de ligação da Gestapo em Roma². «Os dois anos que passei a trabalhar em Rapallo foram os mais belos da minha vida. Um dos proprietários deste hotel era solteiro e praticamente adotou-me como filho, ensinando-me muitas coisas desta profissão», recordava o próprio Priebke décadas mais tarde.



O hotel Adlon em Berlim, onde Priebke trabalhou como empregado de mesa.

Falava inglês, um pouco de francês e italiano com fluência, o que lhe valeu ser colocado no gabinete da Gestapo responsável pelas relações com outras polícias estrangeiras. Assim, viu-se destinado a

Roma, a fim de estreitar as relações com a polícia fascista italiana e com o seu chefe, Pietro Caruso. Quando Benito Mussolini visitou a Alemanha, em 1937, Erich Priebke fazia parte da sua comitiva pessoal. Um ano depois, seria o intérprete do próprio Adolf Hitler, na visita que o *Führer* fez à Itália. Também trabalhou como tradutor para Hermann Göring quando o marechal-chefe da Luftwaffe visitou a Itália para conhecer a capacidade das forças aéreas italianas. Todos estes contactos ajudaram Priebke a subir dentro da Gestapo, em Berlim. Em 1940, quando Reinhard Heydrich visitou a Itália, o chefe da polícia alemã em Roma, Herbert Kappler, pediu que lhe enviasse um adjunto para o ajudar. Heydrich pensou imediatamente em Priebke. Este falava fluentemente italiano, mantinha boas relações com a polícia fascista, conhecia o país e os seus habitantes. Era o candidato perfeito para ocupar o lugar de número dois da Gestapo em Roma³.



O jovem oficial das SS Erich Priebke, quando chegou a Roma.

Assim que se apresentou ao seu chefe, Kappler, este atribuiu-lhe como principal missão «explorar a estrutura organizativa da polícia italiana, trocar informação relativa ao comunismo internacional, ou, melhor dizendo, às organizações comunistas internacionais, e fornecer informação nos casos de espionagem política e militar que pudesse interessar à Itália e à Alemanha», como recordaria o próprio Priebke durante o seu julgamento. Embora fossem estas as suas tarefas oficiais, tinha também outra tarefa extraoficial: manter o contacto entre as forças de ocupação alemãs na cidade e o Vaticano. O seu intermediário principal era o religioso Alois Hudal, que, por sua vez, fazia a ligação entre os alemães e o papa Pio XII. «Hudal designou um sacerdote chamado Pancrazio Pfeiffer, que era quem me fazia chegar às mãos as mensagens do Vaticano»,

declarou Priebke anos mais tarde⁴. «A minha mulher Alice e eu éramos profundamente católicos e em 1942 foi-nos concedida uma audiência privada com o papa Pio XII. O encontro foi mantido secreto porque para o Vaticano teria sido incómodo explicar como o Santo Padre tinha recebido uma alta autoridade da Gestapo da cidade», confessaria Priebke à revista *Oggi* em maio de 1996.

Enquanto Benito Mussolini se manteve no poder, Erich Priebke levou uma vida mais ou menos tranquila; as coisas, porém, alteraram-se quando em 1943 o Grande Conselho Fascista decidiu destituir o *Duce*. Os italianos estavam cansados da guerra e desejavam ardentemente a chegada dos Aliados. Mussolini foi detido e levado para um local secreto, enquanto o marechal Pietro Badoglio assumia o poder. O sonho do fascismo tinha terminado, mas os italianos tiveram um desagradável despertar. «Hitler achava que os italianos tinham sido ingratos para com o *Duce*; por isso ordenou à Wehrmacht que ocupasse Roma. Com exceção dos poucos quilómetros quadrados do Estado do Vaticano, o resto da cidade ficou sob o controlo das forças alemãs [...]. Muitos de nós, incluindo eu, enviámos as nossas famílias de regresso a Berlim. Sabíamos que as coisas iam ficar feias em Roma», confessaria Priebke à revista *Oggi*.



O padre Pancrazio Pfeiffer, que se tornaria a ligação entre Hudal e Priebke.

A 8 de setembro de 1943, tornou-se do conhecimento público a assinatura de um armistício, por parte da Itália, com as forças anglo-americanas. O rei Vítor Emanuel III, juntamente com a família, tinha abandonado a cidade, refugiando-se no Sul, na cidade de Brindisi, na Apúlia. Roma ficou só, sem chefe de Estado, sem chefe do governo e sem chefes militares. Os militares e os *carabinieri* que permaneciam na cidade, juntamente com muitos habitantes de Roma, decidiram fazer a única coisa que lhes parecia possível: resistir aos alemães. A resistência dos romanos à ocupação alemã foi intensa e sangrenta. Os confrontos mais importantes ocorreram

na Porta San Paolo, perto da célebre Pirâmide, no bairro de Ostia. Apesar do esforço das forças italianas, a falta de organização fez com que fossem derrotadas. Pereceram nesta batalha cerca de 1000 homens⁵. A 10 de setembro de 1943, as forças do marechal Kesselring entraram na Cidade Eterna, ocupando-a totalmente. Nessa altura, Herbert Kappler subiu a chefe máximo da Gestapo em Roma e Priebke passou do lugar número dois para o número quatro na hierarquia da Gestapo. Embora vendo reduzido o seu poder, Kappler sabia que Priebke, na altura com 30 anos e três de serviço em Roma, contava com importantes e valiosos contactos.

Uma das missões confiadas a Priebke foi a localização exata de Benito Mussolini. Hitler tinha encarregado um dos seus melhores homens, o coronel das Waffen-SS Otto Skorzeny, de localizar Mussolini, resgatá-lo e levá-lo para Berlim. A primeira coisa que Skorzeny fez foi viajar até Roma para se reunir com Kappler. Este recomendou-lhe que se pusesse nas mãos de Priebke, que possuía os melhores contactos na cidade. Iniciava-se assim a chamada Operação Carvalho (*Unternehmen Eiche*), a missão de resgate executada por um comando paraquedista para libertar o ditador Benito Mussolini do seu sequestro no Hotel Campo Imperatore, a 12 de setembro de 1943⁶. Depois de levarem Mussolini até junto de Hitler, os alemães nomearam-no chefe da República Social Italiana de Salò, uma pequena parte de território italiano ainda sob o controlo nazi. Um dos militares intervenientes na Operação Carvalho foi Reinhard Kopps, que, anos mais tarde, em 1994, revelou a presença de Erich Priebke na Argentina⁷.



Mercado judaico de Roma, 1939.

Depois da ocupação de Roma, uma unidade especial das SS dirigiu-se ao Banco Central de Itália e levou os 118 lingotes de ouro ali depositados para os depósitos do Reichbank, em Berlim. O próximo alvo seriam os judeus de Roma. «Recordo um telegrama assinado por Heinrich Himmler em que sublinhava a necessidade de resolver a “questão judaica” também na cidade de Roma. Recordo-me disso porque foi nessa ocasião que ouvi pela primeira vez a expressão *Endlösung der Judenfrage* (“solução final para a questão judaica na Europa”)», declararia Herbert Kappler como testemunha no julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém.

Na altura da ocupação alemã no Norte e Centro da Itália, em princípios de setembro de 1943, viviam em Roma aproximadamente 12 000 judeus. Os alemães tentaram incluir os judeus italianos na

Solução Final. O comandante da Polícia de Segurança alemã (Sipo) e o Serviço de Segurança (SD) de Roma cobraram um resgate pelos judeus locais. Exigiram cinquenta quilos de ouro em troca da segurança da comunidade judaica de Roma. A coleta teve lugar na sinagoga de Roma, nas margens do Tibre. Muitos romanos não judeus também contribuíram. Um pedido de ajuda ao Vaticano, no entanto, não conseguiu arrancar mais do que uma escassa oferta de um empréstimo. Fundiram o metal, daí resultando doze lingotes. «Enviei o ouro para Kaltenbrunner, porque naquela altura os nossos serviços de espionagem não tinham fundos suficientes e havia necessidade urgente de lhes proporcionar mais meios», explicou Kappler durante o julgamento de Eichmann. Poucos dias depois, chegou a Roma o capitão Theodor Dannecker, um enviado de Eichmann, com ordem expressa para «iniciar a operação de busca e captura de todos os judeus da cidade».

Embora em finais de setembro de 1943 a comunidade judaica tenha entregado o resgate, os alemães continuavam a pensar em deportar todos os judeus de Roma. A SS confiscou o registo dos judeus romanos, que se encontrava na sinagoga principal da cidade. As deportações começaram em meados de outubro de 1943. Entre os dias 16 e 17 de outubro, a SS capturou quase um milhar de judeus, levando-os para um colégio militar situado no centro de Roma. Dias depois, a SS deportou mais de 1000 para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Outras detenções posteriores terminaram com a deportação para Auschwitz de cerca de outros 800 judeus romanos. Terminada a guerra, muito poucos regressaram à Itália. Segundo a historiadora Susan Zuccotti, na sua obra *Under his very Windows. The Vatican and the Holocaust in Italy*, Erich Priebke teve muito a ver com estas deportações⁸. Desde

outubro de 1943 até maio de 1944, Erich Priebke controlou as linhas de comunicação com o Vaticano; nunca, porém, chegou qualquer mensagem, qualquer pedido do papa Pio XII. Não houve nem uma única declaração pública do Sumo Pontífice sobre as detenções de judeus romanos que estavam a acontecer mesmo por baixo das suas próprias janelas. Dos quase 7500 judeus romanos deportados para os campos de extermínio durante a guerra apenas regressaram 600.

Se o papel de Erich Priebke na detenção e deportação de judeus de Roma para Auschwitz não está muito claro, do que não há qualquer dúvida é do seu papel ativo no massacre das Fossas Ardeatinas. Talvez os crimes de guerra de Priebke não cheguem à magnitude dos de Franz Stangl ou de Gustav Wagner, mas foram, no entanto, mais hediondos. A 24 de março de 1944, os nazis executaram 335 reféns italianos como represália pelo atentado em que morreram 33 polícias alemães pertencentes à 11.^a companhia do 3.º batalhão do Polizeiregiment Bozen.

O atentado, ocorrido no dia anterior, aconteceu em Roma, na via Rasella, quando explodiu uma bomba dos patriotas do GAP (*Gruppi di Azione Patriotica*). O ataque produziu tamanho choque entre as forças alemãs que chegou aos ouvidos do próprio Adolf Hitler, que naquela altura se encontrava no seu quartel-general da Toca do Lobo, na Prússia Oriental. «A nossa vingança há de ser tão grande que nunca será esquecida», disse o próprio *Führer*. Depois da intenção inicial de bombardear a Cidade Eterna, Hitler mandou executar trinta italianos, um por cada alemão morto no atentado. Quando, porém, a ordem chegou a Roma, a *ratio* tinha-se elevado para dez italianos por cada alemão morto⁹.

Algumas fontes afirmam que o aumento 10:1 tinha sido ideia do *Obersturmbannführer*-SS Herbert Kappler, que já ocupava o seu cargo havia um ano como número um da Sicherheitspolizei (SD) em Roma. Decidiu-se que as vítimas desta represália seriam escolhidas entre os delinquentes condenados à pena de morte na prisão de Regina Coeli. O problema era que havia apenas três presos pertencentes a tal categoria. Como resultado, ampliou-se a seleção a outros cárceres romanos e incluíram-se reclusos condenados a outras penas, a fim de se encontrarem outros «dignos de morrerem».



Imagem do atentado na Via Rasella, minutos depois de ter acontecido.

«Durante toda aquela noite, procurámos nos arquivos e não conseguimos encontrar um número suficiente de pessoas para completar o número requerido para a execução», recorda Priebke. Fez-se nova busca, abrangendo desta vez os que tinham cometido

«ofensas» contra as tropas alemãs, os que tinham sido descobertos na posse de armas de fogo ou de explosivos, ou ainda os que tinham sido líderes de movimentos clandestinos¹⁰. Finalmente, conseguiu-se reunir o número requerido e, às dez horas da manhã seguinte, Kappler convocou os seus oficiais.

[Kappler] disse que, como o comandante do regimento da polícia cujos homens tinham sido mortos no atentado se recusara a levar a cabo a execução, os homens do quartel-general da via Tasso seriam os verdugos. Disse que, como era uma coisa horrível de fazer e para mostrar aos homens que tinham o apoio de todos os oficiais, estes disparariam um tiro ao princípio e outro tiro no fim.¹¹



Tropas alemãs e italianas a deterem civis italianos em frente do Palácio Barberini, em Roma, em março de 1944.

Ao meio-dia, os homens da SS dispuseram-se a realizar a sua horrível tarefa. Quando chegaram ao complexo das Fossas Ardeatinas, uma minas abandonadas situadas nos arredores de

Roma, encontraram as suas vítimas preparadas para a execução, com as mãos atadas atrás das costas. O homem que as tinha trazido até ali era Erich Priebke; enquanto se produziam os disparos, também era Priebke quem metodicamente conferia na sua lista os nomes das vítimas¹². Os prisioneiros entravam até ao fundo da caverna em grupos de cinco, juntamente com igual número de membros da SS. Ali, os prisioneiros eram obrigados a ajoelhar-se e davam-lhes um tiro na nuca. E assim sucessivamente, grupo após grupo. Os cadáveres das vítimas iam-se amontoando à medida que se sucediam os grupos de executados. Como a pilha de corpos ia aumentando, as vítimas seguintes eram obrigadas a subir para cima do monte de cadáveres antes de serem também executadas.

Além de conferir a sua lista, Priebke desempenhou um papel mais direto no massacre, e deu um tiro num homem do segundo ou terceiro grupo que entrou no interior da caverna, assim como noutra, no final do dia. Nem todos os homens da SS estiveram dispostos a cumprir a tarefa. Herbert Kappler recordava a forma como tinha convencido um dos seus oficiais, o *Hauptsturmführer*-SS Wetjen, a disparar. «Falei com ele de camarada para camarada e entrei com ele na caverna para disparar outro tiro a seu lado, ao mesmo tempo que ele», declarou Kappler perante o tribunal que o julgava em Roma por crimes de guerra ocorridos em solo italiano, durante a Segunda Guerra Mundial¹³. Não obstante, parecia não ser obrigatório tomar parte no massacre. Quando chegou a vez do *Untersturmführer*-SS Günter Amonn, de 37 anos, este descobriu que não conseguia disparar o tiro na nuca do prisioneiro que o tinham mandado executar:



As Fossas Ardeatinas na atualidade, com o mausoléu erigido em memória das vítimas do massacre.

Levantei a metralhadora mas tinha muito medo de disparar. Os outros quatro soldados alemães que estavam ao meu lado dispararam um tiro cada um na nuca dos quatro prisioneiros que caíram para diante. Ao ver o estado em que eu me encontrava, outro alemão afastou-me para o lado e disparou ele contra o prisioneiro que eu devia executar.

Parece que Amonn não foi castigado por se ter negado a disparar, o que significa que aqueles que, como Priebke, o fizeram, não podiam alegar que não tinham escolha. Amonn poderia ter mentido sobre a sua recusa de participar no massacre, mas o certo é que não foi incluído por Kappler na lista dos que participaram. Ao fim do dia, a caverna foi dinamitada e os SS regressaram às suas tarefas na Villa Massino. «As represálias tinham sido levadas a cabo [...]. Sei que foi muito duro para alguns de vocês; neste caso, devem ver o sucedido sob a ótica da guerra. O melhor para todos vocês é irem apanhar uma bebedeira», disse Herbert Kappler aos seus homens depois do massacre.



Ficha de detenção de Herbert Kappler.

O verdadeiro alcance do massacre só se tornou público quando a Itália foi libertada, quando se abriu a vala e os forenses italianos começaram a árdua tarefa de identificar os cadáveres. No total encontraram-se 335 corpos. Durante o julgamento pelo massacre das Fossas Ardeatinas, soube-se que os responsáveis da Gestapo tinham feito mal as contas: havia cinco prisioneiros a mais. Quando descobriram o erro, Kappler conversou com Priebke e decidiram que esses cinco prisioneiros não podiam ficar vivos. Tinham visto demais.

A 4 de junho de 1944, os Aliados entraram em Roma, expulsando as forças invasoras. Erich Priebke fugiu para Verona e ali continuou a trabalhar para a Gestapo até 31 de agosto de 1944. Segundo a sua folha de serviço da SS, Priebke recebeu uma chamada de Himmler convocando-o para uma reunião urgente em Berlim. Muito se tem especulado sobre essa reunião; mas, segundo

declarou o próprio Priebke em 1996, foi convocado apenas como intérprete para «acompanhar um parente de Mussolini que precisava de ser internado num hospital alemão». Uki Goñi, autor de *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Peron's Argentina*, afirma que Priebke participou nas rusgas para detenção de judeus em Roma onde, pelo menos, assinou a deportação de dois judeus italianos, Isaac Taglicozzo e Mario Sonnino, e que, desde a primavera de 1940, tinha sido destinado ao departamento de Assuntos Judaicos por ordem de Adof Eichmann.

Erich Priebke foi detido pelas tropas norte-americanas na cidade de Bolzano, no norte da Itália, a 13 de maio de 1945.

A minha mulher estava comigo quando bateram à porta. Um soldado norte-americano disse: «Daqui a meia hora, desça com uma mala e uma manta.» Deixaram que a minha mulher e os meus filhos ficassem, mas a mim meteram-me num grande camião. À medida que avançávamos, alguns italianos gritavam-nos: «*Tedeschi!*» e faziam-nos manguitos e gestos de cortar o pescoço.¹⁴

Durante os vinte meses seguintes, Priebke permaneceu num campo de prisioneiros de guerra, onde foi finalmente interrogado a 28 de agosto de 1946 pelo massacre das Fossas Ardeatinas. Priebke reconheceu completamente o seu papel no massacre e a sua responsabilidade em dois assassinatos. «Não neguei nada no meu interrogatório. Ninguém pode ser declarado culpado, porque naquela altura eram permitidos atos de represálias a todos os exércitos», dizia ele anos depois.

O mais curioso de tudo é que a contrainteligência britânica não lhe fez mais perguntas, nem o submeteu a mais interrogatórios, apesar de, em janeiro de 1946, a mulher de uma das vítimas ter

escrito à Comissão Aliada, a reclamar justiça. Misteriosamente, os britânicos ignoraram a ordem de detenção expedida pelos italianos contra Priebke, com data de 25 de novembro de 1946.

Pouco mais de um ano depois, Priebke foi transferido para um campo de prisioneiros em Rimini. Um dos seus companheiros ali era o SS-*Obersturmbannführer* Walter Rauff, o inventor das câmaras de gás móveis, que demonstrava abertamente estar a ser ajudado pelo bispo Alois Hudal. Rauff tinha arranjado um corta-arame, mas não chegou a utilizá-lo. No Natal, chegou ao campo de prisioneiros um grande camião para projetar um filme para os reclusos. «O filme terminou por volta da meia-noite. Um oficial trouxe-me o corta-arame e disse-me: “Cumprimentos do coronel [Rauff].” E aconteceu que o coronel, que era um homem pequeno, se escondeu debaixo do camião do cinema e assim se evadiu», explicaria Priebke anos mais tarde.

Durante as semanas seguintes, o antigo oficial da Gestapo elaborou um plano de fuga, assim como a rota que devia seguir logo que conseguisse escapar do campo de prisioneiros. A altura adequada seria a noite de Ano Novo e o local escolhido seriam as latrinas, situadas na zona dos prisioneiros cossacos. Priebke e outros quatro oficiais alemães tinham arranjado uma garrafa de vinho que pensavam oferecer aos cossacos para que estes não suspeitassem de nada. Os cinco alemães envergavam quatro casacos de soldados ustachis, prisioneiros de guerra encerrados em Campo Afragola, e um sobretudo de oficial britânico.

Às duas horas da madrugada, os russos disseram-nos que estava na hora de irmos. Tinham o urinol fora, perto da estrada. Havia um grande foco de busca, situado na estrada e tivemos de cortar o cabo bastante perto do guarda de vigia. Estava muito frio e tivemos de pôr alguma coisa no chão. Um dos

meus homens, um *Unteroffizier* (suboficial) que já tinha feito três tentativas de fuga, disse: «Bem, meu capitão, sou o homem que sabe como cortar o cabo!» Voltou em pouco tempo e eu tomei a dianteira todo o caminho. Estava escuro e, quando me encontrava perto da torre de vigia, ouvi passos. Estavam a render a guarda. Cheguei ao buraco que tinha feito no arame farpado e vi que era suficiente para um gato, mas não para mim. De forma que tive de deixar o meu sobretudo bom do outro lado da cerca. Agarrei no que era necessário e atravessei a estrada. Evidentemente, o guarda podia ter disparado a qualquer momento. Foi muito perigoso. Finalmente cheguei ao outro lado. Perto do caminho havia um charco de água e tive de me estender em cima dele. Foi então que tive de fazer as minhas necessidades e muito depressa! Vieram depois os outros homens e dirigimo-nos a Rimini, que ficava a uma hora de distância. E foi assim que consegui fugir.¹⁵

A primeira porta a que bateram foi a da residência do bispo de Rimini, Luigi Santa, um dos amigos do bispo Alois Hudal. Infelizmente para os fugitivos, o bispo estava ausente e mandaram-nos para um convento próximo. «Abriram-nos a porta e levaram-nos para uma sala. Não havia muito para comer, mas deram-nos o pouco que tinham. No dia seguinte, todos os que nos tínhamos evadido decidimos seguir cada um o seu caminho. Era mais seguro viajarmos sozinhos do que em grupo», recordaria Priebke. O antigo oficial da Gestapo entregou dinheiro aos companheiros para poderem viajar de comboio, o que ele também fez, dirigindo-se para o norte, para Bolonha. Daí seguiu de autocarro para Vipiteno, onde se apeou, com receio de se encontrar com um «comité de boas-vindas» no seu destino final. Em vez de ir para casa da sua mulher, Priebke dirigiu-se para a casa do sacerdote local, onde encontrou a dona da casa, que ficou encantada por vê-lo. O padre Johann Corradini escondeu-o durante duas semanas. No seu refúgio seguro, Priebke pôde reunir-se várias vezes com a esposa, que lhe

levava os dois filhos. «Vamos ver o tio Karl», dizia Alice Priebke aos filhos.

Erich Priebke e a sua família permaneceram em Vipiteno até outubro de 1948. Durante este período, alguns dos responsáveis pelo massacre das Fossas Ardeatinas foram levados a julgamento e condenados a penas diversas, alguns inclusive à pena de morte. O marechal Albert Kesselring, responsável máximo da Wehrmacht na Itália, foi condenado à morte por crimes de guerra, mas a sentença acabou por ser comutada; seria posto em liberdade em 1952. O general Eberhard von Mackensen foi condenado à morte em 30 de novembro de 1946, por ter ratificado a decisão de Kappler do famoso 10:1, que deu lugar ao massacre das Fossas Ardeatinas. Em 1947 a sentença foi comutada em prisão perpétua e em 1952 foi posto em liberdade. O general Kurt Mälzer, responsável máximo pelas forças alemãs e da SS em Roma foi condenado à morte, mas a sentença foi comutada em prisão perpétua; Mälzer acabou por morrer na prisão a 24 de março de 1952. O *SS-Gruppenführer* Wilhelm Harster, comandante do SD na Itália, foi julgado em 1949 por crimes de guerra ocorridos na Itália, mas foi posto em liberdade em 1953. O tenente-coronel da SS Karl Hass conseguiu evitar na altura ser responsabilizado pelo no massacre, mas em 1998 foi novamente julgado e condenado a prisão perpétua. Devido à sua idade avançada, Hass cumpriu a sentença numa casa propriedade do Vaticano, em Castel Gandolfo, muito perto da residência de verão dos sumos pontífices. Por seu lado, Pietro Caruso, chefe da polícia fascista e um dos colaboracionistas mais fiéis dos alemães – de facto, um dos que ajudaram a elaborar as listas dos que deviam ser executados nas Fossas Ardeatinas –, foi julgado e condenado à

morte por crimes de guerra e alta traição. Morreu fuzilado a 22 de setembro de 1944, em Forte Bravetta¹⁶.



Execução de Pietro Caruso, chefe da polícia fascista.

Embora os Aliados tenham conseguido levar a julgamento e condenar um bom número de responsáveis por crimes de guerra cometidos pelo nazismo, mesmo assim não ficaram satisfeitos. A 26 de setembro de 1947, o grupo britânico de crimes de guerra no sul da Europa distribuiu uma lista com os nomes de seis oficiais da SS procurados pelas suas ligações com o caso do massacre das Fossas Ardeatinas. Três deles nunca foram capturados, enquanto os outros, incluindo Priebke, conseguiram escapar. Com efeito, os britânicos tinham mantido Priebke num campo de prisioneiros de guerra em Rimini, de onde ele tinha conseguido fugir. No entanto, parecia que os britânicos iam conseguir uma segunda oportunidade: a divisão norte-americana de crimes de guerra na Áustria informou-os de que Erich Priebke vivia tranquilamente na localidade italiana

de Vipiteno. Quando os britânicos receberam esta informação, anotaram na sua ficha: «Provavelmente localizado. Proceder à sua detenção o mais tardar a 31 de outubro de 1947.» Contudo, quando foram buscá-lo, Priebke tinha desaparecido¹⁷. Alguém o tinha avisado das intenções dos britânicos.

«Um dia, ouvimos boatos de que os ingleses estavam a preparar uma grande rusga contra fugitivos alemães, de maneira que fiquei escondido numa aldeiazinha das montanhas, onde estive durante quatro meses», recordaria Priebke. Novamente a Igreja Católica saiu em ajuda do antigo criminoso de guerra, quando o padre Corradini escreveu alarmado ao bispo Alois Hudal. Não está muito claro qual foi a resposta de Hudal, mas o certo é que, em fevereiro, um franciscano, o padre Pobitzer, chegou a Vipiteno para ajudar os Priebke. Recolheu Alice Priebke e os seus dois filhos, levando-os para o convento franciscano de Bolzano. Pobitzer explicou-lhes que a melhor oportunidade para a família era obterem documentos de identidade britânicos ou passaportes da Cruz Vermelha. O padre Pobitzer disse a Alice Priebke que tinha uma série de contactos em Roma que talvez pudessem ajudá-los a contactar com o quartel-general da Cruz Vermelha naquela cidade¹⁸.

O que Pobitzer fez foi enviar uma carta ao bispo Hudal. A carta encontra-se nos arquivos de Santa Maria dell'Anima de Roma e nela fala-se de Priebke e da sua família. O religioso franciscano recomenda inclusive na carta que a organização de Hudal se ponha em contacto com os Priebke, sempre através dele. Na carta enviada pelo padre Johann Corradini aparece o apelido Pape, o nome dado pela organização do Vaticano à família Priebke para ajudá-los a escapar. Erich Priebke garantiu anos mais tarde que aquele apelido não foi escolha sua. Na falsa declaração para a Cruz Vermelha,

dizia-se que Alice, Georg e Inge Priebke tinham nascido em Riga e que eram deslocados.

Por seu lado, Priebke foi ajudado por um fascista italiano chamado Alfredo Beccherini, com quem se tinha reunido em Brescia em abril de 1945. Beccherini tinha conseguido fugir para a Argentina e daquele país sul-americano tinha-lhe escrito para Vipiteno, garantindo que lhe conseguiria os vistos de entrada para ele, para a mulher e para os dois filhos. «Pouco tempo depois, o padre Pobitzer chegou um dia ao meu esconderijo e entregou-me um grosso sobrescrito com quatro passaportes em nome da família Pape. Protestei alegando que não queria mudar de nome, mas o religioso disse-me que provavelmente tinha sido coisa dos argentinos para que ninguém pudesse acusá-los de conceder asilo e refúgio a criminosos de guerra», segundo recordava Priebke na sua autobiografia¹⁹. Em Roma, estavam a levar-se a cabo outros preparativos para a família Priebke. A 26 de julho de 1947, a Pontifícia Comissão de Assistência (PCA) usou o nome de Otto Pape para emitir um documento do Vaticano com o número PCA9538/99. A partir desta identidade, Alois Hudal obteve os passaportes da Cruz Vermelha. No início de setembro, toda a família estava preparada para partir rumo ao sul do continente americano. Protegido ainda pelo Vaticano, Priebke viajou para Roma com a nova identidade. Foi o padre Pobitzer quem lhe disse onde devia dirigir-se. «Eu devia ir ver Alois Hudal [...]. Era um cavalheiro muito amável. Quando lhe disse quem eu era, respondeu-me: “Oh! Isso faz com que seja para mim um prazer muito especial ajudá-lo. Para mim é um prazer ajudar quem no passado considerei meu adversário.”» A reunião com o religioso foi muito breve. «Depois de me entregar os passaportes da Cruz

Vermelha, regressei a Vipiteno com a minha mulher e os meus filhos, até receber novas instruções», declarou o próprio Priebke.

A 26 de julho de 1948, a Pontifícia Comissão para a Assistência (PCA) em Roma expediu um documento para Erich Priebke em nome de Otto Pape, com o número PCA9538/99. Nesse mesmo dia, o documento do Vaticano foi utilizado para conseguir um passaporte da Cruz Vermelha. Quando, em 1994, se descobriu que Priebke estava na Argentina, o padre Graham, historiador do Vaticano, reconheceu que o bispo austríaco Hudal «pode ter facultado dinheiro e cartas de recomendação ao capitão da SS».

O passo seguinte seria Génova, onde toda a família devia embarcar rumo à Argentina. A sua passagem por Génova esteve prestes a acabar em desastre. Quando Erich Priebke apresentou os seus documentos ao funcionário argentino que devia carimbá-los, este informou-o de que apenas dois dias a Argentina tinha decidido deixar de receber refugiados de países procedentes do outro lado da Cortina de Ferro. Na documentação que lhes tinham arranjado figurava Riga, capital da Letónia, como lugar de nascimento de Alice Priebke e dos seus filhos. Má escolha. Um amigo do antigo oficial da Gestapo, que trabalhava na empresa naval Italmar, tentou resolver o problema, mas já era tarde para a família Priebke: o navio em que deviam fugir já tinha partido. O incidente foi resolvido pelo padre Karlo Petranovic, agente de Krunoslav Draganovic em Génova. Petranovic tinha reservado dez lugares para uns criminosos croatas que deviam ter chegado nessa mesma manhã ao porto italiano, mas que acabaram por não comparecer. Petranovic facultou quatro lugares no navio *San Giorgio* aos membros da família Priebke²⁰. O criminoso de guerra e a sua família iam partir finalmente do porto italiano a 23 de outubro de 1948. Erich Priebke revelaria anos depois na sua autobiografia:

Enquanto a tripulação soltava as amarras, e os nossos amigos iam ficando cada vez mais pequenos à medida que o navio se afastava, profundos sentimentos embargavam-me a alma. Quando, na década de 1920, estive a trabalhar na costa da Ligúria, conheci um agricultor que tinha vivido nas colinas de Rapallo e que todos os dias levava verduras a um restaurante. Disse-me que um dia faria uma festa para comemorar a sua mudança para Valparaíso. «Para onde?», perguntei eu. «Para o Chile, no oceano Pacífico.» A ideia de que um homem com quem lidava com amiúde acabaria dias depois, para sempre, do outro lado do mundo, deixou-me consternado.²¹

Os documentos de entrada na Argentina em nome de Otto Pape foram registados com o número 211712/48. O número seguinte, 211713/48, foi registado em nome de um tal Helmut Gregor, um homem que tinha passado os últimos anos a separar batatas numa quinta da Baviera. Sob a identidade de Helmut Gregor ocultava-se Josef Mengele, que, de 1945 a 1948, se tinha escondido numa quinta na cidade de Mangolding e raras vezes se aventurava além da vala de acesso à quinta, a não ser que fosse de noite.

Em finais de 1948, o tenente-coronel da SS Herbert Kappler seria condenado pelo massacre das Fossas Ardeatinas. Outra acusação que pairava sobre ele era a organização da rusga para capturar mais de dois mil judeus romanos que foram enviados para Auschwitz. Erich Priebke e o seu chefe Kappler tinham-se apropriado de quase cinquenta quilos de ouro, pertencentes à comunidade judaica de Roma²².

Em 1947, Kappler, que tinha conseguido esconder-se no interior do Vaticano, foi detido pelas tropas britânicas e entregue às autoridades italianas a fim de ser julgado por um tribunal militar, no mesmo edifício onde o oficial nazi tinha alojado os judeus de Roma enquanto aguardavam o envio para as câmaras de gás. Face às acusações, alegou em sua defesa «não ter feito nada mais do que cumprir ordens superiores e que, portanto, os seus atos não eram puníveis». De qualquer modo, Kappler foi condenado a prisão perpétua e a outros quinze anos adicionais por extorquir e espoliar ouro aos judeus romanos. Herbert Kappler entrou na prisão militar de Forte Boccea para cumprir a sentença. O tribunal de cassação rejeitou pouco depois um apelo de Kappler, que, em 1959, pediu ao presidente da República italiana que o autorizasse a visitar as Fossas Ardeatinas, local do massacre, e a permanecer ali o tempo

necessário para prestar homenagem às vítimas. O pedido foi recusado, assim como os nove requerimentos de absolvição que o preso Herbert Kappler apresentou de 1963 a 1970.

O presidente da República Federal da Alemanha, Gustav Heinemann, apresentou um requerimento de clemência a favor de Kappler: outros três foram apresentados por Helmut Schmidt, aproveitando também a confusão criada à volta dos apelos a favor da libertação de Kappler, feitos por sua mãe na Alemanha. Em 1975, foi diagnosticado um cancro ao antigo responsável pelo SD em Roma, o que motivou a sua transferência para um hospital militar. Numa visita que a esposa de Kappler fez ao marido, em agosto de 1977, o criminoso de guerra conseguiu evadir-se escondido numa grande mala que a mulher tinha levado. Kappler, que naquela altura pesava apenas 40 quilos, contou sem dúvida com ajuda do interior. Depois da sua fuga, Kappler morreu em Soltau, a 9 de fevereiro de 1978, com 70 anos de idade.

Muitos historiadores têm criticado a atuação do papa Pio XII, que conhecia a decisão de os alemães de levarem a cabo o massacre das Fossas Ardeatinas. Por exemplo, Robert Katz, na sua obra *La batalla de Roma. Los nazis, los aliados, los partisanos y el Papa: septiembre de 1943 – junio de 1944*, critica a passividade do Sumo Pontífice e o seu silêncio, por não ter pedido às autoridades da ocupação alemã que adiassem a execução, na esperança de que o adiamento aplacasse o desejo de vingança dos alemães ou permitisse ganhar tempo até que os Aliados conquistassem Roma. «Não chegou nenhum pedido de clemência do Vaticano», confessaria anos depois Erich Priebke²³.

A família Priebke-Pape chegou ao porto de Buenos Aires três semanas depois de ter partido de Génova. Ao desembarcar em solo

argentino, o antigo capitão da SS declarou às autoridades da imigração que a sua profissão era mordomo. Os seus primeiros trabalhos em Buenos Aires seriam como empregado de copa num hotel de três estrelas e como empregado de mesa no restaurante Adam, de cozinha alemã²⁴.

Em 1949, o presidente Juan Domingo Perón dava mais um passo para legalizar a situação dos criminosos de guerra que se tinham acoitado em solo argentino. Em julho desse ano, foi decretada uma amnistia especial para todos os estrangeiros que tinham entrado na Argentina utilizando métodos não legais ou ilegais. A única condição era apresentar duas testemunhas argentinas e algum documento que demonstrasse ter entrado no país antes do dia 8 de julho de 1949. Em poucos dias, um grande grupo de «imigrantes» com apelidos alemães, italianos ou croatas faziam fila diante da Direção-Geral das Migrações para reclamar as suas verdadeiras identidades. Otto Pape (Erich Priebke) declararia em 6 de outubro de 1949 que «tinha vivido na embaixada alemã em Roma até ao fim da guerra e que depois tinha viajado para a República da Argentina graças à mediação de organizações católicas». Como provas documentais, Priebke apresentou o seu passaporte da Cruz Vermelha e o seu passaporte alemão número 249, emitido em Berlim em 1941. Um alto funcionário argentino das migrações assinou a autorização para a mudança de nome de Otto Pape para Erich Priebke²⁵.

Durante os anos seguintes, Priebke viveu numa modesta casa do bairro de Belgrano, até que, em 1954, um amigo o aconselhou a mudar-se para Bariloche, um tranquilo centro turístico situado na Patagónia meridional, muito parecido com as paisagens da Baviera ou da Suíça. Ali tinha-se já instalado Reinhard Kopps, outro oficial

da SS e o homem de Alois Hudal na Argentina. Na Itália, enquanto Herbert Kappler continuava a cumprir a sua pena de prisão perpétua por crimes de guerra, o nome de Priebke continuava a manter-se no esquecimento. Já iniciada a década de 60, Erich Priebke tornou-se um próspero homem de negócios. Viajava frequentemente em negócios pela Alemanha, Estados Unidos, Suíça e inclusive Itália. Os vizinhos de Bariloche referiam-se ao criminoso de guerra como «don Enrico». Priebke era um cidadão exemplar, muito respeitado na comunidade; tinha dirigido a Associação Cultural Germano-Argentina de Bariloche e também a Escola Alemã, de que foi fundador. Priebke orgulhava-se não só do milhar de estudantes que frequentavam as suas aulas, mas também de que muitos deles eram judeus²⁶. Também era proprietário da charcutaria alemã Viena, uma das melhores da cidade.

Em 1991, publicou-se o livro *El pintor de la Suiza argentina*, escrito pelo jornalista Esteban Buch. Nas suas páginas, o próprio Priebke reconhecia a sua participação no massacre das Fossas Ardeatinas e confessava que «tinha executado dois prisioneiros» e, referindo-se à sua fuga para a Argentina, afirmava: «Naquela altura, a Argentina era para nós um paraíso. Desde que aqui estou, ninguém disse uma palavra sobre política. É um tema tabu. É assim que se comporta a nossa gente. Levo uma vida muito tranquila neste país.»²⁷ Tudo isso, porém, iria mudar em 1994: uma equipa do programa *Primetime*, do canal norte-americano ABC, localizou Reinhard Kopps, que também vivia em Bariloche com o nome de Juan Maler.

O jornalista Sam Donaldson pôs o microfone diante de Maler e obrigou-o admitir que ele era o antigo SS Reinhard Kopps. Talvez por ter maior relevância, Kopps afirmou a Donaldson que «um dos

piores criminosos de guerra, Erich Priebke, também vivia ali». O jornalista conseguiu localizar Priebke sem grandes problemas. «Você é um dos principais responsáveis pelo massacre das Fossas Ardeatinas?», perguntou Donalson. O antigo criminoso de guerra respondeu tranquilamente sem hesitar: «Eram coisas que aconteciam, sabe? Naquela altura, uma ordem era uma ordem, jovem. Percebe?»²⁸

A emissão do programa nos Estados Unidos provocou um autêntico terramoto político em diversas capitais do mundo. Em breve o então vice-cônsul italiano em Bariloche viu-se obrigado a demitir-se quando reconheceu perante o seu então ministro de Assuntos Exteriores, Antonio Martino, da Forza Italia, que sabia que Erich Priebke se encontrava ali escondido, mas «que tivera receio de o denunciar». Em maio desse ano, o ministro Martino entregou ao seu homólogo argentino, Guido di Tella, o pedido de extradição para a Itália. O governo de Carlos Menem não queria problemas com o governo de Silvio Berlusconi, muito menos por um assunto de nazis ocorrido mais de meio século antes. Apesar de um juiz federal argentino ter declarado nulo o pedido, por os delitos supostamente cometidos por Erich Priebke terem prescrito, o procurador militar italiano Antonio Intelisano alegou que, segundo a legislação internacional, os crimes de guerra e os crimes contra a Humanidade não prescrevem. A Corte Suprema da Argentina decidiu que o procurador Intelisano tinha razão e que, como tal, Priebke era extraditável. Em novembro de 1995, o criminoso de guerra foi metido num avião e enviado para Roma.

Depois de várias alegações do advogado de Priebke, finalmente, a 7 de março de 1998, o antigo capitão das SS e agente da Gestapo

em Roma foi condenado a prisão perpétua, pena que, devido à sua idade avançada – 85 anos – deveria cumprir em prisão domiciliária.

Durante todo o tempo que durou o julgamento, Erich Priebke residiu no convento de São Boaventura, nos arredores de Roma, sob a proteção da Igreja Católica, o mesmo refúgio utilizado por Adolf Eichmann para se esconder até poder fugir para a Argentina. Os principais meios de comunicação de todo o mundo foram descobrindo pouco a pouco a rota de fuga que tinha utilizado ao terminar a guerra²⁹.

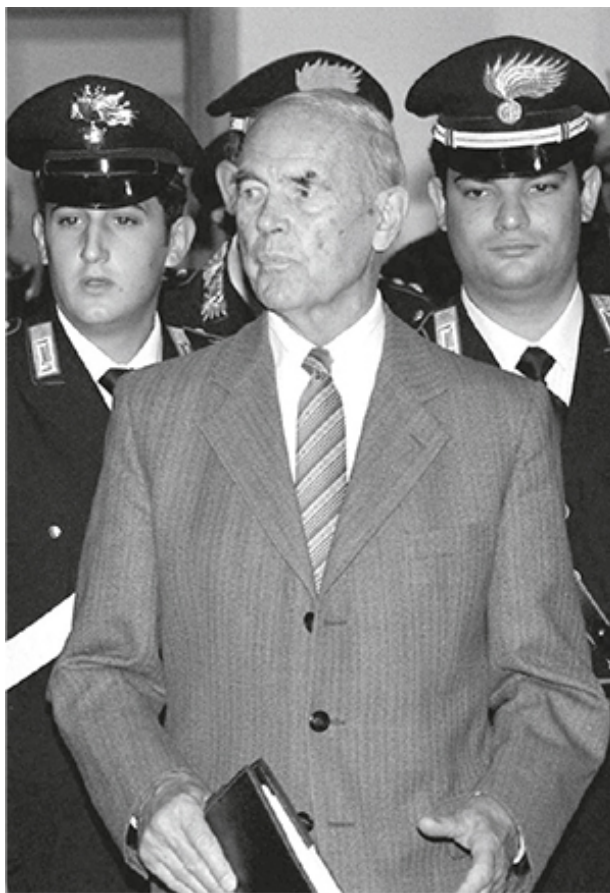


Priebke, escoltado por polícias argentinos, é extraditado para a Itália.

«Nunca fui antissemita [...]. Cresci em Berlim, onde tive amigos judeus, e a melhor amiga da minha mulher era judia», declarou Priebke perante o juiz, talvez à maneira de desculpa. Porém, a verdade é que esta afirmação vinha de um homem que tinha sido membro da SS, da Gestapo e do Departamento de Assuntos

Judaicos, no Gabinete Central de Segurança do Reich durante nove anos, que foi membro do Partido Nacional-Socialista durante doze anos e que ajudou – e isso ele admitiu – a reunir 73 judeus romanos para completar o número exigido por Hitler para serem executados nas Fossas Ardeatinas. «Nunca me escondi. Vivi sempre com o meu verdadeiro nome. Se tivessem querido prender-me, poderiam tê-lo feito em qualquer momento, mas isso não interessava a ninguém», afirmou Priebke.

A 11 de outubro de 2013, Priebke morria aos 100 anos de idade, de morte natural. As suas últimas vontades expressaram o desejo de ser enterrado em solo argentino, junto da sua esposa Alice; no entanto, a presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner, recusou. Também a Alemanha não quis receber os restos mortais de Erich Priebke, com receio de que o local da sepultura se tornasse um centro de peregrinação para grupos neonazis.



Erich Priebke durante o seu julgamento na Itália por crimes de guerra.

A Sociedade de S. Pio X oficiou uma missa por alma de Priebke. Um dos seus religiosos, o padre Florian Abrahamowicz, declarou: «Priebke era um grande amigo, um cristão, um soldado da fé». Durante o serviço fúnebre, porém, estalaram violentos confrontos entre simpatizantes neonazis e manifestantes antifascistas. Por fim, a cerimónia fúnebre por Erich Priebke pôde ser concluída, embora sem a presença de nenhum dos seus familiares, visto que a família não pôde entrar em Roma devido aos distúrbios que se verificaram. Por fim, o caixão com o corpo do ex-capitão da SS foi confiscado pelas autoridades italianas e levado para uma base militar perto de Roma, para ser enterrado em local secreto. «[...] O acordo satisfaz

os requisitos familiares, éticos e espirituais», declarou o então advogado da família Priebke, Paolo Giachini.

-
- 1 Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.
 - 2 Elena Llorente e Martino Rigacci, *El Ultimo Nazi*, Sudamericana, Buenos Aires, 1998.
 - 3 Vide a documentação da SS de Erich Priebke, NARA, SSOK 393.^a; Elena Llorente e Martino Rigacci, *El Ultimo Nazi*, Sudamericana, Buenos Aires, 1998.
 - 4 Mark Aarons e John Loftus, *Ratlines: The Vatican's Nazi Connection*, Arrow, Nova Iorque, 1991.
 - 5 Eugen Dollman, *Roma Nazista, 1937-1943*. RCS Libri, Milão, 2002.
 - 6 Greg Annussek, *Hitler's Raid to Save Mussolini*, Da Capo Press, Nova Iorque, 2005.
 - 7 Glenn B. Infield, *Skorzeny, Hitler's Commando*, Military Heritage Press, Nova Iorque, 1981.
 - 8 Susan Zuccotti, *Under his very Windows. The Vatican and the Holocaust in Italy*, Yale University Press, New Haven, 2002.
 - 9 ASMA, K44, Documento 602, GWDN: SM7.
 - 10 Richard Raiber, *Anatomy of Perjury: Field Marshal Albert Kesselring, Via Rasella, and the GINNY misión*, University of Delaware Press, Newark, 2008.
 - 11 UKNA, WO 310/137, GWDN.00186.
 - 12 UKNA, WO 310/137, GWDN. 00167.
 - 13 Mary Pace, *Dietro Priebke*, Piemme Editore, Milão, 1997.
 - 14 Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.
 - 15 Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.
 - 16 Robert Katz, *Death in Rome: The First Revelation of One of the Most Horrible and Still Controversial Episodes in World War II – The Ardeatine Caves Massacre*, The Macmillan Company, Nova Iorque, 1967.
 - 17 Esteban Buch, *El pintor de la Suiza Argentina*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1991.
 - 18 Erich Priebke e Paolo Giachini, *Autobiografía: Vae Victis*, Associazione Uomo e Libertà, Roma, 2003.
 - 19 Erich Priebke e Paolo Giacchini, *Autobiografia: Vae Victis*, Associazione Uomo e Libertà, Roma, 2003.
 - 20 Gerald Steinacher, *Nazis on the Run. How Hitler's Henchmen Fled Justice*, Oxford University Press, Oxford, 2011.
 - 21 Erich Priebke e Paolo Giachini, *Autobiografia: Vae Victis*, Associazione Uomo e Libertà, Roma, 2003.

22 Uki Goñi, *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Peron's Argentina*. Granta Books, Londres, 2002.

23 Robert Katz, *La batalla de Roma. Los nazis, los aliados, los partisanos y el Papa: septiembre de 1943 – junio de 1944*, Turner, Madrid, 2005.

24 Entrevista a Erich Priebke, diario *La Nación*, 12 de abril de 1998.

25 Archivo AGN, stp, Caixa 66, Livro 4, página 401.

26 Uki Goñi, *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Perón's Argentina*, Granta Books, Londres, 2002.

27 Esteban Buch, *El pintor de la Suiza argentina*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1991.

28 Programa *Primetime*, ABC News, 1994.

29 *Sunday Telegraph*, «Holocaust Gold Taints the Vatican», 27 de julho de 1997.

3

GUSTAV WAGNER

O Monstro de Sobibor

Quando Franz Stangl foi extraditado para a Alemanha Ocidental, em 1967, um antigo colaborador seu, Gustav Wagner, contactou do Brasil a esposa de Stangl, Theresa. Wagner tinha estado ao serviço com Stangl no castelo de Hartheim – um dos centros associados ao programa Aktion T4 –, foi seu subcomandante em Sobibor e companheiro de evasão entre a Áustria e a Itália. Disse a Theresa Stangl que a sua esposa tinha morrido e que precisava de dinheiro para poder enterrá-la. A princípio, Theresa negou; quando, porém, ele lhe confessou que estava deprimido e preocupado a pensar que Wiesenthal poderia visá-lo como alvo seguinte, cedeu, embora cada cêntimo que restava à família Stangl fosse destinado a pagar as despesas com a sua defesa na Alemanha. Wagner estava instalado a cerca de 45 quilómetros dos Stangl e tinha o hábito de aparecer em casa do seu antigo comandante sem avisar. Embora Franz Stangl o considerasse sempre bem-vindo, para a sua esposa Theresa Wagner era «uma pessoa vulgar e que não era bem-vinda a sua casa».

Depois de receber o dinheiro, Wagner propôs a Theresa que passassem a viver juntos, uma vez que ela jamais voltaria a ver o marido. A reação da esposa de Stangl foi expulsar com violência o nazi de sua casa. «Nunca mais soube nada dele», diria ela a Gitta Sereny, «apenas recebi uma chamada de condolências quando Franz morreu de um ataque cardíaco na prisão de Düsseldorf, em junho de 1971. Nunca me devolveu o dinheiro que lhe emprestei [...]. O meu marido era um homem decente, um homem que sempre cumpriu as suas obrigações [...]. Nunca pôs as mãos em cima dos prisioneiros. Quanto muito, talvez tivesse gritado com um ou dois deles. Esse Wagner, porém, era um sádico notório. E agora teve o descaramento de ligar para me pedir que case com ele!»¹ Depois de se despedir de Theresa, Wagner disse-lhe que pensava ir tentar a sorte no Uruguai².

Nos anos 60, quando Wiesenthal investigava a rota de fuga de Stangl, descobriu que o antigo *Kommandant* de Treblinka e de Sobibor tinha partilhado a rota de fuga com Gustav Wagner, a quem os prisioneiros chamavam «o Lobo» ou «o Monstro de Sobibor». Wagner viajou para Beirute e depois para o Brasil. Em 1967, quando Stangl foi extraditado para a Europa, Wiesenthal possuía nos seus arquivos a cópia de um passaporte da Cruz Vermelha e de um bilhete de identidade brasileiro, ambos em nome de Gustav Wagner.

Depois da captura de Stangl, vários contactos do caçador de nazis puseram-no em comunicação com um judeu milionário, sobrevivente do Holocausto. Durante um encontro em Nova Iorque, Simon Wiesenthal explicou-lhe que tinha localizado Gustav Wagner, vice-comandante do campo de extermínio de Sobibor, dizendo-lhe que, se o ajudasse financeiramente, poderia levá-lo perante a justiça. O milionário abriu a carteira, tirou uma nota de cinquenta

dólares e entregou-a a Wiesenthal. Este levantou-se, pôs a nota em cima da mesa e, antes de sair, disse: «Se eu pudesse prender Gustav Wagner por cinquenta dólares, não precisava de recorrer ao senhor. Se você é assim tão pobre, posso dar-lhe cem dólares [...]. Se Gustav Wagner tivesse muitos inimigos como você, não precisaria de amigos para o protegerem.»³ Dez anos depois daquela conversa, Wagner nem sequer aparecia na lista dos dez nazis mais procurados pela justiça internacional. Wiesenthal tentou por diversas vezes seguir o seu rasto em várias cidades através de amigos, mas sem resultados positivos.



Franz Stangl (a sorrir, ao centro da foto) e Gustav Wagner (à direita), em Sobibor.

Gustav Wagner foi colocado como vice-comandante do campo de extermínio de Sobibor. Era um indivíduo alto e bem-parecido, de nacionalidade austríaca, que, segundo afirmava, tinha participado nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, na categoria do

lançamento do dardo. Simon Wiesenthal comprovou não haver nenhum registo com o seu nome na equipa olímpica austríaca, mas sim nos registos de criminosos de guerra e da SS. Chamava-se Gustav Franz Wagner e tinha nascido em Viena em 18 de julho de 1911. O seu volumoso dossiê garantia que se tinha filiado no então ilegal Partido Nazi em 1931, com o número 443 217⁴. O próprio Wagner afirmou ter aderido ao Partido Nazi porque, embora fosse um soldado profissional, tinha-se sentido atraído pelo seu programa e pelo ideal da unidade dos povos de língua alemã. «Os meus amigos filiaram-se e o mesmo fizeram professores, médicos e homens de negócios», explicou Wagner numa entrevista concedida à BBC em 1979. Depressa foi preso por pintar suásticas e afixar cartazes com o rosto de Hitler. Em 1934, para evitar uma nova detenção pelo facto de pertencer a um «grupo de agitadores nacional-socialistas», o partido ajudou-o a atravessar a fronteira com a Alemanha. Em Berlim, iria juntar-se aos Camisas Castanhas de Ernst Röhm, mas depois da Noite das Facas Longas⁵, Wagner alistou-se na SS. Em 1940, já com o uniforme negro, deixou de pintar suásticas nas portas e lojas dos judeus e de pendurar cartazes de Hitler nas ruas de Viena: tinha encontrado trabalho em Berlim, concretamente nuns escritórios muito especiais localizados no número 4 da Tiergartenstrasse. Ali iria desenvolver um trabalho de escritório que o manteria afastado da frente oriental.



Cartão de filiado no Partido Nazi de Gustav Wagner.

Os escritórios onde trabalhava eram, na realidade, a sede central do programa Aktion T4, a partir do local onde se planificou o «sacrifício misericordioso» de deficientes físicos e mentais. Em nenhum momento Wagner chegou a afirmar que tinha sido forçado ou coagido de alguma forma a juntar-se ao programa. Gustav Wagner chegou ao Schloss Hartheim, um bonito castelo perto de Linz. Tratava-se de um antigo hospital psiquiátrico reconvertido num dos centros médicos associados ao programa de eutanásia T4, um laboratório para a prática do extermínio maciço. As desoladas famílias que tinham algum familiar «selecionado» para este programa eram convencidas pelos médicos nazis de que existia a possibilidade de medicação para o seu familiar; pedia-se-lhes que assinassem um documento autorizando as «intervenções» que, supostamente, iam melhorar o seu estado de saúde. Algumas semanas mais tarde, recebiam uma carta de condolências e, por vezes, uma urna com as cinzas do familiar supostamente falecido durante a intervenção destinada a aliviá-lo. Na realidade, o que acontecia era que, «sob a supervisão médica», os grupos de doentes mentais eram gaseados com monóxido de carbono ou eliminados mediante injeções letais.

Gustav Wagner afirmou à BBC que só descobriu a verdade depois da sua chegada. «Eu trabalhava no escritório, a tratar de burocracias. Descobri o que estavam a fazer, mas era a decisão dos médicos [...]. Não me senti bem, mas recordaram-me que tinha jurado guardar silêncio.»⁶ A imagem do fiel e obediente servidor do Estado, que cumpre a sua obrigação, apesar da sua relutância inicial, contradiz a descrição feita pelo próprio Wagner da sua reação quando assassinavam os inocentes: «Não pensava em nada do que estava a acontecer. Não vi como nem quando os matavam. Todos sabiam que não era um assunto agradável, mas era coisa dos médicos... Nunca discutíamos isso. Ao fim da tarde, acabávamos a jogar às cartas. Devo dizer que havia muitas raparigas jovens e outras... muita gente jovem e sã. Simplesmente, não se falava disso.»⁷

Wagner era um genocida reconhecido, com uma carreira paralela muito parecida com a do então seu chefe no campo de concentração de Sobibor, Franz Stangl, ainda que possuidor de um perfil inferior. No castelo de Hartheim, Wagner esteve colocado em serviço nos fornos crematórios, onde eram incinerados os corpos de todas as vítimas do programa de eutanásia. Após a sua chegada a Sobibor, em março de 1942, o agora SS-*Oberscharführer* (sargento) foi destinado à unidade de manutenção. Na realidade, o seu trabalho inicial foi dirigir as equipas de construção das instalações do campo: erguer os edifícios e as valas com arame, eletrificadas logo de seguida; cavar as trincheiras para evitar evasões; instalar campos de minas; fornecer o gás às câmaras e organizar a colocação de um pequeno tapume na via-férrea, para que os comboios pudessem sair da linha principal e libertar a sua carga o mais rapidamente possível para voltarem a circular com a mesma

rapidez, na linha principal. Sobibor foi um dos quatro centros de extermínio selecionados para a Operação, juntamente com Chełmno, Belzec e Treblinka. Foi o seu acesso à rede ferroviária e o facto de se encontrarem muito longe de grandes povoações que fez deles locais ideais para os arquitetos da Solução Final⁸.

Gustav Wagner foi testemunha de como milhares de pessoas saltavam e caíam dos vagões de gado e com frequência eram levados para o pátio de armas. Era ele quem decidia a que barracões os novos prisioneiros iam ser destinados. Por vezes, escolhia alguns para trabalharem na manutenção do campo no Acampamento Um, e mandava o resto para o Acampamento Três, supostamente para tomarem um duche. Pouco depois, foi nomeado responsável pelas câmaras de gás, em substituição de Hermann Michel⁹. Moshe Bahir, sobrevivente de Sobibor, durante o julgamento *in absentia* contra Gustav Wagner, descreveu-o desta forma:

Era um homem de boa aparência, alto e loiro, um ariano puro. Na vida civil era sem dúvida um homem bem-educado; em Sobibor, porém, era um monstro selvagem. O seu desejo de matar não tinha limites... Arrancava bebés dos braços das mães e despedaçava-os com as suas próprias mãos. Vi-o matar dois homens com a culatra de uma espingarda, por não terem seguido corretamente as suas instruções, visto que não percebiam alemão [...]. Lembro-me que uma noite chegou ao campo um grupo de adolescentes judeus de 15 ou 16 anos. O chefe do grupo era um jovem chamado Abraham. Após um longo e árduo dia de trabalho, o jovem caiu no catre e adormeceu profundamente. Wagner entrou repentinamente no nosso barracão; Abraham, que estava adormecido, não o ouviu chamar para se pôr de pé diante dele. Furioso, Wagner arrancou Abraham nu da sua cama e começou a agredi-lo com pancada por todo o corpo. Quando se cansou de bater, sacou do revólver e matou-o ali mesmo. Este espectáculo atroz foi levado a cabo diante de todos nós, incluindo o irmão mais novo de Abraham.¹⁰

Na sua visita a Sobibor, o próprio Heinrich Himmler agraciou Wagner com a Cruz de Ferro, pela «sua eficiência nos assassinatos em massa». O sargento da SS, a quem as vítimas do campo alcunharam de Monstro Humano ou Monstro de Sobibor, era um sádico insaciável, que se excitava estrangulando, agredindo, pontapeando ou assassinando as suas vítimas¹¹. «[...] por todos estes factos, [Wagner] era uma parte particularmente desagradável do trabalho», diria Franz Stangl, antigo chefe de Wagner, à jornalista Gitta Sereny.

«Ele [Wagner] não ia almoçar se não tivesse assassinado alguém nesse dia, com um machado, uma pá, ou qualquer outra coisa que tivesse à mão. Precisava de ver sangue nas mãos. Foi um anjo da morte. Para ele, torturar e assassinar era um prazer absoluto. Depois de assassinar alguém, via-se que ficava sempre bem-disposto», declarou um antigo prisioneiro de Sobibor. «Wagner não era um assassino de escritório. Era um dos piores e um dos mais sangrentos assassinos que se possa imaginar: ombros gigantescos, mãos enormes, a mais genuína representação de um homem da SS. Qualquer judeu que se atravessasse no seu caminho ia direto para a câmara de gás, onde Wagner o assassinava com as suas próprias mãos. Ele próprio estrangulava até à morte qualquer prisioneiro desnutrido, ou agredia-o com murros no estômago e logo espezinhava qualquer judeu esquelético. Usava a força bruta de um arruaceiro. Não de um atleta», disse Simon Wiesenthal sobre Gustav Wagner¹².

Gustav Wagner, como muitos outros criminosos de guerra, foi protegido por organizações do Vaticano, ligadas ao bispo Alois Hudal. O bispo pró-nazi justificava o nazismo, afirmando que ostentava uma poderosa cultura cristã, ainda que o nacional-

socialismo de Hitler desse realmente a impressão do contrário. O que interessava a este bispo católico austríaco era que os nazis se transformassem no grande instrumento de Deus na Terra para acabar com o demónio bolchevista. A 17 de outubro de 1936, o diário nazi *Westdeutscher Beobachter* apresentava na sua primeira página as ideias de Hudal. Os comentários antissemitas deste religioso eram diversos. «Limito-me a fazer o que a Igreja tem feito ao longo de mil e quinhentos anos», chegou a dizer Hitler ao bispo Wilhelm Berning. Hudal não teve vergonha de mostrar abertamente a sua admiração por Adolf Hitler, quando o líder nazi fez 50 anos, em 1939: «Lembra-te, Senhor, do nosso *Führer*, cujos desejos secretos Tu conheces melhor do ninguém», escreveu Hudal¹³.

O bispo Alois Hudal manteve sempre aberta a linha entre a Berlim de Hitler e a Roma de Pio XII; chegou inclusive a dizer-se que, em vésperas do início da Operação Reinhard, alguém garantiu a Hitler que o Papa não diria nada que pudesse provocar protestos por parte dos católicos alemães. O facto é que muitos em Berlim acreditavam firmemente em Alois Hudal e no poder que ele teria para fazer calar os possíveis protestos do Vaticano perante os massacres dos judeus na Europa.



Simon Wiesenthal, nos seus primeiros anos como caçador de nazis.

Wagner esfumou-se no ar no preciso momento em que o seu antigo *Kommandant*, Franz Stangl, chegou à residência vaticana de Santa Maria dell'Anima, no verão de 1948. No entanto, o seu caminho correria em paralelo com o do seu ex-chefe em Sobibor e em Treblinka.

Na primavera de 1978, num voo de Nova Iorque para Amesterdão, Wiesenthal lia placidamente um exemplar do *New York Daily News*, quando a sua atenção recaiu num artigo em que se falava de uma reunião de antigos nazis, que tivera lugar a 20 de abril para celebrar o 80.º aniversário de Adolf Hitler. Sob o lema «Não somos os últimos de ontem, somos os primeiros de amanhã», proclamava-se a criação de um Quarto Reich. A celebração, que

tinha durado três dias, tivera lugar no hotel Tyll, na província brasileira de São Paulo. Da capital holandesa, Wiesenthal ligou para Mario Chimanovich, correspondente do *Jornal do Brasil*, o periódico mais importante do país naquela zona, pedindo que lhe enviasse todas as fotografias tiradas nesse dia. Dias mais tarde, depois de regressar a Viena, esperava-o um volumoso sobrescrito com todas as cópias do material obtido durante a celebração nazi¹⁴.



O Colégio Teutónico Santa Maria dell'Anima, dirigido por Alois Hudal, onde se refugiaram criminosos de guerra, como Stangl ou Wagner.

Durante dias, e armado com uma lupa, Simon Wiesenthal dedicou-se a esquadriñar todas as fotografias, uma a uma, para ver se conseguia encontrar algum rosto parecido com o de Gustav Wagner. Irritado por não ter conseguido encontrar o nome de Wagner ou um rosto parecido com o do antigo vice-comandante de Sobibor, decidiu enganar o seu amigo Chimanovich: disse-lhe que o

tinha identificado numa das fotografias. A partir do dossiê e dos documentos que Wiesenthal lhe tinha enviado de Viena, Mario Chimanovich escreveu uma extensa reportagem publicada no *Jornal do Brasil*, a 27 de maio de 1978. As primeiras reações não se fizeram esperar. A opinião pública do Brasil desejava saber como era possível que o subcomandante do campo de concentração de Sobibor vivesse livremente há anos entre milhões de brasileiros. Gustav Wagner, cujas fotos da Cruz Vermelha e da identificação brasileira o transformaram num homem marcado, protestou a sua inocência e procurou a proteção da polícia brasileira¹⁵.



Gustav Wagner, no seu refúgio brasileiro, sem camisa e a olhar para o cão.

Com Wagner detido e os seus advogados a tentarem tirá-lo da prisão, Wiesenthal dispunha apenas de dois dias para abrir um processo contra Wagner, para obrigar o governo austríaco a pedir a

sua extradição. O primeiro país a responder oficialmente foi Israel, através de um comunicado do seu primeiro-ministro, Menachen Begin. A Alemanha Ocidental e a Polónia também o fizeram. Na cidade de Goiana, a cerca de 800 quilómetros de São Paulo, vivia Stanislaw Szmajzner, um sobrevivente de Sobibor, que seria uma das testemunhas no julgamento de Franz Stangl. Szmajzner foi internado em Sobibor quando era ainda adolescente; devido à sua experiência como ourives, foi utilizado para fundir o ouro das peças dentárias das vítimas das câmaras de gás. Quando soube, através da jornalista Gitta Sereny, que o «verdadeiro Gustav Wagner estava vivo e provavelmente a viver no Brasil», declarou: «Esse era o pior de todos, o mais terrível. Esse homem aqui no Brasil [...]. Pensar que agora respiro o mesmo ar que ele faz-me sentir terrivelmente, terrivelmente doente... Não consigo encontrar palavras para descrever como era terrível... Que homem realmente terrível ele era! Stangl era bom comparado com ele, muito bom mesmo. Wagner, porém, devia estar morto. Tenho de fazer alguma coisa.»¹⁶



Stanislaw Szmajzner enfrenta o seu antigo carcereiro Gustav Wagner. (esq.)

O jovem Stanislaw Szmajzner, após a sua fuga de Sobibor. (dir.)

No último andar da sede da Polícia Federal brasileira, em São Paulo, dois homens que se tinham visto pela última vez havia trinta e cinco anos numa Polónia devastada pela guerra entraram na sala vindos de lados opostos. Foi um confronto por etapas. Ambos tinham sido refugiados durante o pós-guerra europeu. O idoso, Gustav Wagner, um austríaco, alto, de cabelos brancos, mas em boa forma. O mais jovem, com cerca de 50 anos, Szmajzner, polaco, magro e calvo. Era agora a sua oportunidade. Szmajzner plantou-se diante do antigo subcomandante do campo de Sobibor, o temível SS-*Oberscharführer* Gustav Wagner.

– Como estás, Gustav? – perguntou Szmajzner. Wagner deteve-se por um instante e reconheceu-o.

– Sim, sim, lembro-me bem de ti. Arranquei-te de um transporte e salvei-te a vida.

– É verdade – replicou Stanislaw Szmajzner –, mas não salvaste a vida da minha irmã, dos meus irmãos, da minha mãe, do meu pai. E, se dizes que me salvaste a vida, isso quer dizer que tinhas plenos poderes para matar uns e outros.

Num primeiro momento, as autoridades aceitaram esta lógica e rejeitaram qualquer alegação de Gustav Wagner de que não tivera nada que ver com as mortes em Sobibor. Wagner era o comandante-adjunto do campo de extermínio de Sobibor, no leste da Polónia. Não era um campo de concentração convencional, visto que não havia trabalho para os que chegavam. Sobibor era um centro de extermínio maciço. A sua linha de produção era tão sofisticada e complexa como uma fábrica moderna. Em apenas quinze meses, 250 000 homens, mulheres e crianças desceram do comboio de manhãzinha cedo, foram gaseados à hora de almoço e incinerados antes do amanhecer do dia seguinte. Nessa altura, já a

sua bagagem tinha sido classificada e embalada, a fim de ser enviada para a Alemanha. Das cerca de 260 000 pessoas que chegaram a Sobibor, apenas 34 sobreviveram (algumas fontes referem 50). O papel de Wagner nessa linha de montagem foi crucial¹⁷.

Para estes 34 sobreviventes, espalhados agora por todo o mundo, aquele dia 30 de maio de 1978 foi dramático, mas sem dúvida emocionante. Durante um ano, Gustav Wagner dormiu na cama de uma cela situada num hospital psiquiátrico próximo de Brasília, guardado dia e noite, à espera de uma decisão do Supremo Tribunal do Brasil. Em finais de junho, porém, o tribunal recusou os pedidos de extradição vindos da Alemanha Ocidental, de Israel, da Áustria e da Polónia.

Transferido então para uma cela de segurança máxima na prisão central de Brasília, Wagner tentou suicidar-se, engolindo o vidro esmigalhado dos seus óculos. Após uma breve passagem pelo hospital e depois de examinado pelo psiquiatra da prisão, Gustav Wagner foi novamente enviado para uma cela. Nos meses seguintes, sofreu pequenos enfartes sem importância.

Em junho de 1979, o Supremo Tribunal do Brasil recusou novamente a extradição para a Alemanha Ocidental, devido a um erro no documento oficial dos alemães, reproduzido na tradução para português do mesmo documento. Em vez de indicar que Wagner tinha sido incluído na lista dos mais procurados em 1974, indicava que tinha sido incluído em 1947. A dança dos números suscitou reações. O estatuto de limitações especificava que as acusações deviam ser apresentadas dentro dos vinte anos posteriores ao cometimento do delito e, portanto, Wagner foi posto em liberdade¹⁸.

O nazi decidiu então conceder uma entrevista à BBC, em agosto de 1979. O antigo subcomandante de Sobibor declarou ao jornalista Tom Bowen que durante a sua permanência no campo de extermínio «costumava sentir-se muito deprimido ao ver que as pessoas iam ser gaseadas, mas não havia nada que pudesse fazer para ajudar algum deles [...]. Não pensei que não fosse correto. Via que essa gente que íamos exterminar na realidade era gente inocente, mas não havia nada que eu pudesse fazer. [...]. A máxima era: as ordens do *Führer* são para ser cumpridas. E assim fiz.»¹⁹



Gustav Wagner nos seus últimos anos.

Wagner insistiu que era impossível recusar-se a cumprir as ordens. «Matavam-nos a tiro. Estávamos sob juramento, envolvidos numa operação secreta do Reich.» Não era verdade. Com efeito, muitas investigações mostraram que os poucos homens da SS que recusaram participar foram simplesmente transferidos para outro tipo de trabalho.

Mais alarmante é a forma como Wagner descreve ao jornalista da BBC a sua falta de sentimentos ao fim de um dia de trabalho: «Não tinha quaisquer sentimentos, embora a princípio tivesse. Simplesmente tornou-se mais um trabalho. Ao serão, nunca falávamos disso, bebíamos e jogávamos às cartas.» Quando lhe perguntaram como conseguiam matar diariamente milhares de homens, mulheres e crianças e, simplesmente, não falarem disso, a resposta de Wagner foi simples: «Tínhamos a sensação de que, se perdêssemos a guerra, teríamos de arcar com as consequências.» Contudo, mesmo que Wagner estivesse consciente das suas más ações, não se via a si mesmo como um criminoso. «Sinto-me como um homem normal, em nada diferente dos outros», disse²⁰.

Esther Raab, sobrevivente de Sobibor, descreve o comportamento sádico de Wagner: «Entrou no armazém onde estávamos várias prisioneiras, com os dois polegares nos bolsos; sabíamos que precisava de sangue. Tinha de matar alguém, inclusive duas ou três de nós. Quem lhe aparecesse pela frente morria. Se não aparecesse ninguém, ele iria à procura. Era como um bêbado que precisasse de bebida, ele precisava de sangue.» «Só depois de ter visto correr sangue, depois de ter espancado alguém até à morte, só então parava de roer as unhas. Acalmava-se e via-se que se sentia feliz. Aproximava-se e até conversava com os prisioneiros que estavam a levar os corpos dos que ele mesmo tinha

acabado de assassinar», declarou Sam Lerer, outro sobrevivente de Sobibor que, nos anos 70, trabalhava como taxista na cidade de Nova Iorque²¹.

Segundo os sobreviventes, Wagner tinha vários métodos para matar judeus. Thomas Blatt garantiu: «Não matava da mesma maneira que outros alemães. Não disparava, não torturava. [Gustav Wagner] utilizava um machado, uma pá, um chicote, até as próprias mãos. Vi-o uma vez pegar numa pá e rachar ao meio a cabeça de um homem. Não precisava de um motivo para matar. Talvez porque a sua vítima se deslocava com demasiada lentidão. Quando matava, estava sempre a sorrir. [...] Para ele, assassinar era um prazer, podia ver-se na sua cara. Não considerava isso uma obrigação, mas antes um assunto privado.» Sam Lerer viu uma vez Wagner servir-se do cabo de um machado para espancar até à morte um pai e um filho que estavam um ao lado do outro. «Bastaram dois minutos apenas. Ele e outro soldado da SS continuaram a espancá-los. Os gritos dos dois homens ressoavam como se fossem animais selvagens». Para Blatt, a quem Wagner desferiu cinquenta chicotadas sem qualquer motivo, até a simples referência ao nome de Gustav Wagner era suficiente «para sentir o estômago revoltado e o coração a bater com mais força».



Thomas Blatt, sobrevivente do campo de Sobibor, em 2013.

Ao que parece, a arma de Wagner estava reservada para ocasiões especiais. «Uma vez, estava a uma janela a observar como arrumávamos as malas e viu uma criança roubar uma lata de sardinhas. Prendeu a criança e, chamando-nos a todos, colocou-nos em círculo, pô-la no meio e matou-a com um tiro. Depois, disse que era o que aconteceria a qualquer de nós se tocássemos em alguma coisa», contou Esther Raab. Gustav Wagner, como é lógico, negou ter alguma vez atacado algum prisioneiro. Com efeito, insistia que desejava proteger os reclusos: «Não havia motivo para os magoar, simplesmente obedeciam. E sabíamos que a forma como iam morrer era muito dura. Não era necessário acrescentar sovas.» E, segundo ele, nunca matou ninguém. «Era contra o regulamento.»

A maior parte das pessoas consegue entender que alguém minta para salvar a pele. Mas os sobreviventes de Sobibor não conseguem. «Pelo menos», disse Lerer, «Wagner poderia ter brio, ter a dignidade de admitir o que fez e que não gosta dos judeus. Muitos dos outros SS alemães que estavam no campo não se comportaram como ele. Inclusive tinham medo dele, até mesmo um cunhado seu [também colocado em Sobibor]. É simplesmente ridículo afirmar que apenas obedeciam a ordens.» Durante a entrevista para a televisão britânica, Wagner garantiu que não era antissemita.

Dessa entrevista era difícil concluir se o entusiástico sadismo de Gustav Wagner era fruto da mente de um psicopata ou excessos de um nazi ferreamente convencido da sua devoção para com o Terceiro Reich e a raça ariana. Em finais dos anos 70, Wagner não negava que considerava Adolf Hitler «um homem extraordinário [...]».

Não se pode culpar ninguém por as coisas terem corrido mal». Wagner não queria dizer que o «incorreto» fosse o que aconteceu em locais como Sobibor, Treblinka, Belzec, Majdanek, Belsen, Auschwitz, Birkenau e outros campos da morte, mas sim que a Alemanha tinha perdido a guerra. Negar os assassinatos desumanos em que tinha participado era evidentemente inútil. As mais de 250 000 pessoas que chegaram a Sobibor trouxeram com elas as poupanças de toda a vida, muitas vezes escondidas na sua bagagem, por vezes dentro do próprio corpo. Enormes quantias de dinheiro, ouro e pedras preciosas, que foram recolhidos e classificados diariamente e registados nos balanços da SS. Muitos dos objetos de valor foram roubados pelos guardas ucranianos e alemães. Gustav Wagner, porém, negou ter roubado alguma coisa. «É contra as minhas mais profundas convicções fazer fortuna à custa da desgraça alheia. É contra os meus princípios», afirmou.

É evidente que Wagner satisfez em alto grau os desejos dos arquitetos da Solução Final, porque o facto é que, em março de 1942, foi escolhido a dedo para construir o campo de Sobibor, devido aos seus «magníficos resultados» no castelo de Hartheim. Este é sem dúvida um testemunho da personalidade real de Gustav Wagner, a quem todos os sobreviventes apontam a «sua astúcia e inteligência», bem como a capacidade de “cheirar” qualquer coisa suspeita». É significativo que um grupo de prisioneiros de Sobibor tenha planeado a última tentativa de revolta para coincidir precisamente com as férias de Wagner. Às quatro da tarde do dia 14 de outubro de 1943, iniciou-se a sublevação. Os revoltosos conseguiram matar com machados alguns oficiais alemães no interior de uma das instalações do campo, tendo-lhes roubado as armas. Dirigiram-se ao armeiro com o objetivo de o assaltarem, mas

não conseguiram. A princípio apenas alguns, depois mais de seiscentos prisioneiros dirigiram-se às valas eletrificadas, dispostos a atravessá-las para fugirem. Morreram atingidos pelos tiros das sentinelas ou nos campos de minas. Os que vinham atrás treparam por cima dos cadáveres para ultrapassar as barreiras. Ao fim de uma hora tudo estava terminado. Provavelmente, não foram mais de cem os que conseguiram escapar²².

Quando regressou, Gustav Wagner recebeu ordens para encerrar o campo. Sistemáticamente, os SS destruíram todos os edifícios, eliminaram os campos de minas e derrubaram o arame farpado. Por fim, plantaram centenas de pinheiros novos. «Foi um toque profissional que simboliza o engano de todo o programa», explicaria o próprio Wagner. Tudo o que resta hoje é uma colina comemorativa erguida pelos polacos. No seu interior, foram depositadas as cinzas e alguns ossos arrancados à terra.

Wagner terminou a guerra num campo norte-americano de prisioneiros de guerra. Depois de arranjar documentos militares falsos a comprovar que tinha sido um motociclista ao serviço dos correios da Wehrmacht, foi levado para Salzburgo e posto em liberdade. Em 1946, o seu nome apareceu na lista dos criminosos de guerra das Nações Unidas, mas os Aliados não tinham ainda conseguido organizar um programa para a investigação dos crimes de guerra, algo que só se conseguiu anos mais tarde. Nessa altura, porém, assassinos como Gustav Wagner já tinham desaparecido.

Por um dos acasos da vida, enquanto Wagner trabalhava em Graz, numa obra, Franz Stangl, às ordens de quem tinha trabalhado em Hartheim e Sobibor, passou por ele. Stangl tinha conseguido fugir de uma prisão aliada e estava a caminho do Vaticano. Wagner decidiu juntar-se-lhe. Ao chegarem a Roma, ambos foram encontrar-

se com o bispo Hudal, que lhes arranhou os passaportes da Cruz Vermelha; três semanas depois, navegavam para Beirute.

Gustav Wagner recebeu uma oferta para instrutor do exército sírio e, em 1952, o antigo subcomandante de Sobibor obteve um visto para o Brasil, emitido no seu verdadeiro nome. Nem nessa altura nem ao longo dos vinte e seis anos seguintes a Polícia Federal brasileira investigou alguma vez o seu passado. Casou com uma brasileira que faleceu em 1974 e construiu uma casa sólida em estilo bávaro, isolada numa colina frondosa, nos arredores de São Paulo²³.

Entretanto, na Alemanha, alguns dos antigos oficiais da SS colocados em Sobibor foram detidos e julgados na Corte do Distrito de Hagen, entre o dia 6 de setembro de 1965 e 20 de dezembro de 1966. O punhado de sobreviventes do campo de extermínio acorreram de avião, procedentes de todos os cantos do mundo, para testemunharem contra alguns dos seus antigos carrascos. Na sala do tribunal ouviram-se as sentenças: o sargento-mor Karl Frenzel, suboficial da SS não comissionado e responsável pelo assassinato de 150 000 judeus, condenado a prisão perpétua; sargento-mor Kurt Bolender, responsável pelo assassinato de 86 000 judeus, condenado a prisão perpétua; sargento-mor Franz Wolf, responsável pelo assassinato de 39 000 judeus, condenado a oito anos de prisão; sargento-mor Alfred Ittner, responsável pelo assassinato de 68 000 judeus, condenado a quatro anos de prisão; sargento-mor Werner Dubois, responsável pelo assassinato de 15 000 judeus, condenado a três anos de prisão; primeiro-sargento Eric Fuchs, responsável pelo assassinato de 79 000 judeus, condenado a quatro anos de prisão. No entanto, alguns foram postos em

liberdade antes de terem cumprido toda a sentença; outros suicidaram-se nas suas celas²⁴.

Interrogados pela polícia alemã sobre o paradeiro de Gustav Wagner, os procuradores alemães insistiam em garantir que estava fora do seu alcance, «provavelmente a viver no Egito, protegido por Nasser». O primeiro golpe de sorte para localizar o antigo subcomandante de Sobibor surgiria em 1967, quando Simon Wiesenthal, o famoso caçador de nazis, seguiu o rasto de Franz Stangl e organizou a sua detenção no Brasil. Extraditado, julgado e condenado a prisão perpétua em Düsseldorf, o antigo comandante de Sobibor e de Treblinka morreu pouco depois; mas antes disso revelou o paradeiro do seu companheiro de evasão e antigo subordinado, Gustav Wagner. No entanto, apesar dos requerimentos de Wiesenthal à polícia brasileira e, inclusive, da intervenção de detetives privados, não conseguiu localizá-lo. Supostamente, devia estar escondido. O caçador de nazis decidiu jogar a cartada da paciência, esperando infundir em Wagner uma falsa sensação de segurança. «Decidi calar-me. Nos dez anos que se seguiram, em todas as entrevistas que me fizeram falei de Mengele, de Stangl, de Eichmann e de muitos outros, mas nunca mencionei Wagner.» O certo é que a sua paciência não foi recompensada²⁵.

A reação de Wiesenthal perante a detenção de Gustav Wagner foi surpreendentemente moderada: «Não posso dizer que me sinto feliz. Penso sempre nas pessoas que não sobreviveram para verem Wagner na prisão. O que importa é que trinta e sete anos depois, a 25 000 quilómetros da cena dos seus crimes, um assassino foi preso. Um aviso para os assassinos de amanhã.»²⁶ Para uma das sobreviventes de Sobibor, Esther Raab, o castigo ideal teria sido

«que [Wagner] fosse enviado para um campo de concentração para lhe fazerem o mesmo que ele fez a muitos de nós». Lerer garantiu que «pessoalmente, gostaria de torturar Wagner». Blatt, outro sobrevivente que percorreu todo o mundo a colecionar recordações de Sobibor, foi menos emotivo: «Todos sonhámos que, se sobrevivêssemos, o despedaçaríamos, fazendo-o sofrer uma morte lenta. Hoje, porém, se o fizéssemos, estaríamos a descer ao seu nível. Assim, simplesmente metemo-lo numa prisão.»²⁷



Julgamento dos guardas da SS no campo de extermínio de Sobibor.

Na entrevista que Wagner concedeu ao jornalista da BBC Tom Bower, em agosto de 1979, garantiu: «Desfrutei muitíssimo do Brasil e não voltei a pensar no passado até que o passado decidiu encontrar-me novamente.» Na realidade, porém, Wagner já não era um homem livre. Após as suas declarações na televisão, todos os nazis do país lhe fecharam as portas. Tentou suicidar-se, apunhalando-se com uma faca de grandes dimensões, em São

Paulo, e atirando-se para a frente de diversas viaturas numa estrada, sobrevivendo, porém, a todas as tentativas.

As autoridades da Alemanha Ocidental voltaram a apresentar os documentos de extradição em princípios de 1980, desta vez com o ano corretamente preenchido. Quando a polícia brasileira confirmou às autoridades alemãs que iam deter o criminoso de guerra, Wagner simplesmente desapareceu. Mas não iria muito longe. A 3 de outubro de 1980, numa remota e solitária herdade a 70 quilómetros de São Paulo, Wagner apunhalou-se a si mesmo. Tinha 69 anos. Os técnicos forenses da Polícia Federal declararam que o ex-nazi tinha morrido esvaindo-se pouco a pouco em sangue e que provavelmente sofreu dores indizíveis antes de morrer.

Former Nazi Officer Commits Suicide in Brazil	community about 50 miles from São Paulo West Germany, Poland, Israel and Austria had accused the 69-year-old Mr. Wagner of responsibility in the deaths of 250,000 Jews and Poles at the Sobibor extermination camp in occupied Poland in 1942-43. Mr. Wagner denied taking part in the killings.
SAO PAULO, Brazil, Oct. 3 (AP) — Gustav Franz Wagner, an officer at a Nazi extermination camp accused of responsibility in the deaths of thousands of Jews and others during World War II, committed suicide today at his isolated farm in São Paulo State, his attorney said. The attorney, Flavio Augusto Marx, quoted family members as saying Mr. Wagner was dead. He said he had no further details. Officials said Mr. Wagner had tried to commit suicide four other times since 1978, when he was discovered living on a farm at Atibaia, a mountain	Turkey Reports Arrest of 8 In Murder of an Ex-Premier Special to The New York Times ANKARA, Turkey, Oct. 3 — Eight leftists have been arrested in Istanbul in the murder of former Prime Minister Nihat

Notícia do suicídio de Gustav Wagner, no jornal *The New York Times*.



Fotografia do cadáver de Wagner, tirada pela polícia de São Paulo, 1980.

Quando soube da sua morte, Simon Wiesenthal afirmou: «O suicídio de Wagner deve ser tomado como uma confissão. Pergunto-me porém se realmente sentiu culpa ou se foi simplesmente cansaço.»²⁸ O certo é que nunca saberemos a resposta.

¹ Gitta Sereny, *Into the darkness: From mercy killing to mass murder*, McGraw-Hill, Nova Iorque, 1974.

² Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

³ Andrew Nagorski, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.

- 4 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.
- 5 Adolf Hitler opôs-se às SA e ao seu líder e antigo amigo e aliado, Ernst Röhm, porque entendia a independência das SA e a inclinação dos seus membros para a violência arruaceira como uma ameaça ao seu poder. Entre 30 de junho e 2 de maio de 1934, Hitler ordenou a Himmler e aos seus homens da SS que pusessem em marcha a chamada Operação Colibri, que mais não era senão a purga de todos os líderes das SA, incluindo Röhm. Ao todo, durante aqueles dias foram executados 85 líderes das SA.
- 6 Tom Bower, «The Tracking and Freeing of a Nazi Killer», *The Washington Post*, 19 de agosto de 1979.
- 7 Ernst Klee e Willi Dressen, *The Good Old Days: The Holocaust as Seen by Its Perpetrators and Bystanders*, William S. Konecky Associates, Old Saybrook, CT, 1996.
- 8 Henry Friedlander, *The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution*, University of North Carolina Press, Chapel Hill, Carolina do Norte, 1995.
- 9 Jules Schelvis, *Sobibor: A History of a Nazi Death Camp*, Bloomsbury Academic Publisher, Londres, 2007.
- 10 Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camp*, Indiana University Press, Indiana, 1999.
- 11 Robert Wistrich, *Who's who in Nazi Germany*, Random House Value Publishing, Nova Iorque, 1984.
- 12 Simon Wiesenthal, *Los Asesinos entre nosotros. Memorias*, Editorial Noguer, Barcelona, 1967.
- 13 William Stevenson, *The Bormann Brotherhood*, Bantam Books, Nova Iorque, 1974.
- 14 Simon Wiesenthal, *Justice Not Vengeance*, Grove Press, Londres, 1990.
- 15 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.
- 16 Jules Schelvis, *Sobibor: A History of a Nazi Death Camp*, Bloomsbury Academic Publisher, Londres, 2007.
- 17 Jules Schelvis, *Sobibor. A History of a Nazi Death Camp*, Bloomsbury Academic Publisher, Londres, 2007.
- 18 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.
- 19 Dominique Sigaud, *Il caso Franz Stangl*, Clichy Editore, Milão, 1996.
- 20 Ernst Kleer e Willi Dressen, *The Good Old Days: the Holocaust as Seen by Its Perpetrators and Bystanders*, William S. Konecky Associates, Old Saybrook, CT, 1996.
- 21 Thomas Toivi Blatt, *From the Ashes of Sobibor: A Story of Survival*, Northwestern University Press, Evanston, Illinois, 1997.
- 22 Richard Rashke, *Escape from Sobibor*, Delphinium Books, Nova Iorque, 2013.
- 23 Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.
- 24 Michael Bryant, *Eyewitness to Genocide: The Operation Reinhard Death Camp Trials, 1955-1966*, University of Tennessee Press, Knoxville, Tennessee, 2014.
- 25 Simon Wiesenthal, *Justice Not Vengeance*, Grove Press, Londres, 1990.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Tom Bower, *The Tracking and Freeing of a Nazi Killer*, The Washington Post, 19 de agosto de 1979.

²⁸ Michael Bryant, *Eyewitness to Genocide. The Operation Reinhard Death Camp Trials, 1955-1966*. University of Tennessee Press, Knoxville, Tennessee, 2014.

4

HERMINE BRAUNSTEINER **A Égua de Majdanek**

Fundado em 1979, o Gabinete de Investigações Especiais do Departamento de Justiça dos Estados Unidos foi criado com o único objetivo de localizar todos os nazis que conseguiram entrar nos Estados Unidos depois da guerra, detê-los e deportá-los. Entre estes criminosos de guerra contaram-se Algimantas Dailidė, membro da polícia lituana pró-nazi, que seria localizado em Gulfport (Florida); Andrija Artukovic, ministro do Interior do governo fantoche pró-nazi da Croácia, localizado em Surfside (Califórnia); John Iván Demjanjuk, guarda em Treblinka, localizado em Cleveland (Ohio); Feodor Fedorenko, localizado em Miami Beach (Florida), ex-membro da guarda ucraniana de Treblinka, que seria deportado para a União Soviética, onde foi executado nos anos 80; Anton Geiser, jugoslavo, membro das SS e guarda nos campos de Sachsenhausen e de Buchenwald, localizado em Sharon (Pensilvânia); Bojeslavs Maikovkis, chefe da polícia letã e colaboracionista dos ocupantes nazis, localizado em Mineola (Nova Iorque); e Karl Linnas, membro da polícia estónia pró-nazi,

localizado em Greenlawn (Nova Iorque). Mas, se houve algum caso que preencheu títulos nos jornais, foi o da simpática senhora Hermine Braunsteiner Ryan, esposa de um construtor no bairro nova-iorquino de Queens¹.

Em finais da década de 70, os Estados Unidos deixaram de ser um refúgio para os criminosos de guerra nazis, que procuravam evitar a abertura de processos judiciais pelos crimes que tinham cometido durante a Segunda Guerra Mundial. Embora as leis norte-americanas proibissem a imigração a todos os que tivessem participado nos crimes do regime nazi, grande número deles entraram no país ocultando ou falsificando o seu passado e, inclusive quando foram descobertos, conseguiram evitar com facilidade a sua expulsão. Tudo se alterou em finais da década de 1970, quando a pressão da opinião pública e a ação do Congresso forçaram a Casa Branca a proceder contra estes criminosos. Diversos tribunais revogaram-lhes a cidadania obtida de forma fraudulenta e muitos tiveram de enfrentar a sua extradição. A deportação, porém, nunca foi o único meio para livrar os Estados Unidos dos criminosos de guerra nazis, que tinham conseguido ludibriar as leis da imigração. Com ela, o Governo dos Estados Unidos iniciava o processo e, se tivesse êxito, expulsava o criminoso de guerra para o país de origem de onde provinha quando tinha solicitado a sua entrada em território norte-americano².

Hermine Braunsteiner Ryan foi a primeira criminosa nazi extraditada. Nasceu em Viena, a 16 de julho de 1919, no seio de uma família da classe trabalhadora; o pai era motorista e a mãe aumentava os rendimentos familiares fazendo limpeza em casas particulares e como lavadeira. Depois de frequentar a escola durante oito anos, Hermine encontrou trabalho como empregada

doméstica. Queria ser enfermeira, mas as limitações financeiras da família não o permitiram. Em 1937, mudou-se para a Grã-Bretanha para trabalhar na casa de um engenheiro norte-americano, mas um ano depois decidiu regressar à Áustria. A anexação da Áustria ao Reich tornou-a cidadã alemã e, como tal, sentiu-se incomodada no estrangeiro quando se avizinhava a guerra. Após o seu regresso a Viena, procurou melhorar a sua situação mudando-se para a Alemanha e, em finais de 1938, aceitou um trabalho não qualificado numa fábrica de munições, perto de Berlim. O proprietário, um polícia, aconselhou-a a concorrer como candidata para «supervisionar presos» em campos de concentração. Apresentou a sua candidatura para trabalhar no campo de mulheres de Ravensbrück e, a 15 de agosto de 1939, assumiu as funções de *Aufseherin* («guarda feminina»), exatamente duas semanas antes de ter rebentado a Segunda Guerra Mundial³.



Hermine Braunsteiner em Lugano, em julho de 1962.

Hermine Braunsteiner vestia com orgulho a farda de SS. As guardas serviam sem qualquer tipo de posto, sob as ordens de oficiais de campo masculinos e, ao contrário dos seus colegas do sexo masculino, serviam na SS unicamente como trabalhadoras contratadas. A estrutura militar elitista das tropas de Heinrich Himmler não permitia elementos femininos regulares. O certo, porém, é que estas guardas tinham poder absoluto sobre a vida e a morte das prisioneiras. Braunsteiner treinou-se em Ravensbrück, sob a supervisão da *Aufseherin* Maria Mandel, executada pelos polacos depois da guerra por crimes cometidos no campo de Auschwitz; no entanto, as divergências com a sua superiora levaram-na a solicitar uma nova colocação⁴. A 16 de outubro de 1942, Braunsteiner foi destinada à Polónia, assumindo novas funções no célebre campo de Lublin, localizado nos subúrbios de Majdanek. Ao contrário de Ravensbrück, esse centro funcionou como campo de concentração e de extermínio. Em janeiro de 1943, foi nomeada assistente da chefe das guardas, sob as ordens da *Oberaufseherin* Elsa Ehrich⁵. Os abusos de Braunsteiner tornaram-na em pouco tempo uma das mais famosas e sanguinárias guardas do campo. Gostava de torturar os prisioneiros. Diversas testemunhas ouvidas no terceiro julgamento de Majdanek (de 26 de novembro de 1975 a 30 de junho de 1981) contra Hermine Braunsteiner recordaram os maus-tratos a que foram submetidos por esta mulher.

Destacava-se pela sua crueldade. Era uma sádica, que sentia prazer em espezinhar até à morte pessoas idosas e crianças. Isso valeu-lhe a alcunha de «Égua» (*kobyła* em polaco, *Stute* em alemão), como lhe chamavam os prisioneiros. Calçava sempre botas altas de cabedal preto, que um prisioneiro judeu, antigo

sapateiro, lhe reforçava nas biqueiras e no lado exterior com placas de aço. Os seus ataques contra as prisioneiras e contra as crianças eram demolidores. A partir do dia 16 de março de 1942, aquela jovem de 23 anos, alta, loira, de olhos azuis profundos, que tinha querido ser enfermeira, ganhou o respeito dos seus superiores graças à sua extrema brutalidade. Mary Finkelstein, sobrevivente de Majdanek, declarou no julgamento contra Braunsteiner:



65 Braunsteiner Hermine,
geb. 17.7.1919. Aufserherin
Lublin, Polen. In Haft

Fotografia de Hermine Braunsteiner na sua ficha de Majdanek.

A certa altura, a Égua fixou-se em mim devido a um erro que cometi na lavandaria do campo e esteve a agredir-me com um bastão de borracha

durante seis horas. Partiu-me várias costelas e o maxilar. [...] Também gostava, juntamente com a *Aufseherin* Ehrich, de marcar as crianças que iam ser enviadas para as câmaras de gás. Muitos pequenos não paravam de chorar, aterrados com o que estavam a ver. Braunsteiner e Ehrich decidiram dar-lhes rebuçados para que se acalmassem e fossem mais tranquilos para a zona dos «duches», onde eram gaseados.

Aaron Kaufman, outro sobrevivente, recorda:

Dedicava-me apenas a transportar a comida para o complexo das mulheres, que ficava a um quilómetro de distância das cozinhas do campo. [...] Também carregava o carvão para aquecer os barracões dos guardas da SS, juntamente com mais quarenta homens. [...] Um dia, estava eu a trabalhar perto da cerca norte de Majdanek, quando vi como a *Aufseherin* Braunsteiner chicoteava até à morte com o seu chicote de couro cinco mulheres e uma criança. Gritei-lhe (a Hermine Braunsteiner) que parasse. Então várias auxiliares vieram tirar-me do barracão e Braunsteiner deu-me vinte chicotadas nas costas.

Majdanek estava preparado para alojar cinquenta mil prisioneiros; mas com o avanço da guerra e a chegada de judeus deportados de outros campos, a população de reclusos aumentou até aos duzentos e cinquenta mil. As chegadas maciças de comboios carregados de judeus obrigaram a dividir Majdanek em seis campos mais pequenos. No chamado «campo de mulheres» ficavam as prisioneiras com os filhos. Em janeiro de 1944, Braunsteiner foi enviada de regresso a Ravensbrück e nomeada supervisora-chefe de um pequeno campo chamado Genthin, e depois de Sachsenhausen. Foi nessa altura que conheceu a temível Irma Grese, que as prisioneiras conheciam pela alcunha de a Hiena de Auschwitz e também a Bela Besta, que seria executada pelos

Aliados, por crimes de guerra, a 13 de dezembro de 1945, aos 22 anos de idade.



Irma Grese (a Bela Besta) junto de Josef Kramer, comandante de Auschwitz, pouco antes de serem executados.

Hermine Braunsteiner permaneceu em Ravensbrück até ao fim da guerra e mais tarde perdeu-se-lhe o rasto, entre a multidão de deslocados que circulavam sem rumo pela Alemanha derrotada. Braunsteiner tinha resolvido regressar à sua Áustria natal no outono de 1945, onde seria detida a 6 de maio de 1946 pelas autoridades britânicas e internada num campo de prisioneiros desde julho de 1946 a abril de 1947. Um tribunal de Viena condenou-a a três anos

de prisão, por «assassinato, maus-tratos, infanticídio, torturas e ofensas contra a dignidade humana dos prisioneiros» de Ravensbrück. Mas, devido à pena de prisão que já tinha cumprido, saiu em liberdade a 22 de novembro de 1949. Ainda não se conhecia a sua passagem por Majdanek. Depois de sair da prisão em 1950, fez vários trabalhos não qualificados em diversos hotéis e restaurantes⁶.

Foi por essa altura que Braunsteiner, então com 31 anos, conheceu Russell Ryan, um soldado raso norte-americano de Queens, Nova Iorque, que se tornou seu prometido. Decidiu então emigrar para o Canadá, em 1958, onde casou com Ryan. Em abril de 1959, obteve um visto de imigração do cônsul-geral dos Estados Unidos em Halifax e, pouco depois, entrou nos Estados Unidos. Em abril de 1962, Hermine Braunsteiner, que já usava o apelido do marido, solicitou a cidadania norte-americana. A 15 de janeiro de 1963, Braunsteiner jurou lealdade à Constituição e à bandeira dos Estados Unidos da América, numa cerimónia realizada perante o Tribunal Federal de Brooklyn. No Serviço de Imigração e Naturalização (INS, Immigration and Naturalization Service) dos Estados Unidos eram muito rigorosos na hora de aceitar requerimentos de imigração e naturalização. As normas do INS eram bastante rígidas no que se referia a «pessoas que tivessem participado na perseguição de minorias por questões de raça, credo ou origem nacional». Ela teve o cuidado de ocultar, no seu requerimento de visto e no de cidadania, que estivera ao serviço num campo de concentração e que tinha sido condenada por um tribunal austríaco por crimes de guerra. Além disso, declarou sob juramento que nunca tinha sido «detida, acusada, condenada, multada ou presa por violar qualquer lei».



Hermine Braunsteiner num lago do Canadá, nos anos 50.

A vida de Hermine Ryan continuou de forma tranquila e agradável, como a de qualquer dona de casa de uma família trabalhadora, esposa de um empregado da construção civil e vizinha encantadora, que fazia uns saborosos *apple strudel* para os aniversários dos filhos dos vizinhos no tranquilo bairro de Queens, até que, num belo dia de 1964, o dedo acusador do caçador de nazis Simon Wiesenthal apontou para ela. «Um dia de abril de 1964, estava eu sentado num café de Telavive, quando uma mulher veio ter comigo. Disse que era sobrevivente de Majdanek. Convidei-a a sentar-se; depois de beber um gole do seu chá, disse-me: “Havia uma guarda chamada Hermine Braunsteiner, que utilizava cães para os atihar contra os prisioneiros. Ficava feliz com o nosso sofrimento. Era uma completa sádica. Quando mães e filhos chegavam ao campo de Majdanek, concentrava-se nas crianças que choravam. Odiava crianças. Senhor Wiesenthal, estive em Majdanek e vi homens cruéis e mulheres cruéis. Mas entre as mulheres, a pior de todas, a mais pervertida de todas elas, era Hermine Braunsteiner.

Não sei o que foi feito dela, mas tem de responder pelos seus crimes. Por favor, senhor Wiesenthal, encontre-a.” A partir daquele momento, aquela guarda cruel chamada Braunsteiner tornou-se o meu principal alvo», recorda o famoso caçador de nazis⁷. Wiesenthal nunca tinha ouvido falar de Hermine Braunsteiner, mas logo se interessou pelo caso.

Simon Wiesenthal pôs no encalço de Braunsteiner um dos seus colaboradores, um jovem de 24 anos de idade, filho arrependido de um antigo e proeminente oficial da SS. O jovem partiu de férias para as montanhas próximas de Salzburgo. Ali começou a fazer comentários acerca de um «pobre tio seu» que tinha sido condenado por crimes de guerra, sem ter nada que ver com isso. «Foi o mesmo que aconteceu a uma parente minha», replicou uma mulher, prima afastada de uma tia do jovem colaborador de Wiesenthal, «foi guarda de prisões e condenaram-na a três anos numa cela, por ter dado um puxão de orelhas a um casal de ciganos. Mas os tempos mudam e ela teve sorte. Foi para o Canadá e casou com um norte-americano.» Antes de regressar a Viena, o colaborador de Wiesenthal disse à mulher que esperava ir ao Canadá dentro de pouco tempo e talvez pudesse visitar a sua parente. A mulher disse então ao jovem que o apelido dela era Ryan e que tinha vivido em Halifax, na Nova Escócia. Poucas semanas depois, um contacto do caçador de nazis em Toronto tinha conseguido traçar todo o percurso de Hermine Braunsteiner, desde Halifax até Queens⁸.

Simon Wiesenthal enviou então ao Governo norte-americano um vasto relatório sobre Hermine Braunsteiner. Como não recebeu qualquer resposta oficial, contactou um jovem repórter de *The New York Times* chamado Joseph Lelyveld⁹. O pai do repórter era o

célebre líder do «judaísmo reformado», Arthur Lelyveld, e talvez por isso Wiesenthal tenha escolhido para receber as informações acerca de Braunsteiner. Na segunda-feira, 13 de julho de 1964, Lelyveld tocou à porta do 52-11 da 72nd Street em Maspeth, um subúrbio predominantemente irlandês e alemão, no distrito de Borough, em Queens. Lelyveld foi recebido por uma mulher que falava inglês com forte sotaque estrangeiro, alta, cara séria, olhos azuis e cabelo loiro, que começava já a ficar grisalho. A mulher vestia calças curtas às riscas e uma blusa sem mangas a condizer. «Após quinze ou dezasseis anos, por que incomodam as pessoas? Já fui suficientemente castigada. [...] Estive na prisão durante três anos. Três anos, conseguem imaginar? E agora, o que querem ainda de mim?» declararia a própria Hermine Braunsteiner ao jornalista do *The New York Times*¹⁰.

Lelyveld disse-lhe que ainda que o seu castigo tivesse sido por crimes em Ravensbrück, agora era acusada de crimes em Majdanek. «Alguma vez esteve em Majdanek?», perguntou o jornalista. «Sim», respondeu ela, «mas só durante um ano. Oito daqueles meses passei-os na realidade num campo mais pequeno. Na rádio toda a gente fala de paz e de liberdade. Tudo bem. Mas quinze anos depois, porque me incomodam?» Quando Lelyveld lhe pôs diante dos olhos as provas que Wiesenthal tinha reunido, a mulher empalideceu e começou a lamentar-se. Levantou-se, atravessou a sala e pegou no telefone para ligar ao marido. «Isto é o fim! Isto é o fim de tudo para mim!», disse ao marido no outro lado da linha¹¹.

Simon Wiesenthal tinha acertado em cheio. A senhora Ryan não tinha dito nada sobre o seu passado às autoridades norte-americanas. Também não dissera nada ao marido. «A minha

mulher, caro senhor, não faz mal a uma mosca. Não existe uma pessoa mais decente nesta terra. Disse-me que era uma obrigação que tinha de cumprir. Estava no serviço militar obrigatório. Não estava encarregada de nada. Absolutamente não, Deus é o meu juiz e juiz dela. Impossível», afirmou a Lelyveld um Russell Ryan desesperado ao telefone. Disse a Joseph Lelyveld uma frase que lhe chamou a atenção: «Estas pessoas (os caçadores de nazis) simplesmente estão a erguer os machados ao acaso. Nunca ouviram a expressão: “Deixem os mortos descansar em paz?”» Simon Wiesenthal responderia a esta pergunta anos mais tarde ao encontrar-se cara a cara com Russell Ryan, à saída do tribunal que condenaria a sua esposa, a antiga *Aufseherin* de Majdanek: «Um milhão e meio de pessoas assassinadas em Majdanek descansarão melhor quando esta mulher (Hermine Braunsteiner) comparecer diante de um tribunal.»

Former Nazi Camp Guard Is Now a Housewife in Queens

By JOSEPH LELYVELD

A private investigator of Nazi war crimes has identified a Queens housewife as a guard in the death camp at Majdanek, Poland, in World War II.

The investigator was Simon Wiesenthal, who had a key role in tracing Adolf Eichmann in 1960.

The woman served a prison sentence for her activities at another concentration camp. But the Immigration and Naturalization Service here said that when she entered the United States, she denied she had ever been convicted of a crime.

The woman, the former Hermine Braunsteiner, now is an American citizen. She lives in Massapequa, Queens, with her husband, Russell Ryan.

The identification was made by Mr. Wiesenthal in letters sent from Vienna to Israeli authorities in Tel Aviv. Mrs. Ryan, at her home, readily acknowledged that she was Hermine Braunsteiner of Majdanek. She declared, however, that she had never been more than a guard and had no authority whatever.

Mrs. Ryan was doing some

painting in the home she and her husband, a construction worker, recently acquired at 32-11 72d Street when she was interviewed about the report of her wartime activities.

A large-boned woman with a stern mouth and blond hair turning gray, she was wearing pink and white striped shorts with a matching sleeveless blouse.

"All I did is what guards do in camps now," she said in heavily accented English.

"On the radio all they talk is peace and freedom," she said. "All right. Then 15 or 16 years after why do they bother people?"

"I was punished enough. I was in prison three years. Three years, can you imagine? And now they want something again from me?"

According to Mr. Wiesenthal, who is director of a documentation center in Vienna called the Federation of Jewish Victims of the Nazi Regime, legal proceedings are still pending against Hermine Braunsteiner in the provincial court at Graz, Austria.

Mr. Wiesenthal said she was

sentenced there in 1953 to three years' imprisonment as a minor offender as an overseer of the Ravensbruck concentration camp.

"Of her activity in Majdanek

only little was known," his letter said. "Except for the letter of a Polish woman, which did not figure in the Graz proceedings, nothing was known. The matter of Majdanek was not mentioned."

Mr. Wiesenthal explained that he could not say what offenses had been proved against Hermine Braunsteiner on the basis of her activities at Ravensbruck.

Released by British

Mrs. Ryan said she had spent a year at Majdanek, eight months of it in the camp infirmary with a serious illness. After the war, she said, she was held for eight months by the British and then released.

It is estimated that 1.5 million people were killed at the Majdanek camp, which was on the outskirts of Lublin in eastern Poland. About half of them were said to have been Jews.

"My wife, sir, wouldn't hurt a fly," Mr. Ryan said in a telephone conversation. "There's no more decent person on this earth. She told me this was a duty she had to perform. It was a conscriptive service. She was not in charge of

anything. Absolutely not, as God is my judge and your judge."

Mr. Ryan said he had never known until now that his wife had served a prison sentence or that she had been a guard in a concentration camp.

"These people are just swinging axes at random," he declared. "Didn't they ever hear the expression, 'Let the dead rest'?"

Mrs. Ryan broke into tears when she was told of the Wiesenthal letter. "This is the end," she said, crossing her small living room. "This is the end of everything for me."

Mrs. Ryan became a citizen in 1963. She entered the country in 1958. An official of the Immigration and Naturalization Service said that the fact that she had falsely sworn that she had never been convicted of a crime might be ground for a review of her citizenship. But he indicated that such reviews rarely result in the withdrawal of citizenship.

Artigo de Joseph Lelyveld sobre Hermine Braunsteiner, publicado no *The New York Times*.

O INS comprovou que Hermine Braunsteiner mentiu ao preencher os formulários de imigração e de naturalização e, como tal, era suscetível de ter cometido um delito que implicava a retirada imediata da sua cidadania norte-americana. O INS enviou então o relatório sobre Braunsteiner ao Departamento de Justiça, que demorou cerca de dezoito meses a responder. Na sua resposta ao INS, exigiam-se provas conclusivas de que a senhora Ryan tinha pertencido às SS. O INS contactou oficialmente Wiesenthal, a pedir a sua colaboração. O caçador de nazis enviou então duas declarações juramentadas de sobreviventes do campo de concentração de Majdanek, em que garantiam poder identificar a antiga *Aufseherin*¹². Dois meses depois, o INS voltou a receber uma nova pergunta do Departamento de Justiça: «Há acusações pendentes contra Hermine Braunsteiner (Ryan) na Áustria?» A resposta do INS foi: «Não.»

No mês de julho de 1968, quatro meses depois de o jornalista do *The New York Times* ter localizado a senhora Ryan, o Departamento de Justiça em Washington enviou toda a documentação ao procurador-geral do distrito de Brooklyn para apresentar acusações perante um tribunal federal «por entrada ilegal nos Estados Unidos e por ocultar a sua sentença de prisão na Áustria». O procurador-geral pediu inclusive que a cidadania norte-americana de Hermine Braunsteiner Ryan fosse revogada.



Hermine Braunsteiner na sua casa de Queens (Nova Iorque), em 1967.

Entretanto, no bairro de Maspeth, os seus vizinhos tornaram-se o alvo da imprensa, proveniente de todos os cantos do mundo. «Era uma pessoa pacata, que nunca incomodou ninguém. Uma mulher trabalhadora, que adorava cães e crianças», era a tônica geral dos comentários. «Talvez lhes custasse a acreditar que a sua encantadora vizinha tinha sido uma mulher sádica, cruel e brutal, que tinha agredido e torturado desnecessariamente prisioneiros indefesos nos campos da morte», garantia Wiesenthal. Na realidade, aquela simpática senhora, casada com um veterano da Segunda Guerra Mundial, tinha sido uma ativa participante num dos mais horríveis e desumanos projetos da História: a prisão, tortura e assassinato de milhões de seres humanos, cujas vidas foram declaradas dispensáveis para o regime nazi.

Pouco a pouco, o caso Braunsteiner foi desaparecendo das primeiras páginas dos jornais e passando para as páginas dos acontecimentos. Já ninguém estava interessado nos crimes dos

nazis. Em 1971, porém, o caso voltou a ressurgir, quando a própria Hermine Braunsteiner decidiu acusar o INS por tê-la obrigado a assinar a «renúncia» à cidadania norte-americana sem ter sido condenada por nenhum tribunal. Segundo Vincent Schiano, advogado do INS, confessou ao jornalista Howard Blum: «É altamente provável que não haja provas suficientes de natureza clara, inequívoca e convincente, sobre as quais possamos iniciar um processo de deportação.»¹³ O INS encarregou da investigação Anthony DeVito, um veterano da Segunda Guerra Mundial que entrou no campo de Dachau juntamente com a sua unidade. DeVito era um admirador de Simon Wiesenthal, de forma que entrou em contacto com ele em Viena, a fim de preparar o processo «INS vs. Hermine Braunsteiner Ryan».

A 11 de março de 1972, por volta de uma e meia da manhã, foi recebida uma chamada no número de emergências: o edifício situado no número 52-11 da rua 79, em Queens, estava em chamas. Pouco antes de o incêndio ter deflagrado, Russell Ryan declarou à polícia que tinha ouvido vidros a estilhaçarem-se. Ao que parece, alguém tinha arremessado uma bomba incendiária para o interior da casa de Braunsteiner. Poucas horas depois, uma organização chamada Equipa de Assalto da Resistência Judaica reivindicava o atentado numa chamada para um jornal de Nova Iorque. O problema foi que se tinham enganado na casa. A antiga guarda de Majdanek e o marido moravam no 52-11 da rua 72, e não da rua 79 e o nome da moradora, que vivia com o marido e três filhos na casa incendiada, não era Hermine Braunsteiner Ryan e sim Anna Harmione Ryan¹⁴. Até maio de 1972, a antiga guarda de Majdanek viveria tranquilamente em sua casa, visto que ninguém tinha apresentado nenhuma acusação contra ela, nem nos Estados

Unidos nem em qualquer outro país. Tudo mudou, porém, quando DeVito, Schiano e Wiesenthal resolveram unir as suas forças.

No dia 1 de maio, iniciou-se a audiência perante o tribunal; o primeiro protesto veio da parte de John Barry, advogado de Braunsteiner, pondo em causa a qualidade dos documentos alemães, pelo facto de terem sido traduzidos por «judeus», o que poderia implicar falta de «objetividade». «Aparecem e desaparecem como fenómenos astronómicos que se reúnem durante um ou dois dias para ouvir as declarações de uma testemunha; de seguida, descem durante umas semanas, um mês, ou mais, até que esteja preparado outro testemunho», relatava o antigo delegado do ministério público Allan A. Ryan sobre os processos de nazis naturalizados norte-americanos e levados perante os tribunais¹⁵.

A 10 de setembro de 1972, apareceu um novo artigo no *The New York Times*, intitulado «Nazi Camp Inmate Tells of 6 killings». No corpo principal do artigo relatava-se a declaração de uma testemunha que viu Hermine Braunsteiner matar seis prisioneiros: cinco mulheres e uma criança.

Um dia, estava eu a cortar as ervas daninhas numa zona do campo, quando a vi aproximar-se de duas mulheres (Sara Fermeinska, de 26 anos, e Ingridte Sechlovic, de 30). Depois de trocar com elas algumas palavras, Braunsteiner começou a agredi-las. Deu-lhes violentos pontapés até que as matou. Outro dia, a guarda Braunsteiner aproximou-se de duas raparigas jovens, não teriam mais de 16 anos. Sacou de um chicote novo e começou a chicoteá-las. Sei que as matou porque no dia seguinte os cadáveres das raparigas ainda ali estavam. [...] Noutra ocasião, a senhora Braunsteiner disse diante de um grupo de mães que os seus filhos iam ser enviados para um campo especial, onde teriam leite de vaca três vezes por dia. Uma mulher mais velha tentou esconder uma criança de quatro anos. Provavelmente, seria seu neto. A Braunsteiner aproximou-se deles e começou a agredi-los até à morte. À criança matou-a com pontapés na cabeça.

A 17 de fevereiro de 1973, Walter Scheel, em representação do Ministério de Assuntos Exteriores da República Federal da Alemanha, apresentou ao seu homólogo norte-americano, William Rogers, um pedido de extradição contra Hermine Ryan (Braunsteiner). Um tribunal alemão tinha emitido uma ordem de detenção, alegando que a antiga *SS-Aufseherin* de Majdanek tinha cometido vários assassinatos no campo de concentração de Lublin-Majdanek. O documento alemão de extradição fazia referência à responsabilidade de Braunsteiner na morte de «mais de duzentas mil pessoas». Antes que o governo norte-americano pudesse levar a julgamento as formalidades para o pedido de extradição, Braunsteiner tentou antecipar-se a esses procedimentos. Como o tratado de extradição entre os Estados Unidos e a Alemanha proibia a extradição de cidadãos norte-americanos, apresentou ao Tribunal dos Estados Unidos para o distrito leste de Nova Iorque uma moção para anular o veredicto de consentimento, segundo o qual ela tinha entregado o seu certificado de naturalização pressionada pelas autoridades da imigração (INS). A artimanha falhou quando o juiz federal Jacob Mischler aceitou a moção do Governo para indeferir e recusar a reclamação de Hermine Braunsteiner Ryan de que «ainda era cidadã norte-americana e casada com um cidadão dos Estados Unidos»¹⁶.

Nos procedimentos de extradição, o advogado de Ryan apresentou vários argumentos de defesa:

- Reclamação da cidadania norte-americana.
- Afirmação de que Hermine Braunsteiner não tinha fugido da Alemanha para evitar a instrução de um processo judicial.

- Reclamação pelo facto de Majdanek não se encontrar no território da Alemanha Ocidental e, por conseguinte, Hermine Braunsteiner não ter cometido nenhum delito no país que reclamava a sua extradição.
- Afirmção de que os crimes imputados eram realmente delitos políticos e não de lesa-humanidade.

Depois de rejeitar de imediato todas as demais alegações, o juiz Mischler considerou apenas duas alegações da defesa: a afirmação de que não havia causa provável e o argumento de que a ordem colocava Braunsteiner Ryan em «duplo risco», o processo movido a uma pessoa duas vezes pela mesma ofensa. O advogado da criminosa de guerra sabia que se a sua cliente tivesse sido julgada nos Estados Unidos, onde os acusados estão protegidos contra o «duplo risco», a sua absolvição teria garantido ser posta em liberdade. No final, o juiz rejeitou também estes argumentos¹⁷. Citando provas alemãs que refutaram a afirmação de Braunsteiner de que não havia testemunhas que demonstrassem a sua participação nos crimes em Majdanek, o juiz Mischler deu o parecer de que existia causa provável. O argumento de «duplo risco» da antiga *Aufseherin* parecia mais preocupante, porque podia indicar a sua condenação austríaca; ali, porém, tinha sido condenada pelos seus crimes em Ravensbrück e não pelos que cometera em Majdanek¹⁸.

Assim, o juiz Mischler recusou o seu argumento de dupla incriminação, porque o julgamento anterior tinha sido na Áustria e não na Alemanha; como tal, as acusações diferiam das emitidas, e também porque a proteção da Carta de Direitos norte-americana não possui dimensões extraterritoriais.

A 1 de maio de 1973, o juiz Jacob Mischler certificou perante o secretário de Estado que existiam provas suficientes para apoiar as acusações apresentadas pela República Federal da Alemanha e que os delitos estavam «sujeitos a extradição». A 7 de agosto do mesmo ano, Hermine Braunsteiner Ryan, escoltada por agentes do INS e do FBI, tornou-se a primeira criminosa de guerra nazi a ser extraditada para a Alemanha. Desde a sua chegada ao país e até ao início do terceiro julgamento de Majdanek, a 26 de novembro de 1975, Braunsteiner foi encerrada em prisão preventiva na cadeia de Düsseldorf e vigiada 24 horas por dia para evitar que se suicidasse.

A 27 de novembro, a *Aufseherin* Hermine Braunsteiner compareceu perante o juiz juntamente com quinze dos seus antigos companheiros do campo de concentração de Majdanek, num total de sete mulheres e nove homens. No segundo dia do julgamento, Hermine Braunsteiner Ryan desafiou a jurisdição da corte alemã argumentando que o tribunal alemão não tinha jurisdição alguma, porque ela era «uma nativa austríaca» e os crimes tinham sido cometidos fora das fronteiras da Alemanha. O tribunal rejeitou esta defesa. Segundo a lei alemã, a cidadania no momento do crime determinava a jurisdição. Hermine Braunsteiner tinha-se tornado cidadã alemã em 1938, quando a Áustria foi incorporada no Reich alemão, e tinha mantido esta cidadania até 1945. Além disso, tinha ocupado um cargo oficial na administração nazi e agido em nome do Reich alemão; isto teria sido suficiente para estabelecer a jurisdição, inclusive se ela não tivesse sido cidadã alemã. Devido ao facto de o ter sido, em representação do Governo alemão, os tribunais alemães tinham jurisdição segundo a lei alemã, mesmo que os crimes tivessem sido cometidos fora das fronteiras da Alemanha¹⁹.



Hermine Braunsteiner durante o seu julgamento em Düsseldorf.

Enquanto o julgamento prosseguia e o advogado da antiga guarda se perdia em argumentações para evitar a acusação da sua cliente, iam avançando os testemunhos contra ela. Um deles seria o de Czaikowska Medryk, que revelou o método utilizado por Hermine Braunsteiner para seleccionar as mulheres que iam sobreviver ou que iam morrer nas câmaras de gás.

Divertia-se a escolher as prisioneiras que deviam viver ou morrer nas câmaras de gás. [...] De vez em quando, aproximava-se da fila das mulheres escolhidas para viverem e dava um empurrão a alguma delas para o grupo das que iam morrer nas câmaras. Divertia-se imenso ao ver como podia decidir a vida ou a morte de um ser humano. Um dia, viu duas gémeas que se abraçavam no grupo das que iam sobreviver. A *Aufseherin* Braunsteiner aproximou-se delas, dizendo-lhes para escolherem qual delas devia morrer e qual devia viver. As duas jovens choravam, sem saber o que decidir. Por fim,

ambas decidiram morrer juntas na câmara de gás. Era destes jogos sádicos que Braunsteiner gostava.

«Reconhece a *Aufseherin* Hermine Braunsteiner aqui na sala?», perguntou o juiz à testemunha. Medryk levantou o dedo e apontou para a acusada. «É fácil afirmá-lo», comentou nesse momento Hermine Braunsteiner para o seu marido, Russell Ryan, que se encontrava sentado a seu lado. Pouco depois, Braunsteiner declarou perante o juiz:

Algumas das pessoas que depuseram contra mim e outras pessoas (prisioneiros) comportavam-se de forma tão indisciplinada que eu não podia evitar agredi-las na cabeça para acabarem com os seus conflitos e as suas discussões. [...] Naquele momento, não pensei que um dia seria responsável por agredi-los na cabeça, porque eu era demasiado jovem para aquela tarefa. Queria renunciar a tudo aquilo, mas já não podia fazê-lo. [...] Estava consciente de que Majdanek era um dos supostamente chamados campos de extermínio, onde eram exterminadas mulheres em câmaras de gás. Não obstante, eu nada tinha a ver com aquilo. E não podia fazer nada.²⁰

O chamado terceiro julgamento de Majdanek contra Hermann Hackmann e outros quinze acusados perante o Tribunal do Distrito de Düsseldorf terminou a 30 de junho de 1981, tornando-se assim o julgamento mais demorado na história jurídica da Alemanha. O Tribunal da República Federal da Alemanha em Düsseldorf condenou Hermine Braunsteiner a prisão perpétua pelo assassinato, cometido em colaboração com outros, de «um total de pelo menos cem seres humanos»²¹. A sua condenação provocou muitos protestos por parte de diversos juristas, devido à dureza da sua pena comparativamente com as penas de outros acusados com maiores responsabilidades no campo de concentração de Majdanek.

Cinco foram absolvidos de todas as acusações, dois foram postos em liberdade devido à sua saúde precária, um morreu de velhice durante o julgamento e oito foram declarados culpados. Foram condenados a penas entre três e doze anos de prisão. Por exemplo, o vice-comandante do campo, Arnold Strippel, implicado na tortura e no assassinato de milhares de prisioneiros (incluindo quarenta e dois prisioneiros de guerra soviéticos, em julho de 1942) foi condenado a três anos e meio de prisão. Também recebeu o reembolso de 121 500 marcos pela perda de rendimentos e contribuições para a Segurança Social, o que o tornou um homem rico até ao dia da sua morte, no dia 1 de maio de 1994.

Escortada por agentes policiais, Hermine Braunsteiner foi levada nessa mesma noite num carro celular da *Polizei* para a prisão de mulheres de Mülheimer, para começar a cumprir a sua pena. Joseph Lelyveld, o jornalista do *The New York Times* que, no dia 13 de julho de 1964, bateu à porta da casa de uma mulher alta, loira e de profundos olhos azuis, tentou dezassete anos depois falar com a condenada *Aufseherin* Hermine Braunsteiner, a Égua de Majdanek. «“Foi você quem começou tudo isto”, disse-me ela ao telefone. Ao que eu respondi: “Está enganada, senhora Ryan. Quem começou tudo isto foi um monstro chamado Adolf Hitler, que além disso utilizou pessoas como você para aplicar a sua política de assassinatos em massa. Esta história teve o seu início a 15 de agosto de 1939, quando você transpôs pela primeira vez as portas do campo de concentração de Ravensbrück. Agora tem de assumir a sua culpa. Pelo menos, é isso que merecem as suas vítimas.” Após um breve silêncio, percebi que tinha desligado o aparelho.»²²

Catorze anos depois daquela breve conversa, o estado de saúde de Hermine Braunsteiner foi piorando devido a uma diabetes

crónica, que provocou a amputação da perna direita. Por fim, em abril de 1996, o mesmo tribunal que a tinha condenado quinze anos antes teve pena dela, coisa que Hermine Braunsteiner nunca sentiu pelas suas vítimas, e mandou pô-la em liberdade, por motivos «humanitários». No dia em que saiu em liberdade, o marido estava à espera dela à porta da prisão de Mülheimer.

Algumas fontes garantem que o casal Ryan se instalou num lar de idosos na localidade alemã de Bochum-Linden, na zona do Ruhr (norte de Vestfália), até à morte de Hermine Braunsteiner, a 19 de abril de 1999; outras fontes, porém, afirmam que a Égua de Majdanek ainda estava viva em finais de 2005, aos 86 anos de idade.

¹ Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

² Howard Blum, *Wanted. The Search for Nazis in America*, The New York Times Books, Nova Iorque, 1977.

³ Paul Roland, *Nazi Women: The Attraction of Evil*, Arcturus, Nova Iorque, 2014.

⁴ Sarah Helm, *Ravensbrück: Life and Death in Hitler's Concentration Camp for Women*, Anchor, Nova Iorque, 2016.

⁵ Em maio de 1945, Elsa Ehrich foi detida pelos Aliados em Hamburgo e internada no campo de criminosos de guerra de Dachau. Em 1948, foi entregue às autoridades polacas, tendo sido julgada por crimes de guerra e crimes contra a humanidade. A Corte do distrito de Lublin considerou-a culpada de todas as acusações e condenou-a à morte na forca. A sua execução ocorreu a 26 de outubro de 1948.

⁶ Henry Friedlander e Earlean M. McCarrick, *The Extradition of Nazi Criminals: Ryan, Artukovic, and Demjanjuk*, Museum of Tolerance, Simon Wiesenthal Center, Viena, 2002.

⁷ Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

⁸ Henry Friedlander e Earlean M. McCarrick, *The Extradition of Nazi Criminals: Ryan, Artukovic and Demjanjuk*, Museum of Tolerance, Simon Wiesenthal Center, Viena, 2002.

⁹ Joseph Lelyveld recebeu em 1986 o Prémio Pulitzer pelo seu livro *Mueve tu sombra. Sudáfrica, blanco e negro*. Foi nomeado diretor do *The New York Times*, cargo que ocupou desde 1994 a 2001.

¹⁰ *The New York Times*, «US Deportation Hearing Here Told Woman Killed 6 as a Nazi», 9 de outubro de 1972.

11 Joseph Lelyveld, *Omaha Blues, a Memory Loop*, Farrar, Starus & Giraux, Nova Iorque, 2005.

12 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

13 Howard Blum, *Wanted. The Search for Nazis in America*, The New York Times Books, Nova Iorque, 1977.

14 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

15 Allan A. Ryan, *Quiet Neighbors: Prosecuting Nazi War Criminals in America*, Harcourt Brace Jovanovich Publishers, Nova Iorque, 1984.

16 «Ryan vs. Estados Unidos», 360 F. Supp. 264 (E.D.N.Y.), N.º 73-C-439, 24 de abril de 1973; «Estados Unidos vs. Ryan», 360 F. Supp. 265 (E.D.N.Y. 1973) N.º 68-C-848, 24 de abril de 1973.

17 US v. Ryan, a Extradução de Ryan, 360 F. Supp. 270 (E.D.N.Y. 1973), n.º 73-C-391 (1 de maio de 1973).

18 Quando Hermine Brauensteiner apresentou este argumento de «duplo risco» no seu julgamento na Alemanha Ocidental, foi rejeitado porque na Áustria não tinha sido condenada por crimes em Majdanek, mas apenas por crimes em Ravensbrück. A ausência de condenação pelos crimes de Majdanek deveu-se à falta de documentação e testemunhas durante os anos que se seguiram ao pós-guerra. Staatsanwaltschaft Koln, Anklageschrift (acusação) 130 (/24) Js 2 00/62 (Z), pp. 163, 281; Landgericht (Audiência Provincial) Düsseldorf, Urteil gg. Hermann Hackmann, A. (sentença contra Hermann Hackmann e outros), 8 Ks 1/75, 30 de junho de 1981, pp. 688-89.

19 Landgericht (Audiência Provincial) Düsseldorf, Urteil (sentença) 8 Ks 1/75, 30 de junho de 1981, pp. 683-86. O facto da cidadania alemã dos nativos austríacos que serviram nas forças alemãs durante a Segunda Guerra Mundial tem sido frequentemente mal-interpretado. James W. Moeller classifica Braunsteiner Ryan como uma austríaca que não era cidadã alemã no seu artigo «Tratamento dos Estados Unidos de presumíveis criminosos de guerra nazis: Direito internacional, Lei da imigração e necessidade de cooperação internacional», *Virginia Journal of International Law* 25 (1985).

20 Henry Friedlander e Earlean M. McCarrick, *The Extradition of Nazi Criminals: Ryan, Artukovic and Demjanjuk*, Museum of Tolerance, Simon Wiesenthal Center, Viena, 2002.

21 Para conhecer os pormenores do julgamento, os crimes de Braunsteiner Ryan, a sua condenação e a sua sentença, *vide* Landgericht (Audiência Provincial) Düsseldorf, Urteil (sentença) 8 Ks 1/75, 30 de junho de 1981 (2 vols.).

22 Joseph Lelyveld, *Omaha Blues, a Memory Loop*, Farrar, Starus & Giraux, Nova Iorque, 2005.

5

JOHN DEMJANJUK

Ivan, o Terrível

O ano de 2015 significou o 70.º aniversário da libertação de Auschwitz e dos restantes campos de concentração, bem como o fim da Segunda Guerra Mundial. Obviamente, havia cada vez menos criminosos de guerra nazis para perseguir e levar a julgamento. Os peixes graúdos provavelmente já teriam morrido. Um guarda de um campo de extermínio que tivesse na altura 20 anos andaria já pelos 90 em 2015, o que queria dizer que qualquer novo caso que se abrisse só poderia afetar pessoal de categoria inferior. A situação provocou um sério debate, inclusive entre os caçadores de nazis, que não tinham a certeza se valeria a pena continuar a investigar casos, exatamente numa altura em que a geração de jovens nazis de então estava a chegar ao fim. Por ironia, um destes últimos casos, o de um guarda ucraniano de um campo de concentração, desencadeou uma série de acontecimentos surpreendentes no início deste século, sobre que medidas deveriam aplicar-se a estes idosos de aspeto venerando ainda vivos. A polémica prosseguiu em diversos meios de comunicação da

Alemanha, dos Estados Unidos e inclusive de Israel¹. O principal protagonista desta polémica era um mecânico aposentado de Cleveland chamado John Demjanjuk.

Chiel Rajchman, um comerciante de tecidos de Łódź, tinha sido destinado como dentista ao campo de Treblinka. A sua função não era tratar as bocas dos prisioneiros, mas sim extrair as peças dentárias de ouro e prata dos cadáveres amontoados diante das câmaras de gás, antes de serem transportados para os fornos crematórios. Em agosto de 1943, conseguiu fugir e esconder-se num búnquer de Varsóvia, à espera da chegada das tropas soviéticas em 1945. Durante esses dois largos anos, Rajchman foi escrevendo o seu dia a dia no campo de concentração.

Nos dias quentes, os auxiliares ucranianos sentem-se bem. Trabalham com os seus chicotes da esquerda para a direita, em todas as direções. Nikolai e Ivan... sentem-se muito bem e felizes neste dia tão quente. Ivan tem cerca de vinte e cinco anos, tem ares de chefe e é um homem forte. Fica contente quando tem a oportunidade de gastar as suas energias descarregando-as sobre os trabalhadores. De vez em quando, sente o impulso de pegar numa faca afiada, manda parar um trabalhador que passa a correr e corta-lhe uma orelha. O sangue escorre, o trabalhador grita, mas tem de continuar a correr com o transportador [uma padiola para os cadáveres]. Ivan espera pacientemente até que o trabalhador volte a correr. Diz-lhe para parar e interromper o seu trabalho, diz-lhe que se dispa, que vá até junto de uma cova próxima e ali mata-o com um tiro.²

Seguidamente, Ivan ordenou a Rajchman e a outro «dentista», chamado Finkelstein, que lavassem o sangue do chão, despissem o trabalhador que acabava de ser assassinado e que lhe extraíssem os dentes de ouro. As recordações de Rajchman eram cada uma mais arrepiante que a outra:

Um dia, Ivan vagueava com uma broca para fazer buracos na madeira. Ordenou a Finkelstein que se deitasse no chão e com a broca perfurou-lhe a parte traseira da cabeça. Para ele não passou de uma brincadeira. O pobre homem nem sequer gritou, limitou-se a gemer. Ivan soltou uma gargalhada e disse a Finkelstein: «Fica quieto, senão dou-te um tiro.»

Em 1981, Chiel Rajchman, então a residir em Montevideu, Uruguai, seria testemunha-chave num julgamento a decorrer em Cleveland para retirar a cidadania a um norte-americano de 60 anos chamado John Demjanjuk, que trabalhava como mecânico para a Ford Motor Company. Cinco anos mais tarde, quarenta e três anos depois da cruel peripécia relatada por Rajchman, Demjanjuk seria extraditado para Israel e julgado em Jerusalém, pelos crimes cometidos em Treblinka, onde ganhou a alcunha de Ivan, o Terrível. Este ucraniano seria o segundo criminoso de guerra a sentar-se dentro da «Caixa de Vidro» blindada, tal como tinha acontecido com Adolf Eichmann. Como Eichmann, também Demjanjuk foi condenado à morte. Como Eichmann, também Demjanjuk negaria tudo, inclusive que ele fosse a pessoa conhecida como Ivan, o Terrível, cujo apelido muitos declaravam ser Marchenko. Porém, o mecânico cometeu um erro quando, falando em sentido hipotético, revelou aos agentes norte-americanos que o escoltavam até Israel: «Se eu tivesse estado em Treblinka, teria sido apenas uma pequena engrenagem da máquina. [...] Havia uma guerra e não havia outro remédio senão cumprir ordens. Mas eu nunca estive em Treblinka.» O trabalho de Simon Wiesenthal no caso Demjanjuk foi periférico até ao seu julgamento em 1987, quando os documentos apresentados pelo caçador de nazis, além da sua experiência, foram úteis para os delegados do ministério público que procuravam identificar Demjanjuk com Ivan, o Terrível³.

Embora Franz Stangl, como comandante e responsável máximo de Treblinka, estivesse à frente de todos, acima do dentista e dos trabalhadores judeus, das vítimas e dos seus cadáveres, dos enviados para a morte e dos que se desfaziam dos seus cadáveres, dos SS e dos ucranianos, homens como Ivan, o Terrível, converter-se-iam em instrumentos eficientes da máquina dirigida por Stangl para causar o maior sofrimento possível. Ivan era o grande manipulador dos fantoches, jogando com as ilusões a fim de enganar por igual assassinos e inocentes. Demjanjuk sentia um prazer autêntico ao dirigir-se aos judeus que desembarcavam dos comboios em Treblinka, dando-lhes conselhos e advertências como: «Quando forem à casa de banho, levem sabão e toalhas [...], não se esqueçam dos recibos para reclamar a roupa depois de tomarem o duche.» Ou, em outras ocasiões, quando o tráfego tinha de se reduzir, os ucranianos paravam a fila junto do chamado «Caminho do Céu» – a rota seguida pelos prisioneiros até às câmaras de gás – para recolherem dos prisioneiros um «insignificante *złoty*» a fim de custearem o «banho», ou quando era necessário acelerar o passo dos que iam morrer e um alemão se sentava no alto do caminho, animando-os a aligeirar o passo, «antes que a água arrefeça», dizia ele.



O «Caminho do Céu» de Sobibor, na atualidade.

Na mesma data em que Ivan, o Terrível, operava nas câmaras de gás de Treblinka, morreram neste campo duas das quatro irmãs de Sigmund Freud: Marie, de 82 anos, e Pauline, de 80. Quanto às outras duas irmãs do célebre psiquiatra, Rosa, de 84 anos, morreria em Auschwitz, e Adolphine, de 81, em Theresienstadt. Conta-se que Marie se aproximou de Ivan para lhe pedir que, por favor, lhe destinassem a ela e à sua irmã, «trabalhos mais leves» devido à sua idade avançada e ao seu frágil estado de saúde. O ucraniano respondeu-lhe: «Pode ter a certeza de que a senhora deve ter sido enviada para aqui por engano, e será posta no primeiro comboio de regresso a Viena, mal acabe de tomar banho.» Marie e Pauline Freud morreram nas câmaras de gás poucos minutos depois.

Outra peripécia ocorreu em 1943, quando chegou a Treblinka um comboio com diversos veteranos alemães condecorados na Primeira Guerra Mundial. No grupo viajava uma mulher jovem com os seus dois filhos, a quem tinham mandado despir-se completamente. A mulher mostrou a Ivan um papel em que se indicava que ela e os seus filhos eram «arianos», «alemães de raça pura».

Era uma mulher muito orgulhosa, mas revelava um olhar aterrorizado. Abraçou os filhos procurando tranquilizá-los e dizendo-lhes que os seus problemas em breve seriam esclarecidos e que logo regressariam a casa... Acariciou-os e beijou-os, mas a chorar, porque se sentia atormentada por um terrível pressentimento. Os alemães mandaram-na dar um passo em frente. Pensando que isso significava a liberdade para ela e para os filhos, acalmou-se. Infelizmente, porém, tinha-se decidido que ia morrer juntamente com os judeus, porque tinha visto demais e estava disposta a contar tudo o que se supunha estar envolvido em secretismo. Quem cruzasse os umbrais de Treblinka estava condenado a morrer. Portanto, aquela mulher alemã, juntamente com os filhos, avançou para a morte com os outros. Os filhos choravam como as crianças judias, e os seus olhos refletiam o mesmo desespero, porque na morte não há diferenças raciais: tudo é equânime.⁴

Anos depois, poucos meses antes da sua morte, o próprio Franz Stangl explicaria à jornalista Gitta Sereny: «Era uma questão de sobrevivência, sempre de sobrevivência. O que eu tinha de fazer era limitar as minhas ações ao que eu, na minha consciência, tinha de fazer. Eram as minhas responsabilidades. Aquela mulher e os filhos foram testemunhas do que ali acontecia e por isso tinham de morrer»; porém, o certo é que homens como Ivan, o Terrível, transformaram-se em Treblinka em autênticas máquinas de matar, mas também de infligir o maior sofrimento possível às suas vítimas, inclusive antes do «último ato», que era a sua própria morte.

Por detrás da alcunha de Ivan, o Terrível, escondia-se John Ivan Demjanjuk, nascido a 3 de abril de 1920, na Ucrânia, uma parte da União Soviética. Demjanjuk, possuidor de uma escassa educação, trabalhou numa quinta coletiva até ser recrutado pelo exército soviético em 1940. Ferido em combate durante a luta que se seguiu à invasão alemã da União Soviética, a 22 de junho de 1941, depois de recuperar dos seus ferimentos continuou a servir como soldado raso no exército soviético até ser aprisionado pelos alemães, durante a batalha do Estreito de Kerch, na Crimeia.

O certo é que Demjanjuk não estava disposto a passar toda a guerra num miserável campo de prisioneiros, o que o levou a candidatar-se como «auxiliar» para fazer parte do corpo de voluntários ucranianos da SS. Treinado no campo de concentração de Trawniki, na Polónia, foi enviado quase imediatamente para o campo de extermínio de Treblinka, permanecendo ali até ao seu encerramento em setembro de 1943. Após ter servido na Alemanha e na Áustria desde 1943 até 1945, Demjanjuk encontrou-se na zona de ocupação norte-americana e, depois de residir em vários acampamentos, «chegou a Ratisbona, na Alemanha, onde conduziu um camião num parque de viaturas do exército norte-americano entre 1947 e 1949». Até aqui não restam dúvidas de que o guarda do campo de Treblinka e o mecânico de Cleveland eram a mesma pessoa. Não se sabe ao certo em que altura Ivan Demjanjuk decidiu trocar o seu nome pelo de John, para torná-lo mais norte-americano⁵.



O jovem Demjanjuk como soldado do exército soviético.

O facto é que unidades soviéticas inteiras rendiam-se aos alemães pelo único motivo de poderem comer. Para Estaline, eram traidores e tinham de ser executados. Muitos soldados de origem ucraniana, assim que eram feitos prisioneiros, apresentavam-se como voluntários para serem guardas de campos de concentração ou como soldados do chamado «Exército Russo de Libertação» (Rússkaya Osvobodítelnaya Ármiya, ou ROA) liderado por Andrei Vlasov. Antigo herói da União Soviética, Vlasov tinha decidido mudar de lado, após ter sido capturado pelos alemães. O russo alegava que não colaborava com Hitler, mas que lutava contra Estaline para derrubá-lo⁶.

Segundo declarações do próprio Demjanjuk, o seu primeiro destino foi uma unidade ucraniana das Waffen-SS, o que implicava ter de tatuar o grupo sanguíneo por baixo do braço. Não obstante, quando acabou a guerra, confessou ter-se mantido à margem do conflito e ter conseguido manter «secreta» a sua passagem por Treblinka, Sobibor e outros campos, durante todo o tempo em que permaneceu num campo de deslocados. Desta forma, evitou ser repatriado para a União Soviética juntamente com os sobreviventes do exército de Vlášov e, como tal, ser executado pelos russos. Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, e adivinhando as intenções de vingança soviéticas, Vlášov e os seus homens fugiram para o Ocidente e tentaram entregar-se aos exércitos anglo-americanos. Estes, porém, não queriam provocar o seu aliado Estaline e recusaram-lhes a sua proteção; na realidade, prenderam muitos deles e entregaram-nos diretamente aos soviéticos, tendo alguns deles sido executados de imediato, perante o olhar indiferente dos aliados ocidentais. O governo do Liechtenstein foi o único que concedeu asilo a algumas centenas de soldados do ROA, ajudando-os a fugir para a Argentina. Vlášov foi capturado por agentes do CIC norte-americano e imediatamente enviado para Moscovo, onde foi julgado e condenado à morte, junto com onze oficiais do ROA. A 2 de agosto de 1946, foi executado na forca. Os soldados de Vlášov foram enviados de volta à URSS, onde muitos foram executados mal desceram do comboio. Os restantes foram enviados para campos de trabalhos forçados, os famosos *gulags* estalinistas, onde morreram milhares deles⁷.

Durante a sua estadia no campo de deslocados, John Demjanjuk casou com uma ucraniana e conseguiu trabalho como motorista de camiões de alta tonelagem do exército norte-americano. Poucos

meses depois, ao solicitar o estatuto de refugiado, inventou uma história segundo a qual teria trabalhado como agricultor e mecânico, a reparar máquinas agrícolas em diversas quintas. Chegou a afirmar, inclusive, que tinha trabalhado em quintas próximas de uma povoação chamada Sobibor, uma cidade que se tinha tornado tristemente famosa devido ao campo de concentração aí construído pelos nazis e onde morreram cerca de 260 000 prisioneiros. Demjanjuk insistiu perante os seus interrogadores norte-americanos que tinha escolhido esta cidade em concreto porque ali se tinham instalado muitos ucranianos para fugir à União Soviética. Os agentes do CIC não confirmaram os dados fornecidos pelo ucraniano e concederam-lhe o estatuto de «pessoa deslocada»⁸.



Andrei Vlášov.

Após a promulgação da Lei das Pessoas Deslocadas (DPA, Displaced Persons Act) de 1948, John Demjanjuk obteve o estatuto de «D.P.» (*displaced person*) e, em 1952, conseguiu emigrar para os Estados Unidos, embora a DPA excluísse especificamente qualquer pessoa que «tivesse ajudado o inimigo a perseguir populações civis», ou «que tivesse colaborado na perseguição de qualquer pessoa devido à raça, religião ou origem nacional». Quando John Demjanjuk solicitou o estatuto de DP e um visto norte-americano, não referiu o campo de treino de Trawniki nem revelou que tinha servido como guarda no campo de extermínio de Treblinka, onde cerca de um milhão de seres humanos foram assassinados por um grupo de trinta alemães da SS e pouco mais de uma centena de guardas armados ucranianos. Também não mencionou nenhum dos dois lugares quando obteve a cidadania norte-americana, em 1958⁹.

Em 1975, Michael Hanusiak, antigo membro do Partido Comunista dos Estados Unidos e diretor do *Ucranian Daily News*, publicou uma lista de supostos criminosos de guerra ucranianos que residiam tranquilamente em território norte-americano. Um dos nomes era o de John Ivan Demjanjuk, a quem Hanusiak identificava como «antigo guarda da SS em Sobibor». O FBI e a própria comunidade ucraniana nos Estados Unidos viram nesta lista uma «campanha de difamação soviética» orquestrada pelo KGB. No entanto, o INS (Immigration and Naturalization Service, Serviço de Imigração e Naturalização) que já nessa altura recebia duras críticas por parte do Partido Democrata – por exemplo da congressista Elizabeth Holtzman – por não fazer absolutamente nada em relação aos criminosos de guerra nazis a residirem em solo norte-americano, decidiu iniciar uma profunda investigação. Enviaram a Wiesenthal e a Israel as fotografias de suspeitos que apareciam na

lista de Hanusiak. No monte estava a de um homem de orelhas pontiagudas chamado John Demjanjuk. A ideia era ver se os sobreviventes de Treblinka ou Sobibor conseguiam reconhecer algum daqueles rostos¹⁰.

Uma agente da polícia israelita de origem ucraniana, Miriam Radiwker, que tinha trabalhado na URSS e na Polónia, reuniu um grande grupo de sobreviventes de Treblinka e mostrou-lhes as fotografias. Um deles ergueu um dedo e apontou para a que mostrava o rosto de John Demjanjuk. «Esse é Iwan. Iwan, de Treblinka, Iwan Grozny», disse referindo-se a Ivan, o Terrível, a alcunha do guarda ucraniano encarregado das câmaras de gás, que se divertia agredindo, chicoteando e matando os prisioneiros. Apesar de os investigadores do INS falarem de um «guarda de Sobibor», a agente israelita preferiu ter alguma cautela e não reportar a declaração dos sobreviventes de Treblinka. Na altura, outros dois sobreviventes desse campo identificaram positivamente Demjanjuk. Por fim, Radiwker informou os norte-americanos da descoberta, deixando nas suas mãos toda a informação recolhida em Israel.

Em 1977, o Gabinete do Procurador-Geral de Cleveland acusou oficialmente o antigo mecânico da Ford Motor Company, garantindo que John Demjanjuk e Ivan, o Terrível, eram a mesma pessoa. No processo de desnaturalização contra ele, instruído em 1977, John Demjanjuk tinha afirmado nunca ter estado em Trawniki, nem em Treblinka, nem em Sobibor. O juiz do distrito, Frank Battisti, descobriu no entanto que John Demjanjuk era realmente o guarda ucraniano conhecido pelos prisioneiros judeus como Ivan, o Terrível, encarregado de manejar o motor a diesel que alimentava as

câmaras de gás de Treblinka e que tinha agredido e assassinado inúmeros prisioneiros.

Portrait photo of John Ivan Demjanjuk, a man with short dark hair, wearing a dark uniform.

Größe: 175 cm
Gesichtsform: oval
Haarfarbe: dunkelblond
Augenfarbe: braun
Besondere Merkmale: Narbe auf dem Rücken
Familienname: Demjanjuk
Vor- und Vatersname: Iwan Nikolai
geboren am: 3.4.20
geboren in: Duboischewitz/Saporosche
Nationalität: Ukrainer
Abkommandiert am: 22.9.41 zu Lublin
Abkommandiert am: 27.3.42 zu Sobibor

Empfangene Ausrüstungsgegenstände:

Mäntel:	1	Koppel:	
Mantel: <td>1</td> <td>Seitengewehr- tasche:<td>1</td></td>	1	Seitengewehr- tasche: <td>1</td>	1
Blase: <td>1</td> <td>Handschuhe:<td></td></td>	1	Handschuhe: <td></td>	
Hose: <td>1</td> <td>Unterhemd:<td>1</td></td>	1	Unterhemd: <td>1</td>	1
Stiefel: <td></td> <td>Unterhosen:<td>1</td></td>		Unterhosen: <td>1</td>	1
Schnürschuhe: <td>1</td> <td>Wollweste:<td></td></td>	1	Wollweste: <td></td>	
Socken: <td>1</td> <td>Badhose:<td></td></td>	1	Badhose: <td></td>	
Fasslappen: <td></td> <td>Brille:<td>1</td></td>		Brille: <td>1</td>	1
Essgeschirr: <td></td> <td></td> <td></td>			
Brotbeutel: <td></td> <td></td> <td></td>			
Trinkbecher: <td></td> <td></td> <td></td>			
Feldflasche: <td></td> <td></td> <td></td>			
Wolldecken: <td>1</td> <td></td> <td></td>	1		
Gewehr Nr.: <td></td> <td></td> <td></td>			
Seitengewehr Nr.: <td></td> <td></td> <td></td>			

Ausgegeben: *Krippl* Richtig empfangen: *Krippl*

Documento de serviço n.º 1393 do ucraniano John Ivan Demjanjuk, frente.

Raum für Anmerkungen der Dienststelle:
WIRD DER INHAUER DIESES AUSWEISES
AUSSERHALB DES ANGEGBENEN STAN-
ORTES ANGETROFFEN IST ER FEHT
NEHMEN UND DER DIENSTSTELLE ZU MELDEN.

Решение владения данным свидетельством
будет обнаружен вне указанного терри-
тории, его следует задержать и сообщить
в штаб.

Переводчик 4 Инг. МБСЕР
10/11-41.

Учреждение Рейхсфюрера СС по созданию
СС-и полицейских подразделений в новых
оккупированных районах.
Der Beauftragte des Reichsführers-SS
für die Errichtung der SS- und Polizeistützpunkte
im neuen Ostraum.
Dienstsitz LUBLIN
AUSBILDUNGSLAGER TRAWNIKI
Dienstausweis Nr. 1393
Демьянюк Иван
Der Demjanjuk, Iwan
(Name des Inhabers)

Ist in den Wachmannschaften des Beauftragten des
RF-SS für die Errichtung der SS- und Polizeistützpunkte
im neuen Ostraum als Wachmann tätig.
Служит в командах полицейского формирования
СС по созданию СС-и полицейских подразделений
в новых оккупированных районах.
i. A.

Stempel: Reichsführer-SS, Lublin
Unterschrift: Greipel, Hauptsturmführer

Em 1979, o Gabinete de Investigações Especiais do Departamento de Justiça encarregou-se da investigação. Embora não existissem os arquivos de Treblinka, visto que tinham sido destruídos pela SS antes de abandonarem o campo, os investigadores centraram a sua atenção naqueles prisioneiros e guardas que tinham estado em Trawniki, o campo de treino de prisioneiros de guerra soviéticos que queriam tornar-se guardas da SS¹¹. A embaixada dos Estados Unidos em Moscovo, através do seu embaixador Thomas J. Watson, pediu ajuda ao governo soviético para a identificação dos guardas ucranianos de Trawniki. A resposta chegou em princípios de 1980, quando o embaixador soviético em Washington, Anatoly Dobrynin, entregou um envelope aos investigadores do Gabinete de Investigações Especiais do Departamento de Justiça. No interior havia a cópia de um cartão em nome de Ivan Demjanjuk. A data de nascimento e o nome do pai estavam corretos.

Allan Ryan, chefe da investigação, comparou a fotografia do documento com a que aparecia no requerimento do visto de Demjanjuk, em 1951. «Não restava a menor dúvida de que ambos os rostos eram do mesmo homem: o guarda em Sobibor», declarou o próprio Ryan anos mais tarde. Um antigo guarda ucraniano da SS, que servira em Sobibor antes de ser enviado para um *gulag* na Sibéria, afirmou que «tinha estado com Demjanjuk em Sobibor, não em Treblinka». O procurador do ministério público encarregado do caso, George Parker, pediu então a Ryan para confirmar que Ivan, o Terrível, de Sobibor e Treblinka, e John Demjanjuk, eram a mesma pessoa. Allan Ryan continuou a afirmar que eram.

Em 1981, o Tribunal Federal do Distrito determinou a «desnaturalização» de Demjanjuk, alegando que esta tinha sido obtida de forma ilegal, «mediante a ocultação deliberada e a tergiversação do facto material do seu serviço no campo de concentração de Treblinka». As atividades de Demjanjuk durante a guerra como auxiliar da SS, ali e em Trawniki, invalidavam-no como candidato para um visto legítimo e, dado que um dos requisitos para a naturalização é a residência legal nos Estados Unidos, não cumpria um dos requisitos legais de cidadania¹².



Fotografia de Demjanjuk, tirada depois da guerra e incluída no seu requerimento de visto. (esq.)



Fotografia identificativa de Demjanjuk, durante o seu serviço em Treblinka. (dir.)

Quando Demjanjuk se viu obrigado a entregar o seu certificado de naturalização em 1981, não só deixou de ser cidadão dos Estados Unidos, como também se tornou um «ilegal». O juiz Battisti

tinha descoberto nos procedimentos de desnaturalização que Demjanjuk não estava apto para entrar nos Estados Unidos ao abrigo da DPA e que obtivera um visto de entrada no país apenas porque tinha ocultado as suas atividades durante a guerra, e, assim sendo, estava no país ilegalmente. O Governo iniciou então, em dezembro de 1982, um processo de deportação contra John Demjanjuk. Em abril de 1983, começou a audiência de deportação, no Tribunal de Imigração de Cleveland, onde o Governo apresentou o caso. Em outubro do mesmo ano, e em janeiro de 1984, os advogados de Demjanjuk apresentaram os seus argumentos perante o juiz da imigração. Em maio, o juiz da imigração Adolph E. Angelilli ordenou a sua deportação para a União Soviética, oferecendo-lhe também a opção de partir voluntariamente¹³.

Não obstante, Demjanjuk não ia render-se. Os seus advogados apresentaram então um apelo perante a Junta de Apelações de Imigração (BIA, Board of Immigration Appeals) e, em dezembro de 1984, a dita Junta ouviu Demjanjuk. Em fevereiro de 1985, a BIA indeferiu o apelo e confirmou a ordem de deportação do Tribunal de Imigração, revogando, porém, a concessão de saída voluntária. A BIA ordenou que John Demjanjuk devia ser deportado para a União Soviética.

Um ano depois de o Governo norte-americano ter iniciado um processo de deportação contra Demjanjuk, Israel decidiu iniciar um processo legal contra ele. Em outubro de 1983, Israel, através do seu embaixador em Washington, Meir Rosenne, emitiu um mandato de detenção em que se acusava o ucraniano de violação da sua Lei para o Castigo de Nazis e seus colaboradores, de 1950¹⁴. Esta lei, que se aplicou no caso de Adolf Eichmann, permitia que os crimes contra o povo judaico, os crimes contra a humanidade e os crimes

de guerra durante a Segunda Guerra Mundial fossem castigados por Israel¹⁵. Duas semanas depois de emitida esta ordem, a embaixada de Israel em Washington apresentou um requerimento de extradição para John Demjanjuk ao então secretário de Estado, George Shultz, o qual certificou que o Tratado de Extradição com Israel assinado em 1963 estava em pleno vigor e remeteu o requerimento ao Procurador-Geral dos Estados Unidos, William French Smith. A 18 de novembro de 1983, agentes do gabinete do FBI em Cleveland detiveram John Demjanjuk e o Governo de Ronald Reagan, em nome de Israel, apresentou uma denúncia e os documentos necessários perante o juiz Frank Battisti, do Tribunal de Distrito dos Estados Unidos para o Distrito Norte de Ohio, o mesmo juiz que tinha presidido ao Tribunal de Desnaturalização de Demjanjuk. A queixa apresentada afirmava que Demjanjuk tinha sido acusado de «crimes de assassinato, lesões maldosas e de infligir danos corporais graves», todos eles delitos extraditáveis em virtude do tratado de 1963 com Israel, e pedindo ao tribunal um certificado de extradição. Em finais de 1983, Demjanjuk enfrentava tanto a deportação como a extradição: se fosse deportado, seria enviado para a União Soviética; se fosse extraditado, seria entregue a Israel. Demjanjuk tratou então de evitar a audiência de extradição (para Israel), com base nos procedimentos de deportação (para a URSS) estarem pendentes; mas em julho de 1984, o Tribunal de Distrito defendeu que os dois processos eram independentes e programou ambas as audiências de extradição para os primeiros meses de 1985¹⁶.

O Governo norte-americano tinha reunido já suficientes provas documentais e testemunhas oculares contra John Demjanjuk, e Israel tinha também reunido grande quantidade de provas

incriminatórias contra ele. As declarações sob juramento de testemunhas presenciais abrangiam a maior parte das provas apresentadas pelo Governo norte-americano e utilizadas pelo juiz Battisti para determinar se existia causa provável para acreditar que John Demjanjuk era a pessoa procurada por Israel que tinha cometido os crimes de que era acusado. Em inícios de 1985, o juiz Frank Battisti tinha rejeitado os argumentos preliminares da defesa de Demjanjuk, que alegava que o tribunal «carecia de jurisdição e que não existia nenhum tratado válido de extradição com Israel». A 12 de março de 1985, a audiência centrou-se nos três principais argumentos de defesa de Demjanjuk:

1. Não era a pessoa nomeada na denúncia.
2. As acusações não eram suscetíveis de extradição.
3. Israel carecia de jurisdição.

A 15 de abril de 1985, o juiz Battisti respondeu a estes três argumentos. Quanto à identificação, John Demjanjuk argumentou que «ele não era a pessoa identificada como Ivan, o Terrível». O juiz Battisti considerou que este argumento não tinha qualquer base e decidiu que as declarações sob juramento dos sobreviventes do campo de extermínio de Treblinka que identificavam Demjanjuk como o guarda conhecido como Ivan, o Terrível, eram suficientes para estabelecer uma causa provável¹⁷.

Com respeito ao segundo ponto, de que as acusações não eram suscetíveis de estar sujeitas a extradição, o ucraniano argumentou que devido ao facto de o tratado de extradição com Israel não incluir «crimes de guerra, genocídio ou crimes contra o povo judaico» como delitos extraditáveis, os crimes que se lhe imputavam não eram conformes à letra e à intenção do tratado de 1963¹⁸. O juiz

Battisti rejeitou esta alegação. O Governo israelita, sob a liderança de Shimon Peres, tinha solicitado a extradição por «homicídio, homicídio involuntário, lesões maldosas e por infligir danos graves a prisioneiros em Treblinka». O tratado não só enumerava especificamente estes como delitos suscetíveis de estarem sujeitos a extradição, como cada um era já por si um delito grave segundo a lei dos Estados Unidos. Embora o tribunal defendesse que a extradição de Demjanjuk pelos delitos de homicídio, lesões dolosas e infligir danos graves estava proibida pelo Estatuto de Limitações, não existia tal limitação relacionada com o assassinato. Por fim, o tribunal não aceitou a «leitura literal e técnica da defesa de John Demjanjuk». O juiz Frank Battisti não encontrou nenhuma razão para supor que os redatores do tratado tentaram extraditá-lo por «homicídio» e não por «homicídio em massa»¹⁹.

Quanto à jurisdição de Israel, o juiz Battisti invocou o conceito de direito internacional conhecido como o princípio de «jurisdição universal» ou «universalidade», enquanto Demjanjuk argumentava que Israel «não tinha jurisdição porque não era cidadão nem residente de Israel e porque os crimes que supostamente tinha cometido tinham ocorrido na Polónia e não em Israel, um país que nem sequer existia na altura em que se cometeram os crimes, em 1942 e 1943». Battisti rejeitou este argumento porque «a maioria dos países tem jurisdição sobre a maioria dos crimes segundo o princípio territorial, ou seja, cada nação tem autoridade, segundo o direito internacional, para castigar certos crimes cometidos fora dos seus territórios», escreveu. O juiz Battisti defendeu que os crimes de lesa-humanidade e crimes de guerra poderiam estar sujeitos ao princípio de universalidade. Além disso, depois da Segunda Guerra Mundial, os Aliados julgaram os crimes de guerra nazis sem seguir o

princípio territorial; em contrapartida, consideraram os que cometeram tais crimes como «inimigos comuns de toda a humanidade», e John Demjanjuk entrava nessa categoria²⁰.

Dado que Israel tinha escolhido castigar tais crimes segundo a sua legislação e porque o princípio de universalidade do direito internacional lhe permitia fazê-lo, o juiz Battisti defendeu que Israel tinha jurisdição suficiente para julgar John Demjanjuk ao abrigo da sua Lei para o Castigo de Nazis e seus Colaboradores.

Depois de responder aos três argumentos da defesa relativos à identidade, extradição e jurisdição, o tribunal abordou a questão principal que tinha diante de si: se a evidência estabelecia uma causa provável para crer que John Demjanjuk tinha cometido realmente os crimes de que era acusado. Reiterando o princípio de que «o Governo e o país solicitante não estão obrigados a mostrar culpabilidade real», o juiz Battisti citou as declarações sob juramento dos sobreviventes de Treblinka como «testemunhas presenciais» desses crimes. A primeira testemunha identificou Demjanjuk como o guarda de Treblinka que conduziu os prisioneiros às câmaras de gás, «regressou à sala onde estava o motor e pô-lo a trabalhar». O juiz Battisti observou que se essa testemunha era credível, «existia uma causa mais que provável para crer que [Demjanjuk] cometeu um assassinato, já que: (i) estas câmaras foram criadas especificamente com o propósito de matar, e (ii) a morte por asfixia é uma consequência previsível da inalação de monóxido de carbono». Uma segunda testemunha declarou ter visto John Demjanjuk a «entrar e a operar na sala de máquinas (das câmaras de gás)», e numa ocasião também tinha visto como Demjanjuk enforcava três prisioneiros depois de os ter torturado». Uma terceira testemunha declarou ter visto Demjanjuk «transportar pessoas para

as câmaras de gás» e também o tinha visto «disparar contra pessoas»²¹.

Baseando a sua decisão nestes três depoimentos de testemunhas presenciais, o juiz Battisti proferiu a opinião de que «não era necessário transmitir cada fragmento de evidência que pormenoriza as declarações de testemunhas dos atos supostamente cometidos (por Demjanjuk). Bastava neste caso, depois de analisar as declarações de apenas três testemunhas, para encontrar uma causa provável de que (Demjanjuk), enquanto desempenhava o cargo de guarda no campo de Treblinka em 1942-43, cometeu assassinatos de (i) inumeráveis presos [...] que morreram por asfixia nas câmaras de gás que [ele] manipulava; (ii) [uma pessoa] que pode ter morrido por perda de sangue ou que levou um tiro depois de Demjanjuk lhe ter cortado uma orelha; (iii) [uma pessoa] que morreu de golpes na cabeça; (iv) três pessoas] que foram enforcadas por [Demjanjuk]; (v) o transportador de cadáveres que foi executado por [Demjanjuk]. Em resumo, este Tribunal considera que existe uma causa mais do que provável para crer que [John Demjanjuk] cometeu múltiplos atos de assassinato e que pode ser extraditado para Israel para responder por estes assassinatos.»²²

A defesa de Demjanjuk reclamou então a isenção da extradição porque os atos de que era acusado «eram claramente de carácter político». Os advogados de defesa argumentaram que «no momento da suposta comissão dos delitos havia uma guerra e estes supostos atos, não importa quão bárbaros e horripilantes fossem, eram incidentais no esforço de guerra nazi»²³. Da redação dos advogados não ficava claro se John Demjanjuk considerava como «supostos» todos os crimes cometidos no campo de Treblinka ou se

apenas se referia à sua «própria» participação nesses crimes. O facto foi que o tribunal também rejeitou esta linha de defesa. A exceção política só podia aplicar-se se «houve um distúrbio político violento, como uma guerra, revolução ou rebelião no momento e lugar do suposto ato»; portanto deve haver um «nexo racional» entre o crime e a agitação política. O juiz Frank Battisti considerou «frívola e ofensiva» a afirmação de Demjanjuk ao declarar «que o assassinato de civis indefesos em Treblinka fazia parte do esforço de guerra nazi e, portanto, [...] era de carácter político»²⁴. Battisti assinalou além disso que nunca tinha existido nenhuma acusação de que os assassinos em Treblinka estivessem envolvidos numa luta política pelo poder ou tivessem procurado derrubar o governo pela força ou pela violência. As vítimas eram simplesmente «membros de uma população civil inocente». Battisti concluiu que «o assassinato (por parte de John Demjanjuk) de numerosos civis como guarda num campo de concentração nazi, como parte de uma “Solução Final” (a questão judaica na Europa) mais ampla, para exterminar grupos religiosos ou étnicos, não era um crime de “carácter político” e, por conseguinte, não estava coberto pela exceção do delito político nem, portanto, livre de extradição». A 15 de abril de 1985, o juiz Battisti certificava ao secretário de Estado George Shultz a legalidade da extradição de John «Ivan» Demjanjuk.



O juiz Frank Battisti.

A 25 de abril de 1985, os advogados de Demjanjuk apresentaram ao Tribunal de Distrito dos Estados Unidos para o Distrito Norte de Ohio um recurso de *habeas corpus*, alegando que Demjanjuk estava a ser detido ilegalmente, violando-se assim os seus direitos constitucionais e legais. O seu caso foi entregue novamente ao juiz Frank Battisti. Demjanjuk, que já tinha protestado pela entrega do pedido de extradição ao juiz Battisti, devido a ter sido o mesmo juiz que tinha conduzido o seu processo de desnaturalização, pediu a Battisti que se escusasse da audiência de *habeas corpus*, porque tinha presidido aos outros dois processos (desnaturalização e extradição). O juiz recusou. Os processos de extradição de John Demjanjuk tinham sido entregues a Battisti precisamente porque tinha sido ele quem presidiu aos processos de

desnaturalização anteriores. As normas que regulam a entrega de casos a juizes no Distrito Norte de Ohio especificam que «os casos relacionados com outros já entregues a um juiz serão entregues ou transferidos para o dito juiz».

Demjanjuk apelou então para o Tribunal de Apelação dos Estados Unidos para o Sexto Circuito, baseando o seu apelo numa «mistura de argumentos evidentemente confusos» e desafiando a negativa do juiz Frank Battisti a escusar-se a si mesmo. O Tribunal de Apelação rejeitou todas as objeções dos advogados de John Demjanjuk e considerou apropriado que «o caso do *habeas corpus* fosse entregue ao juiz Battisti»²⁵.

Com respeito à pergunta sobre «se o assassinato de judeus num campo de extermínio nazi na Polónia, durante a guerra de 1939 a 1945, podia ser considerado, para efeitos de extradição, crime dentro da jurisdição do Estado de Israel», o Tribunal de Apelação concordou que «a jurisdição não se refere unicamente à jurisdição territorial» e que a Lei para o Castigo de Nazis e seus Colaboradores, israelita, foi um exercício legítimo de «“jurisdição universal” sobre os crimes cometidos pelos nazis em campos de concentração como Treblinka, ao terem sido “universalmente reconhecidos e condenados pela comunidade das nações”»²⁶. A 31 de outubro de 1985, o Tribunal de Apelação do Sexto Circuito confirmou a negativa do juiz Battisti ao pedido de Demjanjuk de um recurso de *habeas corpus*; o criminoso de guerra ucraniano, porém, tinha de ganhar tempo, pelo que solicitou a revisão do seu caso ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos. A 24 de fevereiro de 1986, o tribunal, presidido pelo juiz Warren Burger, recusou ouvir o seu pedido. Depois de ser classificado como «extraditável», John Ivan Demjanjuk ficou à guarda de agentes federais norte-americanos,

que o confinaram a um local não revelado aguardando a sua entrega a Israel. Portanto, Demjanjuk estava tecnicamente sob a custódia do procurador-geral Edwin Meese.

Ao recusar o requerimento de Demjanjuk para que fosse suspensa a execução da sua extradição, o juiz Robert Bork sublinhou que tal ordem só estava justificada por uma «clara demonstração» de que o ucraniano não conseguiria convencer um tribunal de que não era extraditável. Demjanjuk «não tinha demonstrado uma probabilidade de êxito quanto ao fundo». O Tribunal concluiu, a 27 de fevereiro de 1986, «que o requerente não tinha demonstrado ter direito à reparação solicitada. A Convenção contra o Genocídio não está em vigor e se estivesse seria irrelevante para a extradição em questão. O pedido do requerente de um recurso de *habeas corpus* e de uma audiência e uma suspensão são, por conseguinte, recusados.»²⁷

A 28 de fevereiro de 1986, Demjanjuk tinha já esgotado todas as vias judiciais e, nesse mesmo dia, os agentes federais dos Estados Unidos meteram-no num avião e levaram-no para Israel, onde foi entregue às autoridades. Em Israel, ficou na prisão de segurança máxima de Ramla, o mesmo sítio onde, vinte e quatro anos antes, Eichmann tinha sido executado na forca²⁸.

A 29 de setembro de 1986, o gabinete de Yitzhak Zamir, procurador-geral do Estado no Ministério da Justiça de Israel, apresentou uma acusação formal no Tribunal de Distrito de Jerusalém contra Ivan (John) Demjanjuk, filho de Nicholai Demjanjuk. O ucraniano foi acusado, de acordo com a Lei para o Castigo de Nazis e seus Colaboradores, de ter cometido crimes contra o povo judaico, crimes contra a humanidade e crimes de guerra. Além disso, foi acusado, ao abrigo do artigo 300.º do Código

Penal de Israel, de ter cometido crimes contra pessoas perseguidas. John Ivan Demjanjuk fê-lo ao causar as suas mortes com «intenção premeditada». Se tivesse «levado a cabo esses atos no território de Israel [sic], [ele] teria sido culpado de delitos de assassinato». «Aí o tendes sentado. Sonho com ele todas as noites. Deixou uma marca em mim e na minha memória», gritou-lhe Pinhas Epstein, sobrevivente de Treblinka, apontando para Demjanjuk. A Yoram Sheftel, advogado de Ivan, o Terrível, o público gritava insultos, como «*Kapo*», «nazi» ou «bastardo sem-vergonha»²⁹.



John Demjanjuk, no tribunal de Jerusalém, a ouvir o veredicto de culpabilidade.

A 18 de abril de 1988, John Demjanjuk foi declarado culpado de todas as acusações e condenado a morrer na forca uma semana depois. Mas a 29 de julho de 1993, os cinco juízes do Supremo Tribunal revogaram o veredicto. A decisão do alto tribunal baseava-

se em declarações escritas, elaboradas por antigos guardas de Treblinka, onde garantiam que o verdadeiro nome que se escondia sob a alcunha de Ivan, o Terrível, não era o de Ivan Demjanjuk, mas sim o de Ivan Marchenko. Estas declarações tinham sido obtidas pelas autoridades soviéticas após a Segunda Guerra Mundial, quando se dedicaram a deter, interrogar, julgar e executar todos os ucranianos que tinham servido como forças nazis auxiliares da SS, durante a guerra³⁰. Por fim, em 1993, John Demjanjuk foi libertado, depois de ter passado sete anos numa prisão israelita. Em finais desse ano, o antigo mecânico de Cleveland decidiu regressar aos Estados Unidos, onde lhe foi devolvida a cidadania.

No ano de 2002, após uma investigação levada a cabo pelo Gabinete de Investigações Especiais do Departamento de Justiça, juntamente com investigadores do Serviço de Imigração e Naturalização (INS), foi decidido retirar a nacionalidade norte-americana a John Demjanjuk, por «ter mentido sobre o seu passado, não tendo mostrado nunca público arrependimento pela sua suposta participação no Holocausto». Durante os seis anos seguintes, Demjanjuk não deixou de aparecer nas primeiras páginas dos meios de comunicação, devido à sua luta solitária contra o Governo dos Estados Unidos para que lhe devolvessem a nacionalidade.



John Demjanjuk apresentando-se doente ante o Tribunal de Munique.

No mês de dezembro de 2008, de surpresa, as autoridades judiciais alemãs manifestaram aos Estados Unidos o seu interesse por John Demjanjuk, de 88 anos de idade, considerando que um tribunal de Munique era perfeitamente competente para julgar o criminoso de guerra ucraniano, devido ao facto de ter vivido naquela cidade da Baviera antes de emigrar para os Estados Unidos em 1952. Sem nacionalidade, a 14 de abril de 2009 agentes do INS retiraram Demjanjuk da sua residência, meteram-no num avião e expulsaram-no para a Alemanha³¹.

O julgamento em Munique começou a 30 de novembro de 2009. Teve assim início um processo marcado pela ausência de testemunhas que pudessem identificá-lo, visto que já só havia sobreviventes do campo de concentração de Sobibor. Aos juizes alemães bastou-lhes a sua folha de serviços n.º 1393, segundo a

qual «Ivan Mykolaiovych Demianiuk foi um dos 120 (guardas auxiliares ucranianos) do campo de Trawniki. O processado serviu como guarda em Sobibor entre março e setembro de 1943, ano em que o campo foi desmantelado.» A defesa de Demjanjuk argumentava que tinha sido obrigado a servir na SS nazi, visto que negar-se seria equivalente a ser executado. Ao longo de todo o julgamento, a defesa recordou que vários oficiais da SS encarregados de lhe dar ordens foram absolvidos pela justiça alemã em 1966. Tanto o ministério público como a acusação privada, na sua maioria familiares de judeus holandeses assassinados nas câmaras de gás de Sobibor, declararam que não desejavam ver Demjanjuk na prisão; desejavam sim uma sentença de carácter simbólico, dada a avançada idade do condenado e o tempo decorrido desde que tinha cometido os crimes.



Demjanjuk durante o seu julgamento na Alemanha.

O certo é que John Demjanjuk assistiu em Munique a todo o processo numa cadeira de rodas, sem pronunciar uma palavra que

não fosse através do seu intérprete ucraniano e geralmente para manifestar o seu mal-estar físico. Em maio de 2011, John Ivan Demjanjuk foi condenado a cinco anos de prisão pelo Tribunal de Munique por acusações de cumplicidade no assassinato de 29 060 judeus no campo de concentração de Sobibor (quinze dias de prisão por cada vítima). Devido à avançada idade do condenado e ao seu precário estado de saúde, o tribunal autorizou suspender a sua entrada na prisão, ordenando, porém, que residisse no lar de idosos de St. Lukas, na localidade de Bad Feilnbach, no sul da Alemanha. O antigo guarda dos campos de concentração de Treblinka e de Sobibor, John Ivan Demjanjuk, morreu nesse mesmo lar aos 91 anos de idade, a 17 de março de 2012³².

¹ Tom Teicholz, *Ivan, the Terrible. The Trial of John Demjanjuk*, Futura, Nova Iorque, 1990.

² Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

³ Tom Teicholz, *Ivan, the Terrible. The Trial of John Demjanjuk*, Futura, Nova Iorque, 1990.

⁴ Yankel Wiernik, *One Year in Treblinka, an Inmate Who Escaped Tells the Day-to-day Facts of One Year of His Torturous Experience*, American Republic of the General Jewish Workers' Union of Poland, Nova Iorque, 1945.

⁵ Yoram Sheftel, *Defending Ivan the Terrible: The Conspiracy to Convict John Demjanjuk*, Regnery Publishing, Washington D.C., 1996.

⁶ Sven Steenberg, *Vlasov*, Knopf, Nova Iorque, 1970.

⁷ Finalmente, a 17 de setembro de 1955, um novo Governo soviético liderado por Nikita Krushev, perdoou aos 55 000 soldados do ROA ainda vivos. Vide também Catherine Andreyev, *Vlasov and the Russian Liberation Movement: Soviet Reality and Emigré Theories*, *Cambridge Russian, Soviet and Post-Soviet Studies*, Cambridge University Press, 1990.

⁸ Richard Rashke, *Useful Enemies: John Demjanjuk and America's Open-Door Policy for Nazi War Criminals*, Delphinium Publishers, Nova Iorque, 2013.

⁹ Tom Teicholz, *Ivan, the Terrible: The Trial of John Demjanjuk*, Futura, Nova Iorque, 1990.

¹⁰ Andrew Nagorski, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.

11 Samuel Willienberg, *Revolt in Treblinka*, Żydowski Instytut Historyczny im. Emanuela Ringelbluma, Varsóvia, 2008.

12 Richard Rashke, *Useful Enemies: John Demjanjuk and America's Open-Door Policy for Nazi War Criminals*, Delphinium Publishers, Nova Iorque, 2013.

13 *In reference* Demjanjuk, n.º A8-237-417 (Immigration Court, Cleveland, Ohio, 23 de maio de 1984).

14 O nome original da lei é Nazis and Nazi Collaborators Punishment Law 5710-1950, de 1 de agosto de 1950.

15 Tom Teicholz, *Ivan, the Terrible. The Trial of John Demjanjuk*, Futura, Nova Iorque, 1990.

16 Richard Rashke, *Useful Enemies: John Demjanjuk and America's Open-Door Policy for Nazi War Criminals*, Delphinium Publishers, Nova Iorque, 2013.

17 *In reference* Demjanjuk, 612 F. Supp. (Federal Supplement) 544 (N.D. [Northern District] Ohio, 15 de abril de 1985, as amended 30 de abril de 1985), Misc. No (Miscellaneous n.º) 83-349.

18 *Respondent's Motion to Terminate Extradition Proceedings*, at 23, filed 2 de abril de 1984, *In reference* Demjanjuk, 612 F. Supp. (Federal Supplement) 544 (N.D. [Northern District] Ohio, 1985), Misc. No (Miscellaneous n.º) 38-349.

19 Yoram Sheftel, *Defending Ivan the Terrible: The Conspiracy to Convict John Demjanjuk*, Regnery Publishing, Washington D.C., 1996.

20 *In reference* Demjanjuk, 612 F. Supp. (Federal Supplement) 544.557 (N.D. [Northern District] Ohio, 15 de abril de 1985, as amended 30 de abril de 1985).

21 Lawrence Douglas, *The Right Wrong Man: John Demjanjuk and the Last Great Nazi War Crimes Trial*, Princeton University Press, Princeton. Nova Jérсия, 2018.

22 Willen Wagenaar, *Identifying Ivan: A Case Study in Legal Psychology*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1989.

23 *Respondent's Motion to Terminate Extradition Proceedings*, em 34, FILED 2 abril 1984, *In re* Demjanjuk, 612 F. Supp. 544 (N.D. Ohio 1985), Misc. No 38-349.

24 Henry Friedlander e Earlean M. McCarrick, *The Extradition of Nazi Criminals: Ryan, Artukovic and Demjanjuk*, Museum of Tolerance, Simon Wiesenthal Center, Viena, 2002.

25 *Demjanjuk v. Petrovsky*, 776 F. 2d 571, 576 (6.º Cit. 31 de outubro de 1985), No. 85-3435.

26 Richard Rashke, *Useful Enemies: John Demjanjuk and America's Open-Door Policy for Nazi War Criminals*, Delphinium Publishers, Nova Iorque, 2013.

27 Kenneth S. Stern, *Demjanjuk: An Analysis of the Sixth Circuit Court of Appeals decision in Demjanjuk v. Petrovsky*, American Jewish Committee, Institute of Human Relations Nova Iorque, 1993.

28 «Retiree Deported to Israel for War Crimes Trial», *The Washington Post*, 28 de fevereiro de 1986 e «Accused Nazi Arrives in Israel to Stand Trial», *The Washington Post*, 1

de março de 1986.

29 Eugene Kogon, *The Theory and practice of hell: the German concentration camps and the system behind them*, Berkley Books, Nova Iorque, 1980.

30 «ACQUITTAL IN JERUSALEM; Israel Court Sets Demjanjuk Free, But He Is Now Without a Country», *The New York Times*, 30 de julho de 1993.

31 «Demjanjuk retirado da sua casa no Ohio numa maca», *Associated Press*, 17 de abril de 2009.

32 Lawrence Douglas, *The Right Wrong Man: John Demjanjuk, and the Last Great Nazi War Crimes Trial*, Princeton University Press, Nova Jérsei, 2018.

6

KLAUS BARBIE **O Carniceiro de Lyon**

Às 20h10 do dia 6 de abril de 1944, chegou ao quartel da SS e da Gestapo, na Prinz-Albrecht-Strasse 8, em Berlim, o seguinte telegrama:

Lyon n.º 5, 269 4/6/44 8:10 p.m. – FI

Ao BdS – Dept IV B – Paris

Re: Casa das crianças judaicas em Izieu, Ain

Prévios: nenhum

Esta manhã, o lar para crianças judaicas «Colonie Enfant» em Izieu, Ain, foi esvaziado. No total foram detidas quarenta e quatro crianças, com idades compreendidas entre os três e os treze anos. Além disso, levou-se a cabo a prisão de todo o pessoal judaico, sete adultos fortes, entre os quais cinco mulheres. Não se encontrou dinheiro nem objetos de valor. Transporte para Drancy para continuar em 4/7/44.

O comandante do SiPo-SD Lyon

Dept. IV B 61/43

A tranquila povoação de Izieu, situada no centro de França, frente ao rio Ródano, entre Lyon e Chambéry, era o lar de várias

crianças judaicas procedentes de diversos países, com idades compreendidas entre os três e os 17 anos. Ali se sentiam seguras e protegidas, supervisionadas por sete adultos. Não obstante, na manhã do dia 6 de abril de 1944, quando todos se acomodaram no refeitório para beberem uma chávena de chocolate quente, três viaturas, duas das quais eram camiões, detiveram-se diante da casa. A Gestapo, liderada pelo Carniceiro de Lyon, Klaus Barbie, entrou na casa e mandou prender as quarenta e quatro crianças e os seus sete monitores. Os alemães empurraram todas as crianças, aterrorizadas, para dentro dos camiões, como se fossem apenas sacos. «Eu estava a descer as escadas, quando a minha irmã me gritou: “São os alemães, foge!” Saltei pela janela e escondi-me nos arbustos do jardim. Ouvi os gritos das crianças que estavam a ser detidas e ouvi os gritos dos nazis, levando-as à força», recorda uma testemunha¹.

Após a rusga da Gestapo na casa-escola de Izieu, as crianças foram enviadas diretamente para o «centro de trânsito», em Drancy e, posteriormente, subiram a bordo do primeiro comboio disponível rumo aos campos de extermínio no leste. Quarenta e duas crianças e cinco adultos foram gaseados em Auschwitz. Dois dos rapazes mais crescidos, provavelmente Arnbold Hirsch, de 17 anos, e Theodor Reis, de 16, juntamente com Miron Zlatin, o superintendente da escola, acabaram em Tallin (Estónia), onde foram fuzilados na madrugada do dia em que chegaram. Um sobrevivente de Auschwitz revelou durante o julgamento de Klaus Barbie o que se passou com as crianças de Izieu:

Perguntei-me: onde estão as crianças que vieram connosco? No campo de Auschwitz não se via uma única criança. Os que ali estavam há algum tempo logo nos informaram da realidade. «Estás a ver aquela chaminé, de onde está

sempre a sair fumo? Não te está a cheirar a carne queimada...?» Não fiz mais perguntas e recitei o *kaddish*².

Na mesma noite, após a sua detenção, as crianças foram encerradas no forte de Montluc, onde foram interrogadas. No dia seguinte, sexta-feira, algemadas, foram enviadas num comboio regular de passageiros para o campo de trânsito de Drancy, perto de Paris. O grupo juntou-se a outro grupo de judeus franceses. Todos estavam nervosos por saber qual seria a sua próxima paragem. A maior parte deles não sabia para onde iam; uma semana mais tarde, partiram num comboio para leste. Na tarde de 15 de abril chegaram ao seu destino: Auschwitz. Todos, sem exceção, foram enviados para as câmaras de gás nessa mesma tarde.



As crianças judaicas e os seus monitores, na casa-escola
detenção e deportação.

O homem que tinha assinado o telegrama endereçado aos seus chefes, Adolf Eichmann e Alois Brunner, era o SS-Obersturmführer

(tenente) Klaus Barbie, que desde o dia 11 de novembro de 1942 tinha assumido o cargo de chefe da Gestapo em Lyon. A pessoa que recebeu o telegrama de Barbie era o também famoso SS-*Hauptsturmführer* Alois Brunner, o braço direito de Eichmann e o homem que decidiria que o destino final das crianças de Izieu seria as câmaras de gás de Auschwitz. Das quarenta e quatro crianças detidas pelos nazis em Izieu nenhuma sobreviveu. Dos seus supervisores, houve apenas uma sobrevivente, Léa Feldblum, de vinte e sete anos. Em Izieu, uma jovem francesa chamada Renée Paillares, que era assistente na casa-escola, conseguiu esconder em sua casa uma menina judia de três anos, procedente do Luxemburgo, Diane Popowski. A menina sobreviveu ao Holocausto³.

Durante todo o tempo em que Klaus Barbie esteve colocado na cidade francesa, ganhou fama de uma brutalidade extrema na sua luta contra a Resistência. Acabou por ser batizado com a alcunha de o Carniceiro de Lyon. Uma das suas vítimas foi Maurice Bodet, detido pela Gestapo em julho de 1943.

Agrediu-me sem hesitar e incitou os outros a fazerem o mesmo. Quando estava inconsciente, mergulharam-me em água gelada; quando recuperei os sentidos, injetaram-me ácido na bexiga. Realmente (Barbie) sentia prazer em provocar sofrimento nas outras pessoas. [...] Era o pior de todos. Gostava de usar uma barra de três polegadas, que me introduzia na caixa torácica até aos pulmões. Por vezes, teria preferido que me desse um tiro, mas ele sabia como manter-me vivo.

Outro membro da Resistência que passou pelas mãos de Barbie recorda:

Depois de nos ter torturado o suficiente, aproximava-se de nós e dizia que nos ia deixar recuperar. Atirava-nos para um corredor húmido e frio e, quando estávamos quase a adormecer, Barbie agredia-nos outra vez. [...] Ainda recordo como os homens de Barbie despiram uma mulher jovem que tinha uma criança de três anos ao colo. Atiraram a criança para um lado da sala e Barbie mandou o seu cão pastor subir para as costas da mulher, para obter prazer sexual. Enquanto a mulher estava estendida no chão, a tentar alcançar o filho, Barbie matou-a com um tiro na cabeça.

O certo é que Barbie não tinha qualquer problema em torturar crianças. A 6 de junho de 1944, a Gestapo prendeu Simone Lagrange, de 13 anos, juntamente com os pais. O seu crime era serem judeus. Tinham sido denunciados por uma prima do porteiro da casa onde viviam. Depois de ter sido detida, a família foi sujeita a um interrogatório diante de Klaus Barbie.

Eu, inocentemente, pensei que talvez não fosse tão cruel connosco. Tinha um sorriso agradável quando falava para nós. Deteve-se e observou meu pai de cima a baixo. A seguir, olhou para minha mãe e disse-lhe que eu era muito bonita. Voltou-se outra vez para a minha mãe e perguntou: «É a tua única filha?» A minha mãe respondeu: «Não, tenho dois filhos mais novos.» Barbie perguntou logo «onde estavam»; a minha mãe realmente não sabia, porque tinham sido evacuados para o campo, porque Lyon estava a ser bombardeada regularmente. Como é evidente, Barbie não acreditou nela e mais uma vez voltou a sua atenção para mim. Eu também disse desconhecer o paradeiro dos meus irmãos. De repente, abandonou o seu papel de «polícia bom». Puxou a rede do meu cabelo, enrolou o cabelo na mão e puxou com força. O meu pai fez o gesto de avançar, mas logo um guarda da SS lhe encostou uma pistola ao peito, obrigando-o a recuar. Barbie continuou a repetir a pergunta e de cada vez que eu não respondia atirava-me ao chão de um golpe e voltava a levantar-me, puxando-me pelo cabelo. Só me lembro da violência dos seus golpes. Recordo-me da sua calma e, de repente, começou a gritar sem razão. Tive medo, muito medo mesmo.



O oficial da Gestapo Klaus Barbie, em Lyon.

No dia seguinte, Barbie assinou o envio de toda a família para Auschwitz, onde a mãe morreu nas câmaras de gás no mesmo dia em que chegou. Simone e o pai sobreviveram nesse dia, mas foram separados. Com o avanço dos russos, os prisioneiros sobreviventes foram enviados em marcha forçada para oeste. A meio da marcha, Simone viu o pai numa fila paralela à dela. Havia muito tempo que não o via. Perguntou a um guarda da SS se podia ir para a outra fila, onde tinha visto o pai. O guarda autorizou, mas quando os dois se estavam a abraçar, o SS obrigou o senhor Lagrange a pôr-se de joelhos e deu-lhe um tiro na cabeça. «Não foi Barbie quem meteu

aquela bala na cabeça do meu pai, mas foi ele quem nos meteu no inferno de Auschwitz», declarou Simone Lagrange anos depois, já idosa⁴.

Klaus Barbie organizou também assassinatos em massa. Na manhã do dia 20 de agosto de 1944, cento e vinte prisioneiros foram levados para o pátio principal do forte de Montluc. Foram amarrados, agrupados em dois autocarros e conduzidos a cerca de nove quilómetros para sul, para um edifício abandonado com vista para a cidade de Saint-Genis-Laval. Os prisioneiros foram levados para o primeiro piso do edifício, onde cada um deles levou um tiro na nuca. Max Payot, um colaboracionista francês que foi testemunha do massacre, recorda:

Nessa altura, os prisioneiros viram-se obrigados a subir para cima do monte formado pelos cadáveres dos seus companheiros. O sangue corria a jorros através do teto, e ouviam-se claramente as vítimas a caírem, à medida que iam sendo executadas. Conforme o monte de cadáveres ia aumentando, os carrascos tinham de subir para cima dos mortos para acabar com os que ficavam feridos, atingidos por atiradores inexperientes. Quando terminaram, os alemães puxaram fogo aos cadáveres. Enquanto as chamas queimavam os corpos, os verdugos encontraram uma mulher que se tinha salvado milagrosamente. Pôs-se de pé junto de uma janela e suplicou misericórdia. Os alemães responderam com uma chuva de balas na sua direção. A temperatura aumentou e o seu rosto derreteu-se como cera.

Depois dos assassinatos, a Gestapo brindou ao seu êxito com champanhe, antes de dinamitarem o edifício. A explosão foi tão forte que os jardins da cidade de Saint-Genis-Laval ficaram inundados com restos de cadáveres humanos. Quando a Resistência soube do massacre, executou oitenta soldados alemães⁵.

Porém, o maior golpe de Klaus Barbie contra a Resistência foi a detenção de Jean Moulin, um dos elementos mais importantes da chamada Armée Secrète. Antigo prefeito no departamento de Eure-et-Loir, Moulin tinha sido afastado do seu posto pelo governo colaboracionista de Vichy por se recusar a prender presidentes de câmara pertencentes a partidos de esquerda. Em 1941, juntou-se à Resistência e em pouco tempo tornou-se um dos seus líderes máximos, com a ordem direta do general Charles de Gaulle de «unificar todos os pequenos grupos de resistência espalhados por toda a França, e sem controlo algum, como a Armée Secrète e o Mouvements Unis de la Résistance, num grupo único denominado Mouvements Unis de la Résistance (MUR)»⁶. Em muito pouco tempo, Moulin conseguiu transformar padeiros, professoras, ferroviários, arquitetos, estudantes, enfermeiras, etc., num bloco sólido de combate contra um objetivo comum: o ocupante alemão.

A 21 de junho de 1943, Moulin reuniu-se com o seu «Estado-Maior», nove líderes da Resistência, no segundo andar da casa do doutor Frédéric Dugoujon, no centro de Caluire, uma povoação a norte de Lyon. Moulin precisava de tratar da recente detenção pela Gestapo do general Charles Delestraint, líder máximo da Armée Secrète. A reunião estava prevista para as 14h00, mas Jean Moulin só chegou às 14h45. A rececionista do doutor Dugoujon pensou tratar-se de um paciente e pediu a Moulin que se sentasse na sala de espera.



Jean Moulin, líder da Resistência, torturado e assassinado por Barbie.

De repente, a porta do jardim rangeu nas dobradiças e vi entrar um bando de homens envergando grandes casacões de cabedal. Só tive tempo de me pôr de pé e de dizer: «Já nos descobriram... filhos da mãe... é a Gestapo...!» Em poucos segundos, os alemães estavam dentro de casa, chefiados por Barbie, armado com uma pistola-metralhadora. Deu um salto na minha direção. Esbofeteou-me, atirou-me de cabeça contra a parede e algemaram-me as mãos atrás das costas⁷.

Foram todos presos, incluindo Jean Moulin, que protestou alegando que não passava de um paciente do doutor Dugoujon, chamado Jean Martel. Não obstante, Barbie mandou levá-lo para a École de Santé, onde foi torturado com toda a violência que só um homem da Gestapo sabia praticar. Um dos prisioneiros observou

que Moulin estava em muito mau estado. «Ele (Jean Moulin) tinha desmaiado. Os seus olhos estavam encovados, como se estivessem enterrados na cabeça. Tinha uma ferida azulada nas fontes, e dos lábios inchados saiu-lhe um gemido», declarou Christian Pinaud, um dos detidos na rusga da Gestapo⁸. O doutor Frédéric Dugoujon recorda ter visto Moulin ser arrastado pelos guardas da SS, visto não poder caminhar. Mesmo assim, Jean Moulin conseguiu manter a boa disposição: quando Barbie lhe mandou fazer um diagrama das redes da Resistência, Moulin desenhou uma grotesca caricatura do seu carrasco.

Quando Klaus Barbie percebeu a categoria do peixe que acabava de pescar, decidiu levá-lo urgentemente para Paris. Ao que parece, um dos detidos teria confessado e revelado a verdadeira identidade de Jean Martel. O doutor Dugoujon pensa que foi Aubry, a sua rececionista⁹.

Jean Moulin foi levado numa viatura para uma base próxima e metido num avião militar rumo a Paris. Klaus Barbie desejava marcar pontos perante o onnipotente chefe da Gestapo em França, o *SS-Sturmbahnführer* (major) Karl Bömelburg¹⁰. Os homens de Bömelburg, tal como os de Barbie, não conseguiram arrancar uma única palavra ao já moribundo Moulin. Durante 14 dias, mantiveram-no vivo, mas a 8 de julho de 1944 Jean Moulin faleceu. A causa da morte não ficou esclarecida. Diz-se que se suicidou, enquanto outras fontes afirmam que morreu dos ferimentos infligidos pelos seus carrascos. No entanto, para a França e para o mundo inteiro, o principal responsável pela morte de Jean Moulin foi um único homem: Klaus Barbie.

Nikolaus (Klaus) Barbie nasceu a 26 de outubro de 1913, na cidade alemã de Godesberg. A família do pai descendia de católicos

franceses, que, após a Revolução Francesa, foram viver para a zona de Merzig, na região do Saar situada na fronteira com a França. Em 1914, Nikolaus Barbie pai foi recrutado pelo exército alemão para combater na Primeira Guerra Mundial. Em 1919, após a derrota da Alemanha, regressou ao lar dos Barbie. Tinha sido ferido na cabeça durante a batalha de Verdun. Nikolaus Barbie nunca mais voltou a ser o mesmo. Alcoólico e abusador, costumava espancar os dois filhos, Kurt e Klaus. Em junho de 1933, o irmão de Klaus, Kurt, morreu com uma pneumonia aos 18 anos, e, em dezembro do mesmo ano, morreu também o pai.

O jovem Klaus sentia então um verdadeiro ódio pelos franceses, a quem acusava de serem os responsáveis por todos os males da sua família: desde os ferimentos sofridos pelo pai em Verdun até à derrota da Alemanha, desde os maus-tratos sofridos por Nikolaus Barbie até à morte do irmão Kurt. Nesse mesmo ano de 1933, Hitler tinha-se tornado chanceler da Alemanha e Barbie juntou-se à Juventude Hitleriana, o início da sua participação no movimento nazi. Em vez de estudar teologia, o curso que realmente desejava, preferiu unir o seu destino ao do nacional-socialismo.

A partir de fevereiro de 1935, Barbie foi colocado como ajudante pessoal do chefe do gabinete local do Partido Nazi em Tréveris. Foi nesta altura, de acordo com a autobiografia descrita na sua ficha pessoal da SS, que Barbie começou a trabalhar na Sicherheitsdienst (SD), a agência dos serviços secretos e espionagem do Partido Nazi¹¹.



Foto do cartão da Gestapo de Klaus Barbie.

O SD foi criado em 1931, com Reinhard Heydrich à cabeça. Era um dos braços poderosos da SS (Schutzstaffel), a organização que começou como escolta pessoal de Adolf Hitler e acabou por se tornar um órgão paramilitar que dirigia uma complexa e poderosa rede de campos de morte, divisões armadas, serviços secretos e comandos de execução. A tarefa principal do SD era lutar contra os inimigos do Estado, mas descreve-se melhor num discurso pronunciado pelo líder da SS, o *SS-Reichsführer* Heinrich Himmler, em janeiro de 1937:

Os principais campos de luta do SD são o comunismo, a atividade política por persuasão religiosa e a reação. Não obstante, o SD não está preocupado com problemas executivos pormenorizados [...]. O SD apenas se preocupa

com os principais problemas ideológicos. [...] Como serviço de segurança, estamos interessados neste tema. O (SD) propõe fazer um esforço para que as influências bolchevistas possam ser detetadas nos círculos franco-maçónicos no estrangeiro e descobrir de que maneira vão os fios e para onde se dirigem os seus grandes emissários [...]. Novamente, estamos interessados na influência económica que os judeus estão a adquirir para nos estrangularem, sabotar-nos ou manipular a nossa moeda. Todas estas questões são estudadas de forma científica pelo SD¹².

Klaus Barbie juntou-se oficialmente à SS e ao SD a 26 de setembro de 1935; tinha apenas 22 anos e foi nomeado para o *Hauptamt* (Gabinete Principal) SD até outubro de 1936, sendo nessa altura transferido para o SD *Oberabschnitt* (Secção Superior) Oeste, em Düsseldorf, com a categoria de «especialista». Não são conhecidas as suas tarefas específicas durante este período. O número de Barbie na SS era o número 272 284. A 1 de maio de 1937, e sempre segundo a sua ficha da SS, Barbie filiou-se no Partido Nazi com o número de filiado 4 583 085. Em março de 1939, Klaus Barbie apresenta um pedido de casamento às SS. Os membros da organização eram obrigados a apresentar diversos documentos para demonstrar as origens «arianas» das suas futuras esposas antes de receberem autorização para contrair matrimónio. A escolhida foi Regina Margareta Wilms, de 23 anos, filha de um carteiro. O seu comandante descreve-o como «uma das melhores referências da organização».

A 20 de abril de 1939, Barbie atingiu o posto de *Oberscharführer* (sargento-mor) «não comissionado» por méritos próprios e, em outubro do mesmo ano, em resultado de uma reorganização, é destinado ao SO *Abschnitt* (secção) de Dortmund. A 20 de abril de 1940, é promovido ao posto de SS-*Untersturmführer* (subtenente)¹³.

A 10 de maio de 1940, os alemães lançam um assalto terrestre e aéreo maciço e coordenado no oeste, ocupando a Holanda. A 15 de maio, depois da rendição das forças holandesas, Klaus Barbie aterroriza na Holanda, colocado em Amesterdão, onde permanecerá até 29 do mesmo mês. O arquivo pessoal de Barbie não fornece nenhuma indicação explícita sobre a sua atividade, mas a sua designação oficial a partir de outubro era *Hilfs-referent* (assistente) na Subsecção III C «Cultura», com a responsabilidade de informar de qualquer tendência antinazi na área da ciência, educação, religião, desporto, entretenimento e propaganda em solo holandês¹⁴. Barbie informava diretamente o chefe supremo da SS nesse país, Johann Albin Rauter¹⁵ e este informava diretamente Heinrich Himmler.

Em novembro de 1940, ascendeu de posto para SS-*Obersturmführer* (tenente). Na informação da sua subida de posto, aparece uma nota escrita pelo seu superior na Holanda, certificando que «(Barbie) é especialmente trabalhador e responsável, que se dedicou à Holanda. [...], que a sua atuação no território ocupado tem sido excelente, e que as suas obrigações de serviço têm sido desempenhadas de forma irrepreensível».

A RSHA, dirigida por Reinhard Heydrich, foi criada por Heinrich Himmler para unir a Gestapo, a Polícia Criminal e o SD. O papel da RSHA era, essencialmente, coordenar a perseguição e a detenção de todos os inimigos do Estado, assim como o controlo de todos os campos de concentração. A organização da RSHA e as relações constantes e os matizes entre a Gestapo, a Polícia Criminal e o SD eram quase incompreensíveis; por isso, a nova estrutura ficou conformada da seguinte maneira: a Secção III (Serviços Secretos Domésticos) e a Secção VI (Serviços Secretos Estrangeiros) seriam

compostas por elementos operativos do SD, e as Secções IV (Gestapo) e V (Polícia Criminal) ocupar-se-iam das tarefas das forças de segurança.

O arquivo pessoal de Barbie não especifica por quanto tempo permaneceu na Holanda, mas seguramente foi até 1941. Também não descreve o que aconteceu a Barbie, depois de ter partido da Holanda com uma recomendação de promoção em novembro de 1944. A sua folha de serviço indica que teve uma breve estadia na Bélgica entre julho de 1941 e maio de 1942, data em que foi destinado à França¹⁶.

O ataque alemão que esmagou a Holanda continuou o seu avanço para oeste em menos de uma semana. Em menos de seis semanas, derrotou também o exército francês e expulsou a força expedicionária britânica do continente, nas praias de Dunquerque. A 20 de junho de 1940, as tropas alemãs ocupam Lyon e, dois dias depois, os franceses derrotados veem-se obrigados a assinar um armistício que dividiu o país em duas zonas: o norte, ocupado pelos alemães, e o sul (incluindo Lyon), administrado por um governo colaboracionista com sede em Vichy.

De acordo com a sua folha de serviço, Barbie foi destinado a Lyon, como chefe da Secção VI (Serviços Secretos Estrangeiros). Não obstante, inclusive antes do fim da guerra, os franceses estavam já a reunir provas de que Klaus Barbie era realmente o chefe da Secção IV – a temível Gestapo – na cidade francesa. O destino dos documentos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial é incerto. Muitos conseguiram salvar-se, mas outros, em número impossível de calcular, foram destruídos pelos alemães ou por atos de guerra. Os arquivos da SS e das autoridades policiais de Lyon foram quase completamente destruídos durante os

bombardeamentos aliados sobre a cidade, em maio de 1944, e também, mais tarde, em resultado da destruição sistemática supostamente ordenada pelo próprio Klaus Barbie, no verão desse mesmo ano. As exaustivas buscas realizadas em arquivos e registos de todo o mundo por académicos, investigadores profissionais e investigadores dos governos aliados revelaram apenas um punhado de documentos da SS de Lyon. Portanto, a melhor fonte potencial para documentar as atividades de Klaus Barbie em tempos de guerra, constituída pelos arquivos do seu próprio gabinete, com as informações, ordens, organigramas e listas de serviço, encontra-se em paradeiro desconhecido por todos os investigadores do pós-guerra, que deviam sustentar as acusações de Barbie como «criminoso de guerra»¹⁷.

Só em França, atribui-se à sua ação direta ou à dos seus subordinados da Gestapo e da SS o envio para campos de concentração de 7500 pessoas – incluindo as crianças da casa-escola de Izieu –, 4432 assassinatos e a prisão e tortura de 14 311 combatentes da Resistência, incluindo Jean Moulin, um dos seus líderes máximos.

Barbie abandonaria Lyon em finais de agosto de 1944, quando as forças norte-americanas estavam a aproximar-se da cidade. Dirigiu-se então para norte, para Dijon; mas, pensando melhor, decidiu regressar a Lyon, para tentar deixar atadas o maior número possível de pontas soltas. Vinte soldados e colaboradores diretos de Barbie durante os anos que passou naquela cidade foram misteriosamente assassinados. Julga-se que foi o próprio Barbie quem os matou¹⁸. Durante o seu regresso a Lyon, deram-lhe um tiro num pé, mas conseguiu sair da cidade a coxear, antes que as

primeiras unidades norte-americanas a libertassem, na manhã do dia 3 de setembro de 1944.

No mês seguinte, em outubro, Barbie foi promovido a *SS-Hauptsturmführer* (capitão) pela sua «perseguição ao crime e pelo seu persistente trabalho na derrota das organizações da Resistência». Recebeu os galões num hospital militar da Wehrmacht, enquanto recuperava do ferimento no pé. Nos quatro meses seguintes, nada se sabe de Barbie, até que reaparece em fevereiro de 1945¹⁹. Embora já se percebesse que a guerra estava perdida, o antigo chefe da Gestapo de Lyon não tinha interesse em combater por uma Alemanha em ruínas. Era evidente que Barbie não era o tipo de fanático da SS, disposto a derramar o seu sangue pela Alemanha. Agora encontrava-se em Berlim, de onde tinha sido destinado ao SD em Düsseldorf.

Na tarde do dia 1 de abril, Barbie despiu o uniforme de oficial da SS e vestiu o de suboficial da Wehrmacht, para posteriormente se juntar a uma coluna de combatentes. Montando uma bicicleta roubada, a sua primeira intenção foi fugir em direção às linhas norte-americanas, mas era improvável que o conseguisse. A 8 de maio, os alemães renderam-se e Klaus Barbie foi detido perto de Hohenlimburg, alguns quilómetros a sul de Dortmund, não porque fosse considerado culpado de algum crime, mas apenas por vestir um uniforme alemão. Barbie esperou para ser interrogado, e, como grande perito da Gestapo, sabia bem o que devia responder aos interrogadores do CIC, os serviços de contraespionagem militar dos Estados Unidos. «Ao fim e ao cabo, todos os interrogados sabem o que devem dizer aos seus interrogadores, para deixá-los contentes», diria o próprio Barbie durante o seu julgamento em França.

Sabia que devia concentrar-se na sua história e nunca sair da linha de interrogatório. Barbie era «um homem vulgar, um soldado normal, que tentava regressar a casa» porque, ao contrário de outros homens como Eichmann, Stangl ou Mengele, ele era um homem de família e desejava voltar a reunir-se com a esposa, Regina Margaretha Wilms, e com a filha, Ute. Klaus Barbie quisera ser padre, era um devoto de Deus, e como não teve oportunidade de vestir a sotaina, decidiu abraçar, quase com fervor igual ou superior, o nacional-socialismo e o seu chefe máximo, Adolf Hitler. O líder da Resistência Raymond Aubrac diria do seu carrasco: «Parecia um homem comum e normal, e era isso que o tornava tão perigoso.»

Na realidade, pouco tempo decorreu até que os alemães abandonassem a França e as autoridades francesas comesçassem a investigar os crimes de guerra ocorridos no seu país. Nesse mesmo mês, os franceses tinham incluído o nome de «Barbier» na lista da Comissão de Crimes de Guerra das Nações Unidas (UNWCC, segundo a sigla em inglês) e apontado na margem as palavras «Gestapo», «assassinato e massacre», «terrorismo sistemático» e «execução de reféns», entre outras acusações. A estas, outras se seguiriam em janeiro de 1948. Além de apresentar acusações perante a UNWCC, a França criou Tribunais Militares permanentes nas principais cidades, incluindo Lyon, para investigar crimes de guerra e localizar e julgar os criminosos. Através destes tribunais, reuniram-se provas significativas sobre o historial, as operações e o pessoal da Gestapo e do SD em Lyon²⁰.

Já em fevereiro de 1945, foi entregue ao tribunal da cidade um extenso relatório sobre os «Serviços especiais alemães na região de Lyon», incluindo um historial detalhado sobre as atividades da

Polícia de Segurança e do SD nessa localidade, assim como uma lista do seu pessoal. Klaus Barbie era a figura proeminente como chefe da Secção IV e adjunto do comandante do SD de Lyon. Com base nesse relatório e noutras investigações, o tribunal emitiu uma ordem de detenção contra «Barbier», que ampliou em setembro de 1945²¹.

Vários ex-membros da Gestapo de Lyon e do SD foram detidos; em alguns casos extraditados e levados a Lyon para serem julgados. Os interrogatórios dos acusados pelos franceses forneceram uma fonte valiosa sobre a história e a organização das SS em Lyon, e esclareceram a função de Klaus Barbie na cidade. Outra investigação aberta, realizada pelo Tribunal Militar em Paris, também fez luz sobre «Lyon e Klaus Barbie». Em 1947 e, posteriormente, em 1950, René Hardy, um ex-líder da Resistência francesa, foi acusado de alta traição, de atrair a organização e de ajudar os alemães a prender figuras-chave, incluindo Jean Moulin, herói da Resistência e representante pessoal de De Gaulle em França. No fim da guerra, Hardy negou ter traído os líderes reunidos em casa do doutor Frédéric Dugoujon, naquela fatídica tarde de 21 de junho de 1943; não obstante, foi julgado; como, porém, não se encontrou qualquer prova de culpa, foi posto em liberdade. Muito mais tarde, em 1987, Klaus Barbie, principal responsável pela morte de Jean Moulin, declarou, ao ser detido, que «René Hardy era realmente um espião dos alemães», o que Hardy negou até à sua morte, ocorrida poucos meses depois. Segundo parece, a 7 de junho de 1943, Hardy tinha sido detido pela Gestapo, que o torturou durante vários dias; no entanto, deixaram-no ir em liberdade. A 21 de junho, Hardy devia assistir a uma reunião secreta de membros da Resistência, entre os quais se encontrava o lendário

Moulin. Inesperadamente, a Gestapo apareceu e prendeu todos os presentes; não obstante, Hardy conseguiu escapar sem demasiados problemas²².

Durante o julgamento do «caso Hardy», a posição e a atividade de Klaus Barbie despertaram grande atenção na opinião pública, ocupando um lugar destacado não só nos meios de comunicação em França, mas também nos acontecimentos descritos posteriormente no relatório de 1983 «Klaus Barbie and the United States Government. A Report to the Attorney General of the United States», dirigido pelo procurador especial Allan A. Ryan e publicado pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

O certo é que, logo após a guerra, Klaus Barbie não tentou fugir da Europa, ao contrário de Eichmann, Mengele ou Stangl. Preferiu ficar e tentar a sorte. Andou por Hamburgo como comerciante de pneus até que, em outubro de 1945, decidiu juntar-se à família, trezentos quilómetros ao sul de Bursfelde, onde se instalou para se ocupar do mercado negro da zona, juntamente com dois ex-oficiais das SS. «As minhas viagens nunca acabavam. Tinha um tipo de trabalho que me obrigava a estar em movimento o tempo todo», declarava Barbie anos depois. As suas atividades chamam a atenção da polícia militar norte-americana, que o prende e condena a catorze dias de prisão. Por sorte para o ex-chefe da Gestapo em Lyon, o seu nome ainda aparecia na lista da UNWCC de 1944 como «Barbier», e também não estava associado à sua alcunha, o Carniceiro de Lyon. Além disso, Klaus Barbie costumava usar o apelido falso de Becker. Depois de ser posto em liberdade, continuou a dedicar-se às suas atividades juntamente com os antigos companheiros. A 19 de outubro, Barbie reuniu-se na cidade de Ödelsheim com dois homens chamados Naumann e Kurt

Barkhausen, a quem ele define como «velhos camaradas»²³. Em finais desse ano, muda-se com a família para a cidade de Tréveris, onde começa a envolver-se numa organização conhecida como Organisation für den Deutschen Sozialismus (Organização para o Socialismo Alemão, ou ODS), liderada por um antigo coronel da Luftwaffe chamado Winter. Klaus Barbie torna-se um importante ativo da ODS, e ainda mais quando a própria CIA os vê como «um poder real na nova Alemanha, na hipótese de uma possível guerra com a Rússia».

Ao longo de 1946, Barbie usou toda a sua experiência no SD a fim de contribuir para fazer da ODS uma organização formidável, com uma vasta rede de contactos por toda a Europa, incluindo a União Soviética. O que Klaus Barbie e os seus camaradas ainda não sabiam era que a organização tinha como infiltrado um antigo oficial alemão dos serviços secretos chamado Emil Hoffman, que reportava diretamente aos serviços de informação britânicos na Alemanha. Por essa altura, britânicos e norte-americanos possuíam já uma boa imagem da estrutura da ODS. No outono de 1946, Barbie preparava uma importante reunião de todos os líderes da organização; mas, exatamente antes da reunião, viu-se envolvido numa perseguição por polícias militares norte-americanos, denunciado por uma mulher a quem tinha tentado enganar com uma operação de pedras preciosas no mercado negro. Inclusive, houve tiros pelo meio, um dos quais atingiu o Carniceiro de Lyon num dedo²⁴.

A 12 de novembro, é detido por elementos dos serviços secretos militares britânicos. Após ser levado para uma base britânica em Hamburgo, é brutalmente interrogado, o que provocou nele, durante o resto dos seus dias, um claro sentimento antibritânico. Dois dias

depois, Barbie consegue escapar da prisão, escondendo-se nas proximidades de Kassel, para poder assistir ao nascimento do seu segundo filho, Klaus-Jörg.

Em fevereiro de 1947, os serviços secretos militares dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha decidem que a ODS deve ser controlada e supervisionada por ambos os países, algo que não interessava muito aos homens de Klaus Barbie. A 22 e 23 de fevereiro, a Operation Selection Board organiza uma rusga conjunta a fim de deter, de forma simultânea e em vinte e três cidades alemãs, noventa e seis efetivos da Organisation für Deutschen Sozialismus. O objetivo principal da rusga era Klaus Barbie²⁵. Havia dez dias que a casa de um tal Fridolin Becker, em Kassel, estava a ser vigiada. Suspeitava-se que lá dentro estivesse Barbie. Não obstante, durante a rusga, o antigo chefe da Gestapo de Lyon escondeu-se na casa de banho e daí saltou para a rua por uma janela. Mais uma vez, o Carniceiro de Lyon escapava-se por entre os dedos dos Aliados.

Um relatório dos serviços secretos norte-americanos de maio de 1947 indicava:

Não há a menor dúvida de que Barbie tentava chegar a acordo com os seus possíveis captores (britânicos), através do seu relacionamento com Emil Hoffman.

Barbie conhecia perfeitamente a lealdade de Hoffman para com os britânicos. Não há dúvida: Barbie sabia há meses que o andavam a seguir. [...] Julga-se que Barbie se serviu de Hoffman e preferiu cooperar com os britânicos na esperança de que estes o salvassem dos franceses²⁶.

Outro relatório britânico, redigido no mesmo mês, confirma as suspeitas dos norte-americanos:

Das informações posteriores recebidas de HOFFMAN depreende-se claramente que BARBI/BECKER sabia que HOFFMAN estava em contacto connosco e era evidente que, através de HOFFMAN, BARBI tentava vender-nos a ideia de utilizá-lo contra os russos. Além disso, parecia que tanto HOFFMAN como BARBI atribuíam a sua fuga à captura do SELECTION BOARD.

Para os serviços secretos militares britânicos é evidente que querem prender Klaus Barbie, mas infelizmente não possuem uma única pista sobre o paradeiro do ex-agente da Gestapo. Barbie sabia bem como desviar a atenção dos seus perseguidores. Vários dos seus informadores foram ter com os seus controladores britânicos para lhes dar a saber que tinham visto Barbie em Reichenhall, Berchtesgarden, Garmisch ou Salzburgo. Na realidade, Barbie encontrava-se na estação do comboio de Memmingen, juntamente com a família. Seria Kurt Merk, antigo agente da Abwehr em Dijon, que durante a guerra tinha colaborado com Barbie nas operações contra a Resistência, que informou o CIC sobre o valor do seu antigo colaborador numa possível luta contra os soviéticos. O «controlador» de Merk era Robert E. Taylor, chefe do CIC na área de Munique; foi, porém, o chefe de Taylor, o tenente-coronel Dale Garvey, quem autorizou a colaboração com o Carniceiro de Lyon e escreveu no seu relatório, numa nota de rodapé: «Barbie deve romper qualquer ligação que possa ter com elementos ilegais da SS e com personalidades da Junta de Seleção. (Barbie) é um homem honesto, grande intelectual e com uma forte personalidade, com nervos de aço e uma total ausência de temor»²⁷. O mais curioso de tudo é que, durante os meses seguintes, Klaus Barbie trabalharia para um ramo da contrainteligência militar norte-americana, enquanto outro, chefiado

pelo coronel Earl S. Browning, o tinha numa lista de detenções prioritárias. Quando o coronel Garvey teve conhecimento de que Barbie estava na lista de Browning, ordenou de imediato que o retirassem dela, e assim o criminoso de guerra pôde continuar a desempenhar tranquilamente as suas tarefas para os serviços secretos dos Estados Unidos. Para Washington, o novo inimigo a abater era o comunismo, que pretendia estender-se pela Europa, e se para isso tivesse de contratar como agentes criminosos de guerra, não haveria qualquer problema. «Não era uma questão de escrúpulos. [...] Aqui, a moral nada tinha a ver. Aqui, tratava-se de patriotismo e de anticomunismo», declararia anos depois o próprio coronel Dale Garvey.

Em princípios de 1949, as relações entre Merk e Barbie tinham começado a deteriorar-se, tanto que Merk decidiu contar o que sabia sobre Barbie ao seu controlador: «Se os norte-americanos soubessem o que Barbie fez na França, as atrocidades que cometeu, nem sequer o teu general Eisenhower poderia protegê-lo», disse o agente alemão a Erhard Dabringhaus. Merk recordou que numa ocasião tinha visitado Barbie na prisão de Montluc, em Lyon, onde «tinha, na cave, alguns resistentes franceses pendurados pelos polegares, dia após dia, até morriam». Misteriosamente, Merk foi despedido do CIC; Barbie continuou a trabalhar para eles.

Em maio de 1949, um recorte de um jornal de Paris, com o título «Detenção de Barbie, o nosso carrasco», chamou a atenção do coronel Earl S. Browning. Lia-se no artigo: «Durante a ocupação, queimava as vítimas com um maçarico de acetileno para as obrigar a confessar durante os interrogatórios, que se prolongavam por mais de 48 horas». Browning mostrou o recorte ao seu comandante-chefe, o coronel David Erskine, que rejeitou o argumento porque as

fontes eram antigos combatentes da Resistência, muitos dos quais eram «comunistas». Klaus Barbie foi eliminado dos registos do CIC, como medida de precaução²⁸.



O coronel Earl S. Browning do CIC, que advertiu os seus superiores sobre Barbie.

Em princípios de 1950, data em que Browning tinha regressado já aos Estados Unidos, o Governo francês solicitou oficialmente a extradição de Klaus Barbie, deixando o CIC num grande dilema. A França tinha-o julgado *in absentia*, e já o tinha condenado à morte por crimes de guerra; porém, apesar de «reconhecer a sua culpa»,

John J. McCloy, Alto-Comissário dos Estados Unidos para a Alemanha, rejeitou o pedido. Os norte-americanos consideravam que os serviços secretos franceses estavam demasiado próximos da União Soviética. Mas, em vez de bloquearem a extradição de Barbie por razões de «inteligência», o CIC recusou revelar o seu paradeiro. Klaus Barbie tornou-se para o Destacamento 66 do CIC um «caso de difícil eliminação», uma verdadeira «batata quente» nas relações dos Estados Unidos com os seus aliados²⁹. Ao que parece, foi o próprio CIC, ao receber no dia 7 de novembro de 1949 uma nota do Departamento de Estado a ordenar a detenção do criminoso de guerra e a sua «entrega imediata às autoridades francesas», que aconselhou Klaus Barbie a fugir da Alemanha, sugerindo-lhe que a melhor forma de o fazer era através do Vaticano.



John J. McCloy, Alto-Comissário dos Estados Unidos para a Alemanha, protegeu Barbie das autoridades francesas.

Em dezembro de 1950, o tenente John Hobbins, do CIC de Augsburg, apresentou-se na sede do CIC de Salzburgo a exigir

informações sobre Barbie. O oficial da contrainteligência descobriria que os seus colegas tinham estado a proteger Klaus Barbie e a sua família desde 1947. Soube, inclusive, que o Destacamento 430 do CIC tinha estado a operar na chamada Rota das Ratazanas, ajudando muitos criminosos de guerra a fugir através das linhas do Vaticano para países da América Central e do Sul. O homem do CIC na Rota das Ratazanas era George Neagoy. Hobbins escreveu um relatório pormenorizado para os seus superiores sobre a rota de evasão do Vaticano, incluindo os custos da «evacuação» por pessoa. «Se se tratasse de um elemento VIP, os custos da sua evasão rondariam os 1400 dólares. A rota iniciava-se na Alemanha, seguia pela Áustria e terminava em algum mosteiro ou convento do Vaticano na cidade italiana de Génova. Do porto da cidade, os “evacuados” partiam de barco com destino a um porto sul-americano», escrevia o agente Hobbins.

Durante a guerra, o Colégio de San Girolamo degli Illirici, em Roma, era um lar para os sacerdotes croatas que chegavam ao Vaticano para realizarem diversas tarefas; mas, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o n.º 132 da Via Tomacelli tornou-se um refúgio seguro para os ustachis (membros da Ustacha, organização terrorista croata aliada do nazismo) e para os nazis procurados como criminosos de guerra. Esta instituição do Vaticano facultava a muitos deles rotas seguras, bem como identidades e passaportes falsos para facilitar a fuga. O principal responsável de San Girolamo era o padre Krunoslav Draganovic. Este antigo professor de um seminário croata, descrito pelos serviços secretos norte-americanos como o *alter ego* do ditador Ante Pavelic, chegou a Roma em finais de 1943, com o pretexto de «trabalhar para a Cruz Vermelha».

Os serviços de espionagem aliados garantem que, na realidade, Draganovic se encontrava em Roma para coordenar operações na Croácia com grupos fascistas italianos³⁰. No fim da guerra, o religioso croata tinha-se tornado, juntamente com o bispo austríaco Alois Hudal, num dos pilares principais do chamado Corredor do Vaticano. Inicialmente, a partir de San Girolamo (seminário croata) ou de Santa Maria dell'Anima (seminário austro-alemão) organizaram-se fugas de criminosos de guerra nazis e croatas, em especial para a Argentina, para pouco depois facilitar a evasão de outros criminosos de guerra como Josef Mengele, Ante Pavelic (o ditador croata), Erich Priebke, Hans Fischböck, Adolf Eichmann, ou o próprio Klaus Barbie.



Krunoslav Draganovic.

Segundo alguns escritores e historiadores, não há provas suficientes para garantir que o Vaticano ou o papa Pio XII estavam ao corrente das operações da organização Corredor do Vaticano, embora haja indícios importantes de que alguns membros importantes da Cúria – por exemplo, o substituto para Assuntos Correntes da Secretaria de Estado, Giovanni Battista Montini (o futuro Paulo VI) – estiveram envolvidos na referida rota³¹. Desde a chegada de Barbie a Génova e até à sua partida do porto italiano, o antigo chefe da Gestapo de Lyon esteve alojado inicialmente na igreja de Sant'Antonio di Pegli, em Génova, protegido pelos religiosos Carlo Petranovic e Edoardo Dömoter, o mesmo que assinaria o documento da Cruz Vermelha para Ricardo Klement (Adolf Eichmann). Na semana anterior à sua saída de Génova, Barbie dormiu no quarto 17 do Hotel Genoese, na Via Nazionale Lomellini, 6³². Finalmente, a 23 de março de 1951, o Carniceiro de Lyon deixava a Europa para trás, no pacote *Argentina Corrientes*, com o visto de viagem número 0121454.

Após uma breve passagem por Buenos Aires, Klaus Barbie desapareceu do mapa. Diz-se inclusive que chegou a montar um talho típico alemão em San Carlos de Bariloche, uma zona habitual de imigrantes alemães e austríacos. O ex-chefe da Gestapo de Lyon tinha-se evaporado da face da terra, mas sabe-se que voltou a aparecer a 16 de março de 1965, quando foi recrutado pelos serviços secretos da República Federal da Alemanha, o Bundesnachrichtendienst (BND), com o nome de código «Águia». O seu número de agente: V-43118. E o seu salário: 500 marcos, pagável através do Chartered Bank of London, na sua dependência de São Francisco.



Colégio de San Girolamo degli Illirici, em Roma, na atualidade.

Durante o tempo em que Klaus Barbie foi agente do BND, o criminoso de guerra enviou 35 relatórios para Pullach, na altura quartel-general dos serviços secretos da Alemanha Federal, a maior parte deles centradas em organizações revolucionárias e anarquistas em países da América do Sul. Sabe-se também que, entre 1971 e 1981, Klaus Altmann Hansen, nome usado por Barbie nos seus passaportes falsos, trabalhou para os regimes ditatoriais bolivianos dos generais Hugo Banzer e Luís García Meza. Em relação a Banzer, diz-se que o Carniceiro de Lyon colaborava com a polícia secreta do regime em tarefas de interrogatórios, contrainteligência e penetração em grupos revolucionários. As táticas aprendidas por Barbie na Gestapo e no SD serviriam aos regimes ditatoriais da Bolívia para formar a sua polícia secreta³³.

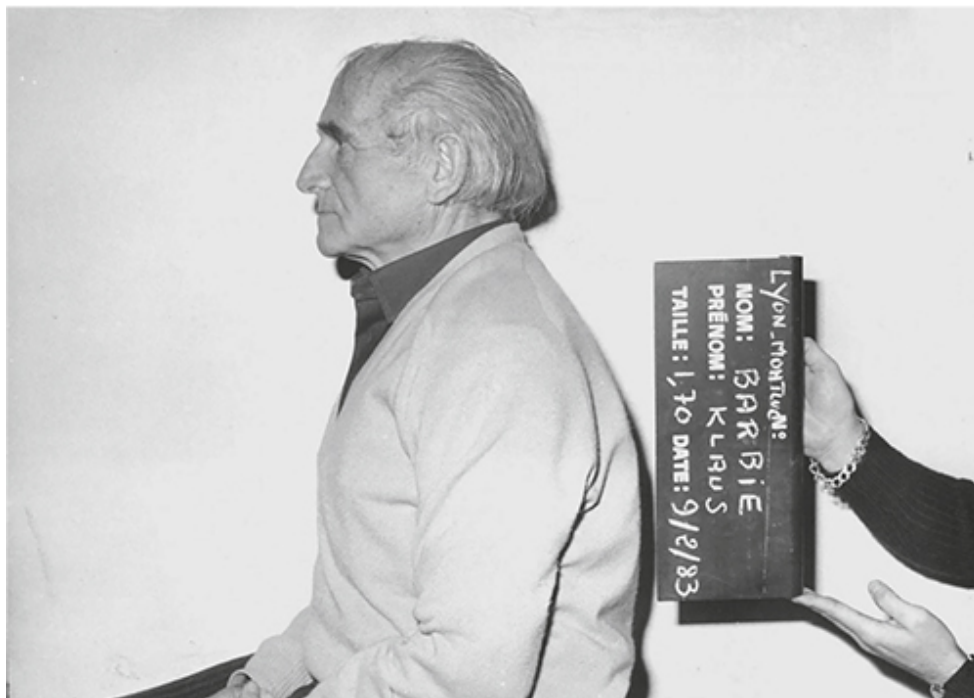
A 19 de janeiro de 1972, o jornal francês *L'Aurore* publicou uma reportagem sobre as atividades de Barbie na Bolívia. O texto vem acompanhado por uma fotografia de «Altmann Hansen» que os

caçadores de nazis Beate e Serge Klarsfeld obtiveram de um imigrante alemão que vivia em Lima. Apesar dos protestos mundiais, Klaus Barbie conseguiu regressar à Bolívia. O governo de La Paz recusou extraditá-lo, afirmando que «a França e a Bolívia não tinham qualquer acordo de extradição e que o prazo de prescrição dos seus crimes já tinha expirado»³⁴.

A sorte do criminoso de guerra mudaria em 1983, quando os vários governos militares da Bolívia deram lugar a um governo civil democrático, liderado pelo esquerdista Hernán Siles Suazo. Nesse mesmo ano, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos torna público um relatório intitulado «Klaus Barbie and the United States Government. A Report to the Attorney General of the United States», em que Washington se desculpa oficialmente perante a França por «ter facilitado a fuga de Klaus Barbie». Em finais desse ano, Barbie é embarcado num voo especial para Paris, escoltado por agentes bolivianos e franceses, e levado para a França, a fim de responder perante a justiça. Tinham decorrido quase quarenta anos desde que Klaus Barbie tinha fugido do solo francês, perseguido pelas tropas aliadas desembarcadas nas praias da Normandia.

O julgamento com jurados começou a 11 de março de 1987 em Lyon, perante o Tribunal Criminal do Rhône. O alto tribunal permitiu filmar o julgamento devido ao seu inquestionável valor histórico e mandou também construir uma tribuna especial com lugares para uma audiência de setecentos assistentes. A defesa do criminoso de guerra esteve a cargo do polémico advogado Jacques Vergès, o mesmo que, anos depois, em 1994, defenderia o terrorista Carlos, o *Chacal*. Klaus Barbie foi julgado por quarenta e uma acusações diferentes de crimes de «lesa-humanidade», baseadas nas declarações de 730 judeus, sobreviventes do Holocausto, e 122

sobreviventes da Resistência francesa, que descreveram como «Klaus Barbie tinha torturado e assassinado prisioneiros»³⁵.



Fotografia policial de Klaus Barbie em Lyon, tirada em 1983.

Perante o tribunal, Barbie deu o nome de «Klaus Altmann»; afirmou que «a sua extradição era tecnicamente ilegal», solicitando também ao presidente do tribunal que o dispensassem do julgamento e que lhe permitissem regressar à sua cela na prisão de Saint-Paul, o que lhe foi concedido. Foi levado novamente a tribunal a 26 de maio de 1987, para enfrentar alguns dos seus acusadores, sobre cujo testemunho declarou «nada ter a dizer»³⁶. A 3 de julho de 1987, Klaus Barbie foi condenado a prisão perpétua por «crimes de lesa-humanidade». Nove membros de um júri e três juízes consideraram Barbie, aliás o Carniceiro de Lyon, culpado de 341 acusações apresentadas contra ele no Tribunal de Lyon. O antigo responsável pela Gestapo, com 73 anos, foi também acusado de

deportar 842 prisioneiros, na sua maioria judeus, para campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial.



Klaus Barbie, durante o seu julgamento em Lyon. (esq.)
Klaus Barbie na sua cela da prisão de Saint-Paul, onde morreu
aos 77 anos. (dir.)

Enquanto cumpria a sua pena, os médicos diagnosticaram-lhe leucemia e cancro na coluna e na próstata. Todos os pedidos de libertação por «razões humanitárias» apresentados pelo seu advogado Jacques Vergès foram recusados pelo então ministro da Justiça, Robert Badinter. O que pouca gente sabia era que o pai do ministro tinha morrido no campo de extermínio de Sobibor, após ter sido deportado de Lyon por ordem de Klaus Barbie. Coisas do destino.

«É curioso. Venho de uma família judaica culta, natural da Bessarábia. A minha família foi perseguida por ser judaica. O meu pai, inclusive, foi detido, deportado e assassinado nas câmaras de gás de Sobibor por ser judeu. [...] Durante anos, ensinaram-me a famosa lei judaica do olho por olho, mas continuo a sentir-me orgulhoso por ter sido o principal defensor da abolição da pena de morte em França. Se não tivesse lutado tanto, provavelmente o assassino de meu pai (Klaus Barbie) teria sido executado, e estaríamos ao mesmo nível desse homem. Não me arrependo

disso, podem crer», declarou Robert Badinter numa entrevista, depois de ter conhecimento do veredicto contra o criminoso de guerra³⁷.

Klaus Barbie morreu no hospital-penitenciária de Saint-Paul, a 23 de setembro de 1991. Passou apenas sete anos na prisão.

¹ Serge Klarsfeld e Beate Klarsfeld, *The Children of Izieu: a Human Tragedy*, Harry N. Abrams Inc., Londres, 1985.

² Erna Paris, *Unhealed Wounds: France and the Klaus Barbie Affair*, Grove Press, Nova Iorque, 1986.

³ Serge Klarsfeld e Beate Klarsfeld, *The Children of Izieu. A Human Tragedy*, Harry N. Abrams Inc., Londres, 1985.

⁴ Robert Wilson, *The Confessions of Klaus Barbie: The Butcher of Lyon*, Arsenal Pulp Press Ltd., Londres, 1984.

⁵ Magnus Linklater, Isabel Hilton e Neal Ascherson, *The Nazi Legacy: Klaus Barbie and the International Fascist Connection*, Holt, Rinehart & Wilson, Nova Iorque, 1984.

⁶ Patrick Marnham, *The Death of Jean Moulin. Biography of a Ghost*, John Murray Publishers, Londres, 2001.

⁷ Tom Bower, *Klaus Barbie the Butcher of Lyon*, Pntheon Books, Nova Iorque, 1984.

⁸ Erna Paris, *Unhealed Wounds: France and the Klaus Barbie Affair*, Grove Press, Nova Iorque, 1986.

⁹ Patrick Marnham, *The Death of Jean Moulin. Biography of a Ghost*, John Murray Publishers, Londres, 2001.

¹⁰ Karl Bömelburg foi nomeado chefe da Gestapo para toda a França em junho de 1940, com plenos poderes concedidos pelo próprio Heinrich Müller. Em maio de 1945, depois da rendição alemã, Bömelburg e o seu chefe da Gestapo, Heinrich Müller, desapareceram e nunca mais foram encontrados. Bömelburg manipulou os documentos do sargento Otto Bergman, morto durante um bombardeamento, e assumiu a sua identidade. Foi contratado como jardineiro perto de Munique e depois foi bibliotecário; liderou também um grupo de nazis ativos que fugiram para a Espanha franquista. Na véspera do Ano Novo de 1946, escorregou no gelo, fraturou o crânio e morreu. Foi condenado à morte *in absentia* a 2 de março de 1950 por um tribunal militar em Lyon e pelas autoridades checoslovacas, que também o procuravam por crimes de guerra.

¹¹ Allan A. Ryan, *Klaus Barbie and the United States Government. A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Criminal Division, Washington D.C., 1983.

¹² Peter Padfield, *Himmler, Reichführer-SS*, MacMillan, Nova Iorque, 1990.

¹³ Segundo o registo da promoção, Barbie trabalhou como especialista na Secção 11/122 e na 11/123, na SO *Abschnitt* Dortmund, Estas duas secções ocupavam-se da organização do material dos serviços secretos sobre grupos liberais, pacifistas e movimentos de extrema-direita. A função de Klaus Barbie era reunir informações sobre os líderes desses movimentos.

¹⁴ Erhard Dabringhaus, *Klaus Barbie: The Shocking Story of How the U.S. used This Nazi War Criminal As Intelligence Agent*, Acropolis Books Incorporated, Nova Iorque, 1984.

¹⁵ No fim da Segunda Guerra Mundial, Johann Albin Rauter foi condenado à morte por crimes de guerra ocorridos na Holanda e executado por um pelotão de fuzilamento a 24 de março de 1949, na cidade holandesa de Scheveningen.

¹⁶ Tom Bower, *Klaus Barbie, the Butcher of Lyon*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1984.

¹⁷ Allan A. Ryan, *Klaus Barbie and the United States Government. A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Criminal Division, Washington D.C., 1983.

¹⁸ Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.

¹⁹ Tom Bower, *Klaus Barbie, The Butcher of Lyon*, Pantheon Books. Nova Iorque, 1984.

²⁰ Allan A. Ryan, *Klaus Barbie and the United States Government. A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Criminal Division, Washington D.C., 1983.

²¹ Tom Bower, *Klaus Barbie, the Butcher of Lyon*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1984.

²² Maurice Garçon, *Alegato en favor de René Hardy*, Fayard, Paris, 1950 e Patrick Marnham, *The Death of Jean Moulin. Biography of a Ghost*, John Murray Publishers, Londres, 2001.

²³ Magnus Linklater, Isabel Hilton e Neal Ascherson, *The Nazi Legacy: Klaus Barbie and the International Fascist Connection*, Holt, Rinehart & Wilkson, Nova Iorque, 1984.

²⁴ Allan A. Ryan, *Klaus Barbie and the United States Government: A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Criminal Division, Washington D.C., 1983.

²⁵ Erna Paris, *Unhealed Wounds: France and the Klaus Barbie Affair*, Grove Press, Nova Iorque, 1986.

²⁶ UKNA, WO 208/5246; GWDN: 5620.

²⁷ Erhard Dabringhaus, *Klaus Barbie: The Shocking Story of How The U.S. Used this Nazi War Criminal As an Intelligence Agent*, Acropolis Books Incorporated, Nova Iorque, 1984.

²⁸ Allan A. Ryan, *Klaus Barbie and the United States Government. A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Criminal Division, Washington D.C., 1983.

29 Erhard Dabringhaus, *Klaus Barbie: The Shocking Story of How The U.S. Used The Nazi War Criminal As an Intelligence Agent*, Acropolis Books Incorporated, Nova Iorque, 1984.

30 Mark Aarons e John Loftus, *Unholy Trinity. The Vatican, the Nazis and the Swiss Banks*, St. Martin's Griffin, Nova Iorque, 1998.

31 Eric Frattini, *La Santa Alianza, Historia del Espionaje Vaticano, de Pio V a Benedicto XVI*, Espasa Calpe, Madrid, 2004.

32 Nicholas Walton, *Genoa, «La Superba»: The Rise and Fall of a Merchant Pirate Superpower*, Hurst & Company, Londres, 2004.

33 Magnus Linklater, Isabel Hilton e Neal Ascherson, *The Nazi Legacy: Klaus Barbie and the International Fascist Connection*, Holt, Rinehart & Wilson, Nova Iorque, 1984.

34 Peter McFarren e Fadrique Iglesias, *The Devil's Agent: Life, Times and Crimes of Nazi Klaus Barbie*, XLibris Corporation, Nova Iorque, 2013.

35 Alain Finkielkraut, *Remembering in Vain: The Klaus Barbie and Crimes against Humanity*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1992.

36 *Six Witnesses Identify Barbie, Who Was Ordered Back to Court*, Jewish Telegraphic Agency, 27 de maio de 1987.

37 Yves Beigbeder, *Judging War Crimes and Torture: French Justice and International Criminal Justice and Commissions (1940-2005)*, Martinus Nijhoff Publishers, Paris, 2006.

7

ADOLF EICHMANN **O Arquiteto do Holocausto**

Na madrugada do dia 6 de maio de 1945, dois oficiais da SS caminhavam por um estreito carreiro que se dirigia para um refúgio alpino austríaco em Altaussee. Em ambos os lados do caminho podiam observar-se românticas construções de madeira, com janelas pintadas de cores vivas, rodeadas de prados verdes circundados por altas montanhas com os cimos cobertos de neve. Ambos os oficiais não pensavam que podiam cair nas mãos dos Aliados. O mais jovem, o SS-*Sturmbannführer* (major) Wilhelm Höttl, tentava manter esse pensamento sempre presente. Membro do partido nazi desde os 16 anos, Höttl, agora com 30 anos, tinha começado a trabalhar no SD, os serviços secretos das SS, em Viena, Berlim e Budapeste. A sua carreira foi meteórica. Um dos seus superiores na capital húngara descrevia-o como «um mentiroso compulsivo, sem nenhum tipo de decência, capaz de vender qualquer pessoa, frio e calculista», ou seja, o homem perfeito para as tarefas dos serviços secretos.

Com a sua experiência de combate a células comunistas, tinha a certeza de que não importava aos americanos que fosse um criminoso de guerra. «Os americanos vão precisar de nós na nova Europa», costumava dizer Höttl. As esperanças do SS foram diminuindo à medida que os dias iam passando. Desde fevereiro de 1945, Wilhelm Höttl tinha estado em contacto com o Gabinete de Serviços Estratégicos (OSS) para negociar uma paz separada para a Áustria. O seu nome em código era «Herzog»¹.

O que os norte-americanos suspeitavam era que as propostas do SS eram elaboradas pelo seu chefe, o poderoso SS-*Obergruppenführer* Ernst Kaltenbrunner, austríaco como ele e chefe do Gabinete Central de Segurança do Reich (RSHA ou Reichssicherheitshauptamt). Höttl tinha sido enviado com frequência à Suíça para tratar o assunto com o chefe da estação da OSS em Berna, Allen Dulles. Durante um destes encontros, o SS diria ao espião norte-americano que, em troca da sua proteção, lhe revelaria os planos alemães para reforçar militarmente o chamado «Reduto Alpino», destinado a preparar a resistência alemã perante o avanço dos Aliados. Infelizmente para os planos de Höttl e de Kaltenbrunner, a 27 de abril, a Áustria e a sua capital, Viena, foram declaradas zonas sob ocupação soviética². Por fim, Höttl tentou fugir para a Suíça, mas foi impedido pelas tropas francesas estacionadas na fronteira austro-suíça, que o obrigaram a procurar refúgio no Liechtenstein e a regressar posteriormente ao seu refúgio seguro de Altaussee. Dulles nunca levou a sério as propostas de Wilhelm Höttl. Numa informação enviada para Washington, o futuro director da CIA escreveu: «As informações de Höttl, um elemento do SD e colaborador de Kaltenbrunner, são más. [...] Além disso, acho que o seu único desejo é salvar a pele.»³

O outro homem que caminhava junto de Wilhelm Höttl pela estreita vereda austríaca não possuía o débil sentido de lealdade como o seu companheiro de fuga. Nove anos antes, o SS-*Obersturmbannführer* (tenente-coronel) estava longe de desejar a paz. Disse a Höttl que a sua intenção era esconder-se nas montanhas com um pequeno contingente de jovens da SS, para tentar sobreviver durante vários anos, e inclusive resistir ao avanço aliado nessa região austríaca, levando a cabo uma espécie de «guerra de guerrilha», tal como tinham feito os soldados finlandeses durante a invasão soviética da Finlândia. Höttl não duvidava da integridade do companheiro. Juntos tinham sido destinados à Hungria após a sua ocupação pela Alemanha. Enquanto Höttl se dedicava no SD a operações de contra-espionagem, o seu companheiro trabalhava para o Referat IV B 4, no Gabinete Central de Segurança do Reich, no novo território ocupado. O SS-*Obersturmbannführer* era muito eficiente no seu trabalho. Desde junho de 1944, tinha dirigido a operação de deportação de quatrocentos mil judeus para serem gaseados em Birkenau. O seu nome era Otto Adolf Eichman⁴.

Nascido a 19 de março de 1906, em Solingen (Alemanha), foi educado numa família tradicional e rigorosamente calvinista. Curiosamente, o pequeno Adolf foi enviado para a escola Kaiser Franz Joseph *Staatsoberrealschule* (escola estatal secundária), em Linz, a mesma instituição onde, dezassete anos antes, tinha feito os seus estudos um menino chamado Adolf Hitler. Os estudos não eram o seu forte; o pai decidiu tirá-lo da escola e pô-lo a trabalhar na empresa para a qual ele próprio trabalhava, a Unsterberg Minning Company. Outros trabalhos que teria no futuro, entre 1925 e 1933, seriam o de vendedor para a companhia de rádio

Oberösterreichische Elektrobau AG ou na Vacuum Oil Company AG. Foi durante esse tempo que se juntou ao *Jungfront-kämpfervereinigung*, a secção juvenil do movimento direitista de veteranos de Hermann Hiltl, e começou a ler avidamente jornais publicados pelo Partido Nazi (NSDAP). O jovem Adolf Eichmann partilhava absolutamente todos os sonhos do nacional-socialismo: a eliminação da República de Weimar, na Alemanha, a rejeição dos termos do Tratado de Versalhes, o antissemitismo e o antibolchevismo radical, um Governo central forte, um maior *Lebensraum* (espaço vital) para os povos germânicos e, o mais importante de todos, a formação de uma comunidade nacional baseada na raça e na limpeza étnica, mediante a supressão ativa de todos os judeus, que seriam privados da sua cidadania e direitos civis⁵. Seguindo o conselho de Ernst Kaltenbrunner, líder local da Schutzstaffel (esquadrão de proteção), Eichmann juntou-se ao ramo austríaco do NSDAP a 1 de abril de 1932, com o número de filiado 889 895⁶. A sua entrada na SS chegaria sete meses depois, com o número 45 326. O seu regimento, o SS-*Standarte* 37, era o responsável por vigiar a sede do partido em Linz e proteger os oradores nos comícios, que frequentemente se tornavam violentos ao serem atacados por grupos comunistas. Adolf Eichmann levou a cabo atividades do partido em Linz durante os fins de semana, ao mesmo tempo que continuava no seu posto de comercial na Vacuum Oil de Salzburgo⁷.



Adolf Eichmann.

Em janeiro de 1933, Eichmann perde o emprego, devido a uma redução de pessoal; mas as suas simpatias políticas pró-nazis levaram a polícia austríaca a prestar-lhe atenção. O jovem Adolf Eichmann vê-se obrigado a fugir para a Alemanha. O Partido Nazi destina-o então à fronteira de Passau, junto com um pequeno grupo de oito homens, com a única missão de guiarem os nacionalistas austríacos que fugiam para a Alemanha e controlarem o contrabando de material de propaganda nazi para a Áustria. Em finais de dezembro, após a dissolução desta unidade, Eichmann é promovido a *SS-Scharführer* (cabo).

Em 1934, pediu a transferência da SS para o Sicherheitsdienst (SD), a fim de fugir à «monotonia» dos treinos e do serviço militar em Dachau. Eichmann foi aceite no SD e, seis meses depois, é convidado pelo *SS-Untersturmführer* Leopold von Mildenstein a juntar-se ao Departamento de Assuntos Judaicos, Secção II/112 do SD, no seu quartel-general em Berlim. A mudança de destino de Eichmann ocorreu a 11 de novembro de 1934. Von Mildenstein mandou-o estudar e preparar informações sobre o movimento sionista e as organizações judaicas. Eichmann aprendeu inclusive um pouco de hebraico e de *yiddish*, ganhando entre os seus companheiros da SS, do SD e da Gestapo uma grande reputação como perito em assuntos judaicos. A 21 de março de 1935, casou com Veronika Liebl, de quem teria quatro filhos: Klaus Nicolas, Horst Adolf, Dieter Helmut e Ricardo Francisco. Adolf Eichmann começou a subir muito rapidamente na estrutura férrea da SS. Em 1936, subiu a *SS-Hauptscharführer* (líder de esquadrão) e no ano seguinte a *SS-Untersturmführer* (segundo tenente).



Foi Leopold von Mildenstein quem convenceu Eichmann a interessar-se pelos assuntos judaicos. Na foto aparece junto da

esposa, depois da guerra.

Entre os principais líderes antissemitas admirados por Eichmann contavam-se Joseph Goebbels, ministro da Propaganda, e Julius Streicher, fundador do jornal antissemita *Der Stürmer*, famoso pelas suas capas, em que caricaturizava os judeus de forma grotesca. Adolf Eichmann era um ardente seguidor dos discursos do primeiro e dos editoriais do segundo⁸. Não obstante, o Partido Nazi continuava a exigir uma solução para o problema judaico na Alemanha, uma solução que não passasse só por boicotar os negócios dos judeus ou por marginalizar a vida social a funcionários, médicos, advogados e juízes judeus.

Foi Adolf Eichmann quem deu ao seu chefe uma primeira ideia para se livrarem do «problema judaico» na Alemanha: oferecer uma indemnização pelas propriedades confiscadas a todos os cidadãos judeus que quisessem sair do país. O problema, porém, começou a surgir quando os países recetores destas migrações se negaram a ampliar as quotas de judeus aceites. Os movimentos sionistas e os líderes das comunidades judaicas na Alemanha, inclusive, apenas aceitavam a emigração para a Palestina e não para o Canadá, Estados Unidos ou Austrália. Nessa época, Eichmann já está no cargo da Secção II-112, responsável por organizações sionistas, sob as ordens do SS-*Sturmbannführer* Herbert Hagen⁹.

Naquela altura, Eichmann é um verdadeiro perito em assuntos judaicos. Não se organiza nenhum plano, nenhuma reunião no Reich sobre este tema, sem que Adof Eichmann seja consultado.

Em 26 de setembro de 1937, partia num navio rumo ao porto de Haifa o próprio Eichmann, acompanhado por Feivel Polkes, líder do Haganah, a organização paramilitar judaica na Palestina

britânica. A estadia dos dois SS, Eichmann e Hagen, na Palestina passou despercebida porque fingiram ser jornalistas; quando, porém, a 2 de outubro, ambos os alemães tentaram desembarcar em Haifa do vapor *Romania*, agentes britânicos apresentaram-se na passarela proibindo-lhes saírem. Adolf Eichmann e Herbert Hagen viram-se obrigados a viajar para o Egito para poderem regressar à Alemanha. Mal pisaram solo austríaco, Eichmann foi nomeado responsável pelo chamado Gabinete Central para a Emigração Judaica, com ordens para tirar do país os quase 300 000 judeus austríacos. Os seus escritórios estavam localizados na Prinz-Eugen Strasse, 20-22. Eichmann recrutou vários colaboradores, entre os quais se encontravam aquele que seria o seu braço direito, Alois Brunner, o seu irmão Anton e Erich Rajakowitsch.

Em outubro de 1939, Eichmann é nomeado responsável máximo da Central do Reich para a Emigração Judaica, o que significava a sua incorporação no Gabinete Central de Segurança do Reich, Referat IV B4 (Assuntos Judaicos e Problemas de Evacuação). Reinhard Heydrich anunciou então que Adolf Eichmann, que tinha subido a SS-*Obersturmbannführer* (tenente-coronel), seria o «perito especialista» encarregado da evacuação de todos os judeus da Polónia ocupada. Os seus escritórios estavam instalados na berlinense Kurfürstenstrasse, 116. Após o início da Segunda Guerra Mundial, com a conquista da Polónia por parte da Wehrmacht, coube ao Departamento de Eichmann prestar atenção ao aumento de judeus no país recém-conquistado. Tanto Eichmann como o SS Franz Walter Stahlecker¹⁰ começaram a ser pressionados pelo próprio *Reichsführer* Heinrich Himmler.

Adolf Eichmann estava preocupado: não tinha conseguido livrar-se de todos os judeus da Alemanha ou da Áustria e sabia que seria

ainda mais difícil fazê-lo com os mais de 600 000 judeus que residiam nos novos territórios ocupados.¹¹

Os judeus foram concentrados em guetos nas principais cidades, na expectativa de que mais tarde ou mais cedo fossem levados mais para leste ou para o estrangeiro. As condições de aglomeração, a falta de salubridade, saneamento deficiente e falta de alimentos, provocavam uma altíssima taxa de mortalidade, principalmente entre os idosos e as crianças. A 19 de março de 1944, a Alemanha invadiu a Hungria, colocando no poder um governo fantoche. As suas forças policiais puseram-se às ordens do Gabinete Central de Segurança do Reich. Os judeus húngaros, que até esse momento tinham sido intocáveis, começaram a ser deportados para Auschwitz para serem assassinados nas câmaras de gás, ou utilizados como mão de obra escrava. Durante os julgamentos de Nuremberga, Rudolf Höss, comandante de Auschwitz, declarou: «Himmler, através de Eichmann, mandou-me implementar a Solução Final na Hungria.» Entre 16 de abril e 14 de maio de 1944, a Gestapo e a SS, com a ajuda dos líderes húngaros pró-nazis Miklós Kállay e Miklós Horthy, começaram a prender os judeus e a enviá-los para campos de concentração. Segundo as estatísticas apresentadas por Eichmann, cerca de 3000 por dia. Durante as semanas seguintes, cerca de 550 000 judeus húngaros, checos, romenos e jugoslavos, foram enviados para a morte em Auschwitz-Birkenau II¹².

Quando, a 6 de julho de 1944, pararam as deportações, tinham morrido nas câmaras de gás mais de 437 000 dos 725 000 judeus da Hungria. Apesar de Himmler ter mandado interromper as deportações, Adolf Eichmann organizou-as de forma a enviar para

Auschwitz, entre 17 e 19 de julho, comboios adicionais, desta vez sem a autorização de Berlim.¹³



Gueto judaico, durante a Segunda Guerra Mundial.

A 24 de dezembro de 1944, Eichmann fugiu de Budapeste, precisamente antes de as tropas soviéticas terem completado o cerco à capital búlgara. Regressou a Berlim, onde tomou as providências necessárias para eliminar todos os registos incriminatórios do seu Referat IV B4. Wilhelm Höttl recordava aos seus interrogadores aliados, após ter sido preso, que a última vez que viu Eichmann foi em finais de agosto de 1944, em Budapeste. «Depois de ter bebido uma garrafa inteira de brande, Eichmann disse-me que provavelmente nunca mais voltaríamos a ver-nos. [...] Os Aliados sabem quem são os responsáveis pela deportação de judeus, disse-me ele. Vão considerar-me um importante “criminoso de guerra”». O SS-*Sturmbannführer* Wilhelm Höttl perguntou então a Eichmann sobre o programa de exterminação. «Surpreendido,

Eichmann respondeu-me que o assassinato maciço de judeus era um dos maiores segredos do Reich... Eichmann disse-me que, segundo as suas informações, tinham morrido até então cerca de seis milhões de judeus: quatro milhões em campos de extermínio, dois milhões executados por Unidades de Operações e por outras causas, como a fome ou doenças nos guetos.»¹⁴

Adolf Eichmann representava a personificação de todos os crimes levados a cabo por Kaltenbrunner e a sua comitiva de carneiros. Antes de desaparecer, Eichmann foi detetado em casa de um tio, na rua Fischerndorf, 8, ocupando-se de vários assuntos pessoais que tinha pendentes. Nos dias seguintes, contactou a esposa, Vera; ordenou-lhe que pegasse nos três filhos, o mais pequeno de três anos, e que fosse juntar-se a ele num local concreto. Quando se reuniram, Eichmann entregou-lhe quatro cápsulas de cianeto, explicando-lhe que, quando os russos chegassem, deviam pôr a cápsula entre os dentes e mordê-la para deixar sair o veneno. Guardou uma quinta cápsula no bolso do camuflado de SS e desapareceu¹⁵.

O SS-*Obersturmbannführer* Adolf Eichmann liderava agora um pequeno grupo de homens que se dirigiam para Blaa-Alm, um refúgio de montanha oculto nas profundezas de um vale, cerca de cinco quilómetros a norte de Altaussee. Fugindo do rápido avanço norte-americano, o grupo dirigiu-se para noroeste de Rettenbach-Alm e penetrou nos Alpes. Outro dos elementos do grupo era o SS-*Obersturmführer* Anton Burger, comandante do campo de concentração de Theresienstadt de 1943 a 1944, antes de ter sido destinado a Auschwitz¹⁶. «Ninguém do grupo desejava entrar em combate aberto com os norte-americanos nem com os britânicos. [...] Ainda que todos nós soubéssemos que estávamos a ser

procurados como criminosos de guerra», afirmou Burguer aos seus interrogadores quando foi detido. Nesse momento, Adolf Eichmann, que liderava o grupo que se dirigia para norte, decidiu abandoná-lo acompanhado pelo seu adjunto, o *SS-Obersturmführer* Rudolf Jänisch.

Eichmann disse a Höttl que desejava levar a cabo a sua própria guerra e que ele e Jänisch tinham previsto evadir-se através das montanhas. Para dois homens é mais simples passar despercebidos e conseguir fugir atravessando as linhas aliadas. A sua primeira medida foi adaptar novos uniformes às suas novas identidades. O *SS-Obersturmbannführer* Adolf Eichmann é agora o *Obergefreiter* (cabo) Bart, da Luftwaffe. Segundo Höttl, o incrível é que Eichmann continuava a negar até àquele momento o seu papel na grande engrenagem de morte do Terceiro Reich.



Vera Liebl, esposa de Eichmann.

Em Altaussee, os nazis preparavam-se para a chegada das primeiras linhas da vanguarda das tropas norte-americanas. Wilhelm Höttl decidiu ficar, ao passo que outros como Eichmann ou Kaltenbrunner optaram por desaparecer nas montanhas. Ernst Kaltenbrunner era o chefe da RSHA desde janeiro de 1943. Um dos inimigos do Estado era a comunidade judaica da Alemanha e dos territórios ocupados e a RSHA teve um papel destacado na execução da Solução Final. Graças aos esforços de homens como Adolf Eichmann, esta foi extremamente eficiente. Kaltenbrunner, de 41 anos e mais de dois metros de altura, foi o maior criminoso e,

como chefe de Eichmann, tornou-se o criminoso de guerra «número um»¹⁷.

Os norte-americanos chegaram a Altaussee a 9 de maio, exatamente um dia depois do Dia da Vitória. Cinco soldados, um oficial, um tanque e um jipe sob o comando do major Ralph Pearson, da 80.^a Divisão de Infantaria, pertencente ao Terceiro Exército do general Patton, ocuparam a pequena e idílica cidade austríaca. Pouco depois, chegariam dois oficiais, o capitão Robert E. Matteson e o seu intérprete Sydney Bruskin, elementos do 80.º Corpo de Contraineligência (CIC). Nos Estados Unidos, era professor de Ciências Políticas, com um mestrado em Harvard. O seu trabalho na Alemanha consistia em localizar e prender nazis de alta patente. Em Altaussee, prenderam o general Erich Alt, da Luftwaffe; Walter Riedel, engenheiro-chefe do programa de foguetões V-2, em Peenemünde; Gunther Altenburg, ministro plenipotenciário alemão na Grécia; William Knothe, membro do Conselho Geral do Ministério de Assuntos Exteriores; e o doutor Bailent Homan, ministro do gabinete fantoche criado pelos alemães na Hungria¹⁸. Pouco depois, cairia também Wilhelm Waneck, chefe da Secção de Inteligência da RSHA para o sudeste da Europa; Werner Götsch, oficial do SD; e Wilhelm Höttl, companheiro de fuga de Eichmann¹⁹.

Os Aliados procuravam Eichmann, mas encontraram a esposa, Vera, que lhes garantiu nada saber dele e que, além disso, se tinham divorciado em Praga, havia alguns anos. Evidentemente, esta informação não era verdadeira. Adolf Eichmann foi finalmente capturado pelos norte-americanos; tinha com ele documentos falsos que o identificavam como um suboficial chamado Otto Eckmann. Sob esta identidade passou algum tempo em vários campos de

prisioneiros de guerra (POW) para oficiais da SS. Pouco depois conseguiu evadir-se, ao dar-se conta de que vários prisioneiros tinham descoberto a sua verdadeira identidade. Obteve novos documentos de identidade falsos, desta vez em nome de Otto Henninger, e mudou-se para Lüneburg Heath.

Entretanto, a poucos quilómetros do local onde Eichmann se escondia, numa cidade chamada Nuremberga, o ex-comandante de Auschwitz Rudolf Höss continuava a fornecer provas convincentes contra ele. Por esta mesma altura, sua esposa, Vera, tinha apresentado formalmente a um tribunal de Bad Ischl a declaração do falecimento do marido, corroborada por uma declaração assinada por uma irmã que afirmava ter visto o cadáver. Em princípios de 1950, Eichmann estava consciente de que devia tentar fugir da Europa; para isso dirigiu-se a Roma, com a finalidade de se juntar à Rota das Ratazanas, organizada pelo bispo Alois Hudal e Walter Rauff. Ali, sob a proteção de uma instituição do Vaticano chamada Comunidade de S. Rafael, conseguiu trabalho na indústria florestal e, mais tarde, alugou uma pequena parcela em Altensatzkoth, onde viveu até finais de janeiro de 1950²⁰. O mais curioso de tudo é que a Comunidade de S. Rafael tinha sido investigada pelo SD, por ordem de Eichmann, por ajudar judeus que escapavam à perseguição da SS e da Gestapo²¹. Em abril de 1950, quis atravessar a fronteira da Alemanha para a Áustria; mas o seu desejo ficou frustrado quando o guia que devia passá-lo sofreu uma fratura numa perna. Eichmann esperou durante semanas numa povoação próxima, até que um caçador da zona o ajudou a atravessar a fronteira. Desceram por Kufstein, já na Áustria, sem qualquer problema. Eichmann decidiu tomar um táxi, setenta e cinco quilómetros a sudoeste de Innsbruck, na zona da baixa Áustria,

controlada pelos franceses, onde Adolf Eichmann tinha dois contactos. Com a ajuda de um deles, conseguiu chegar de táxi a Merano, onde receberia novos documentos de identidade falsos em nome de Ricardo Klement.

Por fim, a 14 de julho de 1950, graças à ajuda do bispo Alois Hudal, Eichmann recebeu um passaporte da Cruz Vermelha em nome de Ricardo Klement e uma autorização de entrada na Argentina, com o número 231489/48. «Deixei de ser uma sombra para me tornar novamente um homem. Perdi o apelido Eichmann na Áustria. O de Barth tive de deixá-lo na Baviera. O de Eckmann, nas terras do Reno. E com o apelido Henninger permaneci na Itália», escreveria ele²². O seu novo passaporte vinha assinado por um franciscano chamado Edoardo Dömöter, que era nessa época o principal fornecedor de documentos a Hudal. Uma semana depois, embarcava no porto de Génova, no navio *Giovanna C*, rumo à Argentina.

Agentes do 430.º Destacamento do CIC descobriram a Rota das Ratazanas. O tenente John Hobbins, do CIC, escreveu um relatório dirigido ao seu superior, no qual advertia que se tratava de uma rota de evasão para criminosos de guerra «VIP», por cujos serviços se chegavam a pagar entre 1400 e 2000 dólares por cada criminoso de guerra evadido. A rota começava na Alemanha, continuava pela Áustria, entrava na Itália seguindo então para Génova. Hobbins tinha ouvido dizer que foi a rota utilizada por Klaus Barbie, protegido pelo padre Krunoslav Draganovic. Embora a expressão Rota das Ratazanas fosse utilizada para descrever a linha de evasão para a Itália, também se deu este nome a outras rotas como a do Norte (da Dinamarca para a Suécia), a Ibérica ou da Aranha (da França para a

Espanha e daí para Portugal ou Tânger), ou da Liberdade (para os Estados Unidos, procedente do Canadá).

TESTIMONIANZA FORNITA

Identità: Carta d'identità n° 131 rilasciata dal Comune di Terneno
(Documenti personali presentati)
1° II-VI-1948

Emigrazione: Permesso di libero sbarco n° exp.231489/48
(Indicare se avverrà tramite un Comitato responsabile, Designazione dell'Autorità, Num. di registrazione)
Partenza col Piroscalo ANNA "C" nella prima metà di Giugno

o privatamente (indicare promesse di visto ottenute):

CONNOTATI



Impronta digitale
(pollice destro)

Capelli: castani

Occhi: celesti

Naso: regolare

Segni particolari:



Visto per l'autenticità delle dichiarazioni, fotografia, firma e impronta digitale del Sig. Klement Riccardo

Firma e timbro dell'Autorità: P. Ammirati Edoardo

Luogo e data: Genova 1/6/1950
(pregasi apporre il timbro anche sulla fotografia)

Carta 10.100 bis N. 100940 Validità un anno

Concessa a Genova il 1/6/1950

" " "

Documento da Cruz Vermelha que facilitou a fuga de Adolf Eichmann, facultado pelo Vaticano, 1 de junho de 1950.

O nome utilizado por Adolf Eichmann na sua fuga era Ricardo Klement, traduzido para italiano como Ricardo Clementi. O passaporte que lhe tinha sido facultado pelo Vaticano identificava o hierarca nazi como um mecânico nascido em Bolzano, Itália, de pais alemães. Este nome não aparecia em nenhuma informação da espionagem israelita. Teriam de passar vários anos até que a Mossad descobrisse que Ricardo Klement e Ricardo Clementi eram a mesma pessoa: o *SS-Obersturmbannführer* Adolf Eichmann²³.

Na realidade, foi um alto funcionário do governo alemão que permitiu aos serviços secretos israelitas a localização de Eichmann na Argentina. O funcionário era o doutor Fritz Bauer, delegado do ministério público da província de Essen, que tinha obtido a informação do paradeiro de Eichmann do BND alemão (Bundesnachrichtendienst, Serviço Federal de Inteligência). Os agentes alemães tinham interrogado dois ex-membros da SS, os quais revelaram as rotas de fuga utilizadas, a procedência dos fundos para cobrir as despesas e os locais de esconderijo dos criminosos de guerra. Bauer, de origem judaica, tinha exercido o cargo de juiz em Stuttgart, até a chegada ao poder do Partido Nacional-Socialista. Pouco depois, foi detido e condenado à prisão por acusações de «inimigo do Estado». Conseguiu fugir e refugiar-se na Dinamarca até à ocupação deste país em 1940. Novamente detido e condenado a três anos de prisão, conseguiu evadir-se e refugiar-se na Suécia até ao final da guerra. Bauer informou o doutor Shinar, chefe da Missão de Reparações de Guerra na Alemanha Ocidental. Shinar, por sua vez, informou Walter Eytan, diretor-geral do Ministério de Assuntos Exteriores de Israel²⁴.

Uma manhã de 1957, Eytan pegou no telefone e ligou para Isser Harel, diretor da Mossad, para dizer: «Localizámos Adolf Eichmann

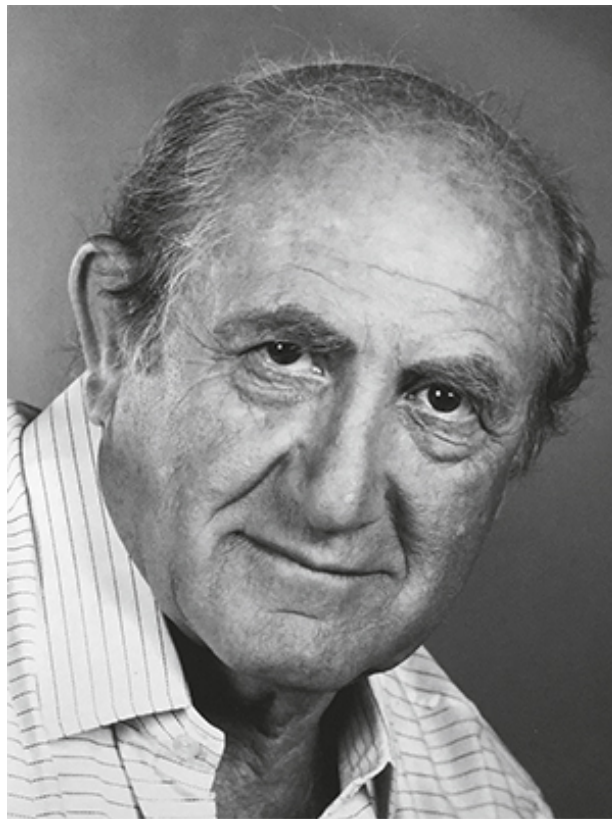
na Argentina.» Harel pousou o auscultador e ligou imediatamente para Rafik Eitan, um herói mítico entre os elementos do exército israelita depois da sua experiência durante a guerra da independência²⁵. Harel deu ordens a Eitan para que se encarregasse de organizar uma unidade especial dentro da Mossad. A sua missão seria localizar, sequestrar e levar para Israel a fim de ser presente a julgamento o criminoso de guerra Adolf Eichmann²⁶. Isser Harel garantiu a Eitan que os homens que formariam a unidade deviam saber que iam levar a cabo um ato de justiça para Israel e para os milhões de judeus assassinados nos campos de extermínio nazis. Esta unidade só poderia atuar quando o primeiro-ministro David Ben Gurion desse luz verde para a operação. Ninguém em Telavive queria fazer um movimento em falso que pusesse em perigo não só a segurança dos agentes da Mossad que se encontravam já na Argentina, mas também a própria imagem do Estado de Israel perante o mundo.



Isser Harel, chefe da Mossad, autorizou a operação de sequestro de Eichmann.

O criminoso de guerra nazi tinha chegado a Buenos Aires em finais do verão de 1950. O seu bilhete de identidade foi emitido pela polícia argentina a 3 de agosto desse mesmo ano. Eichmann continuou a levar uma vida bastante discreta, procurando não fazer muita vida social e desconfiando a toda a hora de qualquer estrangeiro que penetrasse no seu cerrado círculo de conhecidos²⁷. Em 1952, passou a viver em San Miguel de Tucumán, onde decide mudar de profissão. Aqui, aparece como cartógrafo. Esta mudança de profissão levantou as suspeitas da polícia argentina. Os seus serviços secretos descobriram que por detrás de Ricardo Klement se escondia Adolf Eichmann. Embora o segredo fosse conhecido por muito poucos, foi decidido colocar Eichmann sob vigilância contínua. O primeiro-ministro argentino esperava da Mossad uma confirmação absoluta de que Ricardo Klement e Adolf Eichmann eram a mesma pessoa. Quando David Ben Gurion aprovasse e autorizasse o sequestro de Eichmann, Isser Harel precisava de garantir que, sem qualquer sombra de dúvida, aquele homem que vivia num bairro operário nos arredores de Buenos Aires e que trabalhava como contabilista na Mercedes-Benz, era realmente o antigo *SS-Obersturmbannführer* Adolf Eichmann. Eitan ordenou a Peter Malkin, um dos agentes membros do comando da Mossad, que localizasse Vera Eichmann. Segundo a informação do doutor Fritz Bauer, Vera, a esposa de Adolf Eichmann, tinha-se apresentado após o fim da guerra e pedido uma certidão de óbito em nome do marido. Vera Eichmann passou alguns anos em Viena, até que um belo dia desapareceu sem deixar o menor rasto. A esposa do ex-dirigente nazi voltou a aparecer na Argentina,

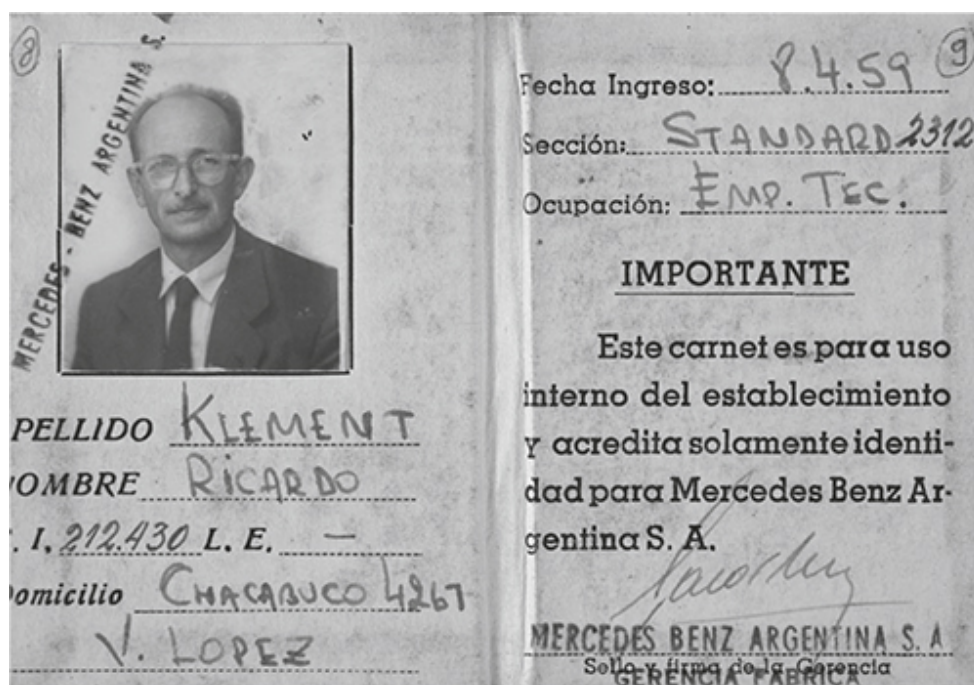
mulher e os filhos, se tinham mudado para uma humilde casa formada por duas construções na rua Garibaldi²⁹. Ben Gurion tinha dito a Harel que, antes de dar luz verde à operação, os seus operacionais deviam recolher material fotográfico do alvo. Isser Harel, Rafi Eitan e Peter Malkin sabiam que, se ia ser difícil aproximarem-se de Eichmann, muito mais difícil seria fotografá-lo. Eitan mandou a Shalom Dani que ordenasse aos seus *katsas* que durante a perseguição a Vera Eichmann/Verónica Liebl fotografassem todas as pessoas que com ela contactassem³⁰.



Peter Malkin, o agente da Mossad encarregado de localizar Vera, a esposa de Adolf Eichmann.

O relatório sobre o seguimento de Ricardo Klement era absolutamente exaustivo, até ao mais ínfimo pormenor. Inclusive as

fotografias de Klement foram mostradas a vários israelitas que tinham visto Eichmann nos campos de concentração. Muitos deles, que afirmavam tê-lo conhecido perfeitamente, afirmaram categoricamente que Ricardo Klement e Adolf Eichmann não eram a mesma pessoa³¹. Os agentes israelitas também não tinham a certeza de que aquele homem magro, de óculos com armação metálica, que trabalhava como contabilista na fábrica da Mercedes-Benz no distrito de Suarez, fosse o criminoso de guerra nazi que procuravam. Klement parecia muito mais velho do que Eichmann.



Cartão de Adolf Eichmann como empregado da Mercedes-Benz na Argentina.

Mas a sorte estava prestes a mudar para a Mossad. Um dos israelitas que seguia Klement comunicou que o tinha visto parar diante de uma florista e comprar um grande ramo de flores. A princípio, a indicação escrita numa folhinha de papel com a data de

«21 de março», a encabeçar a informação, não era mais do que um simples e insignificante pormenor do seguimento. O agente da Mossad decidiu estudar as datas importantes na vida dos Eichmann. Aquele ínfimo detalhe marcaria toda a Operação Garibaldi e o destino de Klement/Eichmann.

Em Buenos Aires, os filhos dos Eichmann preparavam-se para celebrar o 25.º aniversário do casamento dos seus pais; seria esse o erro que levou a Mossad a confirmar que Klement e Eichmann eram a mesma pessoa. Adolf e Vera Eichmann tinham contraído matrimónio a 21 de março de 1935; segundo os documentos. Mas Vera Eichmann e Ricardo Klement, seu segundo marido, tinham casado a 11 de agosto de 1958. Então, por que razão os Klement celebravam o seu aniversário de casamento na mesma data em que deveriam tê-lo feito os Eichmann? A segunda pista importante para descobrir a identidade de Klement chegou à Mossad através de Lothar Hermann, um alemão meio judeu, que tinha sido prisioneiro em Dachau, onde tinha perdido a visão e que agora residia na Argentina. Por mistérios do destino, a filha de Hermann tinha estabelecido uma relação de amizade com um jovem de origem alemã, que dizia chamar-se Nicolas Klement. Na realidade, tratava-se do filho mais velho de Adolf Eichmann. A filha de Lothar, Arianne, contou ao pai que, durante um encontro de amigos, Nicolas afirmou que Hitler devia ter acabado com todos os judeus da Europa, e que o seu pai tinha a mesma opinião, sem saber que a sua amiga era judia. Depois de descrever o pai de Nicolas, Lotthar Hermann afirmou ter a certeza absoluta de que aquele homem era Adolf Eichmann³².

A terceira pista veio da antiga amante alemã de Eichmann. Tinha seguido o dirigente nazi até à Argentina quando a guerra acabou;

porém, ao chegar àquele país sul-americano, ele abandonou-a. Sem dinheiro, a mulher conseguiu um lugar de empregada no restaurante dos funcionários da fábrica da Mercedes-Benz, onde também trabalhava Ricardo Klement. A mulher revelou o endereço de Eichmann a um judeu georgiano chamado Adolf Tauber.

É claro que Klement/Eichmann se sentia seguro no seu refúgio argentino. O que a Mossad ainda não sabia era que Eichmann tinha sido «convidado» pelas autoridades argentinas a ir embora. Naturalmente, a cúpula dos serviços secretos argentinos sabia desde dezembro de 1959 que a Mossad andava a seguir Klement por algum motivo, pelo que Perón pediu expressamente a Ante Pavelic, o ditador croata pró-nazi e assessor do presidente argentino, que ajudasse Eichmann, entregando-lhe um passaporte e contactos «para que se estabelecesse na Bolívia ou no Paraguai»³³. Em finais de 1959, o comandante Jorge Messina, diretor-geral da Central argentina dos Serviços Secretos, recebeu uma informação em que se afirmava que Ricardo Klement tinha sido visto com «um antigo nazi de alto nível nas vizinhanças de La Gallaretta, na província de Santa Fé». A descrição feita pelos seus agentes dava para perceber que esse «antigo nazi» era Josef Mengele, o Anjo da Morte de Auschwitz. Os serviços secretos argentinos souberam que Eichmann se tinha reunido com Josef Mengele no Restaurante ABC, de gastronomia alemã, na rua Lavalle, 545³⁴.

Com todas as provas na mão e a «luz verde» dada por David Ben Gurion, Isser Harel decidiu que o melhor era supervisionar pessoalmente a operação no próprio terreno, juntamente com Peter Malkin e Rafi Eitan³⁵.



Restaurante alemão ABC, onde se reuniram em 1959 Eichmann e Mengele.

Para retirar Adolf Eichmann do país, seria utilizado um avião *Britannia* da companhia israelita El Al, que deveria levar Abba Eban, ministro dos Assuntos Exteriores de Israel, em viagem oficial à Argentina, para a celebração do 150.º aniversário da sua independência³⁶. No porão do avião, tinham construído uma cela especial na qual o ex-dirigente nazi viajaria até Israel. A 1 de maio de 1960, os operacionais da Mossad que iam executar o golpe voaram para Buenos Aires, juntamente com Isser Harel, o *memuneh* da Mossad.

Uma vez na capital argentina, os agentes instalaram-se em andares seguros. Um deles seria utilizado como prisão de Adolf

Eichmann até que pudessem levá-lo para o aeroporto e, uma vez embarcado no avião da El Al, seria levado para Israel.

Tomaram parte no golpe duas viaturas com quatro *katsas* da Mossad em cada uma. Os que seguiam na primeira viatura vigiavam numa esquina da rua Garibaldi para ver se aparecia a polícia argentina. Na segunda viatura, um condutor; Rafik Eitan, ao seu lado, e atrás Shalom Dani e Peter Malkin. Eram eles que levariam a cabo o sequestro. Apesar das ordens de Isser Harel para abortarem a operação caso aparecesse a polícia argentina, Dani, Malkin e Eitan, tinham combinado nessa mesma noite, antes de saírem do seu refúgio, que, se alguma coisa corresse mal, um deles tentaria matar Adolf Eichmann sem hesitar. A operação foi planeada para a tarde do dia 11 de maio de 1960. Uma hora antes, o primeiro automóvel entrou na rua Garibaldi. Pouco depois, a segunda viatura estacionou a uma distância prudente da primeira, e com perfeito campo de visão sobre a entrada da vivenda de Eichmann. Por volta das 20h00 horas, Aarón, um dos israelitas encarregados da vigilância, começou a ficar nervoso ao ver que Klement não aparecia à hora prevista. Eitan consultou o relógio e, voltando-se para Malkin, disse-lhe que, se Klement não aparecesse nessa noite, tentariam no dia seguinte, e assim sucessivamente até que ele aparecesse.

Às 20h10 horas, luzes procedentes de outra viatura encandearam os agentes israelitas. Era o autocarro 202, que todos os dias recolhia Eichmann para o levar até à fábrica da Mercedes-Benz, onde ele trabalhava. De repente, a viatura parou e, ao abrirem-se as portas, umas luzinhas iluminaram o interior. Só uma sombra desceu do autocarro. A Rafael Eitan pareceu a imagem de um homem cansado. Para Peter Malkin, aquele homem não

passava de um assassino, um criminoso de guerra, um genocida, enquanto recordava a sua irmã Frumma, os seus primos, os seus familiares, assassinados durante o holocausto nazi organizado por homens como aquele que estava à sua frente, naquela rua escura de um subúrbio de Buenos Aires³⁷.

Malkin ia repetindo silenciosamente: «Sair, puxão, para dentro. Sair, puxão, para dentro», as palavras que tinham repetido durante semanas, nos ensaios do sequestro. Enquanto os agentes israelitas se aproximavam de Eichmann, ouviram o automóvel que os seguia com uma das portas abertas. Nesse momento, Peter Malkin chamou a sua atenção: «Um instante, por favor.» Eichmann voltou-se e o seu olhar cruzou-se com o de Malkin, que já se atirava sobre ele. Agarrou-o pelo pescoço com tanta força, que quase lhe esmagou a carótida. «Se tivesse oposto resistência, tinha-o matado nesse mesmo instante», confessaria ao autor o aposentado Peter Malkin, trinta e seis anos depois do sequestro, no Museu do Holocausto, em Washington.

Shalom Dani já estava à espera com a porta aberta, de forma que Malkin e Eitan levantaram quase em peso o criminoso de guerra, atirando-o para dentro do automóvel. Malkin tapou-lhe a boca para que não gritasse. A viatura seguiu pelas ruas não asfaltadas, com Dani e Malkin sujeitando a presa para não o deixarem levantar a cabeça. O homem que durante a Segunda Guerra Mundial organizou o transporte de milhões de judeus para o seu extermínio nas câmaras de gás dos campos de concentração estava agora enfiado numa viatura rumo a um andar devoluto e nas mãos de uma unidade de operações especiais da Mossad. O silêncio foi quebrado quando Eichmann perguntou aos seus captores o que significava aquilo; ninguém lhe respondeu. Eitan e

Malkin conheciam bem o guião, tantas vezes repetido. Quando chegaram ao andar, Rafael Eitan ordenou a Eichmann que se despisse. Este ficou de pé, em roupa interior, enquanto um médico da Mossad, com a missão de manter em boa saúde o criminoso de guerra até à sua transferência para Israel, lhe tirava as medidas como se fosse um alfaiate. Isser Harel queria ter a confirmação absoluta de que o homem que acabavam de sequestrar era Adolf Eichmann. Abrindo uma pasta, o médico começou a ler enquanto auscultava o ex-*Obersturmbannführer*.

- Uma cicatriz de três centímetros sob a sobrancelha esquerda.
- Duas pontes de ouro na arcada superior da dentadura.
- Uma cicatriz de um centímetro à esquerda da décima costela.
- Uma tatuagem sob a axila esquerda com o seu grupo sanguíneo.
- Altura: 1,73 cm.
- Peso: 69,3 Kg (em 1934).
- Cabelo: castanho-escuro.
- Olhos: azul-acinzentados.
- Circunferência do crânio: 558,8 mm.
- Número na SS: 45326 e 63752.
- Número de filiado no Partido Nazi: 889895.

O médico tirou também as medidas do joelho até ao tornozelo e do cotovelo até ao pulso. Em seguida, Eichmann foi algemado à cama por um tornozelo e mantido em completo isolamento. O silêncio só era quebrado quando Eitan e Malkin entravam na sala e lhe perguntavam o nome. Eichmann respondia apenas: «Ricardo Klement.» «Queremos o seu nome alemão», gritava-lhe Eitan.

Novamente, Adolf Eichmann pronunciava o nome que tinha utilizado para escapar da Alemanha. Uma manhã, repetiram a operação com o mesmo êxito; quando, porém, Eitan se dispunha a abandonar a sala, o homem pôs-se em sentido, deitado na cama, e respondeu claramente: «Adolf Eichmann». Não voltaram a perguntar-lhe mais nada. Durante os dias seguintes, Eichmann e os seus guardas permaneceram fechados em casa. Ninguém falava com o criminoso de guerra. Para Rafael Eitan, guardar silêncio era mais do que uma necessidade operacional. «Não queríamos mostrar a Eichmann que estávamos nervosos. Isso ter-lhe-ia dado esperanças. E a esperança torna perigoso um homem encurralado. Precisava de se sentir desprotegido, tal como se sentia a minha gente quando ele os enviava em comboios para os campos de extermínio», diria³⁸. Não obstante, Peter Malkin atuou de forma diferente diante de Eichmann. Talvez o *katsa* procurasse respostas para muitas perguntas: Porquê? Como é que um homem é capaz de assassinar tantos seres humanos? As respostas só podiam ser dadas por aquele homem estendido no catre do outro lado de uma porta. «Tratei-o corretamente. A verdade é que não sentia ódio por ele. [...] A única coisa que eu sentia era que tinha de fazer o trabalho até ao fim», afirma Malkin no seu livro *Eichmann in my hands*.

Uma das perguntas que Malkin fez a Eichmann foi: «Quero perguntar-lhe pelo seu filho, com quem o vi brincar, vi abraçá-lo tantas vezes. Por que motivo está ele vivo, enquanto o filho da minha irmã, que tinha os mesmos olhos azuis e o cabelo loiro como o seu filho, está morto?» Então o criminoso de guerra endireitou-se e friamente respondeu: «Ele era judeu, não era? Esse era o meu trabalho. Que podia eu fazer? Eu era um soldado. Também você é um soldado. Você veio prender-me. Está a cumprir ordens». «Eu

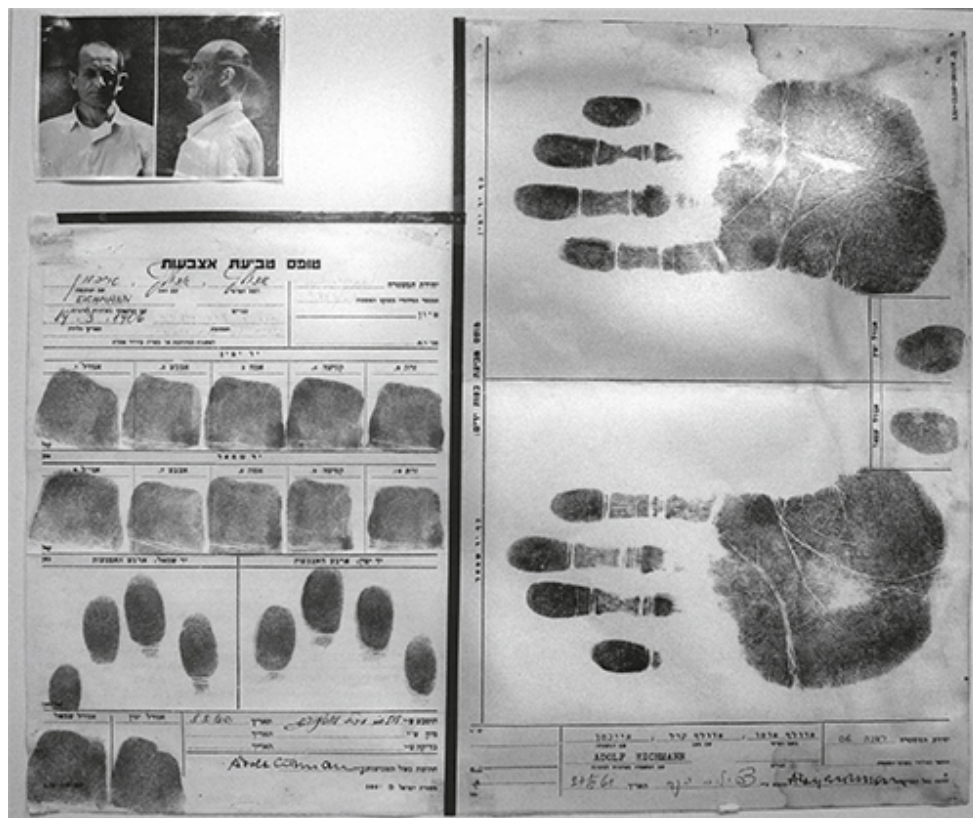
não matei ninguém. Apenas fui responsável pelo transporte das pessoas», disse o sequestrado. «Mas para onde os levaste? Para os campos de concentração, para a morte. Havia mulheres, crianças, a minha irmã e os filhos. Eles eram seus inimigos?» Eichmann não respondeu³⁹. «Para ele, Hitler era um deus. (Eichmann) disse-me que Hitler tinha mudado a vida dos alemães, tinha-lhes devolvido a honra. A ele, porém, não lhe agradava Himmler nem outros hierarcas. Dizia que esses se tinham escapado sem terminarem o seu trabalho. Em contrapartida, orgulhava-se de ter ficado até ao último momento da guerra. Para ele, a sua tarefa era o mais importante. Não obstante, tal como os outros, acabou fugindo, disfarçado de piloto», disse-me o próprio Malkin quando me reuni com ele em Washington.



Eichmann a ler na sua cela.

Chegou finalmente a hora de tirá-lo da Argentina. Celebrava-se nesse dia o 150.º aniversário da Revolução de Maio, e para as festividades tinham sido convidadas delegações de todo o mundo, incluindo Israel, liderada pelo ministro de Exteriores, Abba Eban. A delegação tinha chegado num avião da El Al, que aterrava pela primeira vez em Ezeiza. A Mossad tinha decidido retirar o sequestrado do país nesse voo. Disfarçaram o criminoso nazi com o uniforme de piloto da companhia aérea e injetaram-lhe um tranquilizante. Imediatamente depois, o antigo membro da SS foi algemado e metido na jaula expressamente construída para ele. Por fim, o *Britannia* da El Al aumentou as rotações para levantar voo rumo a Israel. Era meia-noite do dia 21 de maio de 1960, exatamente dez dias depois de ter sido levado a cabo o sequestro na rua Garibaldi.

Quando, no dia 7 de julho de 1961, às 12h30 horas da manhã, Adolf Eichmann compareceu perante os juízes Moshe Landau, Benjamin Halevy e Isaac Raveh, dentro de uma grande caixa de vidro blindado, o então ministro argentino dos Assuntos Exteriores, Diógenes Taboada, exigiu publicamente ao embaixador de Israel na Argentina, Aryeh Levavi, uma explicação do acontecido. A única resposta oficial dada ao governo argentino chegou vinda do próprio David Ben Gurion: «Tomámos medidas excepcionais num caso excepcional. Agora, todos os inimigos de Israel no passado, no presente e no futuro ficam a saber que, se ameaçarem a nossa segurança, o longo braço de Israel consegue atingi-los onde quer que se escondam.»⁴⁰



Ficha da polícia israelita de Adolf Eichmann.

No fim, Adolf Eichmann terminou pedindo ao seu sequestrador, Peter Malkin, que o fosse visitar quando estivesse fechado na sua cela, em Jerusalém. O agente prometeu que assim faria e, um belo dia, apareceu na sala do tribunal durante o julgamento. Então o agente viu a sua presa dentro de uma caixa de vidro blindado. O agente da Mossad deu meia-volta e perdeu-se entre a multidão que enchia a sala do tribunal para poder ver aquele homem de aspeto banal, que levou à morte milhões de pessoas sem o menor sinal de arrependimento.

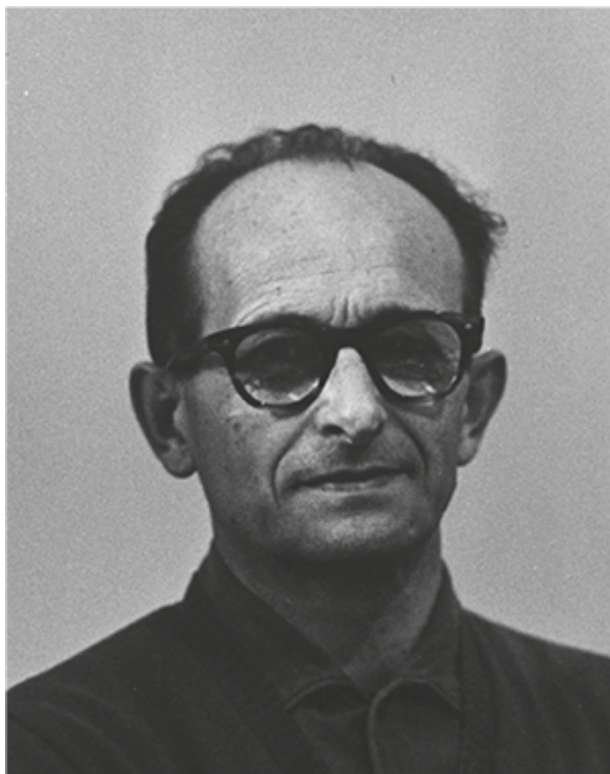
A 12 de dezembro de 1961, após exatamente 56 dias de julgamento e depois de ouvir 112 testemunhas, o presidente do tribunal leu as acusações e a sentença. Otto Adolf Eichmann, de 56 anos de idade, foi declarado culpado de quinze acusações, incluindo

a de ser responsável pela deportação de meio milhão de polacos para campos de concentração e de 14 000 eslovenos; de ser responsável direto pela morte de milhões de judeus e de dezenas de milhares de ciganos; e pela morte de 91 crianças de Lidice. Eichmann ouviu sem se alterar todas as acusações, assim como a sentença que o condenava a morrer na forca, em dia e local determinados⁴¹. Depois de vários apelos por parte dos advogados de Eichmann, o doutor Robert Servatius e Dieter Wechtenbruch, o Supremo Tribunal de Israel ratificou a sentença. A 1 de junho de 1962, Eichmann fez a sua última refeição: queijo, pão, azeitonas e chá, juntamente com meia garrafa de vinho. Poucas horas depois, Adolf Eichmann foi tirado da sua cela e acompanhado por William Hull, ministro protestante, até à sala de execuções. Ao entrar, Eichmann subiu com passo firme até à parte alta do patíbulo. Um jovem soldado que se encontrava a cumprir serviço militar, Shalom Nagar, seria o carrasco. Israel não tinha um carrasco oficial, pelo que foi decidido que um dos guardas da prisão de Ramla devia executar a sentença. «Eu não queria, mas tiraram à sorte e calhou-me a palha mais curta», recorda Nagar⁴².



Os juízes que julgaram Eichmann: Benjamin Halevy, Moshe Landau e Yitzhak Raveh.

Adolf Eichmann pronunciou um breve discurso: «Viva a Alemanha, viva a Argentina, viva a Áustria. São os três países com os quais tive uma maior ligação e que nunca esqueci. Saúdo a minha esposa, a minha família, os meus amigos. Estou pronto. Em breve nos encontraremos de novo, como é o destino de todos os homens. Morro acreditando em Deus». Em seguida, Nagar pôs a corda à volta do pescoço do antigo membro da SS. Após uma indicação do diretor da prisão, o carrasco acionou a alavanca, abrindo o alçapão debaixo dos pés de Eichmann. O corpo caiu bruscamente para baixo, com todo o seu peso. Eichmann estava morto com o pescoço partido. O cheiro a fezes inundou toda a sala do patíbulo. Talvez, e só talvez, o *SS-Obersturmbannführer* Adolf Eichmann tenha tido a mesma sensação de medo antes de morrer. O mesmo medo que sentiram milhões de pessoas antes de entrarem nas câmaras de gás⁴³.



Adolf Eichmann dias antes de ser executado na forca.

Tinham construído um forno especial para queimar o cadáver do arquiteto da Solução Final. Dois soldados do exército israelita fizeram descer o cadáver ainda pendurado na corda, despiram-no e meteram-no no forno com milhares de graus de temperatura. Poucas horas depois, nada mais restava dele a não ser um punhado de cinzas que foram lançadas ao mar a partir de um patrulheiro da marinha israelita, fora das suas águas territoriais, por ordem expressa de David Ben Gurion. Em seguida, o forno foi desmantelado e destruído. Nada restava do corpo de Adolf Eichmann sobre a face da terra.

Três dos seus quatro filhos, Klaus, de 82 anos, Horst Adolf, de 78, Dieter de 76, e vários netos, continuam ainda a viver na Argentina. Ricardo Francisco, o filho mais novo de Eichmann, de 63 anos, é atualmente professor no Instituto Arqueológico Alemão. Vera

Liebl, a viúva do criminoso de guerra, faleceu em 1993, também na Argentina, com 84 anos.

Gideon Hausner, que foi delegado do ministério público do Estado de Israel, e que faleceu em 1990, aos 75 anos, nunca conseguiu esquecer, anos depois da execução do criminoso de guerra, quando, no primeiro dia do julgamento, perguntou a Adolf Eichmann: «Sente-se culpado por ter participado no assassinato de milhões de judeus?» O criminoso de guerra respondeu-lhe: «Humanamente sinto-me culpado, visto que sou culpado pela sua deportação.» Mesmo dentro daquela caixa de vidro, Eichmann tentou evitar responsabilizar-se completamente pela morte de milhões de seres humanos.

¹ Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.

² Kerstin von Lingen, *Allen Dulles, SS and the nazi war criminals*, Cambridge University Press, Cambridge, 1978.

³ Richard Breitman, Norman J.W.Goda, Timothy Naftali e Robert Wolfe, *US Intelligence and the Nazis*, Cambridge University Press, Cambridge, 2005.

⁴ David Cesarini, *Eichmann: His Life and Crimes*, William Heinemann, Londres, 2004.

⁵ Richard J. Evans, *The Coming of the Third Reich*, Penguin Books, Nova Iorque, 2003.

⁶ Christopher Ailsby, *SS: Roll of Infamy*, *Motortbooks International*, Minneapolis, MN, 1997.

⁷ David Cesarini, *Eichmann: His life and Crimes*, Vintage Books, Londres, 2005.

⁸ Martin Imbleau, «Der Stürmer», *Encyclopedia of Genocide and Crimes against Humanity*, MacMillan, Nova Iorque, 2005.

⁹ Werner Brockdorff, *Flucht vor Nurnberg*, Welsermühl, Munique, 1969.

¹⁰ Em junho de 1941, Stahlecker foi promovido ao posto de *SS-Brigadeführer e Generalmajor der Polizei*, ao mesmo tempo que foi nomeado comandante do *Einsatzgruppe A*, o mais sangüinário de todos os esquadrões da morte da SS. O *Einsatzgruppe A* seguiu para o Grupo dos Exércitos do Norte e operou nos estados bálticos e áreas da Rússia. A sua missão consistia em detetar e aniquilar judeus, ciganos e comunistas. No verão de 1941, Stahlecker informou Berlim que o *Einsatzgruppe A* tinha executado 249 420 judeus. Stahlecker morreu a 23 de março de 1942, durante um confronto com patriotas soviéticos.

- 11 Gerald Steinacher, *Nazis on the Run. How Hitler's Henchmen Fled Justice*, Oxford University Press, Oxford, 2011.
- 12 Rudolf Höss, *Yo, Comandante de Auschwitz*, Ediciones B, Madrid, 2009.
- 13 David Cesarini, *Eichmann: His Life and Crimes*, William Heinemann Publisher, Londres, 2004.
- 14 NARA, Ficheiro sobre Wilhelm Höttl, RG 263, Estante 230, Fila C, Compartimento 64, prateleira 04, Caixa 25, GWDN: 09620.
- 15 NARA, Ficheiro sobre Adolf Eichmann, RG 263, Caixas 14-15, Diretório do ficheiro de operações, vol. 1, doc. 6.
- 16 David Cesarini, *Eichmann: His Life and Crimes*, William Heinemann, Londres, 2004.
- 17 Robert E. Matteson, *The Last Days of Ernst Kaltenbrunner*, CIA Library's Center for Study of Intelligence, Langley, Virginia, 2007.
- 18 Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.
- 19 Andrew Nagorski, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.
- 20 Alan Levy, *Nazi Hunter, The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.
- 21 Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.
- 22 Uki Goñi, *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Peron's Argentina*, Granta Books, Londres, 2002.
- 23 Eric Frattini, *Mossad, los Verdugos del Kidon*, Atanor, Madrid, 2011.
- 24 Michael Bar-Zohar, *Spies in the Promise Land. Iser Harel and the Israeli Secret Service*, Houghton Mifflin Company, Boston, 1972.
- 25 Susan Hattis, *Political Dictionary of the State of Israel*, MacMillan Publishing Company, Nova Iorque, 1987.
- 26 Gordon Thomas, *Gideon's Spies. The History of Mossad*, St. Martin Press, Nova Iorque, 1998.
- 27 Richard Deacon, *The Israeli Secret Service*, Warner Books, Londres, 1977.
- 28 Nas suas memórias, Isser Harel fala do papel de Shalom Dani como sendo da máxima importância no sequestro de Eichmann. Por motivos de segurança, Harel mudou o nome para Yoel Golren. Depois da morte de Dani, tornou-se público o seu nome verdadeiro e o seu papel na Operação Garibaldi.
- 29 Isser Harel, *The House on Garibaldi Street*, Frank Cass Publishers, Nova Iorque, 1997.
- 30 Richard Deacon, *The Israeli Secret Service*, Warner Books, Londres, 1977.
- 31 Isser Harel, *The House in Garibaldi Street*, Frank Cass Publishers, Nova Iorque, 1997.
- 32 Peter Z. Malkin e Harry Stein, *Eichmann in my Hands*, Warner Books, Nova Iorque, 1990.

33 Uki Goñi, *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Perón's Argentina*, Granta Books, Londres, 2002.

34 Moshe Pearlman, *The Capture of Adolf Eichmann*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1961.

35 Gordon Thomas, *Gideon's Spies. The History of Mossad*, St. Martin Press, Nova Iorque, 1998.

36 Abba Eban, *Abba Eban: An Autobiography*, Random House, Nova Iorque, 1977.

37 Peter Z. Malkin e Harry Stein, *Eichmann in my Hands*, Warner Books, Nova Iorque, 1990.

38 Gordon Thomas, *Gideon's Spies. The History of Mossad*, St. Martin Press, Nova Iorque, 1998.

39 Peter Z. Malkin e Harry Stein, *Eichmann in my hands*, Warner Books, Nova Iorque, 1990.

40 David Ben Gurion, *Memoirs: David Ben Gurion*, World Publishing Company, Nova Iorque, 1970.

41 Gideon Hausner, *Justice in Jerusalem. The Eichmann Trial*, Herzl Press, Nova Iorque, 1977.

42 David Cesarini, *Eichmann: His Life and Crimes*, William Heinemann, Londres, 2004.

43 Gordon Thomas, *Gideon's Spies. The History of Mossad*, St. Martin Press, Nova Iorque, 1998.

8

OTTO WÄCHTER **O Carrasco de Cracóvia**

«Bei meiner Division SS» («Junto da minha Divisão SS»), diz a legenda de uma fotografia guardada no sótão do castelo austríaco de Hagenberg. Na fotografia aparecem Otto Gustav von Wächter, então governador da Galícia (hoje noroeste da Ucrânia); Heinrich Himmler, líder máximo da SS, e Hans Frank, governador-geral da Polónia ocupada. Este retrato reuniu três dos principais responsáveis pelo Holocausto na Polónia e simbolizou o ponto culminante da carreira de Wächter no Partido Nazi, como *SS-Gruppenführer* e governador. Wächter cumpriu ali as suas funções ao pé da letra, tornando-se um dos maiores criminosos da Segunda Guerra Mundial. No mesmo álbum poeirento de fotos, outras imagens recriam uma tranquila infância e juventude em Trieste (Itália), onde frequentou a escola primária e aprendeu italiano, e em Budweis, então parte da fortaleza alemã na República Checa. Nascido em Viena a 8 de julho de 1901, era o mais novo dos três filhos da família.

Depois de regressar à capital austríaca, embebido de um nacionalismo extremista, juntou-se à Deutsche Wehr, as forças armadas alemãs. Entre 1919 e 1922, ganhou campeonatos de remo, mas também praticou com bastante êxito a natação, a escalada e o esqui. Posteriormente, matriculou-se em Direito na Universidade de Viena e, oito semestres depois, licenciou-se como advogado com brilhantes qualificações¹. A 1 de abril de 1923, com 21 anos de idade, Otto Gustav von Wächter deu um passo crucial na sua carreira. Nessa data assinou a sua filiação no então proibido Partido Nazi da Áustria². Registado com o número 301 093, o jovem austríaco alistou-se na SA (Camisas Castanhas), o grupo paramilitar que apoiou a ascensão de Hitler desde 1920 até à sua eleição como chanceler em 1933. O seu destino, desde esse momento, estava selado e culminaria com a invasão da Polónia e o início da Segunda Guerra Mundial, a 1 de setembro de 1939.



Retrato oficial de Otto Wächter.

Quando era criança, durante a Primeira Guerra Mundial, Wächter acompanhou o pai, o general austríaco Josef Freiherr von Wächter, membro do partido socialista austríaco conhecido como Grão-Partido do Povo Alemão (Grossdeutsche Volkspartei), enquanto se deslocava de um país para outro. O pai tinha servido no exército austro-húngaro, tendo sido condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Ordem de Maria Teresa, por serviços de guerra durante a Primeira Guerra Mundial. Aquela condecoração tinha agregado o título de barão. Em 1922, o pai do criminoso de guerra foi nomeado Ministro da Defesa da Áustria no gabinete de Ignaz Seipel. Embora o jovem Wächter tenha passado os seus primeiros anos em Viena, também viveu vários anos em Trieste e na Boémia, onde aprendeu

a falar checo. Finalmente, a família voltou a mudar-se para a capital austríaca, onde Wächter estuda Direito e se junta a organizações nacionalistas muito próximas do Partido Nacional-Socialista alemão. Em 1923, juntou-se ao ramo austríaco das SA, as «Camisas Castanhas» de Ernst Röhm. Embora haja um certo vazio na biografia de Wächter durante os anos seguintes, sabe-se que em 1925 se licenciou como advogado e que em 1929 se inscreveu na Ordem e exerceu na cidade de Viena.

A sua infância, passada no seio de uma família muito tradicional e conservadora, baseou-se no ideal de uma forte identidade alemã. Os documentos oficiais do partido nazi, nos arquivos do caçador de nazis Simon Wiesenthal, descrevem a personalidade de Wächter com elogios. Possuía um «forte caráter expansivo», uma «força de vontade avassaladora, à prova de tudo», uma personalidade capaz de «acatar ordens sem recalcitrar, por difíceis que fossem essas ordens», e perfeitamente capaz de «implementar decisões e ordens aos seus subordinados». Foi qualificado pelo seu superior na SS como «muito inteligente», «justo» e «vigoroso». «Bebe mas com moderação e não fuma», terminava, garantindo a informação sobre Wächter. O jovem nazi recentemente admitido na SA era um jovem atlético e participava em clubes desportivos. Numa das suas viagens de esqui, em 1929, partiu uma perna. Enquanto estava no hospital, em julho desse ano, conheceu Charlotte Bleckmann, filha de um industrial do aço e nazi fanático, a quem como advogado tinha defendido nos tribunais austríacos. Três anos depois, em 1932, casaram; o casal teve seis filhos, dois rapazes e quatro raparigas³.

No mesmo ano do seu casamento, exatamente a 1 de janeiro de 1932, alista-se na SS com o número 235 368 e completa a sua

instrução na cidade bávara de Freising. Só dois anos mais tarde, em 1934, Wächter tomaria parte na tentativa de golpe de Estado (*Putsch*) contra o então chanceler Engelbert Dollfuss. O golpe falhou, mas dez membros do 89.º Regimento da SS, entre eles Wächter, conseguiram entrar na residência do chanceler e assassiná-lo. Sabe-se que em 1935 o governo austríaco lhe retirou a nacionalidade; Otto von Wächter, porém, já tinha obtido a nacionalidade alemã dois anos antes. A trama do *Putsch*, embora não tenha dado resultados imediatos, aplanou o caminho a Hitler para o processo de anexação da Áustria, o chamado *Anschluss*, a 12 de março de 1938⁴.

Após a anexação da Áustria, Wächter é nomeado comissário estatal no Ministério da Liquidação, sob as ordens do governador nazi da Áustria, Arthur Seyss-Inquart. Ocupa esse lugar desde 24 de maio de 1938 até 30 de abril de 1939. O organismo governamental dirigido pelo criminoso de guerra durante pouco mais de um ano, conhecido como «Wächter Kommission», era responsável pelo despedimento de todos os funcionários austríacos que «não se adaptaram ao regime nazi». Pelo facto de a antiga burocracia austríaca ser estritamente antissemita, só um pequeno número de funcionários foram saneados⁵.

Pouco a pouco, Wächter foi-se afastando da família para se concentrar na sua carreira imparável dentro do nazismo. No meio da agitação política provocada pelo assassinato de Dollfuss, Wächter viu-se obrigado a fugir para Berlim, onde cumpriria as suas obrigações como advogado do Partido Nazi. Os seus passos seguintes estiveram em grande parte relacionados com a sua ascensão na hierarquia militar, até que se juntou à SS, a temível Schutzstaffel, liderada por Heinrich Himmler. Durante esse período,

em que ganhou as suas principais promoções dentro da SS, Wächter teve tempo para a fotografia. Orgulhoso dos êxitos na sua nova carreira, posou em vários locais. Por detrás de cada fotografia, Otto Wächter ia registando anotações de seu próprio punho e com a sua letra, sobre a sua subida na SS, como em 1938, quando se tornou *SS-Standartenführer*, o equivalente a coronel⁶.

No mesmo ano em que Hitler entrou na Áustria, Wächter já tinha dois filhos. Pouco depois teria quatro, seguindo a ideologia nazi e os rigorosos princípios da SS a propósito de ter o maior número possível de filhos de «raça ariana». Típico burocrata disciplinado, ganhou a confiança do próprio Heinrich Himmler, que o catapultou ao posto mais decisivo da sua carreira. Após a ocupação da Polónia, em setembro de 1939, Hitler estabeleceu um governo fantoche em Varsóvia, sob o controlo de Hans Frank⁷.

O seu braço direito, Arthur Seyss-Inquart⁸, seria o protetor de Otto von Wächter. Quando Seyss-Inquart substituiu Frank no cargo, levou com ele Wächter, que por sua vez foi nomeado governador de Cracóvia. Como governador, Otto Wächter ordenou a perseguição de todos os judeus da região.



Wächter à direita, junto de Josef Goebbels.

Wächter aplicou na perfeição as políticas nazis, incluindo a perseguição aos judeus, intelectuais e comunistas, mostrando assim aos seus chefes, Frank e Seyss-Inquart, os seus dotes perfeitos como assassino e sádico criminoso de guerra. «Todos os judeus maiores de 12 anos no distrito de Cracóvia deverão, a partir de 1 de dezembro de 1939, exibir uma marca visível nos seus lares. [...] Os judeus que não o fizerem sofrerão um severo castigo», ordenava Otto von Wächter num dos documentos assinados. Também assinou ordens de envio para trabalhos forçados a centenas de milhares de polacos.

Também como governador de Cracóvia, supervisionou diretamente as ações da SS, da Gestapo e das forças de polícia locais nas tarefas de repressão contra vastos setores da população. Uma delas ocorreu a 6 de novembro de 1939, quando a SS deteve grande número de professores da prestigiada Universidade

Jaguelónica de Cracóvia: todos foram deportados para o campo de concentração de Sachsenhausen. Embora Wächter tenha criticado abertamente a operação, afirmando que «teve lugar sem o seu conhecimento», a «Ação Especial de Cracóvia» foi denunciada por exilados polacos em Nova Iorque, a 16 de outubro de 1942. Nessa denúncia aparecia o nome de Wächter como responsável absoluto pela deportação dos professores para campos de concentração⁹.



Otto Wächter junto do seu chefe, Heinrich Himmler.

Uma operação que deu muito que falar foi a ocorrida a 18 de dezembro de 1939, quando o criminoso de guerra assinou a ordem de execução de 52 cidadãos polacos, como represália pela morte de dois polícias alemães¹⁰. O seu nome também aparece em outro documento assinado a 8 de dezembro de 1940, no qual se ordenava a expulsão dos 68 000 judeus de Cracóvia, e num terceiro documento, com data de 3 de março de 1941, no qual se decretava que os 15 000 judeus restantes deviam mudar-se para o gueto da

cidade. Ou no dia 15 de agosto de 1942, quando Wächter assinou a deportação de quase 4000 judeus idosos para o campo de extermínio de Birkenau. Todos eles foram executados nas câmaras de gás, no próprio dia da sua chegada ao campo¹¹.

A 3 de março de 1941, Otto von Wächter ditou a criação do gueto de Cracóvia, no distrito de Podgórze¹². Com a chegada dos judeus ao gueto, o número de residentes atingiu os 15 000 habitantes, amontoados em apenas 30 ruas, 320 edifícios de vivendas e 3167 divisões. A sobrepopulação era tal que cada apartamento tinha de alojar quatro famílias e os últimos a chegar viram-se obrigados a ter de dormir na rua, às intempéries¹³. Otto Wächter foi interrogado pelo próprio pai, numa carta em que pergunta ao filho «sobre as políticas nazis para com os judeus». Em resposta ao pai, a 22 de abril de 1941, Otto Wächter lamenta a carta, garantindo-lhe que «as medidas [sobre os judeus] interessavam à nação como um todo». Wächter, além disso, afirmaria noutra missiva que a «Solução Final para o problema judaico era inevitável»¹⁴.

Em janeiro de 1942, Otto von Wächter foi nomeado governador do distrito da Galícia, em Lwów (atualmente na Ucrânia). Sete meses depois, recebeu ordens da SS para eliminar os judeus do gueto da cidade. As medidas que adotou enquanto esteve no cargo torná-lo-iam no «nazi mais odiado» pelo caçador de nazis Simon Wiesenthal, que viveu em Lwów durante a invasão alemã. No seu livro *The Murderers Among Us* (*Os assassinos entre nós*), Wiesenthal relata que a 15 de agosto de 1942, «Otto Wächter supervisionou pessoalmente o transporte de 4000 judeus para campos de extermínio». Entre eles encontrava-se a mãe de Wiesenthal, de quem nunca mais se soube nada. Após a Segunda

Guerra Mundial, o próprio Wiesenthal – que conseguiu sobreviver aos campos de concentração, para onde tinha sido enviado pelo criminoso de guerra, para posteriormente dedicar a sua vida a caçar nazis – afirmou que «Wächter matou pelo menos oitocentos mil judeus».

Horst, um dos filhos de Otto Wächter, nega categoricamente que o pai tenha estado colocado como governador da Galícia no período referido por Wiesenthal. Horst Wächter garante que durante essa época o pai se dedicava a estreitar laços com Andreyvitch Andrey Vlasóv, o famoso guerrilheiro inimigo de Josef Estaline, «e em 1945, meu pai [Otto von Wächter] foi transferido para o Reichssicherheitshauptamt, o departamento dos serviços secretos do Reich, em Berlim, onde dirigiu a criação de “exércitos voluntários” para lutarem ao lado dos alemães na frente oriental. [...] O projeto não deu o fruto desejado, visto que a guerra estava prestes a terminar.»

O certo é que em nenhuma outra zona da Europa a população judaica sofreu mais do que no distrito da Galícia, um cenário tradicional de *pogroms*. Antes de 1939, o distrito contava com uma população próxima dos três milhões e meio de habitantes, dos quais oitocentos mil eram judeus. A vida era muito dura para eles, e ficou pior depois de Hitler ter invadido a União Soviética, em 22 de junho de 1941. Antes de as primeiras unidades da Wehrmacht terem chegado às principais cidades, os comissários soviéticos mandaram executar todos os prisioneiros que se encontravam detidos nas suas prisões, principalmente ucranianos, polacos e obviamente judeus.

Em princípios de 1942, depois da Conferência de Wannsee, os nazis decidiram transformar a Polónia no seu centro de operações para levarem a cabo a chamada Solução Final para a questão judaica na Europa. Mais de três milhões de judeus da Polónia iam

ser assassinados nos próximos meses. Com efeito, para a SS e para a Gestapo, a Polónia ia transformar-se no cenário ideal onde instalar os campos de extermínio. O certo é que na Polónia não havia segredos. Os longos comboios que transportavam prisioneiros para os campos de concentração apareciam nos horários regulares dos caminhos de ferro. Além disso, a população polaca sabia o que eram os «campos de concentração»; cruzavam-se com aqueles seres esqueléticos, envergando uniformes às riscas, quando caminhavam para os trabalhos forçados, ou quando se queixavam do fedor que saía das chaminés dos fornos crematórios instalados perto, nos campos de extermínio que se erguiam próximos de suas casas, em lugares como Belzec, Auschwitz-Birkenau, Chełmno, Majdanek ou Sobibor¹⁵.

Nos arquivos de Simon Wiesenthal aparecia uma fatura que rezava: «12 cordas a 8,80 *zlotys*»; e por baixo aparecia um carimbo que dizia «pago» e duas assinaturas, a de Otto Gustav von Wächter e a de Oskar Waltke. As doze cordas destinavam-se a enforcar os doze membros do Conselho Judaico de Lwów, executados em 1 de setembro de 1942, por ordem de Wächter e do SS-*Oberscharführer* Oskar Waltke¹⁶, representante em Lwów da RSHA Referat IV B4, a secção responsável pelos Assuntos Judaicos. Não havia outra lei na Galícia que não a da SS, e, depois da invasão nazi, todos os judeus foram concentrados em guetos e vigiados por guardas ucranianos selvagens, que cooperavam ativamente com os ocupantes.

O lugar-tenente de Wächter era o SS-*Brigadeführer* Friedrich «Fritz» Katzmann¹⁷. Era um homem magro, de rosto pálido, com grandes orelhas, que sofria de anemia. Nunca ninguém o viu sorrir. Foi ele quem redigiu os dois relatórios dirigidos a Heinrich Himmler. O primeiro sobre a «Einsatz Reinhard», em que confirmava a

«liquidação de dois milhões e meio de polacos e outras nacionalidades», como represália pelo assassinato de Reinhard Heydrich, o Reich protetor da Boémia e da Morávia. O segundo, de junho de 1943, intitulado «A Solução Final da Questão Judaica no distrito da Galícia.» Em 62 páginas, o major-general da polícia Friedrich Katzmann descreve minuciosamente a liquidação de 434 329 judeus, declarando todo o distrito «zona livre de judeus»¹⁸.

Outro dos homens sob o comando de Otto Wächter era o SS-*Untersturmführer* Gustav Wilhaus, sádico comandante do campo de concentração de Lwów-Janowska. Wilhaus vivia numa acolhedora moradia dentro do campo, juntamente com a sua esposa Helga e a sua filha Heike, uma menina loira, de olhos azuis, com seis anos de idade. Um dia, um grupo de pedreiros judeus levantavam um muro de tijolos, perto da casa do comandante do campo. Então a pequena Heike pediu ao pai que disparasse sobre aquele grupo de homens. Wilhaus, para fazer a vontade à filha, pegou na espingarda e disparou contra o primeiro pedreiro, que caiu morto. O comandante do campo fez um segundo disparo e matou outro pedreiro. Enquanto o resto do grupo continuava a trabalhar como se nada tivesse acontecido, Gustav Wilhaus entregou a arma à mulher, convidando-a a disparar. Helga disparou sobre um terceiro pedreiro, matando-o de imediato. O único som que se ouvia eram as gargalhadas e as palmas da pequena Heike¹⁹.



Himmler cumprimenta Wazhok Lackier, comandante do campo de Janowska. Atrás dele, Fritz Katzmann.

Em 1944, Otto Wächter tinha já alcançado o posto de SS-*Gruppenführer* (major-general) e tinha-se tornado um dos «favoritos» do poderoso Heinrich Himmler. Em setembro de 1939, após o início das hostilidades, o SS-Wächter foi enviado à Polónia ocupada; primeiro como governador do distrito de Cracóvia e posteriormente como governador do distrito da Galícia. «Consegui vê-lo em 1942, no gueto de Lwów. [...] Wächter estava encarregado dos transportes de judeus para os campos de extermínio; foi num deles que a minha mãe foi enviada para a morte. [...] Cerca de 800 000 pessoas foram assassinadas por Wächter», declarou anos depois Simon Wiesenthal²⁰.

Com a perda de todo o distrito da Galícia, a 26 de julho de 1944, perante o avanço do Exército Vermelho, Wächter pediu para ser libertado das suas obrigações administrativas no Governo-Geral, para poder ocupar um posto nas Waffen-SS²¹. Como resposta, Heinrich Himmler decidiu ordenar a sua transferência para uma nova missão, para o «chefe da Administração Militar perante o plenipotenciário geral da Wehrmacht na Itália», liderada pelo SS-*Obergruppenführer* Karl Wolff²².

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Otto Wächter adotaria uma identidade falsa, com o nome de Alfredo Reinhardt, porém a Divisão Aliada de Crimes de Guerra estava já na sua pista. A 28 de setembro de 1946, o governo polaco tinha solicitado ao governador militar da zona dos Estados Unidos que Wächter fosse entregue à Polónia para ser julgado por «assassinatos em massa, crimes de guerra e execuções». Sob as suas ordens, «perderam a vida mais de cem mil cidadãos polacos». O chamado «julgamento da Galícia», começou a 3 de novembro de 1966, em Estugarda, onde compareceram dezassete acusados. Um deles foi Richard Dyga, detido em 1958 na cidade alemã de Waldshut, na região de Baden-Württemberg. Dyga tinha servido no campo de concentração de Lwów-Janowska durante o tempo em que Wäscher era o governador do distrito. Uma das testemunhas, sobrevivente do campo de concentração, declarou no julgamento:

Recordo como uma judia idosa, que tinha as pernas horrivelmente inchadas, levantou a mão. O marido, que estava junto dela, disse-lhe: «Não digas nada. Cala-te.» Mas ela respondeu: «Não consigo andar, não tenho forças...» Então adiantou-se e disse a Dyga que lhe doíam muito as pernas. Dyga tirou-a do grupo, levou-a para trás dos barracões e disparou-lhe um tiro

na nuca. O marido tentou gritar, mas os outros prisioneiros taparam-lhe a boca. Teria sido também ele assassinado por Dyga.

Aquele foi o princípio do que seria um dos maiores julgamentos da justiça alemã. Otto Wächter conseguiu enganar as autoridades aliadas durante quase quatro anos, até que, em 1949, conseguiu um refúgio seguro no Vaticano, sob a proteção do bispo austríaco pró-nazi Alois Hudal, responsável máximo de Santa Maria dell'Anima, perto da Piazza Navona. O seminário austro-alemão de Roma era o trampolim utilizado por muitos nazis que, munidos com passaportes falsos facultados pela Cruz Vermelha e protegidos por altos dignitários da Cúria romana, mantiveram o anonimato em vários países e continentes. As cartas entre Wächter e a sua esposa, Charlotte Bleckmann, conservadas no arquivo de seu filho, Horst Wächter, no castelo de Hagenberg, são as únicas fontes de informação. Sabe-se que, quando a guerra estava prestes a terminar, o ex-governador da Galícia chamou a esposa, que vivia na localidade austríaca de Zell am See, perto de Salzburgo. Pouco depois da última visita, ela enterrou as joias de família num local desconhecido e queimou todos os arquivos referentes à etapa do marido como governador de Cracóvia e da Galícia. É muito provável que o «Arquivo Wächter», considerado muito importante por Wiesenthal, tivesse podido esclarecer o papel da repressão nazi contra os judeus na Polónia. «A minha mãe estava desesperada e não sabia o que fazer», disse Horst. Nessa altura, ele tinha apenas seis anos; mas recorda claramente os primeiros passos da família depois da guerra. O pai era um fugitivo criminoso de guerra, que fazia visitas esporádicas à família e a quem tratavam como «um tio da América do Sul».

Em janeiro de 1949, um moribundo criminoso de guerra assume a sua verdadeira identidade. No seu leito de morte, pede ao seu protetor que chame sua esposa, Charlotte²³. Wächter tinha tentado fugir para a América do Sul, tal como tinham feito outros criminosos de guerra muito antes dele, mas não recebeu a documentação a tempo. Em cartas trocadas com um amigo seu que já se tinha instalado no Chile (provavelmente Walter Rauff), referiu-se ao Brasil como «o destino mais fácil e seguro para entrar inclusive sem passaporte»; pouco depois, porém, de obter informação sobre a sua possível rota de evasão, em maio de 1949, Otto Gustav von Wächter foi declarado morto. A data real da sua morte, segundo os documentos que se encontram em poder da sua família, é o dia 15 de julho de 1949, com 48 anos de idade. A causa da sua morte foi uma icterícia grave, contraída enquanto nadava num canal do rio Tibre, na capital italiana. Ao que parece, Wächter ia nadar todas as manhãs num braço do famoso rio e, provavelmente, a certa altura do exercício tinha engolido água contaminada que lhe provocou a doença. Foi Alois Hudal que lhe administrou a extrema-unção.

«Lamento que o nacional-socialismo não tenha chegado a acordo com a Igreja. Muitas coisas teriam sido diferentes na Alemanha e na Europa de hoje. O poder do bolchevismo teria sido destruído», tinha dito Wächter a Hudal, poucos dias antes de morrer. O corpo do criminoso de guerra foi enterrado no cemitério de Campo Verano, em Roma. A morte do «nazi mais odiado» só chegaria aos jornais dois meses mais tarde, em setembro de 1949, quando foi catalogado como o «assassino de Dollfuss», pela sua participação no *Putsch* de 1934. Simon Wiesenthal nunca acreditou na versão de Hudal, e procurou até 1987, mas sem êxito,

informação sobre o «arquivo Wächter», que provavelmente tinha sido destruído por Charlotte²⁴.

Meses depois da morte de Otto Gustav von Wächter, Simon Wiesenthal pediu a Hudal o dossiê sobre o criminoso de guerra, alegando que desta forma se poderiam descobrir muitas das rotas pelas quais outros criminosos de guerra nazis poderiam ter fugido. Hudal recusou. Desde então, Wiesenthal passou a referir-se a Hudal com a palavra *yiddish* «chutzpa» («fel»). «Eu sou sacerdote, não polícia», disse o bispo Hudal ao caçador de nazis. Depois da morte de Alois Hudal, a 13 de maio de 1963, abriram-se os seus arquivos. Num dos extratos, fica clara a sua posição e a sua culpabilidade, na hora de proteger os criminosos de guerra:

Em definitivo, a guerra dos Aliados contra a Alemanha nada teve a ver com os ideais. Esta guerra não foi uma cruzada, foi uma rivalidade entre o complexo económico que utilizou palavras como democracia, raça, liberdade religiosa e cristianismo como engodo para as massas. É por isso que me senti obrigado, depois de 1945, a dedicar a minha obra de caridade principalmente aos antigos nacional-socialistas e fascistas, especialmente aos chamados «criminosos de guerra» que tinham sido perseguidos por comunistas e democratas cristãos.

Por isso, logo fui conhecido na Cúria romana como o «bispo nazi fascista», que foi «*troppo tedesco*» e qualificado como incompatível com a política do Vaticano. Agradeço, porém, a possibilidade de visitar e consolar muitas vítimas do pós-guerra nas prisões e campos de concentração e que também tenha conseguido resgatar alguns deles dos seus verdugos, ajudando-os a escapar com documentos de identidade falsos para países mais benévolos²⁵.

Segundo Simon Wiesenthal, o bispo Alois Hudal ajudou a fugir criminosos de guerra como Franz Stangl, Josef Mengele, Adolf Eichmann e provavelmente Walter Rauff, o inventor das câmaras de gás móveis, que utilizou para aniquilar as comunidades judaicas em

Chełmno e Riga; mas, sobretudo, tinha dado refúgio e proteção a um nobre vienense, o barão Otto Gustav von Wächter, um dos assassinos do chanceler austríaco Dollfuss, em 1934; assassinou também a mãe do famoso caçador de nazis em 1942.

Só vinte e dois anos mais tarde, em 1971, os seus restos mortais regressariam à Áustria secreta e ilegalmente, numa manobra realizada pela esposa. Munida de documentos para transportar os restos do marido para Palermo, na Sicília, conseguiu levá-los para o cemitério de Pfarrkirche Fieberbrunn, no Tirol, onde ainda repousam. Em 1985, Charlotte, a esposa de Otto Gustav von Wächter, também morreu e os seus restos mortais foram sepultados junto dos do marido. Desde então, a família evitou divulgar qualquer informação sobre a história do patriarca, Otto von Wächter. A última imagem de toda a família reunida remontava à primavera de 1949, meses antes de ter sido declarado morto. Era um assunto tabu, até que Horst Wächter decidiu verificar os documentos que tinha em sua casa.

Em maio de 2016, Horst apareceu no programa *Independent Lens*, da televisão pública norte-americana PBS, no capítulo intitulado «My Nazi Legacy: What our Fathers Did» (O meu legado nazi: o que os nossos pais fizeram). Durante a entrevista, o filho do nazi mostrava os documentos que contavam a história de seu pai, proporcionando informação detalhada de um dos capítulos mais negros da ocupação alemã da Polónia, durante a Segunda Guerra Mundial e em que Otto Gustav von Wächter, conhecido como o Carrasco de Cracóvia, desempenhou um papel destacado como criminoso de guerra.

1 Robert Ashley e Russell Lemmons, Keith Pickus e John Roth, *The Holocaust Chronicle*, Publications International Ltd., Nova Iorque, 2000.

2 Nationalsozialistische Partei Deutschösterreichs, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães na Alemanha-Áustria.

3 David Cymet, *History vs. Apologetics: The Holocaust, the Third Reich and the Catholic Church*, Lexington Books, Londres, 2011.

4 Walter B. Maass, *Assassination in Vienna*, Scribner Publishers, Londres, 1972.

5 Irene Harand, *One way or another? The truth about Antisemitism*, Jaico Publishing House, Bombaim, Índia, 2001.

6 Peter Longerich, *Holocaust – The Nazi Persecution and Murder of the Jews*, Oxford University Press, Oxford, 2010.

7 Hans Frank foi declarado culpado no tribunal de Nuremberga por crimes de guerra e crimes contra a humanidade, e condenado à morte em 1 de outubro de 1946. A 16 de outubro desse mesmo ano, foi executado na forca.

8 Arthur Seyss-Inquart foi declarado culpado no tribunal de Nuremberga por agressões, crimes de guerra e crimes contra a humanidade; foi condenado à morte a 1 de outubro de 1946. A 16 de outubro do mesmo ano, morreu executado na forca.

9 Carta de Otto Gustav von Wächter para sua esposa, a 17 de dezembro de 1939. Arquivo Wächter.

10 Esta é a única vez em que aparece o nome de Otto von Wächter nos julgamentos de Nuremberga: vol. 12, 112.º dia do início do julgamento (23 de abril de 1946), p. 106. As circunstâncias da execução em que se fala da intervenção de Wächter são descritas pelo general Glaise Hornstenau na Bochnia, p.445. O general Glaise Horstenau tinha sido nomeado «historiador militar dos Sudetas» até à sua captura pelas tropas norte-americanas, a 5 de maio de 1945. Receando ser extraditado para a Jugoslávia, onde tinha sido condenado à morte por crimes de guerra, suicidou-se a 20 de julho de 1946, na prisão militar de Langwasser, perto de Nuremberga.

11 Peter Longerich, *Holocaust – The Nazi Persecution and Murder of the Jews*, Oxford University Press, Oxford, 2010.

12 Alfred Katz, *Poland's Ghettos at War*, Twayne Publishers, Nova Iorque, 1970.

13 Nos dias 13 e 14 de março de 1943, os nazis executaram a chamada «liquidação» final do gueto, sob as ordens do SS-*Sturmbannführer* Wilhelm Haase. Oito mil judeus considerados «úteis para o trabalho» foram transferidos para o campo de concentração de Cracóvia-Plaszów. Os que foram considerados «incapazes» de trabalhar, cerca de dois mil, foram assassinados nas ruas do gueto, durante os dias seguintes. Os que ficaram com vida foram enviados para morrer nas câmaras de gás de Auschwitz. Haase foi julgado como criminoso de guerra por um tribunal de Cracóvia e executado a 23 de maio de 1952.

14 As cartas estão guardadas nos arquivos de Horst Wächter, filho do criminoso de guerra, no castelo de Hagenberg, na Áustria.

15 *Ibidem*.

16 Oskar Waltke foi julgado em novembro de 1962 pelo Tribunal de Hannover. Finalmente, foi condenado a oito anos de prisão por crimes de guerra.

17 Friedrich «Fritz» Katzmann desapareceu depois da rendição alemã, a 8 de maio de 1945. O certo é que viveu na cidade de Darmstadt, sob a falsa identidade de Bruno Albrecht. A esposa e os seus cinco filhos não voltaram a saber dele, até que o criminoso de guerra revelou a sua identidade ao capelão do hospital Alice, onde estava internado, poucos dias antes de morrer, concretamente a 19 de setembro de 1957.

18 Claudia Koonz, *On Reading a Document: SS-Man Katzmann's. Solution of the Jewish Question in the District of Galicia*, Duke University, Durham, Carolina do Norte, 2005.

19 Gustav Wilhaus foi transferido para a frente oriental, onde cairia em ação, perto de Dantzig, em finais de 1944. Por outro lado, a sua esposa Helga Wilhaus foi localizada depois da guerra por Simon Wiesenthal e denunciada às autoridades. Foi julgada pelos tiros disparados contra prisioneiros no campo de concentração de Lwów-Janowska e condenada a cinco anos de prisão, numa cadeia de Estugarda.

20 Alan Levy, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.

21 Carta de 18 de julho de 1944, distrito de Cracóvia, *Gouverneur des Distrikits Galizien, An den Reichführer-SS und Chef der Deutschen Polizei Reichsinnenminister Heinrich Himmler*, National Archive T175, rolo 32.

22 Karl Wolff conseguiu encurtar de seis dias a guerra na Itália, através de negociações secretas com Allen F. Dulles, chefe dos serviços secretos norte-americanos, na Suíça.

23 Mark Aarons e John Loftus, *Ratlines: The Vatican's Nazi Connections*, Arrowe, Nova Iorque, 1991.

24 PBS, Programa *Independent Lens*, «My Nazi Legacy: What Our Fathers Did», entrevista a Horst Wächter, maio, 2016.

25 Mark Aarons e John Loftus, *Ratlines: The Vatican's Nazi Connection*, Arrow, Nova Iorque, 1991.

9

WALTER RAUFF **O Assassino do Gás**

A vida do criador da Rota das Ratazanas, o SS-*Standartenführer* Walter Rauff, é quase tão fabulosa como a de Otto Skorzeny, o famoso oficial da SS que os Aliados classificaram como «o homem mais perigoso da Europa». Hermann Julius Walter Rauff nasceu em Köthen de Dessau, a 19 de junho de 1906, e estudou no Instituto Otto von Bismarck desta cidade até terminar o bacharelato. Rauff decidiu abandonar os estudos e alistar-se na *Kriegsmarine*, onde entrou como cadete atingindo o posto de primeiro-tenente; em 1937, porém, viu-se obrigado a abandonar a Marinha depois de ter mantido relações com uma mulher casada, que, além disso, era a esposa de um alto oficial da base onde Rauff estava colocado. Um relatório do MI5 descreve os primeiros anos de Rauff na *Kriegsmarine*:

Rauff juntou-se à *Kriegsmarine* (a marinha de guerra alemã) em 1924 como jovem cadete. Após um breve período de treino como guarda-marinha, foi promovido a tenente em 1936 e recebeu o comando de um dragaminas. Era amigo de Reinhard Heydrich, que também serviu na Marinha na década de

1920. Em 1931, Heydrich foi convocado pelo chefe da SS, Heinrich Himmler, para servir como chefe do serviço de contraespionagem da SS e, quando Rauff renunciou à Armada, em 1937, Heydrich tomou-o sob a sua proteção. A Rauff foi entregue a tarefa de pôr em pé de guerra a SS e o seu serviço de segurança, o Sicherheitsdienst¹.

Durante os treze anos em que esteve na Marinha, Rauff estreitou laços de amizade com Reinhard Heydrich e visitou vários países da América do Sul e a Espanha, como jovem oficial. A 1 de janeiro de 1938, sendo já Heydrich o chefe todo-poderoso do Gabinete Central de Segurança do Reich (RSHA), encontrou-se com Rauff, a quem convidou para uma festa de passagem de ano. Os empertigados oficiais da Armada já não se escandalizavam por o ex-primeiro-tenente Heydrich ter tido de pedir dispensa do serviço por causa de um «assunto privado», como era ter seduzido uma jovem estudante. Rauff foi afastado do serviço, apesar de não haver provas convincentes contra ele, mas o jovem primeiro-tenente não desejava dar demasiada publicidade ao caso. O facto é que o «assunto» chegou aos ouvidos de Heydrich, que pediu para ser informado do destino final do seu companheiro de armas. Foi assim que Rauff se incorporou na SS².

O primeiro destino de Rauff não teve muita importância. Heydrich ordenou que o pusessem num lugar pouco relevante na Secção Deutsche Lebensgebiet (SD no interior do país), sob as ordens de Otto Ohlendorf³.

Walter Rauff estava cada vez mais irritado com a colocação que lhe tinha tocado, ainda para mais pelas péssimas relações que tinha com o seu superior Ohlendorf. O criminoso de guerra achava que a RSHA não estava a aproveitar as suas vastas capacidades, de forma que em abril de 1940, e com autorização de Heydrich, Walter

Rauff pediu a reincorporação na *Kriegsmarine*. Desde maio de 1940 até abril de 1941, Rauff é promovido a capitão de corveta e destinado a um dragaminas no Canal da Mancha; continua, porém, à espera da sua «total reabilitação» por parte do Tribunal de Honra da *Kriegsmarine*. Ao que parece, o seu processo de reabilitação dentro da Armada sofreu repetidos atrasos, provavelmente por ter pertencido à SS⁴.

Por fim, em 1941, Walter Rauff abandona definitivamente a Marinha e pede o reingresso na SS, algo que o seu amigo Heydrich aceita, não sem antes o promover a SS-Obersturmbannführer (tenente-coronel), destinando-o à Secção II-D, responsável pelo Departamento Técnico da RSHA. O primeiro encargo que Heydrich deu a Rauff foi resolver os problemas enfrentados pelos membros dos *Einsatzgruppen* (esquadrões da morte) na Europa do Leste. Até esse momento, os nazis utilizavam o fuzilamento como método de execuções maciças, tal como aconteceu em Babi Yar, nos arredores de Kiev, onde 33 000 judeus, entre homens, mulheres e crianças, foram executados em apenas dois dias. Isso provocou um forte impacto psicológico nos carrascos, o que, passadas algumas horas, os tornou menos eficientes.



Otto Ohlendorf, primeiro chefe de Rauff.

Foi nesse departamento que Rauff começou a investigar o desenvolvimento das chamadas «câmaras de gás móveis», que basicamente eram camiões hermeticamente fechados e cujos tubos de escape eram direcionados para o interior. Ali eram metidos os inimigos do Reich: judeus, deficientes, comunistas e outros. Enquanto a viatura circulava, ia gerando monóxido de carbono que acabava no interior do camião, matando, após uma prolongada agonia, todos os prisioneiros ali encerrados. Segundo os documentos desclassificados da CIA:

Como funcionário do Instituto Técnico Criminal do Gabinete Central de Segurança do Reich, Walter Rauff projetou camiões que foram usados para assassinar judeus e pessoas deficientes.⁵

Os arquivos do MI5 são mais explícitos em relação às habilidades «técnicas» de Rauff:

Walter Rauff supervisionou a modificação de dezenas de camiões, com a ajuda de um construtor de chassis de Berlim, de forma a desviar os gases de escape para câmaras herméticas situadas na parte traseira das viaturas. Dessa forma, as vítimas eram envenenadas e/ou asfixiadas pelo monóxido de carbono que se acumulava no compartimento do camião, quando o veículo se deslocava até ao local onde iam ser enterradas. Os camiões podiam transportar de 25 a 60 pessoas de cada vez.⁶



O poderoso Reinhard Heydrich foi o protetor natural de Rauff.

Em 1973, em Santiago do Chile, país onde se encontrava refugiado o criminoso de guerra sob a proteção de Augusto Pinochet, Rauff fez uma declaração como testemunha, perante um delegado do Ministério Público especial alemão. O assunto investigado pelo Ministério Público era referente ao extermínio de judeus na Polónia e na Rússia. O delegado, enviado pela República Federal da Alemanha, perguntou a Walter Rauff se nessa altura tinha tido alguma dúvida sobre a eficácia do uso das suas «câmaras de gás móveis», ao que o criminoso respondeu:

[...] Não posso afirmá-lo. Para mim, o principal problema nessa altura era que os fuzilamentos supunham uma carga psicológica considerável para os homens que estavam encarregados dessa tarefa e que essa carga foi eliminada mediante o uso dos camiões de gás.⁷

Com a ajuda dos técnicos da SS, Walter Rauff tinha encontrado uma alternativa lenta, mas eficiente, em forma de «câmaras de gás móveis». Estas já tinham sido utilizadas de forma limitada no programa de eutanásia Aktion T4, em que foram assassinados milhares de pacientes com doenças mentais e outras deficiências. Vista a sua eficácia, decidiu-se aplicá-las também na chamada «Solução Final». As provas foram levadas a cabo no campo de concentração de Sachsenhausen, onde os internados foram metidos nestes camiões e gaseados, para posteriormente serem conduzidos diretamente a um crematório na mesma viatura. As «câmaras de gás móveis» foram utilizadas posteriormente no campo de extermínio de Chełmno, na Polónia. No entanto, também este sistema não era muito eficiente. Ao fim de algum tempo, os esquadrões da SS responsáveis por esvaziarem estas câmaras de gás queixavam-se de fortes dores de cabeça, devido aos fumos que

ainda ficavam no interior das viaturas, e pediram para voltar ao método anterior, e mais «aceitável», de fuzilamentos em massa. No entanto, as execuções continuaram e Walter Rauff e os colegas tiveram de estudar possíveis melhorias técnicas. As suas conclusões foram cuidadosamente registadas nos arquivos da SS.

Em meados de 1942, instalaram-se as primeiras câmaras de gás permanentes em campos de extermínio como Auschwitz-Birkenau. Estas proporcionaram um meio muito mais eficiente do que o de Walter Rauff para matar um maior número de pessoas a um ritmo de até 2500 por hora. Rauff passou a outras tarefas. Até então, o seu «trabalho técnico» tinha causado pelo menos 97 000 mortes de homens, mulheres e crianças. Rauff delegou então a tarefa de manter ativas as «câmaras de gás móveis» que operavam na União Soviética e noutras áreas ocupadas a um químico da SS, chamado August Becker, que mantinha Rauff completamente informado das operações de assassinatos em massa mediante a sua invenção⁸.

Nesta carta de Becker para Rauff, o químico critica abertamente a incorreta execução das operações de gaseamento:

A aplicação do gás em geral não é realizada corretamente. Para chegar ao seu termo o mais depressa possível, o condutor carrega no acelerador ao máximo. Ao fazer isso, as pessoas que são executadas sofrem a morte por asfixia em vez de ficarem adormecidas e morrerem, conforme estava planeado. As minhas instruções agora demonstraram que, com o ajuste correto das alavancas, a morte chega mais rapidamente e os prisioneiros adormecem de forma pacífica. Já não se observam os rostos e as expressões desfiguradas, como se podia ver antes.⁹



Câmara de gás móvel, projetada por Walter Rauff.

Becker continuou a enviar mensagens a Rauff sobre o uso eficiente dos camiões a gás até meados de 1942. A 15 de junho desse ano, Becker informou: «Por exemplo, desde dezembro de 1941, usaram-se três viaturas para processar 97 000, sem reduzir a velocidade dos veículos.» Em setembro de 1942, no seu regresso a Berlim procedente da Frente Oriental, August Becker¹⁰ teve uma reunião com Friedrich Pradel, braço direito de Rauff, e criticou abertamente a desorganização dos meios utilizados para levar a cabo os assassinatos:

Descrevi a Pradel a função dos veículos numa discussão pessoal que durou uma hora e fiz-lhe várias críticas, porque os sujeitos (as vítimas assassinadas) foram asfixiados e não gaseados, devido ao facto de a equipa operativa não ter seguido as instruções adequadas. Disse-lhe que os sujeitos vomitavam e defecavam antes de morrerem, em vez de primeiro ficarem adormecidos. Pradel assentiu, sem dizer uma palavra.¹¹

O destino seguinte de Walter Rauff seria a Tunísia. Nessa altura, Rauff tinha já um segundo protetor na pessoa de Martin Bormann, o famoso secretário de Hitler e chefe da Chancelaria. Foi Heydrich quem os apresentou um ao outro. O certo é que, após a morte de Heydrich em Praga, a 4 de junho de 1942, Walter Rauff soube fazer valer a sua relação com Bormann perante o substituto de Heydrich, o doutor Ernst Kaltenbrunner.

Ao que parece, Bormann precisava de um homem de plena confiança para organizar os preparativos para uma possível fuga de altos cargos do Partido Nazi, no caso de uma derrota alemã. Esse homem seria precisamente Walter Rauff. Caso tivessem de fugir, a Europa tornar-se-ia um continente demasiado pequeno. Apenas poderiam esconder-se na Suécia, na Suíça, na Espanha ou em Portugal; mas Bormann sabia que não poderia confiar muito nestes países. Se os Aliados pressionassem os governos respetivos, o secretário de Hitler tinha a certeza de que estes não hesitariam nem por um instante em entregá-los à justiça dos Aliados. Havia que encontrar destinos possíveis, pelo que Bormann ordenou a Kaltenbrunner que enviasse Rauff para a Tunísia¹².

A missão de Walter Rauff no país africano foi a perseguição aos judeus daquele país, controlado pela França de Vichy, entre novembro de 1942 e maio de 1943. A SS tinha ordens para implementar o estatuto antijudaico promulgado pelo Estado pró-nazi de Vichy, liderado pelo marechal Philippe Pétain. Curiosamente, as leis antijudaicas promulgadas pelo governo de Vichy em 1940 e 1941, e que afetaram a França metropolitana e os seus territórios ultramarinos durante Segunda Guerra Mundial, eram na realidade «decretos» do marechal Pétain, visto que a Assembleia Nacional tinha deixado de estar ativa desde o dia 11 de julho de 1940. A

aplicação da legislação antissemita por parte da França de Vichy foi espontânea, visto não ter sido ordenada pela Alemanha. O estatuto foi aplicado na Argélia a 7 de outubro de 1940, a 31 de outubro de 1940 em Marrocos e, na Tunísia, a 30 de novembro de 1940¹³.

Um mês depois de o marechal de campo Erwin Rommel ter derrotado os britânicos na batalha de Tobruk, em junho de 1942, a SS criou uma «unidade de extermínio» especial para acompanhar as forças do Afrika Korps. A unidade, liderada por Walter Rauff, tinha poderes para levar a cabo «qualquer medida executiva sobre a população civil», o eufemismo nazi para definir o assassinato maciço e o envio para trabalhos forçados. Em resumo: Rauff era o responsável máximo por aplicar a Solução Final ao problema judaico no norte de África¹⁴.

Na realidade, a política antijudaica de Vichy influenciou as vidas dos quase 300 000 judeus que residiam nas colónias francesas do norte de África muito antes da chegada dos alemães. Os colonos que iam da metrópole eram claramente antissemitas, tal como os líderes dos movimentos nacionalistas. Por exemplo, o então presidente da câmara de Argel, Max Régis, presidente da Liga Antijudaica, prometeu «regar a árvore da liberdade da Argélia com o sangue dos judeus». As autoridades coloniais francesas na Argélia ordenaram que todos os judeus deviam usar uma estrela amarela. Em Marrocos, onde o estatuto antijudaico não era oficial, foram aplicadas severas leis antissemitas. E na Tunísia, por exemplo, a aplicação do estatuto implicou a perda do trabalho a todos os que eram judeus, restringiu-lhes o acesso à educação, foram-lhes confiscadas as suas propriedades e, por último, decidiu-se imprimir um «J» maiúsculo nos seus passaportes.



Walter Rauff junto dos seus captores norte-americanos.

Contudo, a missão de Walter Rauff de exterminar toda a população judaica do Médio Oriente foi abruptamente travada após a derrota das forças do Afrika Korps por parte do 8.º Exército britânico na batalha de El-Alamein, entre outubro e novembro de 1942. Rommel viu-se obrigado a retirar o que restava do seu exército para a Tunísia, onde manteve uma testa de ponte até maio de 1943, permitindo à SS, sob as ordens de Rauff, iniciar perseguições em menor escala aos judeus locais. Um documento do MI5 regista que Rauff foi enviado a Vichy-Tunes em 1942 como chefe do Serviço de Segurança (SD), onde dirigiu um esquadrão de

assassinatos (*Einsatzkommando*), que levou a cabo uma «campanha de perseguição bem organizada contra judeus e patriotas». Na realidade, os judeus do norte de África não sofreram rusgas, mas cerca de 13 000 judeus foram deportados para campos de trabalho em pleno deserto, para trabalharem no projeto da via-férrea transaariana. Desses 13 000, mais de 2500 provenientes da Tunísia ocupada morreram na rede de campos de trabalho escravo, criados pela SS. Os homens de Walter Rauff também roubaram joias, prata, ouro e artefactos religiosos judaicos. Calcula-se que, no total, só na ilha de Djerba arrancaram à comunidade judaica quarenta e três quilogramas de ouro¹⁵.

Após o colapso do regime de Mussolini, em setembro de 1943, Rauff é enviado à Itália como responsável máximo da Gestapo e do SD em Milão. A sua zona de operações na procura de judeus e de patriotas seria todo o noroeste do país. A informação do MI5 revela o cuidadoso trabalho do SS-*Obersturmbannführer* na Itália:

Nas suas duas colocações (Tunísia e norte da Itália), Rauff ganhou imediatamente uma reputação de absoluta crueldade. Na Tunísia e na Itália foi responsável pela execução indiscriminada tanto de judeus como de patriotas locais. O seu trabalho na Itália implicou a imposição do controlo local da Alemanha sobre a zona de Milão, Turim e Génova. O seu êxito nesta tarefa valeu-lhe as felicitações do seu superior da SS, que descreveu o seu trabalho como «um êxito excelente».¹⁶

Para além de organizar rusgas contra os judeus e de lutar contra as milícias dos patriotas, Rauff tinha sido designado por Bormann para estreitar relações com o Vaticano, através do bispo Alois Hudal e com monsenhor Giovanni Battista Montini, substituto do secretário de Estado do Vaticano. Julga-se que foi exatamente nesta altura

que Rauff e Hudal projetaram a Rota das Ratazanas. A génese da estreita amizade entre Hudal e Rauff continua a ser um mistério. Alfred Jarschel, antigo líder das Juventudes Hitlerianas, afirma que a primeira reunião de Rauff com Hudal ocorreu na primavera de 1943, quando Martin Bormann o enviou a Roma durante seis meses sem missão alguma aparente. Na altura, o Terceiro Reich precisava desesperadamente de oficiais com a experiência de Rauff face ao aspeto que os acontecimentos estavam a tomar.

A 31 de janeiro de 1943, o 6.º Exército alemão tinha sofrido em Estalingrado uma esmagadora derrota infligida pelo Exército Vermelho. O marechal Friedrich von Paulus recusou por duas vezes o acordo de rendição oferecido pelos soviéticos, embora a sua posição fosse já desesperada. Quando estava prestes a ceder, Hitler em pessoa negou-se a aprovar a ordem de evacuação das tropas e insistiu em manter Estalingrado até ao último homem e até à última bala. Os custos da ordem de Hitler implicaram a morte de 300 000 soldados alemães. Nesse mesmo mês, os Aliados tomaram Trípoli, a última cidade líbia em poder dos italianos, e os bombardeiros da RAF iniciaram os primeiros ataques diurnos sobre a capital do Reich. Em agosto, os bombardeiros aliados lançavam já ataques sistemáticos sobre a cidade alemã de Hamburgo. Dia e noite, forças conjuntas norte-americanas e britânicas levaram a cabo um implacável bombardeamento que matou 50 000 pessoas. Mais de 250 000 edifícios, incluindo estaleiros e fábricas, ficaram reduzidos a escombros.

Jarschel julga que os primeiros contactos com o Vaticano ocorreram durante estes meses e que provavelmente o motivo era o estabelecimento das rotas de evasão lideradas por Alois Hudal, Krunoslav Draganovic e Giovanni Battista Montini¹⁷.

Desde que os Aliados desembarcaram na Sicília, em 1944, Rauff soube que o seu amado «Reich dos Mil Anos» estava prestes a ruir. Entretanto, em Roma, Alois Hudal recusava juntar-se ao Comité da Áustria Livre, o qual pedia que, assim que acabasse a guerra, a Áustria deveria recuperar a sua independência plena. Era evidente que Hudal não estava de acordo com essa questão¹⁸.

O cardeal Luigi Maglione, secretário de Estado do Vaticano, tinha falecido a 23 de agosto de 1945, e Pio XII decidiu não nomear um novo secretário de Estado. O Sumo Pontífice reservava para si a direção dos Assuntos Exteriores da Santa Sé. O poder da Cúria seria repartido entre os cardeais Domenico Tardini e Giovanni Battista Montini. Este último, futuro papa Paulo VI, foi eleito para se ocupar da Pontifícia Comissão para os Refugiados. Montini escancarou as portas do Vaticano a Alois Hudal¹⁹. O departamento de Montini ficaria encarregado de facilitar os documentos aos criminosos de guerra que precisavam de fugir à justiça dos Aliados. O pior de tudo era que Hudal operava com plena autoridade conferida pelo Vaticano. O padre Schneider, braço direito de Hudal, afirmou aos agentes do CIC norte-americano que «Hudal teve a aprovação dos altos dignitários da Santa Sé».

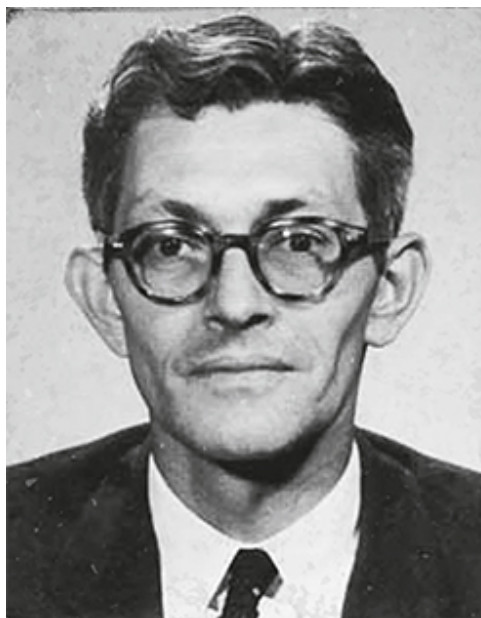
A 29 de abril de 1945 era assinada em Caserta a capitulação do Grupo de Exércitos C, sob o comando do general Heinrich von Vietinghoff, pertencente ao alto-comando do 10.º Exército na Itália. Rauff, porém, conseguiu obter um salvo-conduto e permaneceu na Itália até ao fim da guerra. A informação do MI5 britânico afirma que «faltou pouco para ser linchado pela máfia italiana, tendo precisado de se entrincheirar junto de vários oficiais da SS, no Hotel Regina de Milão. [...] Foi finalmente detido pelas tropas aliadas e enviado para

um campo de prisioneiros de guerra». O certo é que Rauff se tornou o primeiro nazi que visitou o seu velho amigo Alois Hudal.

«Prisioneiro dos britânicos, consegui escapar do campo de prisioneiros de Rimini em 1946, com a ajuda de um sacerdote católico [o padre Schneider], que me escondeu durante dezoito meses em conventos controlados pelo Vaticano», conforme declarações do próprio evadido, anos depois, no seu refúgio chileno. Ao que parece, tinha entregado os arquivos secretos do Partido Fascista aos patriotas comunistas a troco de permitir que todas as tropas alemãs estacionadas em território italiano pudessem regressar ao seu país sem serem atacadas e que ele próprio pudesse escapar. O inteligente Rauff tinha-se apoderado dos arquivos do Partido Fascista antes de os exércitos alemães na Itália terem assinado a sua rendição incondicional. Na noite de 28 para 29 de abril de 1945, Rauff carregou dois camiões com todos os documentos e, escoltado pelos SS, dirigiram-se a Ghedi, na província de Brescia, a cerca de 80 quilómetros de Milão. Aí, escondeu os arquivos, para mais tarde os entregar aos patriotas comunistas, a troco da sua liberdade²⁰.

Sendo ainda responsável pelo SD para toda a zona noroeste da Itália, recebeu um pedido pessoal do próprio Pio XII. O pedido consistia numa rendição alemã negociada, para evitar que a zona mais industrial do norte do país fosse bombardeada pelos Aliados. Com a ajuda de Rauff, os comandantes da Wehrmacht na Itália iniciaram negociações secretas para uma «rendição incondicional». Allen Dulles, chefe da estação da OSS na Suíça e futuro primeiro diretor da CIA, seria o negociador pelo lado dos Aliados²¹. Nesse preciso momento, Walter Rauff colaborava com a Força S Verona, uma unidade da OSS que operava com a Unidade Especial de

Contraineligência anglo-norte-americana na Itália (SCI-Z), liderada por James Jesus Angleton, futuro chefe da Contraineligência da CIA²². A Angleton interessava-lhe estabelecer uma rede de informadores no Vaticano e, para tal, recrutou Walter Rauff. A trabalhar para a contraineligência norte-americana, Rauff foi libertado do campo de prisioneiros e autorizado a residir, sob o nome de Carlo Comte, num andar alugado em Milão. O seu primeiro passo, como agente norte-americano, foi estabelecer contacto com outro cardeal abertamente anticomunista, Giuseppe Siri, arcebispo de Génova. Graças à sua proteção, Rauff estabeleceu um florescente negócio de «mercado negro». Parte dos chorudos benefícios era investida por Rauff na Rota das Ratazanas, liderada por Hudal.



James Jesus Angleton, chefe da Contraineligência da CIA. (esq.)
Allen Dulles, diretor da CIA entre 1953 e 1961. (dir.)

As coisas deram para o torto quando certa manhã, enquanto circulava pelo centro da cidade, foi detido num controlo militar norte-americano, acabando preso. Levado para a prisão de San Vittore, foi metido numa cela juntamente com presos comuns e com patriotas comunistas, que o reconheceram de imediato. Durante horas, os presos agrediram Rauff até o deixarem meio morto, estendido no chão. Os guardas norte-americanos nada fizeram por ele, até que, na manhã seguinte, apareceu o padre Schneider, conseguindo que pelo menos fosse levado ao Hospital Militar dos Estados Unidos número XV. Ali, os religiosos poderiam ajudá-lo a fugir. As horas que passou estendido no chão daquela cela de San Vittore, com as costelas fraturadas, o nariz partido e a sangrar pela boca levaram Rauff a perceber que a proteção do Vaticano não lhe bastaria para sobreviver na Itália do pós-guerra. Assim que teve alta do hospital, o criminoso de guerra foi enviado para o campo de prisioneiros de Ghedi, a mesma cidade onde tinha escondido os arquivos do Partido Fascista.

Uma manhã, Alois Hudal disse a Rauff que devia viajar até Génova, sem fazer perguntas, para se encontrar com o secretário do cardeal Siri. O religioso devia entregar-lhe um envelope em cujo interior havia um passaporte da Cruz Vermelha, em nome de Carlo Comte, e um visto válido para viajar para a Síria²³. Durante os meses seguintes, Walter Rauff em Milão, Alois Hudal em Roma e o cardeal Giuseppe Siri em Génova, tornaram-se os sólidos pilares da rede de evasão de nazis, por onde passariam importantes criminosos de guerra como Adolf Eichmann, Josef Mengele, Franz Stangl e outros.

Em troca do resto dos arquivos do Partido Fascista, Walter Rauff e cinco dos seus colaboradores, todos eles ex-membros da SS,

ficaram em liberdade. Mais tarde, Rauff reuniu a família e dirigiu-se para Génova. O criminoso de guerra nazi contava agora com a proteção dos antigos patriotas comunistas e com a da Igreja católica. Nesta situação nada podia correr mal; mas era evidente para Rauff que os patriotas não iam continuar a dar-lhe apoio, uma vez que lhes tinha entregado todo o arquivo do Partido Fascista.

No verão de 1946, depois de Rauff ter entregado aos comunistas toda a documentação do arquivo fascista, foi publicada a notícia de que 80 000 antigos apoiantes de Benito Mussolini tinham sido assassinados no triângulo formado pelas cidades de Udine, Belluno e Treviso. Ao que parece, como Rauff não falava italiano e os processos e fichas não estavam devidamente ordenados, os antigos patriotas começaram a executar os fascistas que se escondiam, alguns deles com nome falsos. O maior massacre afetou os que apareciam na secção do arquivo dedicada à OVRA, a polícia secreta fundada por Mussolini em 1927²⁴.



Walter Rauff detido em Roma pelos Aliados.

Tanto o clero como os comunistas tinham proibido Rauff de proteger os fascistas italianos; mas o que é certo é que alguns dignitários da Cúria romana, entre eles monsenhor Siri, arcebispo de Génova, tinham decidido proteger os antigos seguidores do *Duce* através do padre Krunoslav Draganovic. Segundo parece, foi Siri que recriminou a Rauff a sua ação. O Vaticano retirou o seu apoio a Walter Rauff durante algum tempo, mas perceberam que o criminoso de guerra não conhecia realmente os conteúdos dos documentos entregues. Em Roma e em Florença, tinham-se organizado também lugares de refúgio para os criminosos de guerra. A Rota das Ratazanas, a cargo de Walter Rauff, ia sendo cada vez mais fiável a partir de Milão. A rota começava na realidade nas passagens de Reschen e de Brennero, fronteiras austro-italianas, onde se erguia uma vasta rede de refúgios seguros, na sua maioria conventos e mosteiros, sob a bandeira do Vaticano. Também a fronteira italo-suíça fazia parte da Rota das Ratazanas; até maio de 1947, foi dirigida por um agricultor chamado Ludwig Gniss²⁵, embora fosse Rauff quem realmente a controlava. Por detrás do nome Gniss escondia-se o *SS-Standartenführer* Oswald Pohl. A 27 de maio, Pohl foi detido numa quinta perto de Rosenheim, na Baviera, por agentes da Unidade Britânica de Crimes de Guerra. Entregue às autoridades norte-americanas, foi julgado em Nuremberga por crimes de guerra, crimes contra a humanidade e pertença a uma organização criminosa. A 3 de novembro de 1947, foi condenado à morte por todas as acusações e executado a 7 de julho de 1951, na prisão de Landsberg am Lech²⁶.

Em janeiro de 1949, a via milanese da Rota das Ratazanas estava praticamente abandonada. Apenas quatro religiosos se ocupavam em dar assistência aos criminosos de guerra nazis que

chegavam até ela. Os restantes fugitivos eram levados diretamente para Roma e escondidos no seminário de Santa Maria dell'Anima. Era o próprio bispo Alois Hudal quem se encarregava de interrogar os recém-chegados para comprovar as declarações prestadas sobre acontecimentos concretos da história do Terceiro Reich. Qualquer dado era bom para demonstrar se o fugitivo tinha sido comandante de um campo de concentração, se tinha servido como guarda de um campo de extermínio ou se operara como membro de um esquadrão da morte da SS. Até que se comprovassem todos os dados fornecidos pelo fugitivo, os criminosos de guerra tinham de permanecer entre trinta a quarenta e cinco dias sob a proteção de Hudal, à espera de receber os documentos falsos e as passagens necessárias para abandonar a Itália e partir para um refúgio seguro no Médio Oriente ou na América do Sul.

Walter Rauff saiu de Milão em janeiro de 1949, encaminhando-se diretamente para Roma. Hudal sabia que Rauff ia precisar de um lugar seguro, e muito mais quando os serviços secretos aliados descobrissem que tinha desaparecido de Milão sem deixar qualquer rasto. O certo é que o antigo SS-*Standartenführer* não se deteve na Cidade Eterna. Munido de um passaporte especial da Pontifícia Comissão para os Refugiados, facultado por Montini, embarcou para Tânger, onde se veria obrigado a prolongar a sua estadia. Na cidade norte-africana tinham estado durante a guerra vários agentes do SD e do Departamento VI do Gabinete Central de Segurança do Reich. Rauff dedicou-se a pôr em contacto estes grupos de ex-agentes nazis com o jovem médico Abdelkarim Al-Khatib, um dos líderes rifenhos mais considerados pelo rei Mohamed V.

Depois da sua chegada a Tânger, há várias versões sobre o destino seguido por Rauff. Sabe-se que em março de 1949 a mulher

e o filho de Walter Rauff se juntaram a ele nesta cidade, e que, provavelmente no mês de outubro desse mesmo ano, toda a família reunida partiu para um novo destino. Um documento secreto da CIA, datado de 3 de novembro de 1949, afirma que «mais de vinte milhões de dólares em fundos alemães foram transferidos para a Síria, através de um homem chamado Abdullah Rauff, descrito como um antigo capitão da Gestapo e agora assessor militar do governo sírio. [...] Julga-se que esse tal Abdullah Rauff visitou por várias vezes o escritório em Berlim do Banco Estatal do Afeganistão, e que é possível que esteja envolvido na transferência desses fundos. [...] Em qualquer caso, julgamos não ser a mesma pessoa que Walter Rauff, o antigo chefe do SD em Milão. [...] Quando nós [CIA] perguntámos sobre os alemães radicados na Síria, STUDERMAYER mencionou o seu amigo, Walter Rauff, que não conseguira ver porque tinha partido para a Itália.»²⁷ Ao que parece, o antigo agente do SD na Itália tinha sido recrutado pelos serviços secretos sírios e por isso escolheu Damasco como seu destino final. Ali desempenharia o cargo de assessor militar do presidente Husni al-Za'im desde o mês de maio de 1949. Apenas três meses depois, Al-Za'im seria derrubado por um golpe de Estado liderado pelo líder nacionalista Hashim al-Atassi e Rauff viu-se obrigado a fugir novamente²⁸.

Outro documento da CIA, datado de 7 de novembro de 1949, sugere que Rauff perdeu a proteção de Damasco devido às suas críticas contínuas à entrada de comunistas no exército sírio. Depois de fugir para o Líbano com a esposa e o filho, decidiu regressar à Itália, ali permanecendo por pouco tempo antes de partir para o Equador, onde finalmente se estabeleceram. O documento fala de uma breve viagem ao Egito:

12. Empregado pelos americanos ou não, o sujeito declarou que, numa carta recente recebida de RAUFF na Itália, este último tinha manifestado a intenção de emigrar para a América do Sul com a família, caso não lhe fosse possível trabalhar para os norte-americanos. (Neste momento, a família está com ele na Itália). Contudo, o sujeito avançou a sua opinião de que RAUFF voltaria ao Médio Oriente, provavelmente ao Egito, dependendo se os norte-americanos lhe dão emprego ou não, já que ele possui muito bons contactos com o presidente da Liga Árabe, assim como com o rei egípcio. O sujeito afirmou que RAUFF vive na Itália sob um pseudónimo e utiliza diversos endereços encobertos em Nápoles e em Roma, nenhum dos quais revela.

13. O sujeito estava extremamente desejoso de obter emprego nos serviços secretos norte-americanos para ele e para RAUFF, e declarou que podiam operar com maior eficiência no Cairo, Egito, visto que RAUFF fala árabe, além de diversas línguas europeias. Fala também a maior parte dos idiomas eslavos²⁹.

Um novo documento da CIA, de 22 de janeiro de 1954, intitulado «Background Information on German Military Experts in Syria», fala do governo do ditador sírio Husni al-Za'im e dos seus «assessores alemães». No capítulo «Personalidades» faz referência a Walter Rauff:

1. O coronel Walter Rauff (listado como RAPP em alguns casos) era um *SS-Standartenführer* que tinha servido durante a Segunda Guerra Mundial na Tunísia e, como agente ativo da Gestapo, comandou a SS em Milão. Desempenhou um papel como líder de um grupo de peritos alemães na Síria antes e durante o regime de Za'im, onde foi nomeado comissário de segurança e encarregado da reorganização dos serviços secretos sírios. Foi expulso depois da queda de Za'im e informa-se que está no Equador.

2. Comentário de Washington. Tabbarah reportou em várias ocasiões estar a utilizar o pseudónimo de Homsí ou Hamsí. Habitualmente a fonte informou em fevereiro de 1950 que Tabbarah tinha proporcionado documentos falsos a Walter Rauff com o nome de dr. Homsí, usado por Rauff quando chegou a Roma, em 1947 [...].³⁰

A primeira escala da família Rauff na América do Sul foi o Equador, onde chegaram em finais de 1949. Depois de uma breve estadia na Bolívia, o criminoso de guerra, juntamente com a família, instalou-se definitivamente na povoação chilena de Punta Arenas, em 1958. Sabe-se por diversos documentos que, entre 1958 e 1963, Rauff recebeu a soma de 70 000 marcos do serviço de inteligência da Alemanha Ocidental, o BND. Para encobrir a sua atividade de espionagem na América do Sul, atuava como gerente de exportações da Importadora Goldmann, uma companhia em Santiago do Chile. O seu contacto era Wilhelm Beissner, com o pseudónimo de «Bertram», um oficial de controlo do BND que conhecia Rauff desde os tempos em que ambos estavam colocados no Gabinete Principal de Segurança do Reich. Inicialmente, o recrutamento de Rauff parecia prometedora; no entanto, a maior parte das suas informações resultaram inúteis. Rauff foi despedido do BND em outubro de 1962, embora se tenha mantido uma linha de comunicação aberta até julho de 1963³¹.

Após o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973 contra o governo de Salvador Allende, o novo governo militar, liderado pelo general Augusto Pinochet, viu no antigo oficial da SS Walter Rauff uma oportunidade única para organizar e treinar os agentes da DINA. Um vasto documento da CIA, com data de 8 de julho de 1977, fala abertamente sobre as atividades do criminoso de guerra Rauff no Chile e das suas «ligações» com a temível DINA, a polícia política do regime militar.

3. Enquanto examinamos os arquivos do caso Letelier, assinalou um extrato de um artigo de um jornal mexicano que falava sobre a DINA. O artigo, com data de fevereiro de 1977, referia que dois ex-oficiais alemães eram os principais assessores da DINA. Foi o que se concluiu previamente através de

uma fonte do BND, provavelmente estreitamente relacionado com a DINA. Um era Walter Rauff, um criminoso de guerra nazi, e o segundo, Enrique Pschold Reschenback, ex-piloto da Luftwaffe. Uma verificação dos arquivos HQA não mostrou nenhum registo sobre Reschenback, mas havia 201 sobre Rauff. Rauff foi um oficial militar profissional alemão que renunciou à Armada em 1937. Logo de seguida juntou-se à Polícia de Segurança (Sicherheitsdienst-SD, e Sicherheitspolizei SIPO) do *Reichsführer*-SS. Era amigo íntimo do general da SS Heydrich. No fim da guerra, parece ter atingido a patente de coronel na SS. Em 1945, foi detido por oficiais do exército norte-americano na Itália, mas conseguiu escapar. Reapareceu na Síria em 1948, trabalhando como assessor militar para os serviços secretos sírios, que supostamente tentou reorganizar, seguindo as linhas da Gestapo. Em 1949, foi detido e acusado de terrorismo e foi expulso daquele país. Partiu via Itália para a América do Sul, onde chegou em novembro de 1949. Em 1950, oficiais dos serviços secretos italianos intercetaram um correio de Rauff de e para a Itália, por suspeitarem que desejava estabelecer ali uma rede de serviços secretos por ele dirigidos a partir do Equador. Nesse momento, vários governos andavam à procura de Rauff, mas a sua localização exata no Equador não foi nunca determinada. Em 1958, emigrou para o Chile e foi-lhe concedida residência permanente em novembro de 1959.



Walter Rauff escoltado por polícias chilenos.

4. Desde então, segundo as informações, Rauff vive como agricultor/rancheiro no Chile. Também figura na lista chilena 7-A, que o registra como um «industrial». Trabalhou em grande número de empresas entre 1958 e 1964. Em 1955, o seu filho, Walter Júnior, ingressou na Academia Naval chilena. Walter Júnior foi apadrinhado pelo general Carlos Prats, ex-comandante-chefe do exército do Chile, que se tornou partidário do governo de Allende. Walter Júnior foi galardoado com a cidadania chilena em 1960. Uma informação da estação em finais de 1974 descreve Walter Rauff Sênior como um cidadão sério, responsável e um membro muito respeitado da comunidade em que está a viver a sua velhice em silêncio, enquanto se concentra nas suas atividades pessoais de negócios. Este retrato não coincide com o Rauff que foi investigado por um correspondente do *Izvestia*, que foi ao Chile em busca do oficial da SS, que é presumivelmente responsável pela morte de 90 000 judeus. Também no início dos anos 60, a RFA tinha solicitado a extradição de

Rauff como criminoso de guerra nazi. O governo chileno recusou a sua extradição, comentando que tinha estado a protegê-lo e acusando as autoridades do seu país natal de pôr em perigo a sua segurança física.

Inclusive numa parte do documento da Agência Central de Inteligência destaca-se que Walter Rauff regressou às primeiras páginas de todos os jornais quando se falou da sua possível candidatura para ocupar a direção da DINA.

5. Rauff apareceu de imediato na cena mundial em 1975, quando se alegou que tinha sido nomeado chefe da DINA. Esta informação foi negada pelos chilenos e pelo agente de ligação da nossa estação, afirmando que Rauff não foi utilizado pelo governo chileno em nenhuma missão. No tráfego de comunicações relacionadas com este problema, a estação comentou: «Embora há alguns anos Rauff tenha sido acusado de organizar guerrilhas nazis por vagas operações internacionais contra judeus, ele vivia uma vida completamente inofensiva como agricultor/rancheiro.»

6. Os exilados políticos chilenos não estiveram de acordo com a afirmação de que Rauff não tem ligações com a DINA. Em fevereiro de 1977, exilados chilenos no México afirmavam que Rauff era um dos principais assessores da DINA. Em março de 1976, a estação reportou que a resistência chilena no estrangeiro tomara conhecimento de que Rauff estava a trabalhar no Ministério do Interior do governo militar do Chile. A resistência passou a informação sobre Rauff a Simon Wiesenthal, que dirige a busca de criminosos nazis em Viena.

7. Seria pura especulação neste momento sugerir que Walter Rauff, o seu filho, Walter Júnior, ou Reschenback, são as fontes primárias ou secundárias da informação de ameaças recebidas pela BND. [...] O filho de Rauff é graduado da Academia Naval do Chile e, se seguiu os passos do pai, pode estar «envolvido» nos serviços secretos. Rauff Sénior, um ex-oficial da SS, queria, como criminoso de guerra nazi, poder ter alguma ligação próxima com a DINA. O BND descreveu a sua fonte como um homem de negócios adulto, aposentado (Rauff tem 71 anos e está aparentemente retirado dos negócios). Se Rauff, o seu filho, ou Reschenback são fontes de informação do BND,

então muitas das perguntas podem ter resposta. Seguindo uma mesa redonda realizada a 4 de maio, a que assistiu um oficial do BND, a estação reportou na Alemanha 60211 (IN 274428): a sua conclusão é que «a fonte é claramente de origem alemã e que provavelmente é um ex-oficial militar que chegou ao Chile depois da Segunda Guerra Mundial». Mais tarde, na Alemanha 60211 (IN 325690), a estação afirmou: «Estamos bastante certos de que a fonte original é um cidadão alemão, provavelmente um oficial da Wehrmacht.» O BND não tem sido consistente ao responder a perguntas sobre a nacionalidade da fonte. Numa altura, a fonte foi descrita como metade alemã, metade chilena. Noutra, informou-se que era latino-americana. Se o BND está atualmente a contactar com Rauff e tem sido assim durante os últimos anos, então há uma razão pela qual são suscetíveis e desejam ocultar o facto de que estão a trabalhar com um criminoso de guerra nazi. Rauff é um homem procurado, que viajou no passado para a RFA um grande número de vezes, segundo as informações, utilizando o seu verdadeiro nome. [...] Fontes do BND afirmam que Rauff teme pela sua vida. Embora a DINA tenha negado que Rauff trabalha para o governo chileno, bem pode ter estado a trabalhar para eles na qualidade de «assessor não oficial». O Governo do Chile não deseja atrair as atenções do mundo por ter um criminoso de guerra nazi como assessor.³²

Três meses antes da sua morte, a CIA emitiu um memorando datado de 9 de fevereiro de 1984, em que se faz referência a um artigo publicado no jornal *The Washington Post*, onde se fala abertamente da ajuda recebida pelo criminoso de guerra nazi por parte do Vaticano.

Como você sabe, ADDO recebeu uma chamada telefónica do embaixador Cohen no IRN, a solicitar informação sobre o coronel Walter Rauff, o tema de relatórios recentes de grupos de periódicos a pedir uma ação contra Rauff por presumíveis atividades como criminoso de guerra nazi. Os factos de que não temos informação corroboram a informação do *Washington Post* de que o coronel Rauff recebeu refúgio na cidade do Vaticano depois da Segunda Guerra Mundial e de que não há provas que demonstrem que tem algum

contacto oficial com o governo chileno, e especificamente com o seu serviço de segurança. Esta informação foi passada ao embaixador Cohen por telefone.

O embaixador Cohen pediu «um par de parágrafos» sobre o que sabemos da vida do coronel Rauff no Chile. Por favor, considera este memorando como um registo do requerimento do embaixador Cohen através de ADDO e proporcionando-lhe a informação apropriada. Deverá ser enviada uma cópia da tua resposta ao ADDO para sua informação³³.

Hermann Julius Walter Rauff, o antigo SS-*Standartenführer* que inventou as câmaras de gás móveis, conhecidas vulgarmente como «camiões da morte», onde foram executados mais de 200 000 judeus, faleceu em 14 de maio de 1984 de um ataque cardíaco num hospital de Santiago, onde estava a ser tratado a um cancro do pulmão. Rauff, de 77 anos, residia na localidade chilena de Punta Arenas desde 1958, onde era proprietário de uma importante fábrica de conservas de peixe. A sua residência, uma vasta reserva de caça rodeada de lagos e bosques, tornou-se um lugar de reunião para outros criminosos de guerra nazis fugidos à justiça aliada, como Josef Mengele ou Adolf Eichmann.

Os governos de Israel, França e Alemanha Ocidental pediram por diversas vezes e sem qualquer êxito a detenção e extradição de Rauff. O primeiro destes pedidos foi transmitido pelo juiz titular de Hannover, a 13 de março de 1961. Embora o criminoso de guerra nazi tenha sido preso em finais de 1962, os tribunais chilenos decidiram que «os delitos de Rauff tinham prescrito, de acordo com as leis do Chile». Em fevereiro de 1983, o regime de Pinochet recusou outro pedido de Israel, por idênticas razões³⁴.

O seu funeral transformou-se numa grande celebração nazi. Segundo o seu dossiê no MI5, «(Rauff) jamais mostrou qualquer

remorso pelos seus atos, que descreveu como as de um “simples administrador técnico”.»³⁵

¹ MI5, publicações do dia 5 de setembro de 2005: *German Intelligence Officers – Walter Rauff*, Ficheiro KV 2/1970. Arquivado do original a 12 de outubro de 2008.

² Martin Cüppers, *Walter Rauff – In deutschen Diensten: Von Nazi-verbrecher zum BND-Spion* (em alemão), WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft), Darmstadt, 2013.

³ Otto Ohlendorf seria condenado à morte a 19 de abril de 1948, no chamado «julgamento dos *Einsatzgruppen*» e enforcado a 7 de junho de 1951, na fortaleza de Landsberg.

⁴ Werner Brockdorff, *Flucht vor Nürnberg*, Welsermühl, Munique, 1969.

⁵ *Newsletter The Nazi War Crimes & Japanese Imperial Govmt.* Records Interagency Working Group, CIA, novembro de 2002.

⁶ MI5, publicações do dia 5 de setembro de 2005: *German Intelligence Officers – Walter Rauff*, Ficheiro KV 2/1970. Arquivado do original a 12 de outubro de 2008.

⁷ Declaração de Rauff, Embaixada da Alemanha Ocidental, Santiago do Chile, *NS-Archiv* (em alemão), RK Sk 1600, 28 de julho de 1973.

⁸ Santiago Álvarez e Pierre Marais, *The Gas Vans. A Critical Investigation*, The Barnes Review, Washington D.C., 2011.

⁹ Office of the United States Chief of Counsel For Prosecution of Axis Criminality, *Nazi Conspiracy and Aggression*, «Red Series», vol. III, pp.418-419, US-CPO, Washington D.C., 1946.

¹⁰ Em 1959, o Ministério Público de Estugarda iniciou uma investigação preliminar sobre os delitos cometidos por Becker. August Becker foi condenado a dez anos de prisão; mas a 15 de julho de 1960, devido ao seu precário estado de saúde, foi posto em liberdade e admitido num lar de idosos em Butzbach. Em 1967, o Tribunal Penal de Estugarda enviou uma citação a Becker, mas verificou-se que este tinha sido retirado do lar na noite de 3 de janeiro de 1966, por desconhecidos e não foi possível determinar o seu paradeiro. A 16 de junho de 1967, a Polícia Criminal do Estado de Baden-Württemberg emitiu um mandado de «busca e captura» contra Becker. O criminoso de guerra tinha dado entrada noutra lar de idosos, onde permaneceu em avançado estado de desintegração mental e física. August Becker morreu a 31 de dezembro de 1967, com 67 anos.

¹¹ Declaração de 26 de março de 1960, Zentral Stelle der Landesjustizverwaltungen em Ludwigsburg, 9 AR-Z 220/59, t.1, pp.194, citado de Klee, Dressen, Riess: «Schöne Zeiten», pp. 71 e ss.

¹² Martin Cüppers, *Walther Rauff – In deutschen Diensten: Vom Nazi verbrecher zum BND-Spion* (em alemão), WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft), Darmstadt, 2013.

13 Michael Curtis, *Veredict on Vichy: Power and Prejudice in the Vichy France*, Arcade Publishing, Nova Iorque, 2015.

14 Jan Friedmann, *World War II: A New Research Taints Image of Desert Fox Rommel*, semanário *Der Spiegel*, 23 de maio de 2007.

15 Klaus-Michael Mallmann e Martin Cüpper, *Nazi Palestine: The Plans for the Extermination of the Jews in Palestine*, Enigma Books, Oxford, 2010.

16 MI5, publicações do dia 5 de setembro de 2005: *German Intelligence Officers – Walter Rauff*. Ficheiro KV 2/1970. Arquivado do original a 12 de outubro de 2008.

17 Mark Aarons e John Loftus, *Unholy Trinity. The Vatican, the Nazis and the Swiss Banks*, St. Martin's Griffin, Nova Iorque, 1998.

18 *Ibidem*.

19 Ladislav Farago, *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 1974.

20 Martin Cüppers, *Walther Rauff – In deutschen Diensten: Vom Nazi-verbrecher zum BND-Spion* (em alemão), WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 2013.

21 Mark Aarons e John Loftus, *Ratlines: The Vatican's Nazi Connection*, Arrow, Nova Iorque, 1991.

22 Jefferson Morley, *The Ghost. The Secret Life of CIA Spymaster James Jesus Angleton*, St. Martin's Press, Nova Iorque, 2017.

23 Werner Brockdorff, *Flucht vor Nürnberg*, Welsermühl, Munique, 1969.

24 Organizzazione per la Vigilanza e la Repressione dell'Antifascismo.

25 Martin Cüppers, *Walther Rauff – In deutschen Diensten: Vom Nazi-verbrecher zum BND-Spion* (em alemão), WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft), Darmstadt, 2013.

26 Transcrições oficiais; *The United States of America Against Oswald Pohl et al.*, Acusados, Caso n.º 4, Tribunal Militar Internacional n.º II, 3 de novembro de 1947. Gravações do Congresso Judaico Mundial. (Jacob Rader Marcus Center of the American Jewish Archives), Arquivos Presidenciais de Harry S. Truman.

27 Documento da CIA, Ficheiro: 32-6-6-103y Fonte. MGLA 711, 3 de novembro de 1949. Assunto: Peter STUDERMAYER.

28 Hugh Wilford, *America's Great Game: The CIA's Secret Arabists and the Making of the Modern Middle East*, Basic Books, Nova Iorque, 2013.

29 Documento da CIA, Ficheiro, 32-6-6-105y, Fonte. MGLA 712, 7 de novembro de 1949, Assunto: GRUBER, Otto.

30 Documento da CIA, Ficheiro Sem classificar, Fonte: JX 4556, 22 de janeiro de 1954, Assunto: *Background Information on German Military Experts in Syria*.

31 Bodo Hechelhammer, Mitteilung der Forschungs und Arbeitsgruppe, Geschichte des BND, MFGBND, n.º2, *Walther Rauff und der Bundesnachrichtendienst*, Comunicação do Grupo de Trabalho e Investigação História do BND, 23 de setembro de 2011.

32 Documento da CIA. Memorando para: Chief, CI Staff, Via: Chief, Policy and Coordination Staff, De: Chief, PCS/ITC, Assunto: *Possible Leads in [...] Case*, 8 de julho de 1977.

33 Documento da CIA. Memorando para: C/IMS/EIB, De: SA/ADO, Assunto: Coronel Walter Rauff, 9 de fevereiro de 1984.

34 «Rauff case poses serious threat to Pinochet regime», Council on Hemispheric Affairs, comunicado de imprensa, Nova Iorque, 19 de março de 1984.

35 MI5, publicações do dia 5 de setembro de 2005: *German Intelligence Officers – Walter Rauff*. Ficheiro KV 2/1970. Arquivado do original a 12 de outubro de 2008.

10

HERBERTS CUKURS **O Carrasco de Riga**

No domingo, dia 22 de junho de 1941, as tropas soviéticas sofreram uma derrota esmagadora, infligida por parte das tropas alemãs. Uma semana depois, abandonavam em debandada todo o território da Letônia. A 1 de julho, os soldados da Wehrmacht desfilavam já pelas ruas de Riga. A maior parte da população deu as boas-vindas às tropas invasoras, o que não aconteceu com os quase 40 000 judeus que residiam na capital letã. Pouco depois da entrada das tropas alemãs na cidade, as autoridades nazis incitaram os nacionalistas letões a cometerem distúrbios antissemitas. Em apenas três meses, mais de 6000 judeus morreram em Riga e nos arredores. Arrancados em grupo da Prisão Central de Riga, eram levados em camiões até ao bosque de Bikernieki, e aí eram executados. Advogados, médicos, farmacêuticos, administrativos, professores universitários ou engenheiros tornaram-se o alvo dos nazis. Ao que parece, os grupos nacionalistas tinham ordem da Gestapo e da SS para acabar com a vida de todos os intelectuais judeus¹. A 2 de julho, instigados pelos alemães, jovens letões

armados, usando braçadeiras vermelhas e brancas, percorreram a cidade arrancando os judeus à força das suas casas e prendendo-os. Os letões assaltaram as casas e as lojas dos judeus, disparando sobre todos os que resistiam.

O discurso do Pērkonkrusts (Cruz do Trovão), o partido fascista letão fundado em 1933 por Gustavs Celmins, era muito semelhante ao utilizado pelo Partido Nazi:



Judeus do gueto de Riga, aos quais era proibido usar os passeios.

Na Letónia, não haverá a questão das minorias. [...] Isto significa que, de uma vez por todas, renunciemos aos preconceitos liberal-burgueses sobre a questão nacional, renunciemos às limitações históricas, humanistas ou de outro tipo em prol do nosso único e verdadeiro objetivo: o bem da nação letã. O nosso Deus, a nossa crença, o sentido da nossa vida, o nosso objetivo é a nação letã: quem estiver contra o seu bem-estar é nosso inimigo. [...] Consideramos que o único lugar do mundo onde os letões podem estabelecer-

se é a Letónia. Os outros povos têm os seus próprios países. Numa palavra: na Letónia só haverá letões².

Membros do Pērkonkrusts, entre os quais Viktors Arājs e Herberts Cukurs, cooperaram com os nazis no extermínio dos judeus da Letónia. Em julho de 1941, após a ocupação alemã, o Pērkonkrusts confiscou para sua nova sede a residência de um banqueiro judeu a quem tinham expulsado; entretanto, o seu jornal *Tevija* (Pátria) publicava regularmente propaganda antissemita. O seu editorial do dia 11 de julho de 1941 falava de «os judeus, origem da nossa destruição»³.

A 1 de julho de 1941, ocorreu o primeiro contacto entre o SS-*Brigadeführer* Franz Stahlecker, responsável pela SS e pelo *Einsatzgruppen A* na região, e Viktors Arājs, um jovem letão que se tornaria um dos principais colaboradores das forças ocupantes. Stahlecker conheceu Arājs através de um tradutor letão seu, chamado Hans Dressler, que era amigo de Arājs desde os tempos de escola e durante o serviço militar no exército letão.

Viktors Bernhard Arājs nasceu a 13 de janeiro de 1910, na cidade de Baldone, na altura parte do Império Russo. O pai era um ferreiro letão sem grande cultura, ao passo que a mãe, pelo contrário, provinha de uma abastada família de alemães estabelecidos no Báltico. Arājs frequentou o Liceu Jelgava, que abandonou em 1930 para se juntar ao Serviço de Defesa Nacional no exército letão. Em 1932, matriculou-se em Direito na Universidade Nacional da Letónia. Foi durante os seus anos de universitário que se juntou à fraternidade estudantil de elite Lettonia. Os seus contactos feitos nessa altura permitem-lhe conseguir um lugar na polícia letã, onde permaneceu até 1938. Durante a ditadura

de Karlis Ulmanis, entre 1934 e 1940, Arājs era apenas um oficial de polícia de «baixo nível», que, como funcionário leal, se foi distanciando do Pērkoņkrusts, o partido fascista letão⁴. A chegada das tropas alemãs ao país foi vista por Arājs como uma oportunidade única para prosperar.

A 2 de julho de 1941, o SS-*Brigadeführer* Franz Stahlecker encarrega Arājs de desencadear um pogrom que supostamente devia ser espontâneo. A 4 de julho de 1941, Franz Stahlecker desligou-se do Kommando Arājs (Sonderkommando Arājs). No mesmo dia, os alemães publicaram um anúncio de recrutamento no jornal letão *Tēvija*, controlado pelos ocupantes: «Todos os letões patriotas, membros do Pērkoņkrusts, estudantes, oficiais, milicianos e cidadãos, dispostos a tomar parte ativa na limpeza de elementos indesejáveis no nosso país, devem inscrever-se no escritório do Grupo de Segurança, na rua Valdemara, 19». A 4 de julho, homens de Arājs prenderam na sinagoga de Riga, sita na rua Gogoļa, duas dezenas de judeus que não tinham conseguido fugir antes do avanço alemão. Queimaram-nos vivos ali mesmo, enquanto arremessavam granadas de mão pelas janelas. O Kommando Arājs era formado por 500 a 1500 membros, todos eles voluntários. A unidade seria responsável pelo assassinato de cerca de 26 000 pessoas; primeiro na Letónia e de seguida na Bielorrússia. Arājs foi promovido pelos alemães a comandante da polícia em 1942, e em 1943 a SS-*Sturmbannführer*⁵. Este, por sua vez, nomeou como seu ajudante Herberts Cukurs, o célebre piloto letão.



Cartão da polícia de Riga, em nome de Viktors Arājs, 1934.

As primeiras notícias que aparecem sobre Cukurs datam de 1919, como simpatizante do regime bolchevista, para, algumas décadas mais tarde, se transformar num famoso piloto. Entre 1924 e 1929, Cukurs projeta e constrói três aviões. Num deles, o C-3, realiza um voo em 1934, entre Riga e a Gâmbia, na costa ocidental africana, sobre o qual escreve um livro intitulado *O meu Voo à Gâmbia*. Dois anos depois, voa entre a capital letã e Tóquio. Os jornais letões chamavam-lhe o «Lindberg do Báltico». Um pouco mais tarde, realiza o voo Riga-Palestina.

O certo é que Cukurs se transformou em alguém familiar para todos os letões, com quem as crianças desejavam parecer-se. Depois de regressar deste último voo, Cukurs deu uma conferência no Clube Judaico de Riga, onde falava fascinado e entusiasmado do movimento sionista em Israel. A realidade, porém, era muito

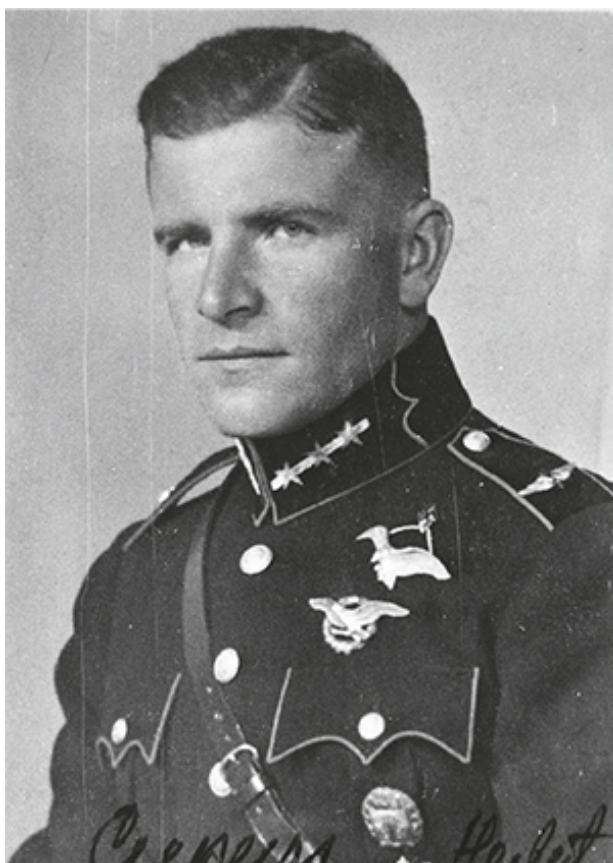
diferente. Na verdade, Cukurs era um nacionalista que, em finais da década de trinta, se tinha filiado no Pērkonkrusts. Quando os exércitos de Hitler invadiram o país, em junho de 1941, e por conseguinte a Letónia, o coronel Viktors Arājs dirigia o seu próprio *Kommando*, um grupo de voluntários dispostos a ajudar a força ocupante sem fazer perguntas. Arājs viu em Cukurs alguém que poderia ajudá-lo a subir devido à sua fama como piloto, e por isso nomeou-o seu braço direito⁶. Imediatamente depois, começaram as rusgas, as agressões e as execuções de judeus pelas ruas de toda a Letónia; e Cukurs teve nelas um papel preponderante.



Cukurs, capa de uma revista letã após o seu feito, 23 de fevereiro de 1934.

Raphael Schub, um sobrevivente dessas perserguições, recorda o papel do antigo piloto. «Foi ele (Cukurs) quem começou a aniquilação dos judeus de Riga. Em princípios de julho, ele e os seus homens meteram 300 judeus letões na Grande Sinagoga,

mandaram-nos abrir a arca sagrada e estender no chão os rolos da Tora. Os judeus presentes recusaram-se e então Cukurs agrediu barbaramente muitos deles. [...] Os seus homens começaram a entornar gasolina pelo chão e pelas paredes, puseram-se junto das saídas e lançaram granadas para o interior. A sinagoga começou a arder e os judeus que estavam lá dentro tentaram escapar. Os homens de Cukurs disparavam contra todos os que se aproximavam das portas. Foi assim que morreram queimados aqueles 300 judeus, entre os quais havia várias crianças.»⁷



O capitão Herberts Cukurs.

Avraham Shapiro, um adolescente judeu de 16 anos, ainda recordava quando Herberts Cukurs se apresentou uma noite em sua

casa, no bairro judaico de Riga: «Chegou (Cukurs) e disse ao meu pai que nos dava uma hora para abandonar a casa, visto que, a partir daquele momento, esse ia ser o seu novo lar. O meu pai não disse nada, pediu a todos que nos levantássemos e começássemos a recolher o necessário para sobrevivermos nas ruas. Quando abandonámos a casa, o meu pai foi detido pelos homens de Cukurs e de seguida executaram-no com um tiro na cabeça. Ainda recordo o corpo do meu pai estendido na calçada. A mim, levaram-me para a prisão da polícia letã, onde ficámos encerrados em celas diminutas. Em várias ocasiões, vi como Cukurs e os seus homens metiam os judeus em camiões descobertos, e entregavam-lhes pás e picaretas. Horas depois, os camiões regressavam vazios e as pás estavam manchadas de terra e de sangue.»⁸

A 23 de outubro de 1941, as autoridades de ocupação emitiram uma ordem que obrigava a concentrar todos os judeus em Forštate Maskavas, um subúrbio de Riga. Cerca de 30 000 judeus foram reunidos numa pequena área de dezasseis quarteirões, cercados por arame farpado. Qualquer pessoa que se aproximasse demasiado da cerca de arame podia ser executada de imediato pelos guardas letões, estacionados em volta do perímetro do gueto. No entanto, aquele sistema de guetos não agradava às forças de ocupação.

Rudolf Lange, que no ano seguinte assistiria à Conferência de Wannsee, onde se cimentariam os pilares da Solução Final para a questão judaica na Europa, estava decidido a acabar com aquele gueto o mais depressa possível. A missão foi confiada ao oficial da polícia e SS Friedrich Jeckeln, famoso por ter liderado outras operações de assassinatos em massa de judeus na Ucrânia, como a do barranco de Babi Yar, onde foram executados 33 771 judeus,

entre os dias 29 e 30 de setembro de 1941. Para esta tarefa, Jeckeln contaria com o apoio do Kommando Arājs. Entre os guardas letões que participaram na destruição do gueto de Riga, e no posterior massacre do bosque de Rumbula, encontravam-se os agentes do SD Altmeyer, Jäger e Herberts Cukurs. Este último foi o mais reconhecível na cena e Max Kaufmann, autor de *Churbn Lettland, The Destruction of the Jews of Latvia*, descreveu-o da seguinte forma:

O assassino letão Cukurs saltou de um automóvel com um sobretudo de cabedal e uma grande pistola *Nagant* à cintura. Aproximou-se dos guardas letões para lhes dar várias instruções. Sem dúvida tinha sido informado em pormenor sobre o grande desastre que nos aguardava. Os guardas tinham sido consideravelmente reforçados e tinham-lhes sido distribuídas grandes quantidades de *schnaps* (licor).⁹

O historiador letão Andrew Ezergailis afirma que «embora os homens de Arājs não tenham sido os únicos a participar na operação do gueto, na medida em que intervieram nas atrocidades ali cometidas, a responsabilidade principal recai sobre os ombros de Herberts Cukurs». O «massacre de Rumbula», como ficou conhecido, ocorreu entre os dias 30 de novembro e 8 de dezembro de 1941. Jeckeln escreveu diligentemente um pequeno relatório para Lange sobre o método que tinha sido utilizado para acabar com a vida de 25 000 seres humanos:

1. Os homens do Serviço de Segurança (SD) retiraram as pessoas de suas casas no gueto de Riga.
2. As pessoas que iam ser assassinadas (judeus típicos) foram organizadas em colunas de 500 a 1000 pessoas e levadas

para as zonas de extermínio, cerca de dez quilómetros para sul.

3. A Polícia da Ordem (Orpo) dirigiu as colunas para as zonas de extermínio.
4. Previamente, tinham sido abertas três valas, onde se realizaria simultaneamente o massacre.
5. As vítimas foram despojadas das suas roupas e objetos de valor.
6. As vítimas foram obrigadas a atravessar um duplo cordão de guardas, a caminho das valas de execução.
7. Os executores obrigaram as vítimas a deitar-se de barriga para baixo no chão da vala, ou, mais frequentemente, sobre os corpos das pessoas que acabavam de receber um tiro.
8. Cada pessoa recebeu um único tiro na parte posterior da cabeça, com uma metralhadora russa. Os atiradores caminhavam na vala entre os mortos, disparando sobre as vítimas à distância de dois metros, ou situavam-se à beira da vala e disparavam sobre as vítimas situadas abaixo deles. Qualquer pessoa que não tivesse morrido com os disparos foi simplesmente enterrada viva, quando a vala foi coberta.

Este sistema era definido pelo próprio Jeckeln como «sardinhas em lata» (*Sardinenpackung*). Em Rumbula, Friedrich Jeckeln vigiou os dois dias em que se desenrolou o massacre. Vinte e cinco mil pessoas (vinte e quatro mil judeus letões e mil judeus alemães) foram assassinadas diante dele. Jeckeln demonstrou ser um assassino muito eficiente, não se importava de executar homens, mulheres, crianças e idosos desarmados. Uma das três únicas

sobreviventes do massacre de Rumbula, Frida Michelson, escapou por ter fingido que estava morta.

Estava pressionada por um monte de calçado. O meu corpo estava entumecido pelo frio e pela imobilidade. No entanto, agora estava plenamente consciente. A neve debaixo de mim tinha-se derretido devido ao calor do meu corpo. [...] Silêncio durante algum tempo. Depois, vindo da vala, ouvi uma voz de criança a gritar: «Mamã! Mamã!» Ouvem-se alguns tiros. Depois, silêncio. Assassinado.



Vala comum, no bosque de Rumbula.

Em finais de agosto de 1941, enquanto chefiava a Primeira Brigada das Kommandostab-SS, no oeste da Ucrânia, Friedrich Jeckeln tinha supervisionado pessoalmente o assassinato de mais de 44 000 seres humanos, o maior número de judeus assassinados nesse mês em toda a Europa. Estes assassinatos, juntamente com o massacre de Rumbula, constituem um dos maiores massacres de judeus durante o Holocausto das Balas, como ficou conhecido.

Como prêmio da sua eficiência, a 27 de janeiro de 1942, Jeckeln recebeu a Cruz do Mérito de Guerra com Espadas, por «executar 25 000 pessoas em Rumbula, acatando ordens ao mais alto nível»¹⁰.

Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, todos os protagonistas daqueles massacres teriam de pagar pelos seus crimes. O SS-*Standartenführer* Rudolf Lange, de 34 anos, que tinha dado a ordem de acabar com o gueto de Riga, suicidou-se a 23 de fevereiro de 1945, quando as tropas soviéticas conquistaram a cidade de Poznan. O SS-*Obergruppenführer* Friedrich Jeckeln, responsável direto pela destruição do gueto de Riga e do massacre do bosque de Rumbula, foi feito prisioneiro pelas tropas soviéticas perto de Halbe, a 28 de abril de 1945. Juntamente com outros militares alemães que serviram no distrito militar de Riga, foi julgado por um tribunal militar soviético entre 23 de janeiro e 3 de fevereiro de 1946. Durante o julgamento, o criminoso de guerra respondeu com toda a tranquilidade às perguntas dos procuradores do ministério público. Jeckeln, nas suas últimas palavras, admitiu totalmente a sua culpa e aceitou assumir a responsabilidade plena pelas atividades da Polícia, da SS e do SD no Reichskommissariat Ostland (Estónia, Letónia e Lituânia). Concluiu o seu discurso afirmando:

Tenho de assumir a plena responsabilidade pelo que aconteceu nas fronteiras da Ostland, por parte da SS, do SD e da Gestapo. Tudo isso aumenta muito a minha culpa. O meu destino está nas mãos deste alto Tribunal, pelo que peço apenas que levem em conta as circunstâncias atenuantes. Aceitarei a sentença com arrependimento completo e considerá-la-ei um castigo digno.

Friedrich Jeckeln e os restantes acusados foram declarados culpados de crimes de guerra e de crimes contra a humanidade,

condenados à morte e enforcados em Riga, a 3 de fevereiro de 1946, na presença de 4000 espectadores.

Viktors Arājs, por seu lado, esteve preso num campo de internamento britânico na Alemanha, até 1949. Depois, conseguiu trabalho como condutor no exército britânico em Delmenhorst, na zona de ocupação britânica. Com a ajuda do Governo letão no exílio em Londres, Arājs tomou o nome falso de Viktors Zeibots. Após ser posto em liberdade, passou a viver na Alemanha, onde conseguiu trabalho em Frankfurt como assistente numa tipografia¹¹. Uma tarde, uma mulher de origem letã que vivia no mesmo bairro reconheceu Arājs e denunciou-o à polícia. Uma semana depois era detido no próprio local de trabalho.

A 21 de dezembro de 1979, o Tribunal Estatal de Hamburgo declarou Viktors Arājs, de 69 anos, culpado de ter conduzido os judeus do gueto de Riga para a morte no bosque de Rumbula, a 8 de dezembro de 1941. Pela sua participação direta no assassinato de 13 000 pessoas foi condenado a prisão perpétua. Em 1988, Arājs morreu de um enfarte na prisão de Kassel. Tinha passado os últimos nove anos da sua vida em completo isolamento por ordem do tribunal¹². As autoridades, porém, perguntavam-se o que seria feito do seu lugar-tenente, o famoso Herberts Cukurs.



Friedrich Jeckeln, responsável pelo massacre de Rumbula. (esq.)

Friedrich Jeckeln, executado em Riga a 3 de fevereiro de 1946.

(dir.)

Sabe-se que, perante o avanço soviético, Herberts Cukurs abandonou a Letónia e juntou-se à Wehrmacht. Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, Cukurs fugiu para a França, juntamente com a família. Há duas provas disso. A primeira é uma fotografia em que um sorridente Cukurs vestido à civil caminha junto da esposa Milda por uma rua parisiense não identificada. A segunda é um salvo-conduto, com o número 117, emitido a 17 de dezembro de 1945, pela prefeitura de Bouches-du-Rhone, em nome de Herberts Cukurs e os seus três filhos para «poder viajar de comboio para a Espanha e para Portugal», e daí para o Brasil. O consulado do Brasil em Marselha emitiu em seu nome um visto de «residência permanente» a 18 de dezembro de 1945. O visto não incluía o nome

da esposa, mas sim os nomes dos seus três filhos menores, Gunars, Antinea e Herberts.

No país sul-americano, estabeleceu-se em São Paulo, onde montou um negócio de voos panorâmicos, a bordo de um *Republic RC-3 Seabee*¹³. Além disso, Cukurs manteve o seu nome verdadeiro pensando que o longo braço da justiça nunca o alcançaria no seu paraíso sul-americano. Mas estava enganado. O sequestro de Adolf Eichmann, apenas cinco anos antes, e a sua posterior viagem para Israel para ser julgado e executado tinham conferido à Mossad uma imagem mítica. O próximo alvo da espionagem israelita ia ser Herberts Cukurs, conhecido também como o Carrasco de Riga. Para os israelitas, Eichmann era um burocrata na engrenagem de morte imposta pelos nazis na Europa. Cukurs era pura e simplesmente um carnicheiro¹⁴.

Naquele dia 1 de setembro de 1964, deitado na cama de um pequeno e confortável hotel parisiense, Antón Kuenzle (Yaakov Meidad) recordava como, fazia exatamente um quarto de século, tinham começado a soar os primeiros tiros da Segunda Guerra Mundial. Kuenzle ia reunir-se com outros dois agentes da Mossad, Yolav e Michael. Numa mesa isolada de um café nas margens do Sena, Michael pousou uma pasta, enquanto manifestava a sua emoção: «Devem estar contentes com o que vos ofereço. Aqui está toda a informação sobre um criminoso de guerra nazi, assim como o seu paradeiro. Está a viver no Brasil com a família e sob a proteção dos serviços de segurança desse país.»¹⁵ Alguns meses depois, concretamente a 8 de maio de 1965, celebravam-se os vinte anos da derrota da Alemanha na guerra e algumas vozes, não na Alemanha, pediam que se esquecessem os horrores e a aplicação do chamado Estatuto de Limitações para os Crimes de Guerra Nazis

a todos os antigos líderes do Terceiro Reich e aos seus crimes. O certo é que a Europa Ocidental estava num processo de unificação e não desejava perder a Alemanha de vista perante o avanço da União Soviética mergulhada em plena Guerra Fria. Naqueles mesmos dias, o prestigiado semanário *Der Spiegel* perguntava aos seus líderes máximos na Alemanha o que faziam eles entre 1933 e 1945. Em geral, as respostas eram: «não me lembro», «lutava contra os nazis», ou «no exílio». Ninguém, de entre as mais de duas centenas de pessoas que responderam ao questionário respondeu: «a defender a Alemanha nazi, a defender Hitler e o seu regime». Desde o fim da guerra, apenas 61 000 criminosos de guerra nazis tinham sido levados a tribunal na Alemanha. Somente 6100 foram condenados¹⁶. A Mossad tinha enviado dois agentes ao Brasil para verificar uma informação que indicava que um criminoso de guerra letão, que tinha participado na execução de judeus e torturado judias com as suas próprias mãos, conseguira fugir, juntamente com milhares de nazis, para algum país sul-americano. O seu nome era Herberts Cukurs.

PRÉFECTURE BOUCHES-DU-RHÔNE
15.968 A.146

REPUBLICQUE FRANÇAISE
LIBERTÉ - ÉGALITÉ - FRATERNITÉ

CARTE DE BUENA ESPERANZA
LISTA 30/33
NUM.

SAUF-CONDUIT N° 147
Valable pour un Voyage

SIGNALEMENT : M 2 CUKURS
Taille :
Cheveux :
Sourcils :
Yeux :
Nez :
Menton :
Visage :
Teint :
Signes particuliers :

d'origine Lettense
né à Lépapa, Lettense,
le 17.8.1900
domicilié à Marseille Hotel Pankama Camé, B&R,
Le titulaire du présent titre est autorisé à se rendre
en Brésil
Itinéraire : par Espagne et Portugal
Mode de locomotion : train
et à faire usage du présent sauf-conduit dans les conditions
ci-dessus indiquées.

ENFANTS

NOM, PRÉNOMS Lieu et Date de Naissance	NOM, PRÉNOMS Lieu et Date de Naissance	NOM, PRÉNOMS Lieu et Date de Naissance
CUKURS Guisot né le 27.3.31 à Lépapa	Antonia Guisot 28.1.34 Lépapa	Herbert Guisot 2.10.32 à Riga

Nom et prénom CUKURS Herbert
VISA DE SORTIE N° 2720
Le voyage à la frontière devra avoir lieu
avant le 15.12.45
avant le 15.12.45
Pour la sortie de FRANCE
par Espagne et Portugal
à destination de Brésil
Autorisation de M.
Cir. M. 729 du 20.9.45
Fait à Marseille, le 17 DEC 1945
Pour le PRÉFET
Le Chef de Division Délégué
Le Chef de Division

20 JUN 1946

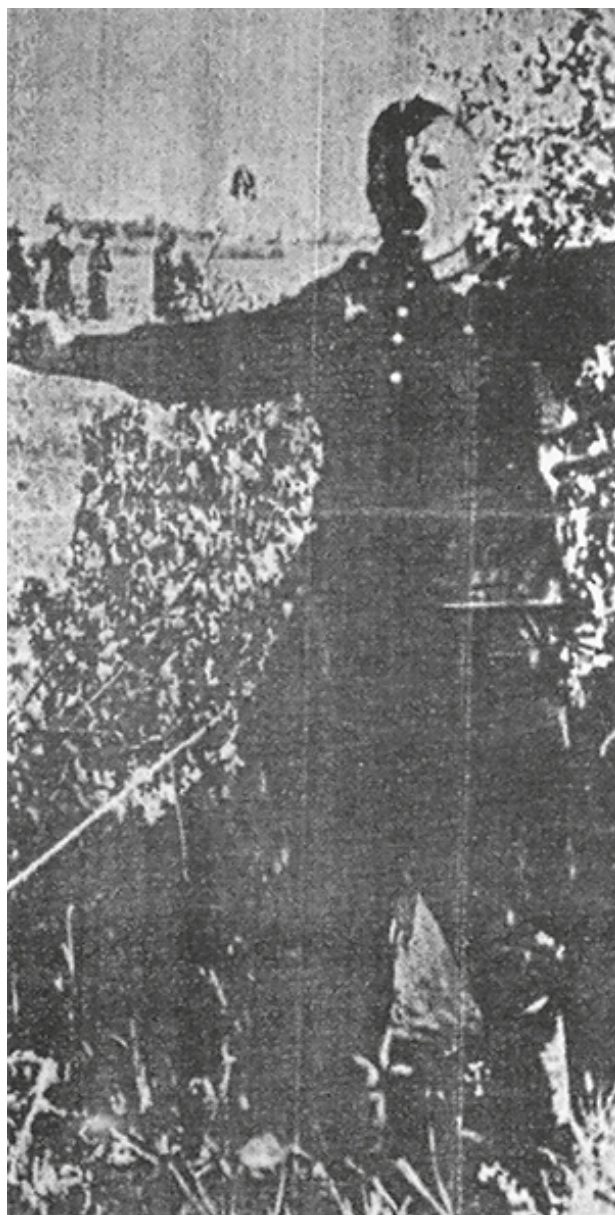
Salvo-conduto francês para a família Cukurs, 7 de dezembro de 1945.

«Já ouvi antes esse nome», disse Kuenzle, enquanto pegava na pasta que estava diante dele. Ao abri-la, a primeira coisa que

apareceu foi a fotografia pouco nítida de um homem envergando o uniforme da SS e com o braço direito estendido, enquanto a outra mão empunhava uma pistola. Ao fundo, viam-se o que parecia serem mulheres despidas e covas abertas diante delas. Herberts Cukurs participou na execução de várias dezenas de crianças judias no bosque de Rumbula, sobre cujas campas dançou, e na aniquilação de 30 000 judeus de Riga, ganhando por isso as alcunhas de o Carniceiro de Riga e o Carrasco de Riga, segundo outras versões. Para a Mossad, o mais incrível não era que tivesse matado tanta gente com as suas próprias mãos, mas que, no seu refúgio sul-americano, se dedicasse a conceder entrevistas aos jornais brasileiros¹⁷.

«Proponho que tu, eu, Michael e Dova'le, vamos ao Brasil, o localizemos e o executemos, como ele fez com os nossos em Riga», propôs um dos participantes na reunião. Era evidente que para semelhante missão era preciso consultar Telavive, o *memuneh*, o general Meir Amit, chefe de operações especiais da Mossad, e Rafi Eitan. A centenas de quilómetros do lugar onde se encontravam, Amit e Eitan marcaram um encontro para analisar os prós e os contras de uma operação que ia provocar um sério conflito diplomático, tal como tinha acontecido com a Argentina após o sequestro de Eichmann. Era preciso ficar tudo bem esclarecido antes de pedir autorização ao primeiro-ministro, Levi Eshkol. Amit falou com os seus agentes, pedindo-lhes uma última informação sobre os seus planos para atravessarem o círculo de segurança de Cukurs. Esse era realmente o principal problema. O melhor seria conseguir que o próprio Herberts Cukurs viajasse até um país menos rigoroso nas suas medidas de segurança, por exemplo o Uruguai, para levar a cabo o golpe¹⁸.

O segundo problema era como levá-lo do Brasil para o Uruguai. Yoav propôs uma operação idêntica à de Eichmann, mas para Antón esse objetivo não valia a pena. «Sai mais barato executá-lo no Brasil; mas há que localizá-lo», disse¹⁹. O que Antón Kuezle não sabia era que a Mossad já tinha a morada do Carrasco de Riga. «Se sabíamos onde estava e o deixássemos com vida, isso queria dizer que estávamos a esquecer os judeus que morreram às mãos de Herberts Cukurs e de carrascos como ele, em Riga e em Rumbula», declarou Eitan²⁰. Depois de ouvir estas palavras, o primeiro-ministro Eshkol disse: «Avancem». O que significava que dava luz verde para a Operação Riga. Foi Rafi Eitan quem ordenou aos seus homens que executassem o Carrasco de Riga.



Única fotografia que se conserva de Cukurs durante a guerra.

As melhores pistas sobre Cukurs chegaram de um seu antigo companheiro nas tarefas de liquidação de judeus em Riga, o também letão Viktors Arājs. Um agente da Mossad que se fez passar por um jornalista austríaco conseguiu entrevistá-lo na prisão de Kassel. Arājs declarou ao suposto jornalista saber que Cukurs estava algures no Brasil. O criminoso de guerra letão garantiu

inclusive que Cukurs tinha chegado ao Brasil graças à mediação do doutor Josef Mengele, o Anjo da Morte de Auschwitz. Este último dado nunca chegou a ser provado, o que pressupôs mais um aliciante para Amit e Eitan. Se conseguissem estabelecer contacto com Cukurs, talvez também pudessem localizar o esconderijo de Mengele; e para a Mossad, este era uma presa mais importante do que o letão²¹.



Rafi Eitan, que ordenou a execução de Cukurs.

Na realidade, Herberts Cukurs nem sequer se tinha dado ao trabalho de mudar de nome. Residia com a família num subúrbio de São Paulo chamado Interlagos, e tinha vários negócios: uma companhia de aluguer de barcos e de hidroaviões na praia, e plantações de bananeiras na selva brasileira. O problema continuava a ser como conseguir atravessar o círculo de segurança de Cukurs. Por fim, decidiu-se que Antón Kuenzle, que dominava o alemão, ficaria encarregado de ganhar a confiança do criminoso de guerra. Para isso, a Mossad facultou ao seu agente um passaporte austríaco falso e um perfeito perfil financeiro, apoiado por informações bancárias de importantes entidades europeias, como o Amro Bank ou o Credit Suisse. Também se fizeram cartões

comerciais com o endereço de um apartado dos correios na cidade holandesa de Roterdão.

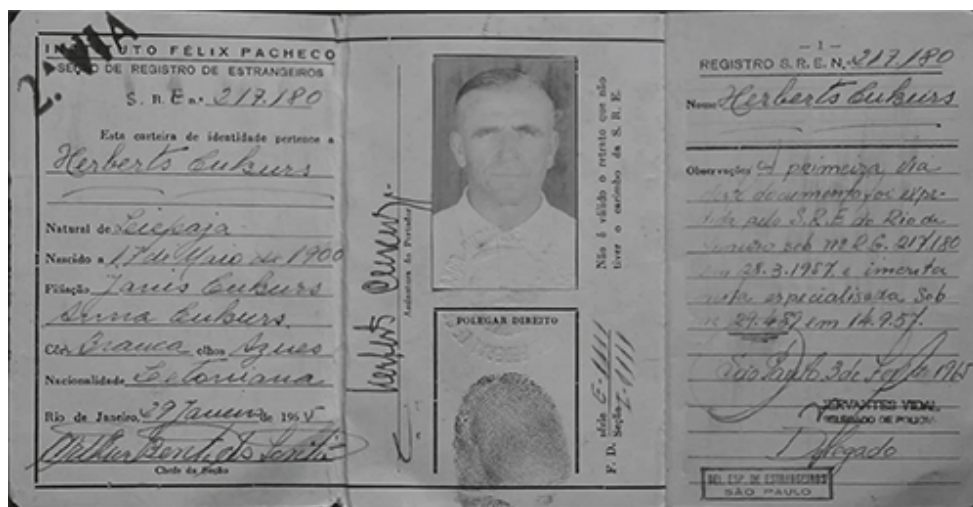
A Mossad sabia que Cukurs se tinha instalado no Rio de Janeiro, no número 645 da rua Barata-Ribeiro, e que era portador de um bilhete de identidade brasileiro com o número 217180. Cukurs julgava estar a salvo da justiça alemã, mas o que ele não sabia era que não estava a salvo da justiça israelita. Não obstante, um pequeno problema iria atrasar a Operação Riga. Por aqueles dias, Cukurs e a sua família tentavam conseguir a nacionalidade brasileira; mas quando estava prestes a ser-lhes concedida, a Organização Judaica do Brasil tentou paralisar as diligências. O facto colocou Herberts Cukurs na primeira página de todos os jornais do Brasil²². Depois de consultarem Telavive, receberam ordens para esperar. A vontade de capturar Josef Mengele era ainda maior do que a vontade de executar um simples criminoso de guerra letão²³.



Antón Kuenzle, o agente da Mossad que matou Cukurs.
O seu verdadeiro nome era Yaakov Meidad.

Nessas mesmas datas e devido à pressão da imprensa e da opinião pública, Cukurs e a família decidiram mudar-se para São Paulo, sob a proteção dos serviços secretos brasileiros, a DOPS. Estes concederam a Herberts Cukurs uma licença de porte de armas. Ao mesmo tempo, um leitor judeu chamado Moshe Beilinson escreveu no jornal *yiddish* nova-iorquino *Der Torgue Morgen*: «O sangue dos judeus inocentes de Riga pede justiça e exige que se leve a tribunal o SS *Hauptmann* Herberts Cukurs, o Eichmann de Riga. Temos de detê-lo antes que desapareça.»

Uma manhã, Antón Kuenzle almoçava num restaurante rodeado por um magnífico relvado, que acabava num grande lago artificial. Aquele era o local preferido pelos residentes de São Paulo para passarem o fim de semana. Vários jovens nadavam ou remavam em barquinhos de várias cores, amarrados num cais de madeira. Depois da refeição, o agente da Mossad aproximou-se do cais onde estava uma elegante jovem, de cerca de 20 anos, com um monte de notas na mão. Com um forte sotaque alemão, o agente da Mossad dirigiu-se a ela, perguntando se falava francês ou inglês. A jovem respondeu que podia falar alemão. Kuenzle apresentou-se como um homem de negócios que procurava novas oportunidades de investimentos no setor turístico da região. A jovem respondeu às perguntas do austríaco. Pouco depois, o agente da Mossad descobriu que ela era a esposa de um dos filhos de Cukurs. Depois de numerosas perguntas, a rapariga começou a cansar-se de lhe dar respostas; dirigiu-se a Kuenzle e, apontando para um homem vestido informalmente e usando um panamá branco, disse-lhe: «Está a ver aquele homem de cabelo branco? É quem melhor conhece o setor turístico da zona. Fale com ele, de certeza que vai ajudá-lo.» E acrescentou: «Fala alemão como o senhor.» Aquele homem era Herberts Cukurs.²⁴



Bilhete de identidade brasileiro de Herberts Cukurs.

Depois de um breve cumprimento com um forte sotaque alemão, o homem tirou os óculos e observou o recém-chegado. «Sou Antón Kuenzle, um homem de negócios e estou interessado em investir no setor do turismo», disse Kuenzle. Cukurs levantou-se e, dirigindo-se a ele, propôs-lhe dar uma volta de avião sobre São Paulo. O agente respondeu afirmativamente e, quando estava prestes a levantar-se da cadeira, o homem estendeu-lhe a mão e disse: «Sou Herberts Cukurs.» Estava estabelecido o contacto com o alvo. De regresso a terra, Cukurs dirigiu-se-lhe e perguntou: «Gostaria de partilhar uma cerveja comigo no meu barco? Assim poderei responder às suas perguntas.»

Surpreendentemente, depois de várias cervejas, Cukurs aproximou-se do seu interlocutor e disse: «Sou acusado de ser um criminoso de guerra. Eu!! Depois de ter salvo uma menina judia e de tê-la protegido durante toda aquela merda de guerra.»

O agente da Mossad disse a Cukurs que tinha servido na frente russa, até que uma «bala bolchevista» lhe penetrou no corpo durante uma batalha. «Até que posto chegou?», perguntou Cukurs.

«Até tenente», respondeu o agente israelita. Cukurs pensou que Kuenzle tinha servido numa patente mais elevada na Wehrmacht, mas que o seu interlocutor preferia esconder a sua patente durante a guerra. Dias depois, Antón Kuenzle recebeu uma chamada de Cukurs convidando-o a jantar em sua casa.

O encontro seguinte com Herberts Cukurs teria lugar na sexta-feira, 25 de setembro de 1964. Tinha passado já uma semana desde o seu primeiro encontro e do convite para jantar. O agente israelita conduzia um *Volkswagen Carocha* pela estrada estreita que levava até ao bairro da Riviera. Ao chegar a um enorme portão de ferro, guardado por vários pastores-alemães em atitude pouco amistosa, decidiu buzinar. Um homem armado com uma pequena pistola *Beretta* saiu-lhe ao caminho. Sem se alterar, o agente pronunciou o nome do seu homem: «Procuro Herr Cukurs.» Um caminho desimpedido, rodeado por prados cobertos por uma relva bem tratada, levava até uma grande mansão. A Mossad sabia que, entre 1941 e 1944, Herberts Cukurs tinha juntado uma importante fortuna, roubando as suas vítimas judaicas. Parte dessa fortuna fora gasta pelo criminoso de guerra letão nas tentativas de escapar ao avanço do Exército Vermelho durante as últimas semanas da guerra. A rota de fuga Riga-Alemanha-França-Espanha-Portugal-Brasil tinha-lhe saído bastante cara. A família Cukurs vivia modestamente, embora o seu nível fosse bastante superior ao da família Eichmann. Da cozinha surgiu uma mulher pequena, que se dirigiu ao agente com a mão estendida. «Guten Tag», disse Milda Cukurs²⁵.

Herberts Cukurs e Antón Kuenzle detiveram-se diante de uma parede onde se alinhava um grande número de condecorações. A Ordem de Santos Dumont, concedida pelo seu voo à Gâmbia, em

1934, era a que o deixava mais orgulhoso. Noutra zona do seu escritório, exibia uma vitrina-armeiro, onde expunha uma importante coleção de armas: uma *Beretta* 6,35 mm, uma *Mauser* 7,63 semiautomática ou uma carabina 5,56 mm.

Depois de um almoço frugal, Herberts Cukurs propôs ao seu convidado uma visita aos seus negócios na cidade. Numa oficina de reparações de barcos, Cukurs revelou a Kuenzle que também era proprietário de duas plantações em plena selva. O caminho desde São Paulo até à plantação de Cukurs foi bastante monótono. De ambos os lados da estrada alinhavam-se filas e filas de palmeiras.

Na bagageira da viatura em que viajavam, o criminoso de guerra tinha metido a carabina semiautomática. Por volta do meio-dia, o veículo parou diante de uma vedação com um grande cartaz a dizer «Rancho das Corujas», o nome da plantação de Cukurs. «Em seguida iremos ao Rancho dos Escravos, que também é meu, mas que é muito maior», disse Cukurs. «Aí tenho umas cento e vinte mil bananeiras.» Depois de um curto passeio pela selva que rodeava a plantação, o Carrasco de Riga sacou do estojo a carabina semiautomática e, dirigindo-se a Kuenzle, perguntou-lhe se queria provar a sua pontaria. Cukurs fez dez disparos seguidos, todos eles agrupados num raio de cinco centímetros. «É a sua vez», disse Cukurs, enquanto lhe passava a carabina sem recarregar. O ex-nazi pensava que o seu convidado tinha servido como oficial de alta patente da Wehrmacht, na frente russa; mas na realidade Antón Kuenzle tinha servido durante seis anos no 6.º Regimento Rei Jorge e um bom número de anos mais nas forças de defesa Israelitas, a IDF. O agente da Mossad pegou na arma, recarregou, apontou e disparou dez tiros. Todos os impactos ficaram dentro de um raio de três centímetros²⁶. O ex-nazi abraçou pelos ombros o agente da

Mossad para demonstrar o laço de amizade nascido entre dois antigos camaradas ao serviço do *Führer* Adolf Hitler.

Durante a viagem de regresso, de Santos para São Paulo, Cukurs comentou com Kuenzle que ele devia ir conhecer Porto Alegre, um lugar ideal para investir, não muito longe de São Paulo e bastante perto da fronteira do Uruguai. O agente da Mossad propôs então a Herberts Cukurs convidá-lo para Porto Alegre, com todas as despesas pagas. «Preciso que venha comigo, já que conhece a zona e eu tenho muito dinheiro para investir. Talvez você e eu possamos fazer negócios juntos», disse Kuenzle a Cukurs. Na realidade, as conversas entre os dois homens nunca versavam sobre política, nem sobre a guerra, nem sobre o nazismo ou sobre a figura de Hitler. Só em duas ocasiões o ex-nazi falou do passado. Na primeira ocasião, Herberts Cukurs nomeou durante uma conversa o SS-*Obersturmbannführer* Josef Kramer²⁷, comandante do campo de concentração de Auschwitz e, mais tarde, de Bergen-Belsen, que disse ter conhecido durante uma visita a Berlim. O agente da Mossad permaneceu em completo silêncio. Na segunda ocasião, Herberts Cukurs recordou os seus anos de glória em Riga, durante a ocupação alemã da Letónia.



Cukurs no Brasil, mostrando o seu uniforme da Segunda Guerra Mundial.

Dias mais tarde, Antón Kuenzle convidou Herberts Cukurs para jantar, no elegante restaurante suíço do hotel em que estava hospedado, situado no 25.º andar, a fim de prepararem a viagem a Porto Alegre. Aquele tipo de coisas impressionava Cukurs. Durante o jantar, Kuenzle disse ao seu convidado que talvez precisasse de um passaporte com o visto para o Uruguai. «Já que estamos tão perto, talvez devêssemos ir a Montevideu para ver como estão os investimentos turísticos nessa zona», disse Kuenzle a Cukurs. O agente começava já a preparar o golpe. Antes de regressar ao seu hotel, o israelita disse a Cukurs: «Antes de regressar à Europa, tenho de fazer mais uma viagem ao Uruguai. Vou hospedar-me no hotel Victoria Plaza. Tenho pensado investir ali muito dinheiro e fazê-lo sócio, para que leve os meus negócios para o Uruguai.»

Nessa mesma noite, Antón Kuenzle comunicou a toda a sua equipa que executariam o golpe em Montevideu e que deveriam

reunir-se todos nessa cidade para o preparar. Nesses dias, Kuenzle recebeu um telegrama que dizia: «*Herr* Kuenzle, terminei todas as diligências que me pediu. Já tenho o passaporte, incluindo os vistos para o Uruguai e para o Chile. Espero a sua chegada e mais detalhes para a nossa viagem de negócios. Com amizade, Herberts Cukurs.»²⁸

«Os meus sócios da Europa e eu, desejamos nesta viagem concentrar-nos em dois países: Uruguai e Chile. Trouxe bastante dinheiro para preparar tudo e comprar os bilhetes de avião para Santiago e para Montevideu. [...] Deverá ter tudo preparado para quando eu regressar de uma curta viagem que tenho de fazer a Buenos Aires», indicou Kuenzle.

Pelos altifalantes do aeroporto anunciavam já a saída do voo da Air France com destino à capital argentina. Tinha começado a contagem decrescente. O primeiro agente da Mossad a chegar a Buenos Aires foi Oswald Tassing, de cerca de 40 anos, que tinha apresentado o seu passaporte austríaco para passar o controlo do aeroporto. Pouco depois, em diferentes voos, chegavam à capital argentina Yoav, Arie e Dova'le, os outros três elementos que formavam a equipa de execuções da espionagem israelita. Na primeira reunião dos cinco agentes da Mossad, Antón Kuenzle informou os companheiros de que não deviam confiar em Cukurs, apesar dos seus 65 anos. «Pode comportar-se como um animal selvagem se se vir encurralado. Não se lhe pode dar a mais pequena oportunidade», afirmou Kuenzle aos companheiros. Oswald era um estrangulador perito. A 10 de fevereiro de 1965, parte da equipa chegou a Montevideu, instalando-se no elegante hotel Nogaro. Nos dias seguintes, seguiram-no Yoav e Arie, um especialista lutador de karaté que podia partir o pescoço a qualquer

um em plena rua, sem que os transeuntes à sua volta dessem por isso. Uma das suas especialidades era agarrar a vítima pelos ombros, rodear-lhe o pescoço com o seu braço e, unicamente com a pressão dos dedos, partir-lhe a coluna²⁹.

Os dias foram passando sem que o comando da Mossad soubesse onde poderiam executar Cukurs, até que uma manhã Oswald Taussing anunciou que tinha conhecido um grego chamado Dyonisos Maverides, que lhe falara numa grande casa num bairro isolado de Montevideu. Taussing disse a Maverides que precisava de a alugar durante vários meses, mas que antes queria que a esposa a visse. A casa era demasiado grande, mas pelo menos o bairro onde estava situada era tranquilo. Pelas suas ruas não passava quase nenhum veículo, e isso era uma vantagem. Na manhã seguinte, Antón Kuenzle dirigiu-se à estação dos correios e enviou um telegrama a Herberts Cukurs: «Caro Herberts, os negócios vão bem. Preciso da tua ajuda. Ficaria encantado se pudesse reunir-se comigo em Montevideu no dia 23 de fevereiro, de manhã. Atenciosamente, Antón.»³⁰ Poucos dias depois, ao regressar ao hotel Victoria Plaza, o rececionista fez um sinal ao agente da Mossad e entregou-lhe um telegrama fechado. Cukurs informava-o de que chegaria a Montevideu num voo da Air France, no mesmo dia 23. Ao comunicá-lo aos membros do Metsada, a alegria inundou todos os presentes. Tinham conseguido enganá-lo. Oswald e Dova'le percorriam a essa mesma hora vários armazéns, com a intenção de adquirir um grande baú de viagem, e três grossos tapetes. Pelo primeiro pagaram 720 pesos e pelos tapetes 900. Kuenzle, para não levantar suspeitas, dirigiu-se à agência de viagens Thomas Cook, em pleno centro de Montevideu e comprou dois bilhetes de avião Montevideu-Santiago do Chile, para o dia 25

de fevereiro, em seu nome e no de Herberts Cukurs. Seria a última noite em que se veriam todos os membros do comando israelita³¹.

Na terça-feira, 23 de fevereiro de 1965, a primeira página de todos os jornais do Uruguai anunciavam que o governo de Bona discutiria na manhã seguinte os crimes nazis. Os agentes da Mossad pensaram que era uma mensagem divina quando eles estavam prestes a executar um golpe contra um criminoso de guerra letão, que apenas vinte e quatro anos antes tinha participado em crimes horríveis contra a comunidade judaica de Riga. A essa mesma hora, o trem de aterragem do Air France 083 tocava na pista, no Uruguai. Antón Kuenzle olhou por entre os ombros das pessoas que se encontravam diante dele, até que conseguiu divisar Herberts Cukurs. Envergando um fato claro e uma gravata grená, mais parecia um respeitável homem de negócios do que um criminoso de guerra nazi.

«A minha esposa Milda perguntou-me o que íamos fazer ao Uruguai e eu não soube responder-lhe», garantiu Cukurs. Já no interior do *Volkswagen* preto alugado por Kuenzle, que se dirigia pela estrada em direção ao centro de Montevideu, o agente israelita respondeu: «Vamos fazer grandes coisas e garanto-lhe que vai fazer parte delas». O resto da equipa da Mossad esperava na casa Cubertini a chegada dos visitantes. «Agora há que trabalhar. Encontrei um escritório provisório que lhe vou mostrar esta tarde. É verdade que não estou muito satisfeito com ele, não é elegante. Estou a planear importantes investimentos aqui e precisamos de encontrar outro escritório», disse Kuenzle a Cukurs.

Minutos depois, ambos os homens dirigiram-se no *Volkswagen* para o bairro de Carrasco. «Seguindo a nossa rotina», disse Kuenzle a um confiado Cukurs, «temos de reunir com o agente

imobiliário para continuarmos a procurar outros escritórios.» A viatura negra seguiu lentamente pela rua de Cartagena. Quatro casas mais adiante, chegaram a uma pequena clareira com a relva bem aparada e que dava acesso à casa Cubertini. «É aqui. É esta a casa», disse o israelita a Cukurs, enquanto este descia pesadamente do automóvel. Os dois homens caminharam alguns metros até à entrada principal da casa. Atrás podiam ouvir-se os passos de Herberts. Segundos depois, estavam ambos no interior. Os quatro membros da Mossad que faziam parte da equipa tinham despido a sua roupa, ficando unicamente em roupa interior.

Na penumbra, Kuenzle fechou a porta atrás de Cukurs e, nesse momento, os quatro israelitas saltaram sobre a sua presa. Um deles dominou o criminoso de guerra com um cabo de aço em volta do pescoço, enquanto dois tentavam imobilizar-lhe os braços. Cukurs procurava o olhar de Kuenzle, como que em busca de ajuda, com o rosto avermelhado devido à falta de ar nos pulmões, sem perceber o que estava a acontecer; apesar dos seus 65 anos, Herberts Cukurs defendia-se como um animal selvagem encurralado. Conseguiu libertar uma das mãos e procurou a maçaneta da porta para a abrir. Os cinco agentes da Metsada puxaram por ele para o afastarem da porta e levá-lo até ao centro da sala, onde o chão estava coberto por três enormes e grossos tapetes. Cukurs percebeu nesse momento que lhe restavam poucos minutos de vida³².

A certa altura, Herberts Cukurs levou a mão ao bolso traseiro para tentar sacar uma pequena *Beretta* que levava escondida. Com um golpe, Yoav conseguiu arrancar-lha dando um grito de dor. Outro dos agentes israelitas agarrou num martelo e deu-lhe uma pancada na parte direita da cabeça. O sangue corria em abundância, manchando um dos tapetes. O plano inicial era paralisar Cukurs e

não executá-lo instantaneamente. Meir Amit, *memuneh* da Mossad, tinha dado ordens para tentar arrancar-lhe os nomes de outros criminosos de guerra nazis refugiados na América do Sul e os seus paradeiros atuais. Perante a resistência de Cukurs, um dos agentes encostou-lhe à nuca o cano da sua pistola com silenciador e disparou duas vezes. As duas balas acabaram com a vida de Herberts Cukurs, o Carrasco de Riga, na terça-feira 23 de fevereiro, às 12h30. Seguidamente, os agentes esvaziaram os bolsos de Cukurs, depositando os objetos num saco de plástico: um passaporte brasileiro com o número 27 999, emitido a 2 de fevereiro de 1965, um par de óculos com uma lente partida e uma pistola *Beretta* 6,35 mm, modelo 950 e com o número de registo B78137. O corpo de Cukurs foi então metido no baú de madeira e, antes de fecharem os três cadeados, os agentes israelitas meteram no interior um papel em que podia ler-se:

VEREDICTO.

Considerando a gravidade dos crimes de HERBERTS CUKURS, dos quais é acusado. Responsabilidade pessoal no assassinato de 30 000 homens, mulheres e crianças e considerando a terrível crueldade demonstrada por HERBERTS CUKURS no desenvolvimento dos seus crimes, nós condenamos à morte o dito CUKURS. Foi executado a 23 de fevereiro de 1965, por «Aqueles que nunca esquecem».

Seguidamente, Kuenzle fechou a tampa do baú com Cukurs no interior, limparam o sangue, vestiram-se e os agentes da Mossad simplesmente desapareceram. A 6 de março, dez dias depois de a equipa do Metsada ter executado o criminoso de guerra nazi, um carro da polícia parou diante de uma casa na rua de Cartagena. Como ninguém respondia, um dos agentes resolveu quebrar uma pequena janela para espreitar para o interior. Nesse momento, um

cheiro fétido procedente do interior da casa chegou ao nariz do agente. Ao entrarem, os dois agentes observaram a alguns metros da porta de entrada um baú com reforços de madeira e fechado com três cadeados. Num dos lados do baú via-se uma grande mancha de sangue seco. Lá dentro, em estado de avançada decomposição, descobriram o cadáver de um homem sem identificação. Um dos agentes pegou no papel em que estava escrito o veredicto. O corpo era o de Herberts Cukurs, um criminoso de guerra da Letónia, executado por um grupo anónimo, que se autoproclamava como «Aqueles que nunca esquecem».



Cadáver de Herberts Cukurs, no interior do baú.

A notícia da descoberta do cadáver espalhou-se como pólvora desde Moscovo a Nova Iorque e desde Buenos Aires a Telavive. A imprensa de todo o mundo estava muito interessada em escrever sobre «Aqueles que nunca esquecem» e a imaginação de muitos jornalistas pôs-se em marcha. Tinham decorrido apenas três anos desde a execução de Adolf Eichmann numa prisão israelita; e diversos meios de comunicação, como o *The Times*, de Londres, publicavam na sua primeira página: «“Aqueles que nunca

esquecem” só podem ser israelitas.» Os jornais uruguaio, argentinos e brasileiros fizeram eco da notícia. Um jornalista amigo de Herberts Cukurs publicou que talvez pudesse ter sido assassinado por indivíduos do círculo de Josef Mengele; Cukurs tinha ameaçado de revelar o local do seu refúgio. Os historiadores Gerald L. Posner e John Ware, na sua exaustiva biografia sobre o Anjo da Morte de Auschwitz, *Mengele: The Complete Story* explicam que Cukurs tinha graves problemas financeiros e podia estar prestes a atrair Josef Mengele para ganhar uma choruda recompensa.



Dois funcionários transportam o baú onde se achou o cadáver de Herberts Cukurs.

A polícia brasileira sempre pensou que tinha sido morto pelos seus próprios correligionários nazis, a quem Cukurs, acossado pelas dívidas, estava disposto a denunciar. Segundo Posner e Ware, Cukurs estaria disposto a revelar o paradeiro de Mengele a troco de uma boa recompensa. Inclusive o jornalista do *The New York Times*,

Jack Anderson, escreveu esta mesma informação, afirmando que o criminoso de guerra letão estava prestes a dar aos israelitas o paradeiro exato do Anjo da Morte de Auschwitz. «Cukurs deve ter chegado a um acordo com os israelitas: em troca da sua própria segurança e mais de cem mil dólares em dinheiro, ofereceu-se para os levar até Mengele. [...] Josef Mengele era nitidamente a peça mais cobiçada por Israel. Cukurs ofereceu-se inclusive para transportar o comando judaico no seu hidroavião. Podiam aterrar secretamente e aproximar-se do descuidado Mengele por água. As minhas fontes garantem que Mengele farejou o jogo de Cukurs. Será que Mengele, ao saber que Cukurs estava disposto a vendê-lo, ordenou que o matassem? As minhas fontes acham que sim.»³³

Por outro lado, Michael Bar-Zohar, no seu livro *The Avengers*, contribuiu para dar maior brilho à história dos agentes israelitas que tinham participado na Operação Riga. Bar-Zohar chegou a afirmar que Wiesenthal lhe disse em Viena que conhecia todos os membros da Mossad que acabaram com a vida de Cukurs.

Conheço esses homens [...] Vieram ver-me aqui, ao meu escritório. Andavam atrás de Mengele e pediram-me informação sobre o local onde ele se escondia. Esta «Comissão dos Doze» tinha muito dinheiro e planeava sequestrar Mengele e levá-lo num iate para julgá-lo em alto-mar³⁴.

A 12 de março de 1965, o jornal israelita *Ma'ariv* publicava uma história com o seguinte título: «Interpol pede ajuda à Polícia Criminal de Israel em relação com o assassinato do criminoso de guerra nazi Cukurs.» A notícia aparecia ilustrada com uma fotografia de um retrato-robô enviado pela polícia de Montevideu sobre «o homem de negócios austríaco que tinha sido visto com Cukurs poucas horas antes da sua morte». A 16 de março, um semanário brasileiro

publicava uma entrevista com Milda Cukurs, viúva do criminoso de guerra, em que garantia que o seu marido, antes de partir para o Uruguai, lhe tinha dito: «Se alguma coisa me acontecer, o único responsável será o meu novo amigo austríaco Antón Kuenzle, o homem que esteve em nossa casa tomando café e bolos.» Sem dúvida, o criminoso de guerra letão tinha razão.

Embora a família Cukurs tenha tentado por todos os meios lavar a imagem do patriarca, não o conseguiu. Desde a queda do comunismo na Letónia realizaram-se esforços reiterados para reabilitar a figura de Cukurs. Por exemplo, em Riga realizou-se uma exposição em honra do «Herói Nacional» Herberts Cukurs, em que se descrevia como «inofensiva» a sua participação no Kommando Arājs.

Los Pasos de Cukurs y sus Ejecutores por Montevideo

Los sucesos de Montevideo por el asesinato de Cukurs son los primeros de la guerra y los últimos de la guerra. El asesinato de Cukurs es el primer paso de la guerra y los últimos de la guerra. El asesinato de Cukurs es el primer paso de la guerra y los últimos de la guerra.

El asesino de Cukurs, el asesino de Cukurs, el asesino de Cukurs.

CUADRO DE HORROR

Un cuadro de horror es el que se presenta al lector al leer el artículo de Cukurs. Un cuadro de horror es el que se presenta al lector al leer el artículo de Cukurs.

DESCUBREN EL CADÁVER

Se descubrió el cadáver de Cukurs en un lugar que se había convertido en un lugar de horror. Se descubrió el cadáver de Cukurs en un lugar que se había convertido en un lugar de horror.

LOS DOCUMENTOS

Los documentos encontrados en el lugar del crimen son los primeros de la guerra y los últimos de la guerra. Los documentos encontrados en el lugar del crimen son los primeros de la guerra y los últimos de la guerra.

BAUL FABRICADO AQUÍ

El baul de Cukurs fue fabricado en un lugar que se había convertido en un lugar de horror. El baul de Cukurs fue fabricado en un lugar que se había convertido en un lugar de horror.

EL TELEGRAMA QUE MOVIO LA MADEJA

Un telegrama que se envió desde Montevideo a Berlín es el que movió la madeja. Un telegrama que se envió desde Montevideo a Berlín es el que movió la madeja.

ALIVIA LATOS

Aliviar los latos de Cukurs es el primer paso de la guerra y los últimos de la guerra. Aliviar los latos de Cukurs es el primer paso de la guerra y los últimos de la guerra.

TODO AÚN SIN AUTOPSIA

Por el momento no se ha realizado la autopsia de Cukurs. Por el momento no se ha realizado la autopsia de Cukurs.

SINTESIS

EL MUNDO DE LA MAÑANA. LOS NEGOCIOS. APARECE TODOS LOS LUNES.

Reportagem sobre o assassinato de Cukurs no Uruguai.

Em 2004, o então ministro letão de Assuntos Exteriores, Artis Pabriks, condenou a emissão de selos postais dedicados à figura de Cukurs. Num comunicado, Pabriks disse: «É necessário reconhecer que Herberts Cukurs não era simplesmente um piloto experiente, também foi culpado de crimes de guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial, tomou parte nas atividades do infame Kommando Arājs, que fez parte do Holocausto e foi responsável pelo assassinato de milhares de civis inocentes. [...] Os que fabricaram tais selos na Letónia evidentemente não entendem a trágica história da Segunda Guerra Mundial na Letónia ou na Europa.»³⁵. O Ministério Público da Letónia também se recusou em duas ocasiões a isentar Herberts Cukurs das acusações de crimes de guerra. Inclusive em 2016, após a publicação do meu livro *Mossad, os Carrascos do Kidon*, no Brasil, Antinea Cukurs, filha do criminoso de guerra, ameaçou processar-me nos tribunais daquele país. O processo nunca avançou.

¹ Andrew Ezergailis, *The Holocaust in Latvia 1941-1944, The Missing Center*, Historical Institute of Latvia & the United States Holocaust Memorial Museum, Riga, 1996.

² Andrejs Plakans, *Perkonkrusts: In Plakans, Andrejs. Historical Dictionary of Latvia*, Scarecrow Press, Nova Iorque, 1997.

³ Matthew Kott, *Latvia's Perkonkrusts: Anti-German National Socialism in a Fascistogenic Milieu*, *Journal of Comparative Fascist Studies*, Brill Publishers, Leiden, 2015.

⁴ Richards Plavnieks, *Nazi Collaborators on Trial during the Cold War: Viktors Arājs and the Latvian Auxiliary Security Police*, Palgrave Macmillan, Nova Iorque, 2018.

⁵ Daniel-Charles Luytens, *Les Collabos: Ceux qui partout dans le monde se rangèrent derrière Adolf Hitler, 1939-1945*, Jourdan, Paris, 2015.

⁶ Lambert M. Surhone, *Viktors Arājs, Schutztaffel, The Holocaust in Latvia*, Betascript Publishing, Internet, 2010.

⁷ O massacre na Grande Sinagoga de Riga, assim como a participação nele de Herberts Cukurs foi relatado por Raphael Schyb, residente em Toronto (Canadá) em

dezembro de 1949, perante a Comissão de Investigação de Crimes Nazis nos Estados Bálticos. Vide também Waylon Christian Terryn, *Burning of the Riga Synagogue*, Franz Walter Stahlecker, Viktors Arajs, *Arajs Kommando, Pogrom*, FERPublishing, Internet, 2008.

8 Andrew Nagorski, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.

9 Max Kaufmann, *Churbn Lettland, The Destruction of the Jews of Latvia*, Hartung-Gorre Verlag, Constanza, 2010.

10 Gerald Fleming, *Hitler and the Final Solution*, University of California Berkeley, San Francisco, California, 1984.

11 Gertrude Schneider, *Journey into Terror: story of the Riga Ghetto*, Praeger Books, Westport, Connecticut, 2001.

12 Bernhard Press, *The Murder of the Jews in Latvia: 1941-1945*. Northwestern University Press, Evanston, Illinois, 2000.

13 Anton Kuenzle e Gad Shimron, *The Execution of the Hangman of Riga*, Vallentine Mitchell Portland, Oregon, 2004.

14 Meir Amit, *A Life in Israel's Intelligence Service: An Autobiography*, Vallentine Mitchell, Londres, 2005.

15 Antón Kuenzle e Gad Shimron, *The Execution of the Hangman of Riga. The Only Execution of a Nazi War Criminal by the Mossad*, Vallentine Mitchell, Londres, 2004.

16 Richard Breitman, *U.S. Intelligence and the Nazis*, National Archives Trust Fund Board, Washington DC, 2004.

17 Eric Frattini, *Mossad, los verdugos del Kidon*, Atanor, Madrid, 2011.

18 Meir Amit, *A Life in Israeli's Intelligence Service: An Autobiography*, Vallentine Mitchell, Londres, 2005.

19 Antón Kuenzle e Gad Shimron, *The Execution of the Hangman of Riga. The Only Execution of a Nazi War Criminal by the Mossad*, Vallentine Mitchell, Londres, 2004.

20 Raful Eitan, *A Soldier's Story: The Life and Times of an Israeli War Hero*, S.P.I. Books, Nova Iorque, 1992.

21 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Lanham, Maryland, 2000.

22 Antón Kuenzle e Gad Shimron, *The Execution of the Hangman of Riga. The Only Execution of a Nazi War Criminal by the Mossad*, Vallentine Mitchell, Londres, 2004.

23 Meir Amit, *A Life in Israel's Intelligence Service: An Autobiography*, Vallentine Mitchell, Londres, 2005.

24 Eric Frattini, *Mossad, los Verdugos del Kidon*, Atanor, Madrid, 2011.

25 Antón Kuenzle e Gad Shimron, *The Execution of the Hangman of Riga. The Only Execution of a Nazi War Criminal by the Mossad*, Vallentine Mitchell, Londres, 2004.

26 *Ibidem*.

27 Josef Kramer, nascido na Alemanha em 1906, foi considerado culpado de genocídio pelo Tribunal Internacional de Nuremberga, e executado a 1 de outubro de 1946.

28 Antón Kuenzle e Gad Shimron, *The Execution of the Hangman of Riga. The Only Execution of a Nazi War Criminal by the Mossad*, Vallentine Mitchell, Londres, 2004.

29 Andrew Nagorski, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.

30 Antón Kuenzle e Gad Shimron, *The Execution of the Hangman of Riga. The Only Execution of a Nazi War Criminal by the Mossad*, Vallentine Mitchell, Londres, 2004.

31 Andrew Nagorski, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.

32 Eric Frattini, *Mossad, los Verdugos del Kidon*, Atanor, Madrid, 2011.

33 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Lanham, Maryland, 2000.

34 Michael Bar-Zohar, *The Avengers*, Littlehampton Book Services Ltd., Londres, 1968.

35 Ministério de Assuntos Exteriores da República da Letónia, *Latvia's Minister of Foreign Affairs, Artis Pabriks, condemns the issuance of postal envelopes dedicated to Herberts Cukurs*, 30.09.2004.

11

JOSEF MENGELE O Anjo da Morte

Na pequena cidade bávara de Autenried, a 330 quilómetros de Altaussee, a esposa de um criminoso de guerra negava-se a acreditar em todos os boatos que corriam sobre o marido. Apenas alguns dias antes, a 3 de maio de 1945, Irene Mengele tinha ouvido na rádio as informações dos Aliados sobre os crimes levados a cabo pelo marido no campo de concentração de Auschwitz¹. Os crimes de que falavam, e que supostamente tinham sido cometidos pelo *Hauptsturmführer*-SS (capitão) Josef Mengele, eram terríveis e Irene não conseguia acreditar. Tal como muitos alemães, pensava que tudo aquilo fazia parte de uma campanha de propaganda dos Aliados e que as fotografias em que se mostravam pilhas de corpos esqueléticos no campo de concentração de Dachau pertenciam na realidade às vítimas dos bombardeamentos aliados sobre cidades como Dresden². No entanto, o que nem a senhora Mengele nem muitos alemães ainda sabiam era que as informações eram verdadeiras e que tinham base em testemunhos diretos de prisioneiros que sobreviveram às experiências do seu marido.

Inúmeros testemunhos recolhidos pelos Aliados revelaram que um médico desconhecido tinha realizado em centenas de homens, mulheres e crianças e em nome da ciência as mais terríveis experiências que a mente humana poderia imaginar.

Um desses testemunhos-chave foi o de Katherine Neiger, de 23 anos de idade, uma judia checoslovaca que sobreviveu a Auschwitz e a Belsen³. Detida a 13 de outubro de 1941 pela Gestapo juntamente com os pais e duas irmãs, foram enviados para um gueto na Polónia e posteriormente transferidos para Auschwitz.

No campo de concentração de Auschwitz havia um médico chamado MENGELE. Quando o nosso comboio chegou ao campo, parou exatamente diante dele. Estava de pé no cais e com o dedo apontava para idosos, doentes, mulheres grávidas e crianças. Todos eram retirados do grupo e enviados em fila para as câmaras de gás. Os restantes éramos enviados para uma zona onde nos rapavam a cabeça e nos davam um duche. A seguir despiam-nos completamente para sermos examinados. Alguns eram enviados para as câmaras de gás. Durante os dias seguintes, os prisioneiros sujeitavam-se a exames parecidos. Qualquer pessoa com sinais de doença, debilidade ou qualquer outro problema era enviada para as câmaras de gás.

O pai, a mãe e a irmã mais nova de Katherine foram gaseados em Auschwitz. Ela e a sua outra irmã foram transferidas para Belsen em agosto de 1944, onde sobreviveram ao tifo, à desnutrição e aos abusos físicos. Era Josef Mengele quem decidia o destino dos recém-chegados a Auschwitz e de quem Katherine se recordava como a «personificação do Holocausto». Outro sobrevivente, Arminio Waschberger, um judeu de Roma, descrevia-o da seguinte maneira: «Mengele mantinha sempre uma calma demoníaca. Tinha atitudes de cavalheiro», enquanto outra prisioneira o definia como alguém com «gestos de ator, com as suas botas altas e negras, com

o seu impecável uniforme da SS e com a bata branca de médico por cima do uniforme». Ruth Guttman, uma prisioneira, contava a primeira vez que tinha visto Josef Mengele:

Vi o DOUTOR MENGELE, que era o médico-chefe, bater com um pau numa idosa que estava a cortar lenha. Não sei que motivos tinha para a agredir nem o que teria feito a mulher para ser agredida com tanta brutalidade, mas serviu-se de um pau batendo-lhe dez ou doze vezes nas costas e acabou dando-lhe uma pancada num dos lados do pescoço. O seu desejo era provocar o maior dano possível no corpo daquela mulher idosa.⁴

A especialidade daquele médico sádico era a antropologia racial. A sua tese de doutoramento baseava-se no exame das diferenças entre as estruturas cranianas de quatro grupos raciais diferentes. Em Auschwitz, Mengele pôde levar a cabo as suas experiências médicas sem interferências de leis éticas ou morais e sem se importar minimamente com a saúde dos seus pacientes. O seu alvo eram os gémeos jovens, com quem fazia experiências como se se tratasse de ratos de laboratório. Realizava operações cirúrgicas sem anestesia, amputava membros sãos aos prisioneiros ou provocava-lhes infeções para depois anotar a reação dos pacientes. O doutor Miklos Nyizsli, um médico judeu obrigado por Mengele a atuar como assistente seu, descreveu como ele fazia as suas experiências:

Numa das salas de dissecação, catorze gémeos ciganos estavam sentados no chão, abraçados e a chorarem. O doutor Mengele não lhes dirigiu uma única palavra e começou a preparar as seringas de 10 cc e de 5 cc. De uma caixa, tirou *Evipal* (barbitúrico) e de outra uma dose de clorofórmio. Depositou tudo na mesa de operações. Depois de percorrer a fila dos gémeos, escolheu uma menina de 14 anos. O doutor Mengele mandou-a despir-se e pôs-lhe a cabeça na mesa de operações. Injetou-lhe *Evipal* no braço direito. A menina caiu num sono profundo. Enquanto estava na mesa, Mengele localizou o

ventrículo esquerdo e injetou-lhe 10 cc de clorofórmio. Após uma pequena convulsão, a menina morreu, e depois Mengele mandou retirar o cadáver. Da mesma forma, todas as crianças foram assassinadas nessa mesma noite.⁵

Mengele nasceu a 16 de março de 1911, em Günzburg, na Baviera; era o mais velho de três irmãos. O pai de Mengele foi o fundador da companhia Karl Mengele & Filhos, dedicada ao fabrico de maquinaria agrícola, e que ainda nos dias de hoje continua a produzir tratores e ceifeiras-debulhadoras. A escola correu bem ao pequeno Josef, tendo desenvolvido um grande interesse pela música, pela arte e pelo esqui, chegando a ser um especialista neste desporto. Completou o ensino secundário em abril de 1930, e matriculou-se em Medicina na Universidade de Goethe em Frankfurt e em Filosofia na Universidade de Munique. Em 1931, influenciado pelos círculos universitários onde se movimentava, Mengele juntou-se ao Stahlhelm, uma organização paramilitar que em 1934 seria absorvida pelas SA⁶.



Josef Mengele.

Em 1935, Mengele obteve um doutoramento em Antropologia pela Universidade de Munique, e, em janeiro de 1937, ingressou no Instituto de Biologia Hereditária e Higiene Racial, de Frankfurt, como assistente do doutor Otmar von Verschuer, um cientista que realizava investigação genética, com um interesse especial por gémeos. Como assistente de Von Verschuer, Mengele centrou a sua tese de doutoramento nos fatores genéticos que produzem o lábio leporino e o palato fendido. A sua tese sobre o tema valeu-lhe um doutoramento *cum laude* em Medicina, em 1938. Numa carta de recomendação, Von Verschuer elogiava a fiabilidade de Mengele, como um homem capaz de levar a bom termo qualquer trabalho. A 28 de julho de 1939, casou com Irene Schönbein, de 22 anos, que

tinha conhecido enquanto trabalhava como médico residente em Leipzig. O seu único filho, Rolf, nasceu em 1944.

Para Mengele, a ideologia nazi reunia e defendia todos os elementos necessários para salvar o país: antissemitismo, higiene racial e eugenia; Hitler e os seus apaniguados combinaram-nos com o pangermanismo e o expansionismo territorial, com o objetivo de obter um maior *Lebensraum* (espaço vital) para o povo germânico. Nesta mesma época, Mengele escreve:

[...] os perigos biológicos que ameaçam o povo alemão. Quando se discute sobre as raças, seria desejável que se tivesse feito uma análise mais clara sobre os méritos e as características desfavoráveis de todas as raças europeias. Também senti falta de uma descrição adequada da relação entre as principais raças que se podem encontrar na Alemanha e dos êxitos culturais do povo alemão. Também se podia fazer algo mais de bom julgamento ao explicar os conteúdos em vez dos aspetos de procedimento das leis, de forma a evitar descendentes com doenças hereditárias e para a proteção da saúde hereditária da nação alemã.

Em 1937, o médico juntou-se ao Partido Nazi e, um ano depois, à SS. Devido à sua habilidade com os esquís, Mengele foi destinado a uma unidade de infantaria de montanha, o Gebirgsjäger, e chamado às fileiras na Wehrmacht em junho de 1940, alguns meses depois de estalar a Segunda Guerra Mundial. Logo se ofereceria como voluntário para o serviço médico nas Waffen-SS, onde serviu com a patente de *SS-Untersturmführer* (segundo tenente) até novembro de 1940. Mais tarde, foi destinado ao SS-Rasse und Siedlungshauptamt (Gabinete Central para a Raça e o Reassentamento) em Posen, na Polónia, onde devia avaliar candidatos dos países ocupados, para a sua «germanização». Sob as ordens diretas do próprio Hitler, criaram-se grupos de médicos da

SS, cujo fim último era decidir quem poderia viver nas zonas ocupadas, uma vez que tinha começado a «germanização». Para Mengele, o programa de quatro pontos de Heinrich Himmler era perfeito, se a Alemanha quisesse uma «arianização» dos territórios conquistados.

1. Os territórios anexados devem ficar totalmente limpos de não alemães.
2. As pessoas que afirmem ter sangue alemão devem ser classificadas, em princípio segundo as provas documentais que possuam e, na sua falta, por meio de exames raciais: serão separados os que pertencem a categorias duvidosas e também os alemães «renegados» e serão submetidos a condições especiais para garantir a sua «reeducação e bom comportamento».
3. As pessoas que apresentem «traços» alemães também devem sujeitar-se a exames raciais para determinar se os seus antepassados foram «polonizados». Em caso afirmativo, há que tirá-los da Polónia para uma melhor realemanização do Reich.
4. Deve utilizar-se um método semelhante com os órfãos dos orfanatos polacos e com as crianças entregues ao cuidado público.

Em junho de 1941, Mengele foi enviado à Ucrânia, onde seria condecorado com a Cruz de Ferro de 2.^a classe. Em janeiro de 1942, juntou-se à 5.^a Divisão Panzer SS Viking, formada por voluntários da Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia, Estónia, Países Baixos e Bélgica, sob o comando de oficiais alemães.

Mengele é nomeado oficial médico do batalhão. Depois de resgatar dois soldados de um tanque em chamas, concedem-lhe a Cruz de Ferro de 1.^a classe, assim como o Distintivo Negro para os Feridos de Guerra e a Medalha pela Custódia do Povo Alemão. Em meados de 1942, é gravemente ferido perto de Rostov-na-Donu e declarado «não apto» para o serviço ativo⁷. Após a sua recuperação, é transferido para o Gabinete Central para a Raça e o Reassentamento, em Berlim, ao mesmo tempo que reata os contactos com o seu antigo mentor Von Verschuer, que então trabalhava no Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Herança Humana e Eugenia (KWIfA). Mengele é promovido ao posto de SS-*Hauptsturmführer* (capitão) em abril de 1943⁸. Nessa mesma época, o doutor Von Verschuer descreve Mengele da seguinte forma:

Sentia um profundo interesse pela investigação médica e pela cirurgia. Além disso, era inteligente e culto. [...] Recordo que gostava de música, incluindo Bach, Verdi e, evidentemente, Strauss e Wagner.

Nessa mesma época, Mengele pediu transferência para o serviço médico dos campos de concentração (KZ), onde via a oportunidade de levar a cabo as suas investigações genéticas em seres humanos. O requerimento foi deferido de imediato. Em finais do mês, Mengele chegou ao seu destino: um vasto recinto, rodeado de altas cercas de arame, situado em pleno vale pantanoso, a uma hora de Cracóvia, no sul da Polónia. Acabava de chegar ao campo de concentração de Auschwitz, após ter sido nomeado oficial médico-chefe por Eduard Wirths⁹. O seu primeiro destino seria o lugar de médico-chefe do Zigeunerfamilienlager (acampamento de famílias ciganas), localizado no subcampo de Birkenau¹⁰.



O doutor Eduard Wirths, chefe de Mengele, em Auschwitz
(terceiro a contar da direita, a calçar as luvas).

No verão, aquele lugar era um autêntico inferno, onde o ar quente abrasava a terra e cheirava a carne queimada. No inverno, as trovoadas geladas procedentes do Vístula deixavam Auschwitz completamente coberta de gelo e de neve. Enquanto para os polacos era um lugar inóspito para viver, para Himmler era o lugar perfeito para construir o maior centro de extermínio do Terceiro Reich. Quando Mengele pôs os pés em Auschwitz, em maio de 1943, mais de 140 000 seres humanos amontoavam-se em barracões mal-equipados. Para ele, aqueles corpos mal nutridos seriam os seus perfeitos «porquinhos-da-índia». Eram gaseados por dia quase 9000 judeus, segundo os números manuseados por Rudolph Höss, comandante de Auschwitz¹¹. O doutor Johann Kremer, colega de Mengele em Auschwitz, escreveu no seu diário:

6 de setembro. Hoje, um excelente jantar de domingo: sopa de tomate, meio frango com batatas e lombardo, e um magnífico gelado de baunilha. [...]

À noite, por volta das oito horas, tive de assistir a uma «ação especial», ao ar livre.

Nessa mesma noite, chegaram a Auschwitz 981 judeus franceses procedentes do campo de Drancy. Apenas 54 deles foram admitidos como «mão de obra». Os restantes 927 foram gaseados nas câmaras de gás assim que chegaram.

Enquanto os outros médicos do campo se dedicavam a fazer o menos possível, Josef Mengele viu naquele campo de extermínio uma boa oportunidade para levar a cabo experiências com os prisioneiros. Por exemplo, acabou com uma epidemia de tifo no campo de mulheres de Birkenau, matando 600 judias. Ella Lingens, uma médica austríaca, explicou o facto anos depois:

Esvaziou um barracão inteiro de judias, 600 no total, e mandou limpá-lo. Depois, mandou desinfetá-lo de cima a baixo. Em seguida, pôs banheiras entre este barracão e o seguinte e tirou as mulheres do seguinte para que se desinfetassem e mandou-as para o barracão limpo. [...] O barracão seguinte foi limpo da mesma maneira até que tudo fosse desinfetado. Acabou-se o tifo. O terrível foi que, como ele [Mengele] não sabia o que fazer com as 600 mulheres do primeiro barracão, mandou-as para a câmara de gás.



Richard Baer, Mengele e Rudolf Höss em Auschwitz, 1944.

O testemunho da doutora Lingens faz parte da acusação formal da Alemanha Ocidental contra Josef Mengele, depois da guerra.

Josef Mengele é acusado de ter tomado parte ativa e decisiva na seleção de prisioneiros dos blocos de enfermos; de prisioneiros que, depois de passarem fome, privações, esgotamento, doença, dores, abusos, ou por outras razões, não serviam para o trabalho no campo e cuja rápida recuperação não se previa, e também dos que padeciam de doenças contagiosas ou pouco comuns, como uma erupção da pele.

Os selecionados eram assassinados ou por meio de injeções ou diante de um pelotão de fuzilamento, ou por meio de uma dolorosa asfixia com ácido prússico nas câmaras de gás, a fim de deixar «lugar» no campo para os prisioneiros «adequados» selecionados por ele ou por outros médicos da SS da forma antes referida. As injeções mortais eram de fenol, petróleo, *Evipal*, clorofórmio ou ar na corrente sanguínea, especialmente na zona do coração; ou as dava ele ou mandava o enfermeiro da SS dá-las, enquanto ele observava e tomava notas. Também é acusado de ter supervisionado, no caso de selecionados no hospital ou campo, os trabalhadores sanitários da SS

quando deitavam os grânulos de ácido prússico, *Zyklon B*, na canalização de entrada das salas onde estavam encerradas as pessoas condenadas a morrer, ou deitá-los ele mesmo¹².

No entanto, o interesse principal de Mengele eram os gémeos. Algumas testemunhas afirmaram ter ouvido o médico da SS pronunciar repetidamente a palavra *zwillinge* («gémeos»). Irene Zlotkin, que tinha nove anos quando chegou a Auschwitz, recorda:

Lembro-me da primeira vez que o vi (a Mengele). Vestia de verde, de verde-escuro. E lembro-me das suas botas; provavelmente encontravam-se ao nível dos meus olhos. Botas negras reluzentes. Dizia: «*zwillinge, zwillinge, zwillinge*». Parecia estar muito aborrecido. Eu não sabia se estava a referir-se a mim. Nós não sabíamos que se tinha de fazer alguma coisa, tinha de fazê-lo de forma rápida e perfeita.

A doutora Martina Puzyna, prisioneira de Auschwitz a quem Mengele deu um posto de antropóloga para medir os traços dos gémeos, declarou aos investigadores de crimes de guerra do exército dos Estados Unidos:

Por vezes, observávamos a forma hipócrita com que o inexorável doutor Mengele tratava as mulheres com filhos gémeos que desciam dos comboios. «Minha senhora, tenha cuidado, para que as crianças não se constipem.» Ou «a senhora está doente e cansada depois de uma viagem tão grande. Deixe-me os seus filhos, depois de tomar um duche pode recolhê-los no infantário.» Nos dias em que encontrava gémeos, ficava de bom humor e tratava de forma amistosa pessoas que, dali a alguns minutos, ia mandar para as câmaras de gás, reduzidas a fumo seis ou sete horas depois de terem chegado.¹³



Seleção de judeus húngaros na rampa de Birkenau.

Na realidade, a seleção de Josef Mengele não se baseava no facto de um prisioneiro ser capaz de trabalhar como mão de obra escrava, mas sim se esse ser humano era suscetível de ser utilizado como cobaia no seu laboratório. No mesmo sumário do grupo Internacional de Crimes de Guerra afirma-se:

As investigações sobre os gémeos ocuparam grande parte das pseudoexperiências do acusado, segundo as indagações prévias do tribunal. Estas resultam particularmente interessantes para o regime nazi, em especial no que se refere ao seu desejo de incrementar a taxa de nascimentos mediante um aumento medicamente manipulado no número de nascimentos de gémeos.¹⁴

O doutor Otmar von Verschuer começou então a utilizar diretamente o material de investigação obtido por Josef Mengele no campo de Auschwitz. Verschuer nunca viria a ser julgado por crimes

de guerra, embora não só estivesse plenamente consciente do trabalho realizado por Mengele em Auschwitz como inclusive o encorajou a isso. Numa informação ao Conselho Alemão de Investigação (Deutsche Forschungsgemeinschaft, DFG) de 1944, Verschuer fala da «valiosa» ajuda de Mengele no fornecimento ao KWIfA de «materiais científicos» procedentes de Auschwitz:

O meu assistente, o doutor Mengele, juntou-se a mim neste ramo da investigação. Atualmente está empregado como *Hauptsturmführer* e médico de campo no centro de concentração de Auschwitz. As investigações antropológicas sobre os grupos raciais mais diversos deste campo de concentração são levadas a cabo com autorização do SS-*Reichsführer* [Himmler]; as amostras de sangue são enviadas ao meu laboratório para a sua análise. [...] as condições de guerra dificultaram que a KWIfA receba «materiais de gémeos» para estudar. A posição única de Mengele em Auschwitz oferece uma oportunidade especial a este respeito.

No verão de 1944, Mengele e o seu assistente judeu, o doutor Miklos Nyiszli, enviaram grande quantidade de «materiais científicos» para a KWIfA, incluindo corpos de ciganos assassinados, órgãos internos de crianças mortas, os esqueletos de dois judeus assassinados e amostras de sangue de gémeos infetados com tifo pelo próprio Mengele. O doutor Hans Münch¹⁵, que estava colocado no Instituto de Higiene Racial em Rajsko, um subcampo de Auschwitz, assim descreveu Josef Mengele:

Considerava-o um nacional-socialista convicto, que nunca questionou a norma de pôr em prática a Solução Final no campo. Era um oportunista. Durante essa época, a ideologia tinha uma grande importância. Himmler foi um dos grandes místicos nazis e é possível que a investigação pseudocientífica se realizou para agradar a Himmler. Na realidade, o objetivo fundamental de Mengele era ser professor na universidade depois da guerra.¹⁶

Outra das experiências levadas a cabo por Mengele foi a de tentar modificar a pigmentação da íris injetando diferentes colorações nos olhos dos prisioneiros. Com essa finalidade, utilizou 36 crianças de um dos barracões de Birkenau, para lhes fazer provas nos olhos; o resultado, porém, foram dolorosas infecções, cegueira e tumores, que Mengele curou enviando para as câmaras de gás todos os seus «pacientes». Vexler Janku, um médico prisioneiro em Auschwitz, declarou:

Em junho de 1943, fui ao campo de ciganos de Birkenau. [...] vi uma mesa de madeira. Em cima dela, havia amostras de olhos, cada um com um número e uma letra. Os olhos eram de cor amarelo-pálido até ao azul-claro, verde e violeta. Tinham extraído os globos oculares às crianças antes de as mandarem para as câmaras de gás. Os olhos estavam espetados numa parede do laboratório de Mengele, como se fossem borboletas. Pensei que tinha morrido e que já estava no inferno.

Aos gémeos destinados a experiências, Mengele alojava-os em zonas especiais, no Barracão 14/Campo F/Birkenau, que muitos prisioneiros chamavam «o jardim zoológico». Por ordem de Josef Mengele, forneciam-lhes boa alimentação, camas confortáveis, condições de vida saudáveis, com a finalidade de lhes devolver as forças que tinham perdido nas semanas que tinham passado no campo. O médico da SS precisava de crianças completamente saudáveis, para poder inocular-lhes depois doenças contagiosas, como a malária ou o tifo. Os gémeos eram levados para o hospital do campo B2F, para a chamada «fase *in vivo*». Para estas experiências, Mengele precisava de crianças vivas, pelo que, desde julho de 1944, se foram separando meninos e meninas com aspeto ariano, para o B2F. É impossível saber-se o número de gémeos usados nas experiências de Mengele. Alguns afirmam que foram

cerca de 200 pares de gémeos do sexo masculino. Às crianças do B2F tiravam-lhes as medidas aos crânios, às orelhas, ao nariz e a outros traços externos. Depois disso, obrigavam-nas a despirem-se e examinavam-nas durante horas, às vezes durante dias. Quando acabavam, começavam as torturas: faziam-lhes intervenções cirúrgicas sem qualquer tipo de anestesia, realizavam amputações ou punções lombares, inoculavam-lhes tifo ou malária ou provocavam-lhes feridas, esperando que infetassem para ver como reagia o gémeo. Das «cobaias» de Josef Mengele, morreram centenas nestas etapas¹⁷.

Nas 44 páginas do sumário do julgamento na Alemanha Ocidental, existem várias alegações sobre a morte de cerca de 153 crianças, que, segundo se afirma, Josef Mengele matou com a única finalidade de as dissecar. Também no dito sumário se falava de torturas infligidas a mulheres. Ernest Michel, que era maqueiro em Auschwitz, recorda:

Obrigaram-nos a levar para o laboratório de Mengele oito mulheres jovens. Vi Mengele de uniforme, de pé, rodeado por outros três ou quatro SS. Havia máquinas elétricas, mas nunca tinha visto nada de semelhante. Cada vez que mandávamos passar uma jovem, um oficial despia-a. Saíamos rapidamente, porque ninguém queria estar ao pé de Mengele durante muito tempo. Depois de alguns instantes, deixavam de se ouvir gritos no interior. Quando fomos buscá-las, das oito, duas estavam mortas, cinco estavam em coma, e a uma tinham-na chicoteado barbaramente. Mengele estava ali de pé, a falar tranquilamente sobre o que tinha acontecido. A única palavra que consegui ouvir foi «experiência».¹⁸

Quando o Exército Vermelho estava prestes a chegar ao campo, já acusavam Mengele de vários delitos, como ter realizado transfusões de sangue e extrações ou amputações; ter submetido

aos raios-x um grupo de freiras polacas, muitas das quais sofreram queimaduras terríveis nos órgãos genitais; ter realizado transplantes de medula óssea; ter operado e extraído órgãos masculinos; ter extraído os olhos a crianças, ou ter executado dez mulheres para lhes extrair os músculos dos seios e das coxas a fim de realizar culturas para as experiências genéticas, entre muitas outras experiências sádicas.

O doutor Tobias Brocher, célebre psicanalista da Fundação Menninger que tinha estudado o comportamento de Mengele, afirmou perante o Tribunal de Frankfurt am Main:

[Mengele] não tinha prazer em infligir dor, mas sim no poder que exercia em ser o homem que decidia da vida e da morte com a ideologia de um médico de um campo de concentração. Mengele tinha a característica narcisista do profissional. Na subcultura da medicina, no seu conjunto, há uma divisão entre o que se faz e as emoções que se experimentam, entre os médicos que seguem um método estritamente científico e os que se preocupam com os pacientes. Na Alemanha, esta divisão ficou patente com o programa para a eutanásia dos doentes mentais, anterior aos campos de concentração. Os médicos do programa de eutanásia tinham racionalizado que as pessoas que eram condenadas «estavam melhor assim» e que «de qualquer forma iam morrer».¹⁹



Fotografia do cartão de Mengele na sua época em Auschwitz.

A crueldade de Mengele não tinha paralelo. A uma mulher russa arrebatou-lhe o bebé que trazia nos braços e arremessou-o para um monte de cadáveres. A um *kapo* (polícia judaica dos guetos, que colaborava com os nazis) que tornou a misturar os que deviam morrer nas câmaras de gás com os que deviam salvar-se para o trabalho, deu-lhe um tiro na cabeça. Matou com um tiro uma rapariga de 16 anos que tinha subido a um telhado, morta de medo. Um velho que tinha sido selecionado para morrer quis despedir-se de um filho que se encontrava na fila dos que iam salvar-se. Mengele deu-lhe uma pancada na cabeça com uma barra de ferro, matando-o no ato. O caso mais horrível contra Josef Mengele refere-se a uma ocasião em que mandou queimar vivas numa

grande fogueira 300 crianças. Um prisioneiro russo chamado Annani Silovich Petko declarou em tribunal:

Ao fim de algum tempo chegou um grande grupo de oficiais da SS em motas. Mengele chegou de automóvel. Entraram no pátio e apearam-se. Depois, puseram-se em volta das chamas que ardiam horizontalmente. Esperámos para ver o que acontecia. Pouco depois, chegaram vários camiões do lixo carregados de crianças. Deviam ser uns dez camiões. Quando entraram no pátio, um dos oficiais deu uma ordem e os camiões começaram a manobrar em direção à fogueira e começaram a lançar as crianças no fogo. As crianças começaram a gritar e algumas conseguiram fugir das chamas. Aproximou-se um oficial armado com um bastão e voltando a lançar ao fogo os que tinham conseguido escapar. Höss e Mengele estavam presentes a dar ordens.

O primeiro grupo de crianças era de Dnepropetrovsk. Os comandantes da zona disseram-me que as crianças que tinham trazido e queimado tinham sido arrebatadas às mães.²⁰

Entre 31 de julho e 2 de agosto de 1944, Mengele ordenou a liquidação do campo de ciganos. Foram enviados para as câmaras de gás um total de 2987 ciganos; os restantes 1408 foram para o campo de concentração de Buchenwald. Robert Jay Lifton, professor de psicologia na Universidade de Columbia, escreve na sua obra *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*:

Com o *eu* de Auschwitz, o potencial de Mengele para o mal tornou-se real, inclusive ainda que mantivesse elementos do seu *eu* anterior, entre os quais se encontra o afeto pelas crianças. Neste processo, cada um dos *eus* comportava-se como um total: o *eu* de Auschwitz permitia-lhe desenvolver-se num envolvimento sanguíneo, e explorar os seus recursos humanos com uma eficácia considerável; o *eu* anterior permitia-lhe manter a sensação de

decência. O seu forte compromisso com a ideologia nazi era a ponte, a conexão necessária entre os dois.

Um bom exemplo dos «eus» de Lifton seria, segundo Posner e Ware, autores da melhor biografia de Mengele, o caso de um grupo de crianças judaicas que se viram afetadas por dolorosas úlceras na boca. O médico da SS procurou um medicamento para lhes aliviar a dor, e, finalmente, curá-las, para, assim que ficaram curadas, as mandar a todas para as câmaras de gás; ou o caso de uma mãe judaica, que estava prestes a dar à luz. Mengele ajudou a parturiente com toda a série de precauções que é habitual tomar nestes casos. Assim que se concluiu que ambos, mãe e filho, estavam bem, mandou-os para a câmara de gás.

Em dezembro de 1944, ainda continuava a fazer experiências em Auschwitz, embora os Aliados não parassem de bombardear a Alemanha. A 15 de dezembro, transferiu 16 mulheres que sofriam de nanismo e durante três dias realizou experiências com elas. Por fim, na noite de 17 de janeiro de 1945, Mengele abandonou o campo de concentração, guardando todos os arquivos que conseguiu sobre as suas experiências com gémeos, anões e aleijados.

No dia anterior, tratou de ordenar aos guardas da SS que ficavam em Auschwitz que destruíssem todas as provas sobre as experiências que tinha levado a cabo. Por exemplo, desmontou a pesada mesa de dissecação, em mármore, e tapou o buraco que tinha ficado no chão. Queimaram-se também todos os gráficos e qualquer prova das experiências levadas a cabo pelos médicos da SS em Auschwitz-Birkenau. Por último, um esquadrão da Waffen-SS dinamitou os fornos crematórios e executou todos os prisioneiros que não podiam andar. A partir dessa noite de janeiro de 1945,

Josef Mengele nunca mais deixaria de correr durante os trinta e quatro anos seguintes. Quando as primeiras unidades de reconhecimento do exército soviético chegaram às portas de Auschwitz, a 27 de janeiro de 1945, já o médico da SS se encontrava a quase 300 quilômetros de distância, no campo de concentração de Gross-Rosen, na Silésia. Ali permaneceu até que, a 18 de fevereiro, teve de fugir devido ao rápido avanço soviético.

Em maio de 1945, Josef Mengele encontrava-se na cidade de Saaz, nos Sudetas, a zona checoslovaca ocupada pela Alemanha. Já não se chamava Josef Mengele e também já não vestia o tétrico uniforme verde da SS, mas o de oficial da Wehrmacht. Ao que parece, segundo fontes da contrainteligência militar norte-americana, Mengele abandonara Auschwitz na noite de 17 de janeiro, levando com ele as notas e as experiências, principais provas dos atos desumanos cometidos pelo Anjo da Morte. O médico dirigiu-se para o ocidente, fugindo ao avanço soviético. Dez dias depois, exatamente a 27 de janeiro, alcançou o campo de concentração de Gross-Rosen, onde se demorou durante três semanas. O avanço dos russos era rápido, pelo que o doutor Mengele se viu obrigado novamente a recolher os seus escassos pertences e a juntar-se a uma unidade do exército alemão. Esteve com ela durante dois meses, até que, a 2 de maio, a unidade chegou à cidade de Saaz, onde Mengele tinha um grande amigo, o doutor Otto-Hans Kahler, que operava os feridos num hospital de campanha²¹.

Kahler declarou aos serviços secretos norte-americanos que, quando se encontrou com o seu amigo Mengele, o viu muito deprimido e a falar abertamente de suicídio. Por esses dias, a rádio alemã já tinha anunciado a morte de Hitler «defendendo

heroicamente a capital e a Chancelaria do avanço russo». Segundo Kahler, Mengele recusava acreditar nas informações referentes ao suicídio do *Führer*. Também admitiu ao amigo que tinha feito parte da operação de seleção dos prisioneiros quando estes chegavam ao cais de Auschwitz. O doutor Otto-Hans Kahler conseguiu autorização para se juntar à unidade em que também marchava o seu amigo Josef Mengele. Durante os dias seguintes, o médico da SS esteve muito nervoso. Sabia que, se fosse capturado e as suas notas examinadas, seria condenado à morte e executado.

A 8 de maio de 1945, dia da rendição alemã, a unidade de Mengele acampou nas montanhas Erzgebirge, na Saxónia, 30 quilómetros a noroeste de Saaz. A zona ainda não tinha sido invadida por ninguém, nem pelos russos nem pelos norte-americanos. Era terra de ninguém. À medida que os dias avançavam, começaram a correr boatos entre os membros da unidade sobre a verdadeira identidade de Mengele. O coronel Fritz Ulmann, oficial chefe da unidade, declarou aos seus interrogadores que «não se lembrava do nome usado por Mengele. Talvez fossem três ou quatro nomes diferentes. [...] mas tenho a certeza de que ele sabia que a sua identidade de SS não me era desconhecida»²².

Difícil de surpreender, Mengele sabia que seria uma questão de tempo até os serviços secretos militares dos Aliados descobrirem o seu paradeiro. A comida era cada vez mais escassa e os boatos de uma possível ocupação soviética eram cada dia mais intensos. Em meados de junho, a unidade decidiu entregar-se numa região da Baviera às forças de ocupação norte-americanas na área conhecida como «Zona de Ocupação Americana». Formou-se uma longa coluna em diversas viaturas e ambulâncias militares formou-se uma longa coluna. Depois de passar por vários bloqueios nas estradas, o

comboio alcançou o setor americano. A 15 de junho, Mengele foi enviado para o campo de Prisioneiros de Guerra (POW) em Schauenstein, cerca de cento e vinte quilómetros a norte de Nuremberga. Os americanos não se tinham dado conta de que tinham nas mãos um peixe graúdo da SS, um «peixe» que os serviços secretos norte-americanos tinham registado como um tal «Josef Memling». Naquela altura, a alcunha de Anjo da Morte ainda não era conhecida²³. Ninguém sabia quem ele era e muito menos que se tratava de um oficial da SS. Quando Josef Mengele se incorporou na SS, em 1938, recusou-se a tatuar o grupo sanguíneo debaixo do braço, como determinavam as normas da SS, o que por várias vezes o salvou de ser detido. Quando os Aliados prendiam um alemão, a primeira coisa que faziam era obrigá-lo a despir a camisa e a levantar os braços, para saberem se tinha pertencido à SS.

Enquanto Mengele/Memling passeava em plena liberdade pelos campos de batalha de uma Europa devastada pela guerra, as unidades de busca de criminosos de guerra da Polónia, França, Jugoslávia, Grã-Bretanha e Checoslováquia, tinham já nas suas listas um tal «doutor Josef Mengele, Auschwitz KZ», este nome inclusive já tinha sido inscrito nas listas do primeiro Registo Central de Criminosos de Guerra e Suspeitos para a Segurança (CROWCASS). Esta lista estava a ser divulgada pelo Alto Comando Aliado em Paris²⁴.

Posto em liberdade pelos norte-americanos, depois de ter passado por um par de campos de prisioneiros, Mengele adotou o nome de Fritz Ulmann e dirigiu-se para a cidade de Donauwörth, onde encontrou refúgio na casa de um amigo, o doutor Miller. O médico da SS pediu à esposa de Miller que entrasse em contacto

com Irene, a sua mulher, refugiada em Autenreid. Devia apenas indicar-lhe que «estava a salvo». No próprio dia da sua chegada à casa do seu amigo, teve outro golpe de sorte: uma patrulha norte-americana da contrainteligência invadiu a vivenda e prendeu Miller a fim de ser interrogado pelo seu papel no Partido Nazi durante a guerra. A sorte acompanhou Mengele quando os militares norte-americanos decidiram não revistar todas as divisões da casa. Se o tivessem feito, teriam descoberto que, devido à surpresa do assalto, Mengele não tinha tido tempo de se esconder em nenhum outro sítio e podiam ter detido um dos maiores criminosos nazis. O médico da SS estava em maré de sorte.

As boas notícias vindas da senhora Miller reconfortaram Irene, a esposa de Mengele. Apesar de tudo, tanto a família Mengele como os habitantes de Günzburg, cidade natal do médico, não acreditavam nas informações ouvidas no noticiário da BBC para a Alemanha, em que se falava dos crimes cometidos pelo médico de Auschwitz. Na manhã de 11 de junho de 1945, tocaram à porta da casa dos Mengele. Três militares norte-americanos identificaram-se como membros do CIC, a contrainteligência militar. Procuravam o Anjo da Morte de Auschwitz. Irene respondeu que o mais provável era que o seu marido tivesse morrido; na realidade, o médico da SS definhava na terra de ninguém, encurralado na região da Silésia, entre as tropas soviéticas e norte-americanas. Apesar de não terem qualquer confirmação da morte de Mengele, os Aliados aceitaram como válida a explicação de Irene²⁵.

Josef Mengele, porém, não ia ficar por demasiado tempo escondido na casa dos Miller. Depois de uma breve passagem pela zona soviética, com a única finalidade de recuperar as suas notas e os seus cadernos, decidiu rumar para Munique, onde procuraria

refúgio na casa de um farmacêutico que tinha servido com ele na Divisão Viking, em janeiro de 1942. O casal revelaria anos mais tarde que Mengele se defendia das acusações dos Aliados assegurando-lhes:



Casamento de Josef Mengele com Irene Schönbein, em 1939.

Não tenho nada a esconder. Em Auschwitz aconteciam coisas terríveis e eu fiz tudo o que podia para ajudar. Não se pode fazer tudo. Ocorriam autênticos desastres. Eu só consegui salvar alguns. Nunca matei ninguém, nunca prejudiquei ninguém. Posso demonstrar que estou inocente de tudo o que me acusam. Estou a organizar os factos para a minha defesa. Quero entregar-me e que o meu nome fique limpo no julgamento.

Da casa de Munique, Mengele saiu para Riedering, uma pequena cidade da Baviera. Ali encontrou refúgio junto de um casal de médicos amigos dos Miller. As zonas agrícolas da Alemanha

precisavam de mão de obra, em parte devido ao facto de os jovens que trabalhavam nas quintas terem morrido durante a guerra. O médico convenceu Mengele de que os norte-americanos jamais revistariam toda a Alemanha, herdade a herdade, e que em Riedering estaria mais seguro do que em Munique. Em agosto de 1945, foi assinado o Acordo de Londres, no qual as quatro potências vencedoras anunciaram que iam apresentar acusações formais contra 24 líderes nazis perante um Tribunal Militar Internacional, que seria instalado na cidade de Nuremberga. Era evidente para Mengele que os Aliados não iam permitir nem à Alemanha nem aos alemães enterrar o passado.

A 30 de outubro de 1945, Mengele encontrou trabalho na quinta de Georg e Maria Fischer. O local era a típica zona rural aos pés dos Alpes bávaros, onde se cultivavam batatas e trigo. Alois Fischer, irmão de Georg, declarou anos mais tarde:

Procurava apenas um sítio onde se esconder depois da guerra. Era evidente que tinha algo a esconder, algo sujo. Devia ser um nazi, e pensávamos que era um dos chefes. Quando chegou, tinha apenas o fato de flanela cinzenta, que vestia; não era de má qualidade, mas também não era grande coisa. Fora isso, não tinha nada.

Nem sequer nada para se lavar. Quando chegou, tinha as mãos muito finas. Nunca tinha trabalhado antes, pelo menos não numa quinta. Não sabia ordenhar as vacas. [...] nunca falava muito. Sobre a sua pessoa, sobre o seu passado na guerra, nunca disse palavra alguma e nós nada perguntávamos. Nem ele queria que lhe perguntássemos nada sobre isso. Era claro para todos nós. Não era simpático nem antipático, mas sempre se mostou controlado e disciplinado.

Hollman [Mengele] parecia muito forte, como um gato. Também era muito inteligente. Falava com um ligeiro sotaque bávaro, sempre com tranquilidade e concisão. Era evidente que procedia de uma classe alta. Nunca veio ninguém visitá-lo. Também não saía de casa, pelo menos a princípio.

Nessa época, Josef Mengele passou por uma profunda depressão. Era um homem amargurado, um crente fiel no nazismo, que ainda não tinha percebido que estava do lado dos que perderam. Também estava ressentido porque um homem como ele, com a sua grande cultura e os seus conhecimentos, estava a apanhar batatas numa quinta. Inclusive, chegava a odiar Georg e Maria Fischer, que via como seres inferiores. O destino era cruel com o médico de Auschwitz. De escolher seres humanos, tinha passado a escolher batatas. Em princípios de 1946, Mengele estava perfeitamente informado sobre os diferentes julgamentos abertos contra os criminosos de guerra, tanto na Alemanha como nos países ocupados. No mês de abril do mesmo ano, soube, por exemplo, que o seu nome tinha sido pronunciado pela primeira vez num desses julgamentos. Rudolf Höss, comandante de Auschwitz entre 4 de maio de 1940 e 1 de dezembro de 1943, e novamente entre 8 de maio de 1944 e 18 de janeiro de 1945, tinha pronunciado o nome de «Josef Mengele» quando subiu ao estrado como testemunha nos julgamentos de Nuremberga²⁶. Durante o julgamento, o doutor Kauffmann, advogado de Ernst Kaltenbrunner, perguntou ao ex-comandante de Auschwitz:

KAUFFMANN: O que é que o senhor sabia das denominadas «experiências médicas» levadas a cabo em prisioneiros vivos?

HÖSS: As experiências médicas levavam-se a cabo em muitos campos. Por exemplo, em Auschwitz o professor Klaubert e o doutor Schumann fizeram experiências sobre a esterilização e o doutor Mengele, oficial médico da SS, fez experiências com gémeos.

A 25 de maio de 1946, Höss foi entregue às autoridades polacas para ser julgado por assassinato pelo Tribunal Supremo Nacional da

Polónia. O julgamento decorreu do dia 11 a 29 de março de 1947. Durante o julgamento, Höss foi acusado de assassinar três milhões e meio de pessoas; em plenas alegações finais, interrompeu o procurador do Ministério Público para retificar: «Não, está equivocado. Foram só dois milhões e meio, os restantes morreram de doenças e de fome.» A 2 de abril de 1947, Rudolf Höss foi condenado a morrer enforcado. A sentença foi executada a 16 de abril do mesmo ano, junto do crematório do antigo campo de Auschwitz I. Josef Mengele sabia que, desde o momento em que Höss pronunciou o seu nome, passou a ser um homem marcado para toda a vida e que nunca mais poderia voltar à Alemanha, mesmo que conseguisse fugir para o estrangeiro.

A sua convicção de que talvez conseguisse convencer da sua inocência um tribunal e um júri objetivo ia-se diluindo cada vez mais perante as notícias que surgiam sobre os «julgamentos dos médicos», o primeiro deles entre 1945 e 1946. Neste caso, vinte dos vinte e três acusados eram médicos. Sete foram condenados à morte por enforcamento, e outros cinco a prisão perpétua. Mengele conhecia a maior parte deles²⁷. Por exemplo, conhecia o doutor Fritz Klein, o único médico que partilhava com Mengele a «honra» de não ter precisado nem de um só copo antes de levar a cabo a seleção nos cais de Auschwitz. Klein, preso pelos britânicos, foi executado na forca a 13 de dezembro de 1945²⁸.



Rudolf Höss, pouco antes de ser executado na forca pelas autoridades polacas.

Ou o doutor Werner Rhode, médico e dentista, detido pelos britânicos depois da guerra. Rhode foi julgado pelo assassinato de quatro mulheres, três das quais eram agentes britânicas do SOE (Executivo de Operações Especiais), que trabalhavam para a Resistência francesa. A investigação revelou que Rhode tinha administrado as injeções letais às agentes. O médico foi executado na forca a 11 de outubro de 1946²⁹. Mengele também conhecia o doutor Eduard Wirths, médico-chefe de Auschwitz, que se suicidaria a 20 de setembro de 1945, antes de ser levado a julgamento pelos britânicos. O que Mengele entendeu pior foram as condenações à morte para os médicos que tinham participado no programa de eutanásia Aktion T4. Simplesmente porque não havia maior defensor da eutanásia para os que tinham «uma vida sem valor» do que o próprio Mengele.



Vista dos acusados no «julgamento dos médicos», 1945 e 1946.

Confrontados com a ideia de que se o Anjo da Morte fosse capturado seria executado na forca, tal como todos os seus colegas de Auschwitz, o seu pai, Karl, e a sua esposa Irene, dedicaram-se de corpo e alma a tentar demonstrar que Josef tinha morrido no fim da guerra. O Gabinete do Conselho Superior para os Crimes de Guerra aceitou a versão de Karl e de Irene sem fazer demasiadas perguntas e sem levar a cabo uma investigação mais aprofundada. Alguém inclusive escreveu à mão uma nota no processo de Josef Mengele, arquivado no Gabinete de Crimes de Guerra: «Queremos comunicar que o doutor Mengele morreu em outubro de 1947.»³⁰ O general Telford Taylor, chefe do Conselho dos Estados Unidos para Crimes de Guerra em Nuremberga, ajudou a criar, sem o saber, a cobertura de que Mengele precisava para poder fugir da Europa ao afirmar «sem qualquer dúvida» a Washington que, segundo os seus

dados, Josef Mengele tinha morrido em outubro de 1947³¹. Meses antes da suposta morte de Mengele, o agente Benjamin Gorby, do 97.º Corpo de Contraineligência, tinha recebido a informação de que Mengele tinha sido detido, e assim o transmitiu numa informação que acabou em Washington. Na realidade, não havia nenhuma prova de que Mengele tivesse sido preso em Viena, segundo uma investigação levada a cabo pelo Gabinete de Investigações Especiais (OSI) do Departamento de Justiça. Os franceses, por seu lado, registaram em documentos oficiais que «Mengele tinha sido capturado pelas forças norte-americanas durante 1946 ou 1947. Que sabiam que era o médico de Auschwitz. E que o puseram em liberdade a 20 de fevereiro de 1946.»

No outono de 1948, Josef Mengele já estava plenamente consciente de que nunca teria uma abertura nem na nova República Federal da Alemanha nem na empresa familiar de Günzburg. Naquela altura, e devido à necessidade de reconstruir o país, não havia uma única obra onde não operasse uma máquina da empresa Karl Mengele & Filhos. O patriarca confiava que a histeria coletiva desencadeada pelos crimes de guerra se fosse diluindo com o decorrer do tempo e que o seu filho Josef pudesse regressar a casa para ajudar na empresa familiar. Isso, porém, não passava de uma utopia, até porque o próprio Josef Mengele tinha decidido fugir da Europa. A prosperidade da família Mengele permitia pagar subornos, documentos falsos e passagens de barco para que Josef Mengele pudesse fugir para a América do Sul.

Até ao último minuto antes de subir para o navio que o levaria para longe da Europa, talvez Mengele pensasse que ainda poderia livrar-se de uma condenação, caso fosse preso. Por exemplo, ao doutor George Renno, um dos médicos implicados no programa de

eutanásia, foi permitido não comparecer em tribunal devido ao seu mau estado de saúde. Dois médicos amigos do próprio Renno alegaram que o antigo médico da SS «estava prestes a morrer». Na realidade, Georg Renno viveria ainda mais trinta e quatro anos, tendo morrido de causas naturais a 4 de outubro de 1997, sem que ninguém o incomodasse minimamente, apesar de ter participado no assassinato de mais de 28 000 mil pessoas³².



Passaporte italiano falso em nome de Helmut Gregor (Mengele)

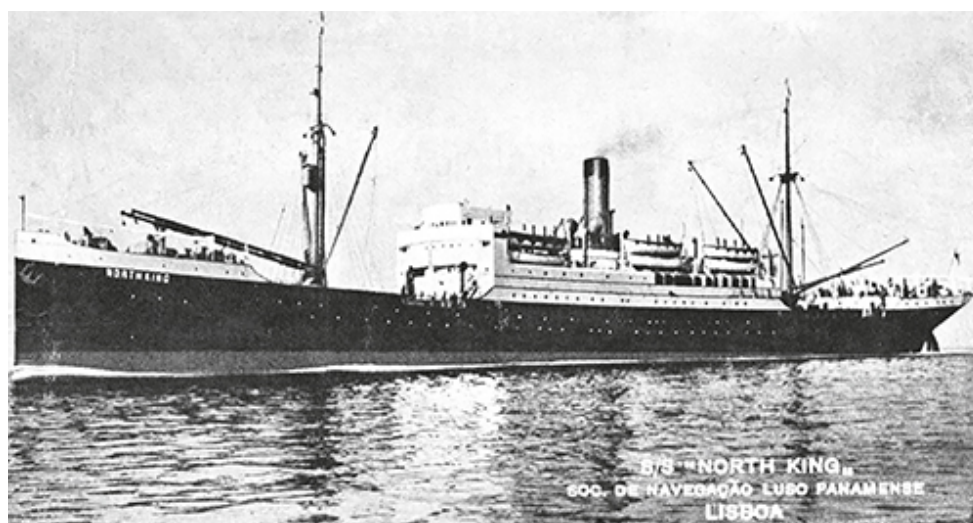
Pouco antes de fugir, Mengele conseguiu encontrar-se com sua esposa Irene. Disse-lhe que desejava que ela e Rolf se lhe juntassem na Argentina, assim que se tivesse estabelecido naquele país. Irene, porém, disse-lhe que não iria ter com ele. Rolf Mengele diria anos mais tarde:

A minha mãe não queria esconder-se com ele. Amava a Alemanha e a Europa, apreciava a cultura, visto que tinha estudado história da arte e tinha uma relação muito próxima com os pais. Além disso, em 1948, tinha conhecido Alfons Hackenjos, que viria a ser o seu segundo marido. No entanto, para ela foi uma decisão difícil, porque apesar de tudo sentia uma certa ternura por Josef. Fez um esforço consciente para apagar da sua memória a imagem dele e acabar com os seus sentimentos por ele.

A rota de evasão de Mengele iniciou-se nas proximidades de Günzburg, onde tomou um comboio até Innsbruck. Ali, deteve-se num refúgio em Steinach, aos pés da passagem de Brennero. Era o dia 17 de abril de 1949. Em Steinach demorou-se apenas uma noite, antes de atravessar para a Itália, acompanhado por um guia. Uma vez em território italiano, Mengele entrou num comboio que se dirigia a Vipiteno, na província de Bolzano; nesta pequena cidade italiana, instalou-se numa pousada, A Cruz de Ouro. Ali estava reservado um quarto para ele, em nome de Fritz Holmann. Entregaram-lhe um bilhete de identidade alemão falso. Josef Mengele passou cerca de um mês naquela pousada, a memorizar todos os detalhes da etapa seguinte da sua rota de evasão.

De Vipiteno mudou-se para Boseno, aonde chegou em meados de maio de 1949. Reuniu-se ali com um indivíduo chamado Kurt, responsável por tirá-lo da Europa e levá-lo para a América do Sul. Kurt comunicou a Mengele que lhe tinha reservado uma passagem para Buenos Aires, no paquete *North King*, a sair do porto de Génova dentro de duas semanas. Havia ainda outro assunto importante a resolver: o passaporte. Mengele compraria um passaporte da Cruz Vermelha ao cônsul suíço em Génova³³. Quando tudo ficou organizado, o próprio Mengele, acompanhado por Kurt, apresentou-se no consulado para recolher o documento.

Kurt apresentou o amigo como sendo Helmuth Gregor. Agora só faltava um visto de viagem argentino. Uma vez obtido esse visto, o ex-médico da SS precisava de outro visto de saída, só que desta vez devia ser concedido pelos italianos e para consegui-lo dispunham apenas de três dias. A partida do *North King* estava prevista para 25 de maio.



O paquete North King, em que Mengele viajou de Génova para a Argentina.

REPÚBLICA ARGENTINA		FICHA PARA PASAJERO DE ULTRAMAR	
DIRECCIÓN GENERAL DE INMIGRACIÓN		CLASE UNICA	
Apellido y nombre	Gregor Helmut		
Llegado a Buenos Aires el	de	20 JUN 19	de 19
Vapor	NORTH KING		
N.º de orden	20/30		
Sexo	M	Edad	38
Estado	S	Profesión	mecánico
Sabe leer	si	y escribir	si
Qué idiomas habla	Alemán y ruso		
Religión	católica	Salud	buena
Defectos	ninguno		
Nacido en Nación	Alemania	Lugar	Termeno
Para qué viene a la R. Argentina	trabajo		
Si ha estado antes en la R. Argentina	no		
Puerto de embarco	GENOVA		
si entrará en el Hotel	no		
Observaciones del capitán sobre si le falta al pasajero algún documento, visación u otro requisito reglamentario:			

Visto argentino, em nome de Helmut Gregor (Josef Mengele).

Josef Mengele dirigiu-se então até à zona dos funcionários italianos e apresentou-se a um deles. Entregou-lhe uma pasta na qual tinha metido uma nota de 20 000 liras. Quando o funcionário viu a nota, chamou logo um agente da polícia que estava perto. O polícia levou Mengele a uma esquadra próxima, onde começaram a interrogá-lo. Depois de passar três semanas na prisão, Josef Mengele perdeu todas as esperanças de conseguir fugir para o outro lado do Atlântico. A imigração italiana sabia que os documentos eram falsos; misteriosamente, porém, a polícia deixou-o em liberdade. Ao que parece, um funcionário corrupto amigo de Kurt tinha conseguido resolver o problema. Enquanto se dirigia para um hotel, com 45 dólares no bolso, descobriu que o *North King* ainda continuava atracado no cais. Quando se dispunha a partir, o capitão descobriu uma avaria numa das máquinas e teve de esperar em Génova três semanas até chegar a peça sobressalente³⁴.

A 16 de julho de 1949, o paquete *North King* zarpou finalmente rumo a Buenos Aires. Num dos camarotes de segunda classe, viajava um tal Helmut Gregor. Através de um altifalante na coberta, uma voz informou que tinham percorrido três milhas e que desde esse momento se encontravam fora das águas territoriais italianas. O antigo médico de Auschwitz, o *SS-Hauptsturmführer* Josef Mengele, tinha conseguido fugir.

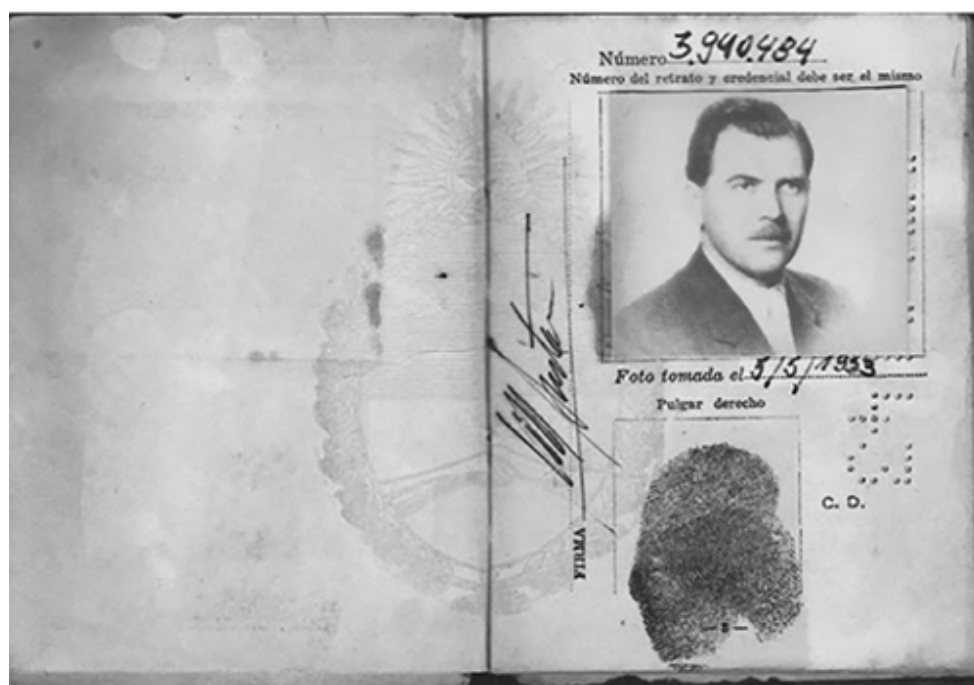
O *North King* atracou no porto de Buenos Aires a 26 de agosto de 1949; mas a chegada ao suposto paraíso ficou estragada, quando Mengele descobriu que não havia ninguém à espera dele. No dia seguinte, começou a procurar trabalho e uma casa onde viver. Os seus primeiros trabalhos na Argentina foram como

empregado de copa, empregado de mesa, carpinteiro e, por fim, estivador. Além disso, morava numa casa humilde, sem janelas, partilhada com um engenheiro brasileiro, no bairro de Vicente López. A sua sorte começou a mudar quando um simpatizante nazi com quem contactou lhe ofereceu um quarto em sua casa, situada no confortável bairro de Florida.

A partir fevereiro de 1951, tornou-se «agente oficial» da empresa Karl Mengele & Filhos no sul da América, fazendo viagens frequentes ao Uruguai e ao Paraguai. Três anos depois, em 1954, já tinha poupado dinheiro suficiente para comprar ações de uma empresa madeireira e para alugar uma casa no bairro residencial de Olivos. Depois de obter uma cópia da sua certidão de nascimento em 1956, através da embaixada da Alemanha Ocidental, concederam-lhe mesmo uma autorização de residência como estrangeiro argentino, com o seu nome verdadeiro, utilizando este mesmo documento para obter um passaporte da Alemanha Ocidental, também com o seu nome verdadeiro. Munido destes documentos, viajou para a Europa, onde se reuniu com o filho Rolf na Suíça, aproveitando para passar uma semana juntamente com a família em Günzburg³⁵.

No seu regresso à Argentina, em setembro desse mesmo ano, Josef Mengele começou a viver sob o seu nome verdadeiro. Preocupado que viessem a ser descobertos os seus antecedentes nazis e as suas atividades em Auschwitz em tempos de guerra, decidiu fazer uma viagem de negócios ao Paraguai, onde lhe concederam a cidadania, em 1959, sob o nome de José Mengele. Na Alemanha Ocidental, durante uma busca de registos públicos, Hermann Langbein, secretário-geral da Comissão Internacional de Auschwitz, encontrou os documentos de divórcio de Josef Mengele

da sua esposa de então, Irene Schönbein, onde se indicava uma morada em Buenos Aires. A 5 de junho de 1959, Langbein e o caçador de nazis Simon Wiesenthal pressionaram o governo de Konrad Adenauer no sentido de redigir uma ordem de detenção e extradição. Inicialmente, a Argentina indeferiu o requerimento, porque o «fugitivo Mengele já não vivia na morada indicada nos documentos». Além disso, quando foi aprovada a sua extradição, em 30 de junho de 1960, Mengele já tinha fugido para o Paraguai para se pôr sob o manto protetor do ditador Alfredo Stroessner. Ali ficou a viver numa fazenda chamada «Nova Baviera», perto da fronteira com a Argentina, propriedade de Alban Krug, um amigo de Hans Rudel, o ás da Luftwaffe.



Bilhete de identidade argentino de Josef Mengele, 5 de maio de 1953.

Em novembro de 1959, Josef Mengele sentiu-se suficientemente seguro para abandonar o seu refúgio argentino e viajar até à Alemanha, para assistir ao funeral do pai na cidade de Günzburg. Ali todos os cidadãos trabalhavam para a Karl Mengele & Filhos. Além disso, confiava que ninguém fixasse os olhos nele e menos ainda quando antigos camaradas da SS vagueavam em total liberdade por território europeu, sem serem minimamente incomodados pelas autoridades de ocupação aliadas. Entre estes encontravam-se Klaus Barbie, o Carniceiro de Lyon; o SS-*Standartenführer* Willy Krichbaum, antigo chefe da unidade no campo de batalha no Gabinete Central de Segurança do Reich, que foi quem deteve a maioria dos implicados no atentado contra Hitler; o jovem SS-*Obersturmführer* Hans Sommer, que planeou, em 1941, a explosão de várias sinagogas em Paris³⁶.

Quando Adolf Eichmann foi capturado por agentes da Mossad em Buenos Aires, em maio de 1960, Mengele começou sem dúvida a recear pela sua segurança e decidiu passar à clandestinidade para evitar a sua possível captura. Julga-se que Mengele partiu para o Brasil no outono de 1960. Sem dúvida precisou de redobrar de cautela ao saber pelos jornais do assassinato de Herberts Cukurs, a quem chamavam o Carniceiro de Riga, a 23 de fevereiro de 1965, por parte de um suposto comando da Mossad. Não obstante, há provas que deixam supor que pode ter visitado o Paraguai durante vários períodos de tempo, depois de ter fixado a sua residência definitiva no Brasil. Devido à pressão internacional, em especial do Congresso dos Estados Unidos, o Paraguai revogou a cidadania de Mengele em 1979, alegando que tinha estado ausente do país durante muito tempo e que, portanto, ao não cumprir os anos de residência necessários, era-lhe retirada a cidadania. Foi então que

Mengele decidiu viajar sozinho para o Brasil. Depois da descoberta, em 1985, dos restos mortais de Mengele, ficou evidente que, enquanto estava no Brasil, beneficiou da ajuda de várias personalidades, além da da sua família, em Günzburg. A mais importante delas foi Wolfgang Gerhard, um austríaco que se tinha estabelecido no Brasil em 1948. Gerhard proporcionou a Mengele amizade e um lugar seguro para viver, na zona de São Paulo³⁷. Outro golpe ao antigo médico da SS surgiu em 1964, quando a Universidade de Medicina de Frankfurt pediu ao médico nazi que se apresentasse perante uma comissão de ética por «violação do juramento hipocrático». Josef Mengele recusou comparecer e a comissão de ética retirou-lhe todos os títulos «por causa dos crimes que cometeu no campo de concentração de Auschwitz». Sabe-se que aquela decisão provocaria em Mengele uma profunda depressão que durou vários meses.

O interesse mundial pela figura de Josef Mengele voltou a despertar em 1976, após a estreia da película *Marathon Man*, [O Homem da Maratona], em que Christian Szell, um sádico médico nazi baseado na figura de Mengele e interpretado por Laurence Olivier, tentava recuperar uma fortuna em diamantes, roubados a famílias judaicas durante a Segunda Guerra Mundial. Dois anos depois, em 1978, com a estreia do filme *The Boys from Brazil* [Os Comandos da Morte], protagonizada por Gregory Peck no papel de Josef Mengele, e Laurence Olivier, no papel do caçador de nazis Ezra Lieberman (Simon Wiesenthal). O filme, baseado no romance de Ira Levin, mostrava uma conspiração por parte de antigos hierarcas nazis, liderados por Mengele (Peck), para estabelecer um quarto Reich. No final, a personagem conseguia superar a personalidade real de Josef Mengele.



Josef Mengele (terceiro a contar da direita), numa festa em Curitiba, Brasil, nos anos 70.

Em 1977, dois anos antes da sua morte, após um encontro em São Paulo entre o doutor Mengele e o filho, este afirmou que «o seu pai não estava minimamente arrependido e que não sentia nenhuma vergonha». Rolf recorda também que, durante o encontro com o pai, Mengele tentou convencê-lo de que algumas raças, incluindo a judaica, são inferiores e estão predestinadas ao seu desaparecimento.

Disse-lhe [a Mengele] que, fosse o que fosse que fizeram ou deixaram de fazer, ele ou outros, em Auschwitz, parecia-me profundamente detestável, visto considerar que Auschwitz era um dos exemplos mais atrozes de desumanidade e de brutalidade. Respondeu que não me entendia. Ele estava lá, tinha de cumprir a sua obrigação e as ordens que recebia.

Disse que toda a gente tinha de fazer o mesmo, se queria sobreviver, era o instinto básico de conservação. Disse que não tinha tido tempo de pensar. Do seu ponto de vista, não era pessoalmente responsável pelos incidentes que

ocorreram em Auschwitz. Disse que não foi ele que «inventou» Auschwitz, Já existia.

Disse que queria ajudar as pessoas do campo de concentração, mas que só podia fazer coisas até um determinado limite. No que se refere às «seleções», disse que a situação era idêntica à de um hospital de sangue em tempo de guerra. Se chegam dez soldados feridos, o médico tem de tomar uma decisão quase instantânea sobre quem vai operar em primeiro lugar. Quando escolhe um, então, com toda a certeza, outro vai morrer. O meu pai perguntou-me: «Quando as pessoas chegavam à estação, o que se supõe que eu devia fazer? Chegavam com doenças, meio mortos.» Disse que a situação ali estava para além da imaginação de qualquer pessoa. O seu trabalho tinha sido separar os «capazes de trabalhar» dos que eram «incapazes de trabalhar». Disse que tentou classificar o maior número possível de pessoas «capazes de trabalhar».

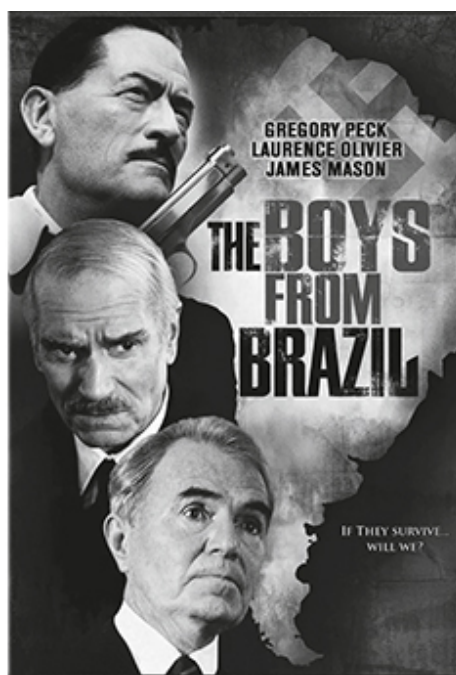
O que meu pai fez foi tentar convencer-me de que dessa forma tinha salvo de uma morte certa milhares de pessoas. Disse que não era ele quem mandava levá-los para as câmaras de gás, não tinha nenhuma responsabilidade nesse campo. Também disse que os gémeos do campo lhe deviam a vida. Disse que ele, pessoalmente, nunca tinha prejudicado ninguém em toda a sua vida.³⁸

Rolf Mengele declarou inclusive para um documentário intitulado *À procura de Mengele* que o pai tinha tentado convencê-lo das diferenças entre a raça ariana e os judeus: «Disse-me que estes eram muito diferentes quando comparados com a raça ariana. [...] Garantia ter provas de que os judeus eram diferentes ou anormais. Mas não conseguiu apresentar nenhum dado convincente. A maior parte dos seus argumentos era sociológicos, históricos ou políticos.»³⁹ O filho de Mengele soube assim que era impossível discutir com o pai sobre o bem e o mal, simplesmente porque o médico de Auschwitz não tinha nenhum sentido de culpa e, portanto, não distinguia o que estava bem e o que estava mal, o que

era humano e o que era desumano. O certo é que Rolf Mengele ia transformar-se no representante perfeito de uma sociedade, a sociedade alemã, que se sentia profundamente culpada pelo que os seus pais fizeram. Um sentimento que ainda prevalece na Alemanha de 2018, a propósito do que fizeram os «avós» das novas gerações alemãs.



Póster do filme *Marathon Man*. (esq.)

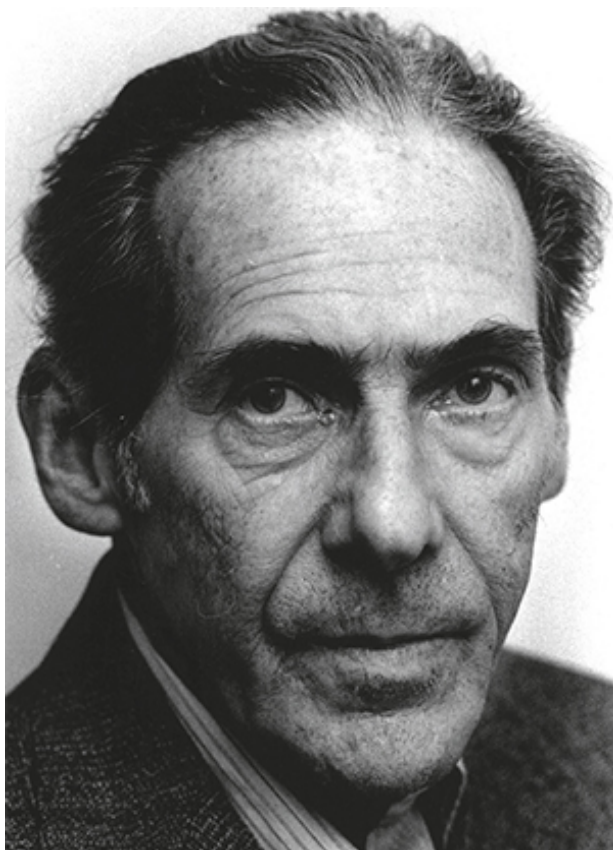


Póster do filme *The Boys from Brazil*. (dir.)

Com o passar dos anos, a saúde de Mengele foi-se deteriorando constantemente a partir de 1972 e, em maio de 1976, depois de regressar de uma excursão, sofreu um derrame cerebral. Esse ataque deixou sequelas graves, como a impossibilidade de usar o braço e a perna esquerdos. Além disso, Mengele sofria de pressão arterial elevada e uma infeção no ouvido esquerdo afetou-lhe seriamente o equilíbrio. De vez em quando, as vertigens impediam-no inclusive de conseguir manter-se em pé. Também tinha

problemas de coluna, que lhe provocavam fortes dores, bem como enxaquecas que o impediam de poder ver a luz do sol. Outras afeções de Mengele eram alergias e insónias e estava pendente de se submeter a uma intervenção cirúrgica à próstata⁴⁰.

No Natal de 1978, um médico seu amigo diagnosticou-lhe uma depressão profunda. Na realidade, Mengele tinha perdido a vontade de viver. Um dia, esteve quase a cair para dentro de um poço seco, se um dos guardas da casa não o tivesse evitado. Noutra ocasião, os vizinhos saíram a correr para a rua ao ouvirem o chiado de travões: descobriram um autocarro enfaixado na fachada de um prédio e Josef Mengele de pé, no meio da estrada. Neste estado mental, Mengele abandonou pela última vez a sua casa, na avenida Alvarenga, 5555. Despediu-se de toda a gente, como se soubesse que ia morrer.



Josef Mengele nos seus últimos anos, pouco antes de morrer afogado numa praia do Brasil.

Na segunda-feira, dia 5 de fevereiro, Mengele chegou a Bertioga, cerca de 60 quilómetros a norte de São Paulo. Tinha ido visitar os seus amigos Wolfram e Liselotte Bossert. O verão brasileiro estava em pleno apogeu. Nos dois primeiros dias permaneceu fechado no seu quarto, em casa dos Bossert. Por volta do meio-dia de quarta-feira, 7 de fevereiro de 1979, resolveu dar um passeio pela praia. Eram poucas as pessoas que ainda permaneciam na praia solitária de Bertioga. A maior parte dos banhistas já se tinham retirado. À volta de um guarda-sol, os Bossert e os seus dois filhos entretinham-se a construir um castelo de areia. O mais velho do grupo, com a mão esquerda pousada ao pé da barriga, contemplava com um sorriso os movimentos do casal e dos seus dois filhos. Em

dada altura, sem que ninguém reparasse, o homem de 68 anos pôs-se em pé, aproximou-se da margem e começou a caminhar pelo oceano adentro. Na praia de Bertioga, a rampa formada pela areia descia com suavidade para o oceano, pelo que se pode caminhar dezenas de metros sem que a água ultrapasse a altura do peito. O banhista caminhou um bom trecho com determinação e, quando se voltou, reparou que a criança mais pequena estava a observá-lo. Mengele levantou o braço sã e fez-lhe um aceno; mas ao fazê-lo perdeu a estabilidade e as pernas empurraram-no para diante, fazendo-o cair. Com o primeiro trago de água salobra, o antigo médico da SS sentiu um ardor nas entranhas. Com o segundo trago, mais intenso do que o anterior, tentou gritar, mas os olhos arregalaram-se e a mão procurou sem êxito soltou-se do abdómen. Com o terceiro trago, Mengele sentiu como se uma onda colossal caísse sobre ele. Ele, que em várias ocasiões tinha decidido a morte e executado milhares de pessoas sem nunca se deter a pensar o que se sentiria no momento exato em que o último alento abandona o corpo, descobriu-se a reflectir sobre isso, enquanto se afundava nas águas quentes da praia de Bertioga. Foi então que Josef Mengele soube que ia morrer⁴¹.

O jovem Andreas Bossert recorda os movimentos frenéticos realizados por Mengele antes de morrer afogado.

Tive de nadar com um braço e arrastá-lo com o outro; o trajeto até à margem parecia-me interminável. Lutava para tentar manter-lhe a cabeça à superfície das águas e sem ter pé, e dei-me conta de que não nos estávamos aproximando da praia. A certa altura, tive a sensação de que já não conseguia continuar a segurá-lo. No entanto, de algum ponto do meu subconsciente, veio-me um pensamento: devia usar a força das ondas. Assim, comecei a mergulhar, com os calcanhares firmemente assentes na areia e segurando o corpo por cima da cabeça. Nessa altura ainda ele estava vivo.⁴²

Mengele foi enterrado poucos dias depois, no cemitério de Embu das Artes, com o nome de Wolfgang Gerhard, numa campa que tinha sido comprada pelo próprio, supostamente para seu uso pessoal. A 24 de julho de 1991, o governo do estado do Paraná publicou um relatório redigido em 1968 por Eric Erdstein, um ex-agente da polícia, garantindo conhecer o paradeiro de Mengele no Brasil. As autoridades brasileiras «sabiam que o criminoso de guerra nazi Josef Mengele vivia no Brasil desde 1968, mas não o prenderam». Entretanto, diversos meios de comunicação de todo o mundo informavam sobre avistamentos do Anjo da Morte de Auschwitz, em diversos países. Simon Wiesenthal, mesmo em 1985, insistia, seis anos depois da morte de Mengele, que ele ainda estava vivo⁴³.



Campa onde permaneceram os restos mortais de Josef Mengele, até à sua exumação em 1985.

A 31 de maio de 1985, por um aviso recebido do Ministério Público da Alemanha Ocidental, a polícia invadiu a casa de Hans Sedlmeier, amigo de Mengele e gerente de vendas da empresa familiar. Encontraram um livrinho de endereços codificados e cópias de cartas dirigidas a Josef Mengele. Entre os papéis, havia uma carta de Wolfram Bossert, que certificava a morte do médico. As autoridades alemãs comunicaram à polícia de São Paulo, que se pôs em contacto com Wolfram e Liselotte Bossert. No interrogatório, revelaram a localização exata da sua campa.

Os restos mortais foram exumados a 6 de junho de 1985, e um extenso exame forense confirmou com um alto grau de probabilidade (98,8 por cento) que o corpo era o do criminoso de guerra nazi Josef Mengele⁴⁴. A 10 de junho, Rolf Mengele emitiu um comunicado oficial admitindo que o corpo era realmente o do seu pai e que a notícia da sua morte se tinha mantido em silêncio durante os últimos seis anos a fim de «proteger as pessoas que o tinham apoiado durante anos». Mesmo assim, muita gente não estava convencida. Em 1992, as provas de ADN confirmaram finalmente a identidade dos restos mortais de Josef Mengele. Os membros da família Mengele em Günzburg recusaram repetidos requerimentos dos funcionários brasileiros para repatriar os seus restos para a Alemanha.

Body dug up is said to be Josef Mengele

By STAN LEHMAN
The Associated Press

EMBU, Brazil — Police exhumed a body in this quiet town Thursday that they believe is Dr. Josef Mengele, the sadistic Auschwitz "Angel of Death" who became the symbol of Nazi evil.

Romeo Tuma, the federal police chief in Sao Paulo, said he was "90 percent convinced" that a man who drowned at the seashore in 1979, and was buried as an Austrian, was the doctor whose bizarre medical "experiments" made a shocking page even in Adolf Hitler's book of horrors.

Leading Nazi hunters were skeptical.

Three gravediggers with picks and shovels opened the weed-covered mound in the small cemetery. The coffin stuck in the cavity, which was four feet deep, and police told them to smash it open.

Bones and shreds of clothing were removed by hand. Jose Antonio de Mello, assistant director of the Sao Paulo morgue, held the skull high for the hundreds of onlookers to see.

De Mello said it would be difficult to determine whether the disarrayed bones, placed in a morgue van on a long metal tray, were those of the man who sent hundreds of thousands of people to gas chambers.

"By the looks of things it will take at least 15 days to get a positive ID," he said. He said the teeth were sufficiently well-preserved to allow comparisons with any appropriate dental records.

De Mello and Tuma said dental records and other information on Mengele's bone structure had been sent from West Germany and should arrive in Brazil today. Tuma said the records were promised by the West Ger-

man consulate in Sao Paulo.

However, Heinz Hausstein, who is the leading West German law enforcement official in the case and has worked on it for five years, said in Frankfurt: "We don't have dental records of Mengele. We don't have bone structure records either." The reason for the discrepancy in the men's statements was not immediately known.

Tuma told reporters federal police have "documents and a diary belonging to Mengele," seized at the home of an Austrian couple in Brazil where Mengele had lived. He said the people appeared to be neither Nazis nor sympathizers, or to be aware at first who

the man was.

He did not say when or where police found the documents, but said West German authorities advised Brazil that Mengele was living in the country.

Mengele, who would be 74, has been sought since World War II. Rewards have been offered totaling \$3.5 million.

Auschwitz survivors tell of Mengele's cruel experiments in his search for the key to Hitler's dream of a "master race" — injecting blue dye into the irises of brown-eyed children, observing the processes of freezing to death and poisoning on other inmates. He performed many of his experiments on twins and dwarfs.

Nazi hunter Simon Wiesenthal was "extremely skeptical" of the report, said Rabbi Marvin Hier, dean of the Simon Wiesenthal Center in Los Angeles.

Hier said it could be intended to throw searchers off. "Credible information" has placed Mengele at various locations since 1979, including a new lead developed "only this week," he said.



«O corpo encontrado é o de Mengele». Associated Press, 7 de junho de 1985.

Os seus ossos permanecem ainda hoje armazenados em várias caixas metálicas no Instituto de Medicina Forense de São Paulo, utilizando-se como material educativo durante os cursos de medicina forense na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo⁴⁵. Para reconhecer o crânio e os ossos de Josef Mengele, utilizou-se a sua ficha médica da SS, em que figurava o grave acidente de moto sofrido durante os seus primeiros dias em Auschwitz, quando, circulando a toda a velocidade para Birkenau,

chocou contra um caminhão carregado de armamento da SS. Mengele ficou gravemente ferido: partiu a anca e recebeu um forte golpe no crânio. Aquela fratura serviu aos peritos forenses do Brasil para concluir, em junho de 1985, que o esqueleto encontrado tinha sofrido uma fratura na anca que pode ter sido provocada por um acidente de moto.

A 27 de janeiro de 1985, em que passava o quadragésimo aniversário da libertação do campo de concentração de Auschwitz por parte das tropas soviéticas, à entrada do inferno onde Josef Mengele realizou as suas sádicas experiências, as associações de vítimas e sobreviventes do Holocausto decidiram colocar uma grande placa de bronze, onde se pode ler:



Crânio do criminoso de guerra Josef Mengele.

Deixa para sempre que este lugar, onde os nazis assassinaram cerca de um milhão e meio de homens, mulheres e crianças, na sua maioria judeus de

diferentes países da Europa, seja um pranto de desamparo, uma advertência para a humanidade.

¹ Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

² Gilles MacDonogh, *After the Reich*, John Murray, Londres, 2007.

³ As declarações de Katherine Neiger foram recolhidas pelo major Paul Ingress Bell, oficial britânico destacado na equipa da Procuradoria-Geral de Crimes de Guerra. As suas declarações estão registadas na informação *In the Matter of Josef Mengele: A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Washington DC, 1992.

⁴ Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

⁵ Miklos Nyiszli, *Auschwitz: A Doctor's Eyewitness*, Arcade Publishing, Nova Iorque, 2011.

⁶ Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

⁷ Tuviah Friedmanm, *Mengele*, Institute of Documentation in Israel for the Investigation of Nazi War Crimes, Haifa, 1994.

⁸ US Department of Justice, *In the Matter of Josef Mengele: A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Washington DC, 1992.

⁹ Wirths foi capturado pelos Aliados no fim da guerra e mantido sob custódia pelas forças britânicas. A 20 de setembro de 1945, sabendo que com certeza seria julgado por crimes de guerra, suicidou-se enforcando-se na sua cela.

¹⁰ Vivien Spitz, *Doctors from Hell: The Horrific Account of Nazi Experiments on Humans*, Sentient Publications, Colorado, 2005.

¹¹ Atualmente, sabe-se que foram gaseados em Auschwitz entre um milhão e cem mil e um milhão e trezentos mil judeus. Segundo os números apresentados pelo SS-*Obersturmbannführer* Adolf Eichmann, responsável pelo Referat IV B 4, a Secção Central de Segurança do Reich, encarregada da questão judaica, o número aproximava-se dos dois milhões e meio, pouco antes da rendição alemã.

¹² Ordem de prisão e acusação primária tornadas públicas em Frankfurt am Main, a 19 de janeiro de 1981, pelo *Landgericht 22 Strafkammer* (Tribunal Estatal 22), processo número 22/50/LJs340/68.

¹³ Grupo Internacional de Crimes de Guerra. Declarações Sob Juramento, Volume IV, Arquivo número 000-50-37708, 2 de outubro de 1947. National Archives, Washington DC.

¹⁴ Ordem de prisão e acusação sumária tornadas públicas em Frankfurt am Main, a 19 de janeiro de 1981, pelo *Landgericht 22 Strafkammer* (Tribunal Estatal 22, processo número 22/50/LJs340/68.

15 Depois da guerra, Münch foi detido pelos norte-americanos e, após ter sido identificado como um médico de Auschwitz, foi extraditado para a Polónia em 1946 para ser julgado em Cracóvia. Foi acusado de inocular a malária nos presos e um soro que provocava reumatismo; no entanto, muitos presos testemunharam a favor de Münch. O tribunal absolveu-o a 22 de dezembro de 1947. A absolvição do tribunal baseou-se, entre outras coisas, na sua recusa em participar nas seleções. Dos 41 membros do pessoal de Auschwitz julgados em Cracóvia, só Münch foi absolvido. Chamaram-lhe «o Homem bom de Auschwitz», por ter salvo prisioneiros da morte nas câmaras de gás.

16 Entrevista ao doutor Hans Münch por Gerald L. Posner e John Ware para o seu livro *Mengele: The Complete Story*, em 1985.

17 Lucette Matalón e Sheila Cohn, *Children of the Flames. Dr. Josef Mengele and the Untold Story of the Twins of Auschwitz*, Penguin Books, Nova Iorque, 1992.

18 Robert Jay Lifton, *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*, Basic Books, Nova Iorque, 1988.

19 Flora Schreiber, *The Satanic Doctor Mengele*, The New York Times Syndication Service, Nova Iorque, 4 de maio de 1975.

20 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

21 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

22 US Department of Justice, *In the Matter of Josef Mengele: A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Washington D.C., 1992.

23 Andrew Nagorski, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.

24 Memorandum from Melvin G. Kidder to Colonel P. S. Lauben, Subject: CROWCASS, 12 de outubro de 1945. NARA. RG 332, ETO, Records of the Secretary General Classified General Correspondence 1944 to 1945 000.1-000.5, Box 12.

25 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

26 Rudolf Höss, *Yo, Comandante de Auschwitz*, Ediciones B, Madrid, 2009.

27 Robert Jay Lifton, *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*, Basic Books, Nova Iorque, 1988.

28 Olga Lengyel, *Los Hornos de Hitler*, Diana, México D. F., 2002.

29 Herman Langbein, *People in Auschwitz*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, Carolina do Norte, 2004.

30 Carta do general Telford Taylor, chefe do Conselho dos Estados Unidos para Crimes de Guerra em Nuremberga, ao coronel Edward H. Young, a 19 de janeiro de 1948.

31 Telford Taylor, *Nuremberg and Vietnam: An American Tragedy*, Bantam Books, Nova Iorque, 1971.

32 Vide JUSTIZ UND ERINNERUNG, Hrsg, v. Verein zur Förderung justizgeschichtlicher Forschungen und Verein zur Erforschung nationalsozialistischer Gewaltverbrechen und ihrer Aufarbeitung, Oktober 2003.

33 O processo de Josef Mengele da Cruz Vermelha Internacional manteve-se secreto durante quarenta anos, exatamente até 1985. Depois de uma petição oficial da parte do então secretário de Estado, George Shulz, a Cruz Vermelha publicou o «Processo Mengele», que ajudou a esclarecer os movimentos de Josef Mengele para fugir da Europa.

34 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

35 US Department of Justice, *In The Matter of Josef Mengele: A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Washington D.C., 1992.

36 William Stevenson, *The Bormann Brotherhood*, Bantam Books, Nova Iorque, 1974.

37 US Department of Justice, *In the Matter of Josef Mengele: A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Washington D.C., 1992.

38 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

39 Entrevista a Rolf Mengele para o documentário *The Search of Mengele*, produzido por Viacom Media Networks, 2016.

40 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

41 Gerald L. Posner e John Ware, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova Iorque, 2000.

42 Entrevista a Wolfram Bossert para o documentário *The Search for Mengele*, para a Central Television, Londres, para HBO, agosto de 1985.

43 Thomas Keenan e Eyal Weizman, *Mengele's Skull: The Advent of a Forensic Aesthetics*, Sternberg Press, Berlim, 2012.

44 *Ibidem*.

45 *The Guardian*, «Nazi doctor Josef Mengele's bones used in Brazil forensic medicine courses», Associated Press, 11 de janeiro de 2017.

12

ERICH RAJAKOWITSCH O Carrasco da Holanda

Em menos de dezoito meses, a Áustria ficou limpa de judeus; no total, saíram «legalmente» do país 150 000 pessoas, 60 por cento da comunidade judaica da Áustria. Inclusive depois de rebentar a guerra, partiram outros 60 000. Mas como foi que os nazis conseguiram isto? Eichmann, que costumava sempre apropriar-se das ideias dos seus subalternos, não duvidou em apropriar-se desta perante o seu chefe Heydrich. A ideia foi apresentada por Reinhard Heydrich a Hermann Göring durante uma conferência na manhã da *Kristallnacht*. A ideia era engenhosa. «Através da comunidade judaica que deseja emigrar, conseguimos arrecadar uma importante soma de dinheiro proveniente dos judeus mais ricos. [...] Pagando uma determinada quantia e uma soma de dinheiro adicional em moeda estrangeira, os judeus têm a oportunidade de partir. O problema não era tanto conseguir que os judeus ricos se fossem embora, como livrar-se da ralé judaica», disse Heydrich a Göring¹.

Na realidade, esse problema não foi resolvido por Eichmann. Até quase ao final do seu julgamento em Jerusalém, não se soube que

essa ideia tinha surgido, segundo o Instituto Estatal Holandês de Documentação de Guerra, de Erich Rajakowitsch, um brilhante advogado que Eichmann tinha utilizado para lidar com assuntos legais no Gabinete Central para a Emigração Judaica em Viena, Praga e Berlim. Foi a Rajakowitsch que ocorreu a ideia dos chamados «fundos de emigração». Em abril de 1941, Erich Rajakowitsch foi enviado à Holanda por ordem de Reinhard Heydrich com a missão de «estabelecer em Amesterdão um escritório central que servisse de modelo para a Solução Final da questão judaica em todos os países ocupados da Europa». Numa informação dirigida a Heydrich e com cópia para Eichmann, Rajakowitsch escreveu:

Isto é como uma fábrica automática, como um moinho conectado a uma padaria. Numa extremidade põe-se um judeu que possua alguma coisa, uma fábrica, uma loja ou uma conta bancária, e vai passando por todo o edifício, de mostrador em mostrador, de gabinete em gabinete, e sai pela outra extremidade sem nada de dinheiro, sem nenhum tipo de direitos, só com um passaporte que diz: «Você tem quinze dias para deixar o país. Caso contrário, irá para um campo de concentração.»

Rajakowitsch tinha assumido a missão vital de livrar o povo alemão de todos os judeus mediante o uso da lei. Nascido em Trieste a 23 de novembro de 1905, o futuro oficial da SS sonhava com a união da Alemanha com a Áustria para configurar a grandeza da Europa. Acreditava sinceramente na necessidade de criar uma grande zona europeia, livre de raças inferiores. Rajakowitsch mudou-se com a família para Graz (Áustria), após a Primeira Guerra Mundial e ali terminou a sua etapa escolar. Em novembro de 1931, completou os estudos de Direito na Universidade de Graz, com medíocres classificações. Foi durante a sua etapa estudantil que

começou a aproximar-se da ideologia nacional-socialista. A Akademischen Corps Teutonia de Graz era defensora da política alemã, nacionalista, antissemita e antidemocrática. Depois da sua graduação, trabalha como estagiário e advogado. Durante todo o ano de 1938, Rajakowitsch foi membro do prestigioso escritório de advogados vienense Heinrich Gallop & Associados. Em 1934, Rajakowitsch casa com Anna Maria Rintelen, filha de Anton Rintelen, importante membro do governo do chanceler Dollfuss, implicado no golpe de Estado falhado que acabaria com a vida do próprio Dollfuss.

Depois do *Anschluss*, Rajakowitsch juntou-se ao Partido Nazi, com o número de filiado 6 330 373. Gallop e o seu associado Rajakowitsch desenvolveram o modelo de «arianização contra a emigração», transferindo importantes ativos financeiros de clientes judeus muito endinheirados em troca de resolver toda a burocracia para que estes pudessem sair da Áustria. Rajakowitsch dirigiu também, em finais do outono de 1938, juntamente com o seu novo sócio Hugo Weber, o chamado «fundo para a transação de riqueza». Através destas transações financeiras, Erich Rajakowitsch cooperava estreitamente com o Gabinete Central para a Emigração Judaica em Viena, através da qual conheceu Adolf Eichmann. Rajakowitsch criou também um «fundo de emigração» no Gabinete Central para a Emigração Judaica em Praga, que controlava pessoalmente. A ideia era muito simples: obrigavam-se os judeus ricos a emigrar, não sem antes lhes oferecer passaportes e autorizações de viagem, em troca de enormes fortunas. Se não podiam pagar ou se se negavam a fazê-lo, eram diretamente deportados para campos de concentração e as suas fortunas e propriedades eram confiscadas². O próprio Adolf Eichmann

descreveria então Rajakowitsch como «alguém que se põe à disposição da causa com alma e coração, um nacional-socialista da raça mais pura. [...] advogado extraordinariamente moderado e inteligente, a cuja ajuda não desejava renunciar porque incarnava a jurisprudência prática viva, e não a autoridade seca da jurisprudência».³



Fotografia oficial de Erich Rajakowitsch, da sua ficha da SS.

Quando a guerra começou, Rajakowitsch foi destinado a um batalhão da SS na Polónia, antes de se tornar chefe da SIPO e do SD em Praga. Transferido em dezembro de 1939 para o quartel-general do Gabinete Central de Segurança do Reich, permaneceu

neste lugar até abril de 1941. Rajakowitsch tornou-se o colega mais chegado de Eichmann «no manejo de assuntos legais nos Gabinetes Centrais para a Emigração Judaica em Viena, Praga e Berlim». Sob o comando de Adolf Eichmann e de Theodor Dannecker, Erich Rajakowitsch ocupou-se até agosto de 1940 do «Plano Madagáscar», deportação de judeus europeus para aquela ilha africana. Foi precisamente por aquela altura que Adolf Eichmann o enviou à Holanda como seu representante oficial em Haia. Berlim achava que se estava a perder o controlo da situação na Holanda, e Himmler desejava que os assuntos judaicos fossem separados dos assuntos relativos à ocupação.

Em fevereiro, uma dura greve geral dos estivadores holandeses tinha provocado um autêntico caos entre as forças ocupantes. Também tinham aumentado os ataques da resistência contra as forças alemãs de ocupação, principalmente por parte de setores judaicos, após a aplicação das primeiras medidas contra eles. Erich Rajakowitsch foi enviado para ajudar a restabelecer a ordem, e para administrar o «problema judaico» na Holanda.

Em maio de 1941, os responsáveis por solucionar o problema judaico na Holanda reuniram-se em segredo para começarem a preparar a expropriação de todas as propriedades dos judeus, que, num futuro não muito longínquo, iam ser utilizadas para financiar a Solução Final. Em agosto do mesmo ano, Rajakowitsch assumiu a direção do Departamento Especial J da Gestapo, sob o comando de Wilhelm Harster, comandante da Polícia de Segurança e do SD em Haia. «Combater o judaísmo na sua totalidade, cujo objetivo é a solução final da questão judaica», era a ordem dada por Eichmann a Rajakowitsch antes de ser enviado à Holanda. Quando Erich Rajakowitsch foi substituído por Wilhelm Zöpf como chefe de

departamento, o próprio Rajakowitsch assumiu em fevereiro de 1942 um novo destino em Haia. Concretamente na Secção II B (confiscação de bens, encarceramento e expatriação).

A concentração de todos os judeus holandeses em vários campos em redor da Holanda começou em janeiro de 1942⁴.

Quatro meses mais tarde, todos os judeus do país receberam ordem para usar a Estrela de David, de cor amarela. A 11 de junho de 1942, Rajakowitsch participou numa reunião juntamente com os representantes de Eichmann em Paris e Bruxelas, onde devia decidir-se a primeira fase da aniquilação de quinze mil judeus, que deviam ser deportados da Holanda para campos de extermínio. A estes se juntariam outros dez mil judeus procedentes da Bélgica, e quase cem mil da França⁵.



Deportação de judeus holandeses, principal missão de Rajakowitsch na Holanda.

Os primeiros comboios que transportavam judeus holandeses para Auschwitz partiram a 15 de julho de 1942. A 12 de agosto de 1942, Erich Rajakowitsch enviou um telegrama à SS de França, no qual informava que ele pessoalmente tinha enviado «oitenta e três judeus holandeses para Auschwitz, incluindo dez crianças entre três e dez anos»⁶. Depois desta operação, Rajakowitsch abandonou a Holanda em 1943, sendo transferido durante um curto espaço de tempo para a escola de oficiais da SS. Também passou alguns meses na frente russa, até depois de ter acabado a guerra.

O Corpo de Contrainteligência do exército norte-americano seria a primeira agência a tropeçar no nome de Rajakowitsch. No decurso de uma investigação aberta em 1946 sobre Adolf Eichmann, o CIC descobriu uma antiga amante de Eichmann que tinha beneficiado da expropriação de uma fábrica propriedade de judeus austríacos. O advogado que redigiu os documentos de transferência da propriedade para a SS era um lugar-tenente de Eichmann chamado Erich Rajakowitsch. Em 1947, os agentes do CIC emitiram ordens de busca e captura contra Rajakowitsch, a fim de o interrogarem em diversos casos de restituição a cidadãos austríacos que tinham perdido todas as suas propriedades pelo facto de serem judeus⁷.

O certo é que o criminoso de guerra não andava demasiado longe. Vivia em Milão, com o nome de Enrico Raja ou Enrico Rajakowitsch, e era proprietário da «Enneri & Company», uma florescente firma de importação e exportação da Itália para países da Europa do Leste. Rajakowitsch tinha casado com Giuliana Tendella, uma administrativa que trabalhava na mesma companhia. Nesta época, as relações do antigo criminoso de guerra com os seus antigos camaradas da SS, agora convertidos em seguidores fiéis do Partido Comunista na República Democrática Alemã, eram

muito estreitas. Graças a estes contactos, a empresa de Rajakowitsch começou a exportar diversos artigos para os países situados no outro lado da Cortina de Ferro: ferro, lignite e motores de barcos, para a RDA; madeira e vidro, para a Polónia; e fornecimentos médicos para a Hungria. Curiosamente, os clientes principais encontravam-se em Varsóvia, Budapeste, Belgrado e Moscovo⁸.

Em janeiro de 1954, a exportação de mercúrio para o governo checo por parte da Enneri & Company chamou a atenção do governo norte-americano, que pôs Rajakowitsch sob vigilância⁹. De fontes italianas, a CIA soube que, nos negócios, o antigo criminoso de guerra era «um homem de poucos escrúpulos, capaz de levar a cabo qualquer atividade, se valesse a pena». A CIA, porém, concluiu que não havia provas de que esse tal Enrico Raja fosse uma ameaça política de qualquer tipo e, além disso, parecia que os serviços secretos norte-americanos não tinham a mais pequena curiosidade sobre o que este homem de meia-idade tinha feito durante a guerra. A Agência Central de Inteligência aceitou a declaração do próprio Rajakowitsch de que tinha sido colocado como um simples polícia civil no Território Livre de Trieste antes da guerra e que, depois do início do conflito, tinha sido recrutado pela Wehrmacht para ser enviado para a frente russa como soldado raso. O certo é que a CIA nunca levou a cabo uma verificação de dados nos arquivos da SS, no Centro de Documentos de Berlim. Se o tivesse feito, teria descoberto que Erich Rajakowitsch tinha já sido investigado pelos serviços secretos militares aliados em 1946, por crimes de guerra e crimes contra a humanidade.

Segundo Simon Wiesenthal, Erich Rajakowitsch tinha feito a sua fortuna espoliando famílias judaicas holandesas. Informações dos

serviços secretos norte-americanos demonstravam que, tanto Rajakowitsch como o general da SS Hans Fischböck tinham enriquecido espoliando famílias judaicas holandesas em troca de não constarem nas listas de deportações para Auschwitz. Parte desse dinheiro ia diretamente para os bolsos de Eichmann; outra, para os de Fischböck; outra para os de Rajakowitsch; e a parte mais importante para diversas contas na Argentina, através dos bancos suíços (UBS) de Zurique¹⁰. Grande parte dos judeus vítimas de extorsão provinha dos Países Baixos. Documentaram-se cerca de meio milhar de casos por uma importância equivalente a trinta e cinco milhões de francos suíços. Quando Eichmann ordenou a deportação dos primeiros quarenta e dois mil judeus holandeses, a engrenagem de extorsão dirigida por Erich Rajakowitsch pôs-se em marcha. O criminoso de guerra criou um registo dos *Angebotsjuden*, ou, o que vinha a dar no mesmo, os judeus que podiam pagar pela sua vida¹¹. Este registo ficou também conhecido como a «Lista Frielingsdorf», em honra de Margarete Frielingsdorf, a especialista desses assuntos no gabinete de Adolf Eichmann, em Haia¹². Existiram também outros registos na Holanda, como a «Lista Weismann», administrada por Jan Jacob Weismann, que conseguiu chegar a acordo com Erich Rajakowitsch, que, em troca de uma importante contribuição, aceitava incluir na sua lista judeus ricos. Outra foi a chamada «Lista Puttkammer», dirigida por Erich Puttkammer, que aceitava incluir na sua lista apenas judeus que pudessem pagar-lhe em dinheiro, ouro, diamantes ou joias. Quem conseguisse entrar em alguma destas listas, salvava-se de ser detido e enviado para o campo de concentração de Westerbork e daí para Auschwitz¹³.

Também se encontrava na sua pista o Instituto Estatal Holandês de Documentação de Guerra. O seu diretor, o doutor Louis de Jong e o historiador Bernard A. Sijes dedicaram-se a recolher informações sobre Erich Rajakowitsch durante a sua passagem pelos Países Baixos e o seu papel na aplicação na Holanda da «Solução Final do problema judaico na Europa»¹⁴.

Curiosamente, nos anos 50, quando começaram a aparecer as primeiras notícias sobre o «representante de Eichmann em Haia», não se citava Rajakowitsch, mas Wilhelm «Willy» Zöpf. Nascido a 11 de março de 1908, Zöpf alistou-se na SS e filiou-se no Partido Nazi. No mês de janeiro de 1940, foi nomeado assessor especial da Gestapo em Berlim. Em fevereiro de 1941, foi destinado à Escola de Agentes da SIPO, onde mostrou grande habilidade nos interrogatórios. Em janeiro de 1942, o SS-*Hauptsturmführer* Wilhelm Zöpf seria nomeado chefe do Referat IV B 4 em Haia¹⁵.

Na realidade, os únicos que tinham informação sobre o papel desempenhado por Rajakowitsch na Solução Final eram os franceses, que entregaram todo o material disponível ao Centro de Documentação Judaica de Paris. A CIA nunca tentou averiguar esses documentos. Se o tivesse feito, teria descoberto Erich Rajakowitsch.

Em dezembro de 1958, Rajakowitsch escreveu uma carta a um dos seus contactos de negócios em Xangai, carta que foi interceptada pela Agência Central de Inteligência. Os peritos da CIA viram no antigo criminoso de guerra uma possível fonte de inteligência na China comunista. A agência americana tinha já na sua mira pelo menos cinco homens que tinham sido participantes ativos no extermínio de judeus durante a recente guerra. Os seus nomes eram: Leopold von Mildenstein, Otto Albrecht von

Bolschwing, Theodor Saevecke, Aleksandras Lileikis e Erich Rajakowitsch. Mildenstein, Von Bolschwing e Rajakowitsch tinham servido sob as ordens diretas de Adolf Eichmann no Departamento de Assuntos Judaicos¹⁶. Em junho de 1959, teve lugar uma «aproximação direta» em Milão, entre a CIA e Erich Rajakowitsch. O antigo criminoso de guerra soube lidar com os agentes norte-americanos. Rajakowitsch estava disposto a discutir uma viagem que tinha feito à Feira de Cantão em 1958, mas não estava disposto a atuar em nome da CIA na feira desse ano. Fizeram-se planos para uma nova reunião mas não deu em nada. «O indivíduo não é recetivo aos esforços dos oficiais que reclamaram a sua cooperação numa próxima viagem sua a Cantão, em 1959», escreveu um agente de campo da CIA. Se Wiesenthal esperava que o «caso Rajakowitsch» ia transformar-se num trabalho produtivo entre o seu Centro de Documentação e as autoridades austríacas, não conhecia ainda a confusão que viria a ser o facto de Rajakowitsch ter colaborado com a CIA. Depois de apresentar o caso ao Ministério Público da Áustria, não aconteceria absolutamente nada durante os meses seguintes.

No outono de 1961, o caçador de nazis Simon Wiesenthal viajava de comboio de Linz para Viena juntamente com sua esposa, Cyla, e Paulinka, sua filha de 14 anos, a pretexto da inauguração do novo Centro de Documentação Judaico, nos escritórios do Israelitische Kultusgemeinde. O centro contava com três colaboradores que, na sua primeira informação datada de 2 de abril de 1962, falavam sobre a necessidade de combater o antissemitismo contra os judeus da Áustria. Também se dedicavam a colaborar com as autoridades austríacas e alemãs, e com organizações judaicas, para esclarecer a questão dos criminosos de

guerra e levar a cabo uma investigação histórica sobre o Holocausto.

O primeiro caso de Wiesenthal no novo centro seria o do doutor Erich Rajakowitsch. Julgava-se que Rajakowitsch tinha morrido na frente leste; mas, durante o julgamento de Eichmann em Jerusalém, Wiesenthal pôde ouvir como Eichmann relatava que «tinha falado com Rajakowitsch em 1955». Em agosto de 1961, tinha estado a investigar as atividades do pós-guerra de Rajakowitsch, quando descobriu que o criminoso de guerra, depois de viver alguns anos escondido na Argentina, tinha decidido regressar à Europa, no início dos anos 50. Ao que parece, alguém tinha avisado Rajakowitsch que o Tribunal Regional de Graz pretendia emitir uma ordem de detenção contra ele. A fonte pode ser Wilhelm Harster, antigo superior do criminoso de guerra na Holanda. Harster, apesar de ter participado na deportação de judeus holandeses para Auschwitz, tinha conseguido incorporar-se na polícia da Baviera, com sede em Munique.

Com o apoio da Rota das Ratazanas, liderada pelo bispo Alois Hudal, o SS-*Obertsturmführer* Erich Rajakowitsch conseguiu pôr terra de permeio e fugir para a Argentina, de avião procedente do Chile, com um passaporte em nome de Enrico Raja. Ali permaneceu até à queda do presidente Juan Domingo Perón; mas também sabia que, se regressasse à Europa, o Tribunal Regional de Graz, em virtude da Lei dos Crimes de Guerra, criada em 1953, poderia ordenar a sua detenção e instrução de processo a qualquer momento¹⁷. Após um par de anos em Buenos Aires, a 22 de agosto de 1953, Rajakowitsch sentiu-se suficientemente seguro para voltar a pisar solo europeu. Depois de se apresentar no Consulado Geral da Áustria, pediu um passaporte em nome de Erich Raja, assim

como a restituição da sua nacionalidade austríaca. O SS-*Obersturmführer* Rajakowitsch instalou-se em Trieste, onde tinha organizado um próspero negócio de importações e exportações. Embora mantivesse ali a sua sede comercial, o criminoso de guerra estabeleceu-se num elegante piso do Corso Concordia, número 8, em Milão.

Em março de 1962, Simon Wiesenthal estava já preparado para apresentar a informação sobre Erich Rajakowitsch ao Ministério Público de Viena; inclusive, facultava o seu endereço em «Villa Anita, Melide, perto de Lugano». O que o caçador de nazis não sabia era que Rajakowitsch tinha sido protegido pelos norte-americanos desde o fim da guerra e pelo próprio Governo austríaco. Por exemplo, em janeiro de 1945, o CIC deteve Erich Rajakowitsch e enviou-o para o quartel-general do CIC, em Viena, para sua «completa exploração» como agente¹⁸. Sabe-se também que nessas mesmas datas o nome de Rajakowitsch aparecia na lista dos «mais procurados» pela polícia austríaca; mas o chefe da estação da CIA na Itália não estava disposto a entregar aos austríacos uma fonte tão valiosa «na questão chinesa».

O julgamento de Eichmann forçou a CIA a reconsiderar Rajakowitsch de um ponto de vista diferente. Por exemplo, em maio de 1962, a agência soube, através do Departamento de Estado, que o Governo austríaco tinha enviado um questionário aos israelitas sobre Erich Rajakowitsch, que Eichmann devia preencher antes da sua execução. Em junho, o governo da República Federal da Alemanha pediu à CIA todas as informações que tivessem em seu poder sobre Rajakowitsch. Os alemães ocidentais descreviam-no como um «alto oficial da SS que tinha servido na Holanda». O seu superior na Holanda durante a guerra, Wilhelm Harster, recomendou

Erich Rajakowitsch como agente à Organização Gehlen, o gérmen do que seria o BND, os serviços secretos da Alemanha Ocidental; mas a organização liderada por um antigo general da Wehrmacht, Reinhard Gehlen, conhecia o passado do criminoso de guerra e a sua «candidatura» foi recusada. Harster então decidiu saltar a terreiro e defender publicamente o seu antigo subalterno na Holanda, alegando que era «um bom alemão»; mas a imprensa não tinha a mesma opinião.

Havia décadas que Wiesenthal estava decidido a reunir informações sobre o estado-maior de Eichmann. Rolf Guenther, representante de Eichmann em Praga, tinha morrido; Siedl, Danecker e Anton Brunner, também já não estavam entre os vivos; Alois Brunner continuava escondido em Damasco e sobre Erich Rajakowitsch não havia nada; portanto, o caçador de nazis passou-o por alto. Não obstante, o seu nome voltou a aparecer nos documentos. Alguns garantiam que tinha morrido, outros, porém, afirmavam que Rajakowitsch era «um tipo muito esperto» e que provavelmente estava escondido sob um nome falso. Outras pessoas interrogadas por Wiesenthal apressaram-se a afirmar que não conheciam nenhum «Rajakowitsch»; mas o caçador de nazis não se deu por vencido. Um documento do ano de 1939, assinado pelo próprio Eichmann, dizia:

O candidato da SS Rajakowitsch atua como conselheiro legal da Agência Central de Emigração Judaica em Viena, bem como em Praga e em Berlim. No desempenho dessas funções, cumpre todas as exigências e realiza o seu trabalho com vontade, rapidez e eficiência. Durante uma *Einsatz* (ação) de quatro semanas na Polónia, demonstrou o seu poder de adaptação a todo o tipo de situações. Pessoalmente denota ter uma clara conceção de vida, o seu aspeto é enérgico e deu provas de irrepreensível conduta nacional-socialista. O seu carácter recomenda-o sem dúvida para a promoção a *Führer* da SS.

(assinado) Eichmann
SS-Hauptstuf

A Agência de Emigração Judaica em Viena tornou-se um modelo a seguir noutros pontos da Europa. A partir da sua sede central no Palácio Rothschild, na rua Prinz Eugen, Adolf Eichmann e Rajakowitsch mantinham intensas reuniões para solucionar a emigração judaica. Em outubro de 1939, Rajakowitsch foi enviado a Nisko, na Polónia. A sua missão era estudar a «concentração» de judeus em pontos estratégicos para depois os enviar em grupos mais numerosos para campos de extermínio, de acordo com uma diretiva de Reinhard Heydrich.

Aos judeus disseram que o *Führer* lhes tinha prometido novos lares. Não havia casas em Nisko, mas os judeus foram autorizados a construir algumas. Corria o boato de que os poços daquela zona estavam contaminados, mas se realmente queriam água, tudo iria arranjar-se para que a tivessem. Aproximadamente a uma quarta parte dos judeus que chegaram com o primeiro transporte ordenaram-lhes que seguissem a pé para leste. Os que tentavam voltar para trás, eram fuzilados de imediato.

Em 1940, Erich Rajakowitsch era já uma peça importante do Referat IV B4, às ordens de Adolf Eichmann. Em abril de 1941, Rajakowitsch foi promovido a *Obersturmführer* e enviado por Heydrich e Eichmann à Holanda, para criar outra Agência de Emigração Judaica, «que deverá ser modelo para a solução do problema judaico em todos os estados da Europa». A solução, segundo o sumário do delegado do ministério público, «não era mais do que a espoliação económica camuflada dos judeus na Holanda». Fundou-se a chamada Vermögensverwaltungs und Rentenanstalt (Administração da Propriedade e Pensões) e o Herr

Doktor tornou-se um dos seus líderes. Depois da expulsão de todos os judeus de Holanda, Rajakowitsch apresentou-se como voluntário para a Waffen da SS em 1943, seguiu um curso «para oficiais alemães» em Bad Tolz, na Baviera, e foi enviado a combater na frente leste. Durante o julgamento de Eichmann em Jerusalém, o nome de Rajakowitsch voltou a aparecer. Falando das suas atividades nos Países Baixos, Eichmann disse:

Quando falei com Rajakowitsch nos Países Baixos, em 1955, faz agora cinco anos... confirmou-me alguns detalhes da operação...

Portanto, Rajakowitsch estava vivo em 1955, e encontrava-se na Argentina, onde tinha mantido uma estreita relação com Eichmann e com a sua família. À medida que o processo avançava, a participação de Rajakowitsch na «organização Eichmann» foi-se esclarecendo pouco a pouco. Pelos documentos sobre o extermínio de judeus na Holanda, era evidente que Rajakowitsch devia encabeçar a lista dos criminosos de guerra. O texto da acusação contra Rajakowitsch que por fim foi publicado em Viena, em julho de 1964, explicava os motivos¹⁹:

A 1 de outubro de 1941, havia 140 000 judeus registados na Holanda ocupada, dos quais posteriormente se suicidaram cerca de uma centena, outros morreram em campos de concentração na Holanda, e aproximadamente 110 000 foram deportados para a Polónia depois de julho de 1942, onde foram assassinados. Após a libertação, só 5000 judeus regressaram aos Países Baixos. Em 1941, o *Standartenführer* Dr. Wilhelm Harster foi nomeado *Subkommissar* do problema judaico e o seu escritório em Haia ordenou a deportação que começou *schlägastig* («bruscamente»), em julho de 1942. Entre o escritório do Referat IV B 4 de Berlim e a sua filial em Haia, trocaram-se muitas visitas pessoais e Eichmann ia pessoalmente à Holanda discutir todas as questões importantes. A 28 de agosto de 1941,

Harster promulgou um decreto secreto criando o Sonder-Referat Juden (SRJ), que significava Departamento Especial de Assuntos Judaicos, cujo único objetivo era a «solução final do problema judaico».

O doutor Rajakowitsch estava no comando do SRJ. O doutor Rajakowitsch é cúmplice de assassinato, segundo os artigos 5, 15 e 136 do Código Penal austríaco e será sujeito a uma pena de acordo com o artigo 136. Segundo este artigo, a pena deverá ser de prisão perpétua.

Em março de 1962, Wiesenthal decidiu viajar à Itália para discutir o caso com o chefe da polícia de Milão. Infelizmente para o caçador de nazis, também a polícia italiana não tinha muita vontade de localizar e deter o antigo colaborador de Eichmann. Simon Wiesenthal regressou a Viena com as mãos vazias mas não se rendeu. Depois de voltar ao Centro de Documentação na capital austríaca, Wiesenthal chocou com o obscuro labirinto da burocracia do país, descobrindo que alguém tinha decidido que a investigação devia ficar em permanente estado de «pendente». Havia apenas uma saída para este beco. Simon Wiesenthal resolveu levar o caso para outro nível. Na tarde de 8 de abril, um jornalista do *Corriere della Sera* apareceu à porta da Villa Anita, e foi recebido pelo filho de Rajakowitsch. O adolescente pediu ao jornalista que esperasse e dirigiu-se para o interior da casa. Decorridos alguns minutos, voltou e disse ao jornalista: «O meu pai gostaria de o receber amanhã de manhã.» Evidentemente, Rajakowitsch não fez o que disse. No dia seguinte, com a cara na primeira página do periódico italiano, o criminoso de guerra levantou no banco todo o seu dinheiro e, ao volante do seu *Fiat* desportivo vermelho, dirigiu-se para a fronteira com a Suíça. Um documento da CIA revela que as autoridades helvéticas rejeitaram Rajakowitsch.

O jornalista do *Corriere della Sera* telefonou a Wiesenthal, informando-o que o criminoso de guerra tinha fugido, atravessando

a fronteira italo-suíça em Chiasso. O caçador de nazis enviou então um telegrama alertando a filial em Zurique da agência United Press International (UPI) para que avisassem a polícia. Os gendarmes suíços foram buscar Rajakowitsch à sua casa de Lugano. Uma jovem que tinha reparado na cara dele na primeira página do jornal, reconheceu-o como hóspede de um hotel próximo, onde ela trabalhava como empregada. Depois de alertados, os polícias suíços apresentaram-se no hotel e pediram a Rajakowitsch que abandonasse o país. Quatro países, a Itália, a França, a Alemanha e agora a Suíça, negavam-lhe a entrada. O quinto, a Áustria, tinha uma ordem de detenção contra o criminoso nazi, de forma que Rajakowitsch afastou a ideia de pisar território austríaco. De repente, a United Press informou que «o doutor Raja preparava-se para tomar um avião no aeroporto de Kloten com destino a Viena». A história da fuga de Rajakowitsch por diferentes países europeus tinha-se tornado já num assunto que preenchia as primeiras páginas dos jornais mais importantes do continente.

Quando o *Caravelle* da Swissair aterrou, os jornalistas concentrados no aeroporto de Viena e o próprio Wiesenthal descobriram que Rajakowitsch tinha desaparecido. Que tinha acontecido? Onde estava Erich Rajakowitsch? Ao que parece, durante uma breve escala em Munique, o criminoso nazi tinha descido do avião e tinha-se evaporado no próprio terminal. Simon Wiesenthal contactou então as autoridades policiais alemãs recomendando que vigiassem a fronteira da Áustria com a Baviera e a casa de Wilhelm Harster²⁰, antigo chefe de Rajakowitsch na Holanda. O problema surgiu quando se descobriu que Harster era agora um peso-pesado no Ministério do Interior bávaro. Harster, membro da divisão da polícia alemã e da SD na Holanda, era o

mesmo que escreveu a seguinte informação dirigida a Arthur Seyss-Inquart, comissário do Reich nos territórios ocupados dos Países Baixos:

Cem mil judeus foram deportados da nação [Holanda]. Só no domingo 20 de junho, durante uma ação especial em Amesterdão, cinco mil e quinhentos judeus foram capturados em menos de vinte e quatro horas.²¹

Na tarde de 23 de abril, representantes da Câmara de Comércio da RDA retiraram vários cartazes da empresa Enneri & Company, assim como uma fotografia de Rajakowitsch que figurava entre os diretivos da Interkammer (Câmara do Comércio Exterior). Porém, o certo é que nos jornais do bloco do Leste comunista não havia qualquer referência à detenção de Erich Rajakowitsch. O jornal *// Tempo* publicava o seguinte artigo a 1 de agosto de 1963:

Os comunistas italianos estão profundamente consternados por causa da investigação levada a cabo sobre o antigo ajudante de Eichmann, Rajakowitsch, que, terminada a guerra se tornou um agente soviético e esteve em estreito contacto com os altos comandos do Partido Comunista Italiano, especialmente com os peritos em comércio externo. Diz-se que só o aceitaram depois de os camaradas da representação comercial soviética em Roma terem avaliado Raja, qualificando-o de «bom patriota e amigo sincero da República Democrática Alemã e do Partido Comunista».

Rajakowitsch estava encurralado e em terra de ninguém. Finalmente, uma tarde em princípios de abril de 1963, abandonou o seu apartamento em Milão, viajou até à Áustria através da Suíça e de Munique e, no dia 14 do mesmo mês, entregou-se voluntariamente à justiça austríaca. O criminoso de guerra foi de imediato posto em prisão preventiva. Deveriam ainda decorrer

quase dois anos antes de Rajakowitsch ser presente aos tribunais, para responder por crimes de guerra e por crimes de lesa humanidade, cometidos nos Países Baixos.

A 13 de fevereiro de 1965, começou o julgamento contra ele, perante um júri na Sala dos criminosos do Tribunal Regional em Viena. A acusação baseou-se essencialmente num telex, apresentado por Simon Wiesenthal, que tinha sido redigido pelo próprio Rajakowitsch. No documento apresentado, o criminoso de guerra confirmava «a deportação de oitenta e três judeus holandeses de um campo não muito longe de Paris [Drancy]». Dado que, após dois anos de investigação, não havia mais provas válidas contra Rajakowitsch, o delegado do ministério público retirou as acusações por homicídio, mas declarou-o culpado ao abrigo do artigo 87 do Código Penal de 1945. Este artigo foi utilizado para castigar «o prejuízo à propriedade» e, especialmente, «o facto de pôr em perigo a vida humana».

20

**AIDE TO EICHMANN
IS BACK IN AUSTRIA**

**Tipoff Apparently Enabled
Rajakovic to Escape**

By RICHARD EDER
Special to The New York Times

BELGRADE, Yugoslavia, Oct. 3—A warning by the Yugoslav police that he was not to leave the seaside town where he was vacationing, apparently tipped off Erich Rajakovic, a wartime aide of the late Adolf Eichmann. that arrest was im-

minent and enabled him to escape.

Rajakovic's lawyer said in Vienna that his client, a 61-year-old Austrian citizen, was in Austria and would appear at a news conference tomorrow.

Rajakovic, who served a two-and-a-half-year prison term in Austria for wartime crimes committed as a Nazi official, is accused of having sent 100,000 Dutch nationals to their death in German concentration camps and is being sought by the Netherlands for extradition.

According to his wife, he was visited by Yugoslav policemen at 11 o'clock on Sunday night at the resort town of Piran, on the Istrian coast. Mrs. Rajakovic, who was staying with her husband and their 9-month-old baby at a rented cottage, said that the police took her husband's passport and told him not to leave town. The next day, she said, he disappeared.

Mrs. Rajakovic's account was given to a local correspondent of the Associated Press who lives in nearby Koper. No further details were given from Koper, but it was reported that the Dutch Embassy in Ljubljana, Slovenia, had been informed of the disappearance.

Rajakowitsch de volta à Áustria, *The New York Times*, 4 de maio de 1963.

Erich Rajakowitsch foi condenado no dia 2 de março de 1965, sobre esta base jurídica, a dois anos e meio de trabalhos forçados, mas foi posto em liberdade devido aos meses que tinha passado na prisão antes do julgamento. O certo é que, após a sentença contra Erich Rajakowitsch, a justiça austríaca foi acusada pela opinião pública internacional de absoluta negligência ao tratar com «crimes de guerra nazis». O então ministro do Interior, Hans Czettel, tentou

desculpar o governo de Viena, alegando que «já era altura de virar a página». Isto não ajudou a acalmar os ânimos, devido à leve pena imposta a um assassino como Rajakowitsch. Tanto assim que o embaixador da Holanda na capital austríaca apresentou uma nota de protesto em nome do seu governo. O então chanceler Josef Klaus, que durante a Segunda Guerra Mundial tinha servido como membro do Estado-Maior do general Heinz Guderian nas campanhas da Polónia, França, Finlândia e Rússia, declarou que «não importava a duração da pena imposta a Rajakowitsch. [...] O importante é que se demonstrou que foi um assassino». O certo é que as famílias dos mais de 150 000 judeus holandeses assassinados por homens como Erich Rajakowitsch não eram da mesma opinião²².

Depois de ter sido posto em liberdade, em 1966, Rajakowitsch escreveu um livro em que tentava justificar as suas ações durante a ocupação alemã da Holanda, intitulado *Head Hunting on Rajakowitsch*, publicado por uma pequena editora de Offenbach am Main, em 1966. Além da sua condenação na Áustria, Rajakowitsch viu-se obrigado a regressar a toda a velocidade ao seu país, quando, durante umas férias na Jugoslávia, ficou a saber por intermédio dos seus advogados de defesa que o Ministério Público dos Países Baixos tinha emitido uma ordem de detenção internacional contra ele, por «crimes de guerra em solo holandês». Poucos sítios lhe restavam onde pudesse esconder-se. Na Itália, seu país adotivo, tinha sido declarado «estrangeiro indesejável». Rajakowitsch, durante uma conferência de imprensa, descreveu Wiesel como «mentiroso» e negou ter tido conhecimento do Holocausto durante o período nazi, apesar de ter sido um «nacional-socialista convicto»²³. Até 1987, Erich Rajakowitsch tentou em vão,

e de forma reiterada, voltar a abrir o processo penal contra ele, a fim de lavar a sua imagem. Apesar das acusações, a Universidade de Graz devolveu-lhe o seu título de doutor em Ciências Jurídicas, que lhe havia sido retirado depois da sua condenação em 1965. Rajakowitsch morreu a 14 de abril de 1988, com a idade de 83 anos, num lar de idosos na cidade austríaca de Graz.



Erich Rajakowitsch, em 1965, em Munique, durante o seu julgamento.

Dos 156 817 judeus holandeses que residiam no país quando este caiu nas mãos das forças alemãs, apenas sobreviveram 5209 no fim da guerra. No último comboio de deportados da Holanda para Auschwitz, em setembro de 1944, viajava uma adolescente de 15 anos, chamada Anne Frank. Anne viria a morrer vitimada pelo tifo em Bergen-Belsen, em março de 1945²⁴.

- 1 Hanna Arendt, *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*, Penguin Classics, Nova Iorque, 2006.
- 2 Walter Manoschek, *Discursive Construction of History: The Wehrmacht's War of Annihilation*, Palgrave MacMillan, Nova Iorque, 2008.
- 3 *End of the Case*, Time Magazine, 26 de abril de 1963, MA, RG 263, Ficheiro sobre Erich Rajakowitsch.
- 4 Richard Breitman, *U.S. Intelligence and the Nazis*, Cambridge University Press, Cambridge, 2005.
- 5 Bob Moore, *Victims and Survivors: The Nazi Persecution of the Jews in the Netherlands 1940-1945*. Hodder Education Publishers, Londres, 1997.
- 6 Wichert ten Have, *The persecution of the Jews in the Netherlands, 1940-1945*, Amsterdam University Press, Amesterdão, 2013.
- 7 NA, RG 263, Adolf Eichmann Name File.
- 8 Guy Walters, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.
- 9 O «CIA Name File on Rajakowitsch» contém duas informações sobre «Enrico» Rajakowitsch, (aliás Enrico Raja) e a Enneri Company desde abril de 1953. Uma lista de provas, de 25 de fevereiro de 1959, faz referência a um documento de 16 de fevereiro de 1953 sobre Rajakowitsch e a Enneri. Ver NA, RG 263, Ficheiro sobre Erich Rajakowitsch.
- 10 Informação provisória, *Switzerland and Gold Transactions on the Second War World*, Independent Commission of Experts Switzerland, Zurich, 2002.
- 11 Uki Goñi, *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Peron's Argentina*, Granta Books, Londres, 2002.
- 12 David A. Messenger e Katrin Paehler, *A Nazi Past: recasting German Identity in Postwar Europe*, The University Press of Kentucky, Lexington, Kentucky, 2015.
- 13 Dos 40 000 judeus que iam ser deportados, 36 000 acabaram por perder a vida em Auschwitz. Informação CIE, capítulo 3, *Statements of Mrs. Mathilda Reich Visser*, 13 de março de 1943, NARA, RG 84, Registo: 3220, Caixa: 13.
- 14 Bob Moore, *Victims and Survivors: The Nazi Persecution of the Jews in the Netherlands 1940-1945*, Hodder Education Publishers, Londres, 1997.
- 15 Wilhelm Zöpf não foi acusado de nada até junho de 1963, ano em que o Ministério Público de Munique emitiu contra ele uma ordem de detenção. Em 1965, foi detido numa cervejaria de Munique e levado para Bona, a fim de ser presente a julgamento. A 24 de fevereiro de 1967, foi condenado a nove anos de prisão por cumplicidade nas deportações de judeus holandeses para campos de extermínio. Zöpf faleceu a 7 de julho de 1980, sem ter mostrado o mínimo arrependimento pelo seu papel na Solução Final.
- 16 Richard Breitman, *U. S. Intelligence and the Nazis*, Cambridge University Press, Cambridge, 2005.
- 17 Uki Goñi, *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Peron's Argentina*, Granta Books, Londres, 2002.

18 NARA, Ficheiro sobre Erich Rajakowitsch, RG 263, GWDN: 9063.

19 Simon Wiesenthal, *Los Asesinos entre nosotros. Memorias*, Editorial Noguer, Barcelona, 1967.

20 Wilhelm Harster foi detido pelo exército britânico e enviado para os Países Baixos, para ser julgado por crimes de guerra. Em 1949, foi condenado e sentenciado a doze anos de prisão pelo seu papel na deportação e assassinato de judeus holandeses. Após a sua libertação, voltou a ser funcionário público na Baviera até que se retirou em 1963, devido à pressão pública e dos meios de comunicação. Manteve a pensão completa até à sua morte, que aconteceu em 1991, inclusive a parte que lhe corresponderia pelo tempo de serviço na SS. Em janeiro de 1966, foi detido, mas três anos depois, em 1969, foi indultado de todos os crimes por ele cometidos durante a Segunda Guerra Mundial.

21 Simon Wiesenthal, *Los Asesinos entre nosotros. Memorias*. Editorial Noguer, Barcelona, 1967.

22 Richard Breitman, U.S. *Intelligence and Nazis*, Cambridge University Press, Cambridge, 2005.

23 Wichert ten Have, *The persecution of the Jews in the Netherlands, 1940-1945*, Amsterdam University Press, Amesterdão, 2013.

24 Robert Ashley, Russell Lemmons, Keith Pickus e John Roth, *The Holocaust Chronicle*, Publications International Ltd., Nova Iorque, 2000.

BIBLIOGRAFIA

- AARONS, MARK, LOFTUS, JOHN, *The Vatican's Nazi Connection*, Arrow, Nova Iorque, 1991.
- *Unholy Trinity, The Vatican, The Nazis and the Swiss Banks*, St. Martin's Griffin, Nova Iorque, 1998.
- AILSBY, CHRISTOPHER, SS: *Roll of Infamy*, Motorbooks International, Minneapolis, MN, 1997.
- ALVAREZ, DAVID e ROBERT A. GRAHAM, *Nothing Sacred: Nazi Espionage Against the Vatican, 1939-1945*.
- *Spies in the Vatican. Espionage and Intrigue from Napoleon to the Holocaust*, University Press of Kansas, Kansas, 2002.
- ALVAREZ, SANTIAGO e PIERRE MARAIS, *The Gas Vans. A Critical Investigation*, The Barnes Review, Washington D.C., 2011.
- AMIT, MEIR, *A Life in the Israel's Intelligence Service: Autobiography*, Vallentine Mitchell, Londres, 2005.
- ANDREYEV, CATHERINE, *Vlasov and the Russia Liberation Movement: Soviet Reality and Emigré Theories*, Cambridge Russian, Soviet Studies, Cambridge University Press, 1990.
- ANNAS, GEORGE J. *The Nazi Doctors and the Nuremberg Code: Human Rights in Human Experimentation*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1995.
- ANNUSSEK, GREG, *Hitler's Ride to Save Mussolini*, Da Capo Press, Nova Iorque, 2005.
- ARAD, YITZHAK, *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps*, Indiana University Press, Indiana, 1999.

- ARENDT, HANNA, *Eichmann in Jerusalem: A Report on Banality of Evil*, Penguin Classics, Nova Iorque, 2006.
- ASHLEY, ROBERT e RUSSELL LEMMONS, KEITH PICKUS e JOHN ROTH, *The Holocaust Chronicle*, Publications International Ltd., Nova Iorque, 2000.
- BAR-ZOHAR, MICHAEL, *Avengers*, Littlehampton Book Services Ltd., Londres, 1968.
- *Spies in the Promise Land, Iser Harel and the Israeli Secret Service*, Houghton Mifflin Company, Boston, 1972.
- BAUMGARTNER, FREDERIC J., *A History of the Behind Locked Doors: Papal Elections*, Palgrave Macmillan, Nova Iorque, 2003.
- BEIGBEDER, YVES, *Judging War Crimes and Torture: French Justice and International Criminal Justice and Commissions (1940-2005)*, Martinus Nijhoff Publishers, Paris, 2006.
- BEN GURION, DAVID, *Memoirs: David Ben-Gurion*, World Publishing Company, Nova Iorque, 1970.
- BLATT, THOMAS TOIVI, *From the Ashes of Sobibor: A Story of Survival*, Northwestern University Press, Evanston, Illinois, 1997.
- BLET, PIERRE, *Pius XII and the Second World War*, Paulist Press, Nova Jérícia, 1997.
- BLOMBERG, JACOB, *Eichmann, Los muertos piden venganza*, Ediciones Cedro, Barcelona, 1961.
- BLUM, HOWARD, *Wanted. The Search for Nazis in America*, The New York Times Books, Nova Iorque, 1977.
- BOKUN, BRANKO, *Spy in the Vatican 1941-1945*, Tom Stacey Ltd., Nova Iorque, 1997.
- BOWER, TOM, *Klaus Barbie, the Butcher of Lyon*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1984.
- BREITMAN, RICHARD, *U. S. Intelligence and the Nazis*, Archives Trust Fund Board, Washington, D.C., 2004.
- BROCKDORFF, WERNER, *Flucht von Nurnberg*, Welsermühl, Munique, 1969.
- BROWDER, GEORGE, *Hitler's Enforcers. The Gestapo and SS Security Service in the Nazi Revolution*, Oxford University Press, Oxford, 1996.
- BRYANT, MICHAEL, *Eyewitness to Genocide: The Operation Reinhard Death Camp Trials, 1955-1966*. University of Tennessee Press, Knoxville, Tennessee, 2014.

BUCH, ESTEBAN, *El pintor de la Suiza Argentina*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1991.

BURLEIGH, MICHAEL, *The Third Reich: A New History*, Hill and Wang, Londres, 2001.

CARRUTHERS, BOB, *SS Terror in the East: Einsatzgruppen, The Depths of Evil*, Pen and Sword, Londres, 2013.

CESARINI, DAVID, *Eichmann: His Life and Crimes*, William Heinemann Publisher Londres, 2004.

CORNWELL, JOHN, *Hitler's Pope. The Secret History of Pius XII*, Penguin Books, Nova lorque, 2002.

CÜPPERS, MARTIN, *Walter Rauff, In deutschen Diensten: Vom Naziverbrecher zum BND-Spion*, WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft), Darmstadt, 2013.

CURTIS, MICHAEL, *Verdict on Vichy: Power and Prejudice on the Vichy France*, Arcade Publishing, Nova lorque, 2015.

CYMET, DAVID, *History vs. Apologetics: The Holocaust, the Third Reich, and the Catholic Church*, Lexington Books, Londres, 2011.

DABRINGHAUS, ERHARD, *Klaus, Barbie, The Shocking Story of How the U.S. used This Nazi War Criminal as an Intelligent Agent*, Acropolis Books Incorporated, Nova lorque, 1984.

DEACON, RICHARD, *The Israeli Secret Service*, Warner Books, Londres, 1977.

DEDIJER, VLADIMIR, *The Yugoslav Auschwitz and the Vatican. The Croatian Massacre of the Serbs During World War II*, Prometheus Books, Nova lorque, 1999.

DOLLMANN, EUGEN, *Roma Nazista, 1937-1943*, RCS Libri, 2002.

DOUGLAS, LAWRENCE, *The Right Wrong Man: John Demjanjuk and the Last Great Nazi War Crimes Trial*, Princeton University Press, Princeton, Nova Jéršia, 2018.

EBAN, ABBA, *Abba Eban: An autobiography*, Random House, Nova lorque, 1977.

EITAN, RAFUL, *A Soldier's Story: The Life and Times of an Israeli War Hero*, S.P.I. Books, Nova lorque, 1992.

EVANS, RICHARD J., *The Coming of the Third Reich*, Penguin Books, Nova lorque, 2003.

EZERGAILIS, ANDREW, *The Holocaust in Latvia 1941-1944, The Missing Center*, Historical Institute of Latvia & the United States Holocaust Memorial Museum, Riga, 1996.

- FARAGO, LADISLAS, *Aftermath: Martin Bormann and the Furth Reich*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 1974.
- FEIGIN, JUDY, *The Office of Special Investigations: Striving for Accountability in the Aftermath of the Holocaust*, Department of Justice, Criminal Division, Washington D.C., 2006.
- FINKIELKRAUT, ALAIN, *Remembering in Vain: The Klaus Barbie and Crimes against Humanity*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1992.
- FLEMING, GERALD, *Hitler and the Final Solution*, University of California Berkeley, San Francisco, California, 1984.
- FRATTINI, ERIC, *La Santa Alianza. Historia del Espionaje Vaticano. De Pio V a Benedicto XVI*, Espasa Calpe, Madrid, 2004.
- *Mossad, los Verdugos del Kidon*, Atanor, Madrid, 2011. [*Mossad, os Carrascos do Kidon*, Bertrand Editora, Lisboa, 2011]
- *El Libro Negro del Vaticano: las oscuras relaciones entre la CIA y la Santa Sede*, Espasa Calpe, Madrid, 2016.
- *Murió Hitler en el búnker?*, Temas de Hoy, Madrid, 2016. [*Hitler morreu no Bunker?*, Bertrand Editora, Lisboa, 2016]
- FRIEDLANDER, HENRY, *The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution*, University of Carolina Press, Chapel Hill, Carolina do Norte, 1995.
- FRIEDLANDER, HENRY E EARLEAN M. MCCARRICK, *The Extradition of Nazi Criminals: Ryan, Artukovic, and Demjanjuk*, Museum of Tolerance, Simon Wiesenthal Center, Viena, 2002.
- FRIEDMAN, TUVIAH, *Mengele*, Institute of Documentation in Israel for the Investigation of Nazi War Crimes, Haifa, 1994.
- GARÇON, MAURICE, *Alegato en favor de René Hardy*, Fayard, Paris, 1950.
- GOLDHAGEN, DANIEL JONAH, *A Moral Reckoning: The Role of the Church in the Holocaust and Its Unfulfilled Duty of Repair*, Vintage, Nova Iorque, 2003.
- GOÑI, UKI, *The Real Odessa: Smuggling the Nazis to Perón's Argentina*, Granta Books, Londres, 2002.
- HARAND, IRENE, *One Way or another? The Truth about Antisemitism*, Jaico Publishing House, Bombay, India, 2001.
- HAREL, ISSER, *The House on Garibaldi Street*, Frank Cass Publishers, Nova Iorque, 1997.
- HATTIS, SUSAN, *Political Dictionary of the State of Israel*, MacMillan Publishing Company, Nova Iorque, 1987.

HAUSNER, GIDEON, *Justice in Jerusalem*, Herzl Press, Nova Iorque, 1977.

HAVE, WICHERT TEN, *The persecution of the Jews in the Netherlands, 1940-1945*, Amsterdam University Press, Amesterdão, 2013.

HELM, SARAH, *Ravensbruck: Life and Death in Hitler's Concentration Camp for Women*, Anchor, Nova Iorque, 2016.

HOHNE, HEINZ, *La Orden de la Calavera*, Plaza & Janes, Barcelona, 1969.

— *Canaris: Hitler's Master Spy*, Rowman & Littlefield, Londres, 1999.

HÖSS, RUDOLF, *Yo, Comandante de Auschwitz*, Ediciones B, Madrid, 2009.

IMBLEAU, MARTIN, «Der Sturmer», *Encyclopedia of Genocide and Crimes against Humanity*, MacMillan, Nova Iorque, 2005.

INFELD, GLENN B., *Skorzeny, Hitler's Commando*, Military Heritage Press, Nova Iorque, 1981.

IRUJO, JOSÉ MARIA, *La Lista Negra, Los Espias Nazis protegidos por Franco*, Aguilar, Madrid, 2003.

JEFFREYS, DIARMUID, *Hell's Cartel: IG Farben and the Making of Hitler's War Machine*, Holt Paperbacks, Nova Iorque, 2010.

KAHANA, EFRAIM, *Historical Dictionary of Israeli Intelligence*, The Scarecross Press, Lanham, Maryland, 2006.

KAHNE, DAVID, *Hitler's Spies: German Military Intelligence in World War II*, DaCapo Press, Nova Iorque, 2000.

KANE, ROBERT B., *Disobedience and Conspiracy in the German Army, 1918-1945*, McFarland Publishers, Nova Iorque, 2001.

KATZ, ALFRED, *Poland's Ghettos at War*, Twayne Publishers, Nova Iorque, 1970.

KATZ, ROBERT, *Death In Rome: The First Revelation of one of the Most Horrible and Still Controversial Episodes in World War II – The Ardeatine Caves Massacre*, The MacMillan Company, Nova Iorque, 1967.

— *La Batalla de Roma. Los Nazis, los aliados, los partisanos y el Papa: septiembre de 1943 – junio de 1944*, Turner, Madrid, 2005.

KAUFMANN MAX, *Churbn Lettland, The Destruction of the Jews of Latvia*, Hartung-Gorre Verlag, Constanza, 2010.

KEENAN, THOMAS, e EYAL WEIZMAN, *Mengele's Skull: The Advent of a Forensic Aesthetics*, Sternberg Press, Berlim, 2012.

KLARSFELD, SERGE e BEATE KLARSFELD, *The Children of Izieu: A Human Tragedy*, Harry N. Abrams Inc., Londres, 1985.

KLEE, ERNST e WILLI DRESSEN, *The Good Old Days: The Holocaust as Seen by Its Perpetrators and Bystanders*, William S. Konecky Associates, Old

- Saybrook, CT, 1996.
- KOGON, EUGEN, *The theory and practice of hell: the German concentration and the Systems behind them*, Berkley Books, Nova Iorque, 1980.
- KOONZ, CLAUDIA, *On Reading a Document: SS-Man Katzmann's Solution of the Jewish Question in the District of Galicia*, Duke University, Carolina do Norte, 2005.
- KOTT, MATTHEW, *Latvia's Perkonkrusts: Anti-German National Socialism in a Fascistogenic Milieu*, *Journal of Comparative Fascist Studies*, Brill Publishers, Leiden, 2014.
- KRISTOL, IRVING, *On Jews and Judaism: Select Essays*, Mosaic Books, British Columbia, 2014.
- KUENZLE, ANTON e GAD SHIMRON, *The Execution of the Hangman of Riga*, Vallentine Mitchell, Portland, Oregon, 2004.
- LANGBEIN, HERMAN, *People in Auschwitz*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, Carolina do Norte, 2004.
- LELYVELD, JOSEPH, *Omaha Blues, a Memory Loop*, Farrar, Strauss & Giroux, Nova Iorque, 2005.
- LENGYEL, OLGA, *Los Hornos de Hitler*, Diana, México, D.F., 2002.
- LEUCHER, FRED, *The second Leuchter report: Dachau, Mauthausen, Hartheim*, Dave Clark Editors, Londres, 1989.
- LEVENDA, PETER, *Ratline: Soviet Spies, Nazi Priests and the Disappearance of Adolf Hitler*, Ibis Press, Colorado, 2012.
- LEVY, ALAN, *Nazi Hunter. The Wiesenthal File*, MJF Books, Nova Iorque, 2002.
- LIFTON, ROBERT JAY, *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*, Basic Books, Nova Iorque, 1988.
- LINGEN, KERSTIN VON, *Allen Dulles, the OSS, and the nazi war criminals*, Cambridge University Press, Cambridge, 1978.
- LINKLATER, MAGNUS e ISABEL HILTON e NEAL ASCHERSON, *The Nazi Legacy: Klaus Barbie and the International Fascist Connection*, Holt, Rinehart & Wilson, Nova Iorque, 1984.
- LLORENTE, ELENA e MARTINO RIGACCI, *El Último Nazi*, Sudamericana, Buenos Aires, 1998.
- LONGERICH, PETER, *Holocaust – The Nazi Persecution and Murder of the Jews*, Oxford University Press, Oxford, 2010.
- LUETHY, HERBERT, *Der Führer*, Chartwell Books, Londres, 1954.

- LUYTENS, DANIEL-CHARLES, *Les Collabos: Ceux qui partout dans le monde se rangèrent derrière Adolf Hitler, 1939-1945*, Jourdan, Paris, 2015.
- MAASS, WALTER B., *Assassination in Vienna*, Scribner Publishers, Londres, 1972.
- MACDONOGH, GILLES, *After the Reich*, John Murray, Londres, 2007.
- MALKIN, PETER Z. e HARRY STEIN, *Eichmann in my Hands*, Warner Books, Nova Iorque, 1990.
- MALLMANN, KLAUS-MICHAEL e MARTIN CÜPPER, *Nazi Palestine: The Plans for the Extermination of the Jews in Palestine*, Enigma Books, Oxford, 2010.
- MANOSCHEK, WALTER, *Discursive Construction of History: the Wehrmacht's War of Annihilation*, Palgrave Macmillan, Nova Iorque, 2008.
- MANVELL, ROGER e HEINRICH FRAENKEL, *SS y Gestapo, Historia de la Segunda Guerra Mundial*, San Martin, Madrid, 1971.
- MARNHAM, PATRICK, *The Death of Jean Moulin. Biography of a Ghost*, John Murray Publishers, Londres, 2001.
- MATALÓN, LUCETTE e SHEILA COHN, *Children of the Flames: Dr. Josef Mengele and the Untold Story of the Twins of Auschwitz*, Books, Nova Iorque, 1992.
- MATTA, ALESSANDRO, *Analisi Giuridico-Storica dei Processi contro I criminali Nazisti Franz Stangl e Alois Brunner*, setembro, 2017.
- MATTESON, ROBERT E., *The Last Days of Ernst Kaltenbrunner*, CIA Library's Center for Study of Intelligence, Langley, Virginia, 2007.
- MCFARREN, PETER e FADRIQUE IGLESIAS, *The Devil's Agent: Life, Times and Crimes of a Nazi Klaus Barbie*, XLibris Corporation, Nova Iorque, 2013.
- MESSENGER, DAVID A., e KATRIN PAEHLER, *A Nazi Past: Recasting German Identity in Postwar Europe*, The University Press of Kentucky, Lexington, Kentucky, 2015.
- MOELLER, JAMES W., *Tratamiento de los Estados Unidos de presuntos criminales de guerra nazis. Derecho internacional, Ley de inmigración y la necesidad de cooperación internacional*, Virginia Journal of International Law, Charlottesville 1985.
- MOORE, BOB, *Victims and Survivors: The Nazi Persecution of Jews in the Netherlands 1940-1945*, Hidder Education Publishers, Londres, 1997.
- MORLEY, JEFFERSON, *The Ghost: The Secret Life of CIA Spymaster James Jesus Angleton*, St. Martin's Press, Nova Iorque, 2017.
- NAGORSKI, ANDREW, *The Nazi Hunters*, Simon & Schuster, Nova Iorque, 2016.

NYISZLI, MIKLOS, *Auschwitz: A Doctor's Eyewitness*, Arcade Publishing, Nova lorque, 2011.

OVERY, RICHARD, *Interrogations: The Nazi Elite in Allied Hands, 1945*, Penguin Books, Nova lorque, 2002.

PACE, MARY, *Dietro Priebke*, Piemme Editore, Milano, 1997.

PADFIELD, PETER, *Himmler. Reichführer-SS*, MacMillan, Nova lorque, 1990.

PARIS, ERNA, *Wounds Unhealed: France and the Klaus Barbie Affair*, Grove Press, Nova lorque, 1986.

PEARLMAN, MOSHE, *The Capture of Adolf Eichmann*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1961.

PERSICO, JOSEPH E. *Nuremberg. Infamy on Trial*, Penguin Books, Nova lorque, 2004.

PLAKANS, ANDREJS, *Perkonkrusts: On Plakans, Andrejs. Historical Dictionary of Latvia*, Scarecrow, Press, Nova lorque, 1997.

PLAVNIEKS, RICHARDS, *Nazi Collaborators on Trial during the Cold War. Viktors Arajs and the Latvian Auxiliary Security Police*, Palgrave Macmillan, Nova lorque, 2018.

POSNER, GERALD L., e JOHN WARE, *Mengele: The Complete Story*, Cooper Square Press, Nova lorque, 2000.

PRESS, BERNHARD, *The Murder of the Jews in Latvia: 1941-1945*, Northwestern University Press, Evanston, Illinois, 2000.

PRIEBKE, ERICH e PAOLO GIACHINI, *Autobiografia: Vae Victis*, Associazione Uomo e Libertà, Roma, 2003.

PROCTOR, ROBERT N., *Racial Hygiene: Medicine Under the Nazis*, Harvard University Press, Cambridge, 1989.

RAIBER, RICHARD, *Anatomy of Perjury: Field Marshal Albert Kesselring, Via Rasella and the GINNY misión*, University of Delaware Press, Newark, 2008.

RAMEN, FRED, *Reinhard Heydrich: Hangman of the 3rd Reich*, Rosen Publishing Group, Londres, 2001.

RASHKE, ROCHARD, *Escape from Sobibor*, Delphinium Books, Nova lorque, 2013.

RHODES, RICHARD, *Masters of Death: The SS-Einsatzgruppen and the Invention of the Holocaust*, Vintage, Nova lorque, 2003.

ROLAND, PAUL, *Nazi Women: The Attraction of Evil*, Arcturus, Nova lorque, 2014.

- RYAN, ALLAN A., *Klaus Barbie and the United States Government. A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Criminal Division, Washington D.C., 1983.
- *Quiet Neighbors: Prosecuting Nazi War Criminals in America*. Harcourt Brace Jovanovich Publishers, Londres, 2007.
- SCHELVIS, JULES, *Sobibor: A History of a Nazi Death Camp*, Bloomsbury Academic Publisher, Londres, 2007.
- SCHNEIDER, GERTRUDE, *Journey into terror: story of the Riga Ghetto*, Praeger Books, Westport, Connecticut, 2001.
- SCHOLDER, KLAUS, *The Churches and the Third Reich*, John Bowden Publishers, Londres, 1989.
- SCHREIBER, FLORA, *The Satanic Doctor Mengele*, The New York Times Syndication Service, Nova Iorque, 4 de maio de 1975.
- SERENY, GITTA, *Into the Darkness: From mercy killing to mass murder*, McGraw-Hill, Nova Iorque, 1974.
- SHEFTAL, YORAM, *Defending «Ivan the Terrible»: The Conspiracy to convict John Demjanjuk*, Regnery Publishing, Washington D.C., 1996.
- SHIRER, WILLIAM L., *Auge y Caída del Tercer Reich*, vol. 2, Planeta, Barcelona, 2011.
- SIGAUD, DOMINIQUE, *Il caso Frank Stangl*, Clichy Editore, Milão, 1996.
- SIMONETTI, FABIO, *Via Tasso: Quartier Generale e carcere tedesco durante l'occupazione di Roma*, Odradek, Roma, 2016.
- SPIZ, VIVIEN, *Doctors from Hell: the Horrific Account of Nazi Experiments on Humans*, Sentient Publications, Colorado, 2005.
- STEENBERG, SVEN, *Vlasov*, Knopf, Nova Iorque, 1970.
- STEINACHER, GERALD, *Nazis on the Run. How Hitler's Henchmen Fled Justice*, Oxford University Press, Oxford, 2011.
- STERN, KENNETH S., *Demjanjuk: An analysis of the Sixth Circuit Court of Appeals decision in Demjanjuk v. Petrovsky*, American Jewish Committee, Institute of Human Relations, Nova Iorque, 1993.
- STENVENSON, WILLIAM, *The Bormann Brotherhood*, Bantam Books, Nova Iorque, 1974.
- SURHONE, LAMBERT M., *Viktors Arajs, Schutztaffel, The Holocaust in Latvia*, Betascript Publishing Internet, 2010.
- TAYLOR, TELFORD, *Nuremberg and Vietnam: An American Tragedy*, Bantam Books, Nova Iorque, 1971.

- TEICHOLZ, TOM, *Ivan the Terrible. The Trial of John Demjanjuk*, Futura, Nova lorque, 1990.
- THOMAS, GORDON, *Gideon's Spies. The History of Mossad*, St. Martin's Press, Nova lorque, 1998.
- TREGENZA, MICHAEL, *Aktion T4. Le Secret d'État des Nazis*, Calmann-Lévy Editions, Paris, 2003.
- US DEPARTMENT OF JUSTICE, *In the Matter of Josef Mengele: A Report to the Attorney General of the United States*, US Department of Justice, Washington D.C., 1992.
- VON LANG, JOCHEN, *The Secretary: Martin Bormann – The Man who Manipulated Hitler*, Random House, Nova lorque, 1979.
- VON LINGEN, KERSTIN, *Allen Dulles, the OSS, and the nazi war criminals*, Cambridge University Press, Cambridge, 1978.
- WAGENAAR, WILLEN, *Identifying Ivan: A Case Study in Legal Psychology*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1989.
- WALSH, MICHAEL J., *The Conclave: A Sometimes Secret and occasionally Blood History of Papal Election*. Sheed and Waud, Londres, 2003.
- WALTERS, GUY, *Hunting Evil*, Bantam Press, Londres, 2009.
- WALTON, NICHOLAS, *Genoa, «La Superba»: The Rise and Fall of a Merchant Pirate Superpower*, Hurst & Company, Londres, 2015.
- WIERNIK, YANKEL, *One Year in Treblinka, An Inmate Who Escaped Tells the Day-to-Day Facts of one Year of His Torturous Experience*, American Republic of the General Jewish Workers' Union of Poland, Nova lorque, 1945.
- WIESENTHAL, SIMON, *Los Asesinos entre nosotros. Memorias*, Editorial Noguer, Barcelona, 1967.
- WILFORD, HUGH, *America's Great Game: The CIA's secret Arabists and the Making of the Modern Middle East*, Basic Books, Nova lorque, 2013.
- WILLIENBERG, SAMUEL, *Revolt in Treblinka*, Żydowski Instytut Historyczny im. Emanuela Ringelbluma, Varsóvia, 2008.
- WILSON, ROBERT, *The Confessions of Klaus Barbie: The Butcher of Lyon*, Arsenal Pulp Press, Ltd., Londres, 1984.
- WISTRICH, ROBERT, *Who's Who in Nazi Germany. The Vatican and the Holocaust in Italy*, Yale University Press, Random House Value Publishing, Nova lorque, 1984.
- ZUCCOTTI, SUSAN, *Under his very windows. The Vatican and the Holocaust in Italy*, Yale University Press, New Haven, 2002.

ARQUIVO DE DOCUMENTOS

14527
Roma li 10 maggio 1946.-

- PRO-MEMORIA -

King File

Da fonte confidenziale seria ho appreso che l'ex POGLIA
VNIK di CROAZIA (Ante PAVELIC) si trova nascosto a Roma, in
uno stabile su cui ha giurisdizione lo Stato della Città del
Vaticano.-

Con lui si trova anche tale professore SAIC, già suo
segretario particolare a Zagabria.-

Il PAVELIC mantiene frequenti segreti rapporti con Mon-
signor MONTINI, Sostituto Segretario di Stato della Santa Se-
de.-

Source P 10 May 1946

Documento 1. Informação do CIC de reunião em Roma, entre o
ditador Ante Pavelic e monsenhor Montini, substituto para os
Assuntos Correntes da Secretaria de Estado e futuro papa Paulo
VI, 1 de maio de 1946.

HEADQUARTERS
COUNTER INTELLIGENCE COMMAND
ALLIED FORCES HEADQUARTERS
APO 512

Col. Smith
C1 Galt
in town

February 12, 1947

SUMMARY OF INFORMATION

SUBJECT: Father Krunoslav DRAGANOVIC,
RE : PAST Background and PRESENT Activity.

1. Dr. Krunoslav DRAGANOVIC is a Croatian Catholic priest in the Monastery of San Geronimo, 132 Via Tomacelli, ROME. This man has for some time now been associated with Ustashi elements in Italy and, while in many instances it is hard to distinguish the activity of the Church from the activity of one man whose personal convictions might lie along a certain line, it is fairly evident in the case of Fr. DRAGANOVIC that his sponsorship of the Ustashi cause stems from a deep-rooted conviction that the ideas espoused by this arch-nationalist organization, half logical, half lunatic, are basically sound concepts.

2. Fr. DRAGANOVIC is a native of TRAVNIK where he finished his elementary and secondary school. Shortly after this he went to SARAJEVO to study theology and philosophy. Here he fell under the personal magnetism of Dr. Ivan SARIC, archbishop of SARAJEVO, whose particular interest he soon became and upon graduation he was sent to ROME under the auspices of Dr. SARIC who had some good connections in the Vatican.

3. Having completed his studies at ROME where he majored in ethnology and Balkan affairs he returned to SARAJEVO where he held various political offices, all of a minor importance. Shortly after the formation of the Independent State of Croatia under Ante PAVELIC in April 1941 DRAGANOVIC became one of the leading figures in the Bureau of Colonization. In the middle of 1943, however, he became involved in a disagreement over the relative merits of the younger Eugen KVATERNIK, whom he called a "madman and a lunatic", and he left Croatia and returned to ROME.

4. According to a reliable informant it is believed that this departure of DRAGANOVIC from Croatia to Italy is a classic example of "kicking a man upstairs" inasmuch as it is fairly well established that the leaders of the Independent State of Croatia expected the prelate, through his good connections in the Vatican, to be instrumental in working out the orientation of Croatia towards the West rather than the East. These same leaders, being occidental-minded and knowing full well that Croatia's militant Catholicism made her a "natural" in such a deal, relied on DRAGANOVIC to assist them in their aims. He was eminently unsuccessful.

5. DRAGANOVIC has a brother still in ZAGREB who is in a member of the Napredak Co., who recently was ignored in the elections

311

BEST COPY AVAILABLE

DECLASSIFIED AND RELEASED BY
CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY
SOURCE: METHODS EXEMPTION 3828
NATIONAL CRIMES DISCLOSURE ACT
DATE 2001-2006

SECRET

REPORT NO. 1/60

- 9 -

This organization was set up according to the organizational plan of a Free Mason lodge in that there were strict "secret circles". The highest secret circle was formed by BORMANN with four other unidentified Nazi leaders; the organization was further set up according to the "V" pattern (five persons). Members of one "V" became leaders of further "V"s, and the leadership was anonymous to the lower circles (wobei je niedriger, die Sache anonym gelistet wurde). For security reasons BORMANN spread the tale in the lower "V"s that HITLER was behind "HACKE". He succeeded in this because MUELLER, the Chief of Department IV of the RSHA (Gestapo), was on his side because he could foresee the coming defeat. The first reports were received from MUELLER, who at the beginning of 1944 (or even earlier), had been appropriately influenced by the RIS and later doubled (umgesteuert) in the course of a CE game run through the chief Gestapo office (Gestapoleitstelle) in Danzig, directed by LOEWEN. This case of importance for the Soviet Union was run personally by General ABAKUMOV, who was shot after the death of Stalin. Only a few people in the RIS and RIS-CE knew about this mysterious matter. One of these was General RESNAUDOV, a former advisor of the MGB in Warsaw, and a personal friend of ABAKUMOV. According to BORMANN's plan HACKE was supposed to be very restrictive in the number of its members (allegedly only 35 persons up to 1944), was to be expanded in accordance with the existing situation, and above all was to be active through "inspiration" (of others). For security reasons HACKE bases were built up abroad in order to be able to operate freely and securely after the defeat. The main bases were set up by the end of 1944, especially in Spain, Portugal, Argentina, Japan, and Italy. An enormous organizational capital in gold, jewelry and cash (all from concentration camp "booty") of an approximate total value of half a billion dollars. Only a few members of the RSHA and SS knew about HACKE because of a deep conflict between BORMANN and HIMMLER. As soon as the RIS got wind of it, it immediately recognized its importance and did everything to control and also "inspire" HACKE for as long-range a purpose as possible. The exploitation of HACKE as a take-off point ("glacis") for IS activity by the Soviet Union was self-evident. Without waiting for the end of the war ABAKUMOV recruited a few members of HACKE by blackmail in view of the imminent defeat as well as with threats of denunciation to HITLER and HIMMLER. ABAKUMOV was not getting sufficient information from the Gestapo Chief MUELLER, who was exploited but not completely trusted by BORMANN. Therefore after the war the MGB did what it could to learn everything as thoroughly as possible. According to present information the RIS allegedly succeeded almost completely in this. The KGB evaluates this affair so highly, that various information which is learned through HACKE is not, for example, exploited in counter-espionage operations.

Postwar period: After the war the MGB worked on HACKE in two directions primarily: the maximum investigation of it and the maximum infiltration of MGB agents. HACKE expanded organizationally around 1947-1948 and this opportunity was exploited. The case was all the more important to the MGB because HACKE had kept alive the old Nazi slogan, "Fight the Jews and plutocrats in the USA", and had as a goal the founding of a Fourth Reich, and thus was always hostile to America as well and has remained so. In 1950 in Danzig (Poland) the former

SECRET

Documento 3. Relatório da OSS sobre Martin Bormann e a Operação Picareta (Hacke).

~~TOP SECRET~~
 Informal Routing Slip
 HEADQUARTERS
 UNITED STATES FORCES IN AUSTRIA

Hq Operations
 DT 1139

#1751
 198-14

SUBJECT: History of the Italian Rat Line

Number each message consecutively. Fill in all columns, authenticate message, draw a line across the page just below authentication. Use entire width of page. Use only for inter-office communication.

NO.	FROM	TO	DATE	MESSAGE
1	Br 430th CIC Opns	D/G-2 ATTN: Maj Milano	10 Apr 50	1. <u>ORIGINS.</u> a. During the summer of 1947 the undersigned received instructions from G-2, USFA, through Chief CIC, to establish a means of disposition for visitors who had been in the custody of the 430th CIC and completely processed in accordance with current directives and requirements, and whose continued residence in Austria constituted a security threat as well as a source of possible embarrassment to the Commanding General of USFA, since the Soviet Command had become aware of their presence in US Zone of Austria and in some instances had requested the return of these persons to Soviet custody. b. The undersigned, therefore, proceeded to Rome where, through a mutual acquaintance, he conferred with a former Slovakian diplomat who in turn was able to recruit the services of a Croatian Roman Catholic Priest, Father Dragonovich. Father Dragonovich had by this time developed several clandestine evacuation channels to the various South American countries for various types of European refugees. 2. <u>HISTORY OF OPERATIONS.</u> a. During 1947 and 1948 it was necessary to escort the visitors physically from Austria to Rome from the standpoint of security and to avoid any embarrassment on the part of the US Government which could arise from faulty documentation or unforeseen border and police incidents. b. Documents to assist in the journey of these people from Austria to Rome were secured through S/A Crawford, Reference IRS, Subject: 'Debriefing of S/A Crawford', dated 6 April 1950. c. Upon arrival in Rome, the visitors were turned over to Dragonovich who placed them in safe haven houses being operated under his direct supervision. During this period, the undersigned then actively assisted Father Dragonovich with the help of a US citizen, who was Chief of the eligibility office of IRO in Rome, in securing additional documentation and IRO aid for further transportation. This, of course, was done illegally.

RECLASSIFIED UNCLASSIFIED
 ON 21 JUN 1983
 BY CDR USAINSCOM FPO
 AUTH Para 1-603 DOD 6200.1-R

~~TOP SECRET~~

D/G-2 IS REG No. 733
 COPY No. 1

Documento 4. Relatório dos serviços secretos norte-americanos sobre a Rota das Ratazanas, 10 de abril de 1950 (página 1 de 1).

Der Befehlshaber der Sicherheitspolizei und des SD
im Bereich des Militärbefehlshabers in Frankreich
Fernschreibstelle

Aufgabenummer				Befehlort				Runde für Klagebogen			
Tag	Monat	Jahr	St.	Tag	Monat	Jahr	St.				
6	APRIL	1944	22								
PS-Nr. 30420				Verfügungsnr.							
PS-Adresse											
ab				Uhr. ab				Uhr			

LYON NR. 5265 6.4.44 2010 UHR ** FI *

AN DEN BDS - ABZ L. ROEM. 4 B - PARIS *

BETR: JUEDISCHES KINDERHEIM IN IZIEU-AIN *

VORG: OHNE **

IN DEN HEUTIGEN MORGENSTUNDEN WURDE DAS JUEDISCHE KINDERHEIM " COLONIE ENFANT " IN IZIEU-AIN AUSGEHOEH. INSGESAM WURDEN 41 KINDER IM ALTER VON 3 BIS 13 JAHREN FESTGENOMMEN. FERNER GELANG DIE FESTNAHME DES GESAMTEN JUEDISCHEN PERSONALS, BESTEHEND AUS 10 KOEFFEN. DAVON 5 FRAUEN. BARGELD ODER SONSTIGE VERMOEGENSWERTE KONNTEN NICHT SICHERGESTELLT WERDEN **

DER ABTRANSPORT NACH DRANCY ERFOLGT AM 7.4.44 **

DER KDR. DER SIPO UND DES SD LYON ROEM. 4 B 61/43
I. A. GEZ. BARRIE, SS-OSTUF **

Documento 5. Telegrama da Gestapo a anunciar a deportação das crianças judaicas da casa-escola de Izieu para o campo de Drancy.



U.S. Department of Justice
Criminal Division

Assistant Attorney General

Washington, D.C. 20530
August 2, 1983

Memorandum to the Attorney General

As the investigation of Klaus Barbie has shown, officers of the United States government were directly responsible for protecting a person wanted by the government of France on criminal charges and in arranging his escape from the law. As a direct result of that action, Klaus Barbie did not stand trial in France in 1950; he spent 33 years as a free man and a fugitive from justice, and the fact that he is awaiting trial today in France is due entirely to the persistence of the government of France and the cooperation of the present government of Bolivia.

It is true that the obstruction of efforts to apprehend and extradite Barbie were not condoned in any official sense by the United States government. But neither can this episode be considered as merely the unfortunate action of renegade officers. They were acting within the scope of their official duties. Their actions were taken not for personal gain, or to shield them personally from liability or discipline, but to protect what they believed to be the interests of the United States Army and the United States government. Under these circumstances, whatever may be their personal culpability, the United States government cannot disclaim responsibility for their actions.

Whether Barbie is guilty or innocent of the crimes with which he is charged will be decided by a French court. But whatever the verdict, his appointment with justice is long overdue. It is a principle of democracy and the rule of law that justice delayed is justice denied. If we are to be faithful to that principle -- and we should be faithful to it -- we cannot pretend that it applies only within our borders and nowhere else. We have delayed justice in Lyon.

I therefore believe it appropriate, and I so recommend, that the United States government express to the government

4)
XS-14
X-10598
CONFIDENTIAL
COUNTER INTELLIGENCE CORPS
UNITED STATES FORCES EUROPEAN THEATER
REGION III (BAD NAUHEIM)

X-10598
X-48
Sub-Region Marburg
APO 947, U.S. Army

III-3796
III-M-598

20 February 1947

SUBJECT: Operation Selection Board

TO : All Special Agents, Sub-Region Marburg 970th CIC
Detachment, APO 807, U.S. Army

MISSION: Appropriate action as indicated in basic letter,
Headquarters 970th CIC Detachment, U.S. Forces
European Theater, file D-152853, 383 CIC/5-3/ops.

TARGET DATE: 0200 hours, 23 February 1947

COMPLETION OF OPERATION: To be indicated by Headquarters,
Region III, (Bad Nauheim).

1. Purpose of swoop operation is to apprehend certain persons who have been known to have had connections in the past with one SS Hauptsturmführer BARBIE, Klaus. BARBIE was apprehended by this Sub-Region in August and escaped. He was later apprehended by the British authorities in Hamburg and once again managed to escape.

2. BARBIE, Klaus is known to be a dominant figure in a group of people (for purposes of this operation known as Group "C") who have in the past been connected with one or more of the German Intelligence organizations such as the Amts III, VI, and VII, RHSA.

3. Group "C" under BARBIE, Klaus is known to have connections with other groups, in the American as well as the British Zones.

4. This Sub-Region has at present eight (8) targets which are divided in two star (**) and one star (*) categories. Four of our targets are of the two star (**) category and four of the one (*) category.

a. The two star (**) targets are personalities which are to be apprehended at the appointed hour, briefly interrogated as hereinafter described and held for evacuation to MISC, CBERURSEL for detailed questioning.

b. The one star (*) targets are to be interrogated as hereinafter described and held under town arrest until

(**) and (*) are the symbols used for stars

CONFIDENTIAL

Documento 7. Memorando do CIC sobre Klaus Barbie, 20 de fevereiro de 1947.

S E C R E T

DECLASSIFIED AND RELEASED BY
CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY
SOURCES METHODS EXEMPTION 3B2B
NAZI WAR CRIMES DISCLOSURE ACT
DATE 2000 2006

SUBJECT: Klaus Barbie AKA Klaus Altmann

Background: Agency records reflect that Klaus Barbie was a member of the German security service during World War II, principally in Lyon, France. He was described as being brutal, cruel and reportedly shot his French agents when no longer useful. After the war the French communist press accused Barbie of being responsible for the death of 5,000 partisans. Following the war, Barbie was a witness in several trials involving war criminals and his wartime activities were investigated by the American authorities. The investigation was inconclusive and he was released.

From 1946 to 1951, Barbie was a source of the Army Counterintelligence Corps (CIC) in West Germany and was considered to be a valuable source of information. In 1951, because of French and German efforts to apprehend him, Barbie was documented as Klaus Altmann and routed through Austria and Italy to Bolivia where he was resettled. The US Army had no contact with him following his resettlement in Bolivia.

In April 1970 a Paris newspaper planned to publish a story on Barbie. The story was that Barbie had been sentenced to death in absentia in 1947, that he had been used by US intelligence and the West German BND service, and that he had been protected by US intelligence against French attempts to have him extradited from West Germany. (It is not known whether this story was ever published.)

In May 1970 the Army Assistant Chief of Staff for Intelligence advised CIA that Senator Jacob Javits' office had received a letter in June 1966 regarding Barbie. (No further information.) Senator Javits had sent the letter to the Department of State which sent the letter to the Army. The Army reportedly responded to the letter. (No further information.)

Recommendation: The CIA has had absolutely no contact or involvement with Barbie. Therefore, it is strongly recommended that the Agency not make any public statement whatsoever concerning Barbie. To do so could be misconstrued by the media and/or the general public. If per chance a statement of "no comment" places the Agency in an untenable position, then as a last resort and only if deemed unavoidable, the Agency could possibly refer any inquiries regarding Barbie to the Department of Defense.

FOR COORDINATION WITH Army

WARNING NOTICE - Intelligence
Sources or Methods Involved

DECL OADR
DRV HUM 4-82
CL BY []

S E C R E T

BARBIE, Klaus (201-019-126)

DOB: 25 October 1913 in Godesburg, Germany

Aliases: MAYER, WILLMS, BUCKER, GIERER, BEHRMAN, KRIEGER and HOLZER

Unknown date: Phenani Police Chief.

1943: Leiter, Abt. IV, Lyons SD and Sipo (replaced Oct 42).

1944(early): Strashourg. Position unknown.

1944: Lyons. Returned with full powers as Gestapo Chief.

1944 (July): Commander of the E.K. concerned with "Aktion Jersey FICHTE", the rounding-up of Polish Information Services personnel in France.

1947 (Nov): Arrested belatedly on Selection Board (sic) info and brought to the ECIC but later released ~~xx~~ because his interrogation was inconclusive.

1949 (May): "Liberation", the Communist daily stated that the U.S. Embassy in Paris had been requested to extradite BARBIE of Munich. It was then requested that BARBIE appear before the 8th District Military Tribunal because he had been the commander of the SD at Lons-le-Saunier in 1944 and thus was responsible for the deaths of 5000 partisans who he either killed himself or had sent to Nazi concentration camps.

1949 (Sept): BARBIE was included on a list of members of the "Anteroom" Chain.

1950 (May): HICOG Public Safety authorities and German police had been searching for BARBIE (R) since May 49 with negative results. French investigators had allegedly investigated him in the U.S. Zone but they did not specify when, where or in whose presence the investigation was conducted. BARBIE was placed on a "Wanted" list by the German police. French authorities and French press inferred that BARBIE was being afforded refuge in the U.S. Zone. The HICOG P.S. and German police search for him was temporarily blocked pending receipt of additional info from the French.

1965 (March): Subject was registered in ☐ Further info, contact FI/DOO/PHENANI ~~xx~~ x1064.

1965 (July): Subject traced by the 66th on behalf of the Augsburg Political Police. Their interest stemmed from the allegation that BARBIE ~~was~~ had committed murder while a member of the SD Lyons. They stated that he had worked for AIS in Kempten until 1948 and, in 1949, was living in U.S. Govt housing in Augsburg. His whereabouts since then were unknown to them.

10/25/54

~~SECRET~~

MEMORANDUM FOR THE RECORD

SUBJECT: Adolf EICHMANN

1. On 4 November 1937 Adolf EICHMANN, then an SS master sergeant, and fnu HAGEN then an SS first sergeant, prepared a report on their trip of September 1937 to various countries, including Israel (then Palestine). According to the report, Dr. Franz REICHERT, then a representative of the German news agency D. N. B., in Jerusalem, was one of EICHMANN's principal agents. Among sub-agents REICHERT handled was Feivel POLKES, aka Feibel POLKES, aka Feivel POLKES, a Jew who resided at that time in Tel Aviv. The report stated that POLKES had no profession and that his only means of livelihood was the money paid to him "by us" through REICHERT. He received a total of 20 pounds per month: ten pounds were his monthly salary; five pounds were a special payment; and another five pounds were given to him to pay one of his sub-agents, fnu KLEIN of Haifa. The report stated that POLKES had another sub-agent, one fnu SCHALOMI (or Schalomi Inu), who was a member of HAGANA.

2. Another captured German document is a progress report for the period 1 July to 31 July 1937, prepared by the unit of which EICHMANN was a member. It states that Feibel POLKES had the task of furnishing information on "HAGANA, political developments in the Near East, and universal organization of Judaism." Still other captured records contain extensive and detailed reports on HAGANA and other world-wide Jewish organizations. A study of these reports will be made in order to determine whether they were prepared on the basis of information furnished by POLKES and his sub-agents.

3. RID's central index contains no record on POLKES. However, a check of the records of the Immigration and Naturalization Service has brought to light the following information:

~~SECRET~~

DECLASSIFIED

Authority NND 36822
SW NARA Date 2/9/85

Documento 10. Memorando da CIA em que se dá conta do encontro entre Adolf Eichmann e Feivel Polkes.

1 N 477

DER ~~SS~~- u. POLIZEIFÜHRER
IM DISTRIKT GALIZIEN
Tgb.Nr. 41 /43 g.R.-Oh/Pr.-

Geheime Reichssache!

10. Juni 1943

2 Ausfertigungen
1. Ausfertigung

LESEN
TRP 1446

3150

Betr.: Lösung der Judenfrage in Galizien.
Bezug: Anliegender Bericht.
Anlg.: 1 Bericht (3 Ausfertigungen)
1. Ausfertigung. (gebunden)

An den
Höheren SS- und Polizeiführer Ost
SS-Obergruppenführer und General der Polizei
Krüger - o.V.i.A. -
Krakau.

In der Anlage überreiche ich den Abschlußbericht als
1. Ausfertigung über die Lösung der Judenfrage im
Distrikt Galizien mit der Bitte um Kenntnisnahme.

Fritz Katzmann
SS-Gruppenführer
und Generalleutnant der Polizei.

Documento 11. Informação dirigida a Himmler e redigida por Fritz Katzmann, braço direito de Wächter, sobre o extermínio dos judeus no distrito da Galícia.

CONFIDENTIAL

9 February 1984

MEMORANDUM FOR: C/IMS/EIB

FROM:

SA/ODDO

SUBJECT:

Colonel Walter Rauff

1. As you know, the ADDO received a telephone call from Ambassador Cohen at INR requesting information on Colonel Walter Rauff, the subject of recent newspaper reports of groups calling for action against Rauff for alleged Nazi criminal activity. The facts that we have no information to substantiate the Washington Post report that Colonel Rauff was given refuge in Vatican City after World War II and no evidence proving that he has any official contact with the Chilean government, and specifically the security service, was passed to Ambassador Cohen by telephone.

2. Ambassador Cohen has requested "a couple of paragraphs" on what we know about Colonel Rauff's life in Chile. Please consider this memorandum a record of Ambassador Cohen's request through the ADDO and provide him the information, as appropriate. A copy of your response should be sent to the ADDO for his information.

60/100 COL. RAUFF
DATE: 10/1/84
CLASS: 6 MONTH
[] []

Declassified and Approved for Release
by the Central Intelligence Agency
Date: 2001, 2005

NAZI WAR CRIMES DISCLOSURE ACT

CONFIDENTIAL

EXEMPTIONS Section 3(b)

(2) Policy

(2) Sources

(2) Relations

BEST AVAILABLE COPY

0001-83

Documento 12. Relatório da CIA, em que se destaca a ajuda do Vaticano a Walter Rauff, 9 de fevereiro de 1984.

SECRET

ABSTRACT OF DOCUMENT BEING CROSS FILED		CROSS FILED BY	
FILE NO. 32-6-103y	DATE MGLA 711	DATE OF DOCUMENT 3 November 1949	FILE NO. 11 February 1954
SUBJECT Peter STUDERMAYER			
PERTINENT INFORMATION			
3. In connection with the Paris Herald Tribune article of 16 Sep. 1949 ("Israel Says Syria Uses Nazi Funds") claiming \$20,000,000 in German funds was transferred to Syria through an Abdullah RAUFF, who was described as a former Gestapo Captain now allegedly military advisor to the Syrian Government, STUDERMAYER claimed the whole story sounded incredible. (Comment: Another associate of Walter RAUFF insists the story is untrue. CODEM states that the Israelites have mistaken the identities involved: there was an Abdullah RAUFF in Berlin during the war as representative of the German branch office of the Afghanistan State Bank, and it is possible that these funds are involved. CODEM believes that Abdullah RAUFF is still working in Europe for the Afghanistan Government and believes he is located in London. In any case, he is not identical with Walter RAUFF, former SD chief in Milan.) 6. When asked about the Germans still in Syria, STUDERMAYER mentioned his friend, Walter RAUFF, whom he did not see because the latter had already left for Italy. Desk Note: Probably not true According GRUBER (MGLA 712) RAUFF wouldn't have left until around the middle of Sep.. GRUBER also states he met STUDERMAYER, who is subject to widespread suspicion. SEE ALSO ATTACHED SHEET: THIS IS ALL THE INFORMATION PERTINENT TO THE SUBJECT			
CROSS REFERENCE FORM		FILE THIS FORM IN FILE NO.	

FORM NO. 59-28
DEC 1952

NAZI WAR CRIMES DISCLOSURE ACT

EXEMPTIONS Section 3(b)
(2)(A) Privacy ☐
(2)(B) Methods/Sources ☒
(2)(C) Foreign Relations ☐

Declassified and Approved for Release
by the Central Intelligence Agency
Date: 2001/2005

BEST AVAILABLE COPY

Documento 13. Relatório do CIC, a confirmar que Walter Rauff se encontra na Síria, 3 de novembro de 1949.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO

REPARTIÇÃO : 6º DISTRITO POLICIAL DE BERTIÓGA - SANTOS

BOLETIM DE OCORRÊNCIA Nº 20/79 VIA

Natureza da ocorrência : MAL-SÚBITO - AFOGAMENTO Data : 07/02/79
Local : PRAIÁ DE BERTIÓGA PROXIMO A RUA RAFAEL CO. Ctr. BILLY SANTOS
Hora da comunicação : 18,30 Hora do fato : 17,45

INDICIADO :
Doc. de Ident. n.º :
(espécie e repartição expedidora) Veio ao Plantão :
Pai :
Mãe :
Cor : Idade : Est. Civil : Prof :
Nac. : Nat. :
Residência :
(rua, número, cidade, fone, condução)

Local de Trabalho :
(rua, número, firma, cidade, bairro, fone, condução)

VITIMA : MORGANO GERHARD
Doc. de Ident. n.º RG. 1.362.262 Veio ao Plantão :
(espécie e repartição expedidora)
Pai : ERNESTO GERHARD
Mãe : Frederica Fellmer Gerhard
Cor : Branca Idade : 54 Est. Civil : Viuvo Prof. : Técnico Mecânico
Nac. : Austriaca Nat. : Libnütz
Residência : Rua Missouri, nº 7, Brooklin Novo, São Paulo
(rua, número, cidade, fone, condução)

Local de Trabalho :
(rua, número, firma, cidade, bairro, fone, condução)

Foi internada ? Onde ?

TESTEMUNHAS :
(nome, residência, bairro, fone, condução, doc. identidade, local de trabalho, bairro, cond. e fone)

- 1) - JOSÉ GIGLIO; RES. Rua Vergueiro Stelder nº 343 R.G. 2.337.673
- 2) - DEODATO DA SILVA; Res. Av. Rodrigues Alves nº 210 apto. 23 Santo
- 3) -
- 4) - HISTÓRICO
- 5) - Segundo apurado junto as testemunhas, a vítima banhava-se no mar, sentiu-se mal, vindo a parecer fadada,

SOLUÇÃO : para socorrida por populares. Foi feita aquisição de exa-
(B.O., Inquérito, proc. sumário, sindicância, relatório, outra)

EXAMES REQUISITADOS : Me para o Instituto Medico Legal.

(I.P.T., I.M.L.), outros exames — por extenso)

Elaborado por : Copiam. Del. Bertioaga, 07 de junho de 1985

(assinatura)
(nome e cargo - ditilografado)

(assinatura da autoridade)

Documento 14. Cópia de 1985 da certidão de óbito original de
Mengele, emitida pela polícia de São Paulo.

Declassified and Approved for Release
by the Central Intelligence Agency
Date: 2005

Documento 15. Ficha da CIA de Erich Rajakowitsch, 29 de junho
de 1962 (página 1 de 3).

CONTINUATION OF
DISPATCH

SECRET
EOM-12047 PAGE 2

AND WAS AN AUSTRIAN CITIZEN. THE REPORT STATES THAT HE LIVED IN HIS NATIVE CITY UNTIL 1915 WHEN HE MOVED TO AUSTRIA WITH HIS PARENTS. HE RETURNED TO TRIESTE ON 8 AUG 46 WITH HIS WIFE ANNA MARIA RINTELEN /SIC/ AND HIS CHILDREN KLAUS ANTONIO AGED 17 AND ANTJE MARIA AGED 8. HE HELD A SOJOURN PERMIT NO. 12356 ISSUED BY THE CIVIL POLICE OF THE FREE TERRITORY OF TRIESTE AND AN ITALIAN PASSPORT NO. 3490531 R. 14486 ISSUED ON 9 JUNE 1951 BY THE GORIZIA QUESTURA IN THE NAME OF ENRICO RAJA. HE WAS DESCRIBED AS A BUSINESSMAN WITH FEW SCRUPLES WHO IS CAPABLE OF UNDERTAKING ANY ACTIVITY IF IT IS WORTH WHILE. HE WAS BEING WATCHED BY THE RTE SERVICES /NOFORN/CONTINUED CONTROL/.

4. ACCORDING TO A REPORT RECEIVED BY THE ECONOMIC SECTION OF ODACID IN ROME CIRCA MARCH 1953 /SOURCE NOT GIVEN/, A DR. /FINU/ RAYA OF ENNERI AND CO., 21 VIA GENOVA, TRIESTE CALLED ON A DR. /FINU/ FRACCA IN THE MINISTRY OF FOREIGN TRADE ON 11 JANUARY 1953 TO ASK THAT RECENT EXPORT AUTHORIZATIONS GRANTED TO MAX LANNITTI /EAST-WEST TRADER IN TRIESTE/ NOT BE PUBLISHED IN THE ICE BULLETIN. INCIDENTALLY THE SOCIETA ENNERI AND CO. OF 21 VIA GENOVA TRIESTE AND VENICE ITALY IS ON THE LAST QUARTERLY ISSUE OF THE U.S. ECONOMIC DEFENSE LIST DATED 1 APRIL 1952.

5. ACCORDING TO A USUALLY RELIABLE AND SENSITIVE SOURCE, ERICO RAJAKOWITSCH WAS INTERROGATED BY THE CIVIL POLICE OF THE FREE TERRITORY OF TRIESTE ON 4 SEPTEMBER 1953 FOLLOWING A CHARGE OF FALSIFICATION OF A PUBLIC DOCUMENT AND FALSE DECLARATION TO A PUBLIC OFFICER REGARDING HIS IDENTITY. SUBJECT EXPLAINED THAT HIS ITALIAN PASSPORT WAS FIRST PROCURED FOR HIM IN 1947 AT THE QUESTURA OF MILAN BY AN ACQUAINTANCE OF HIS IN MILAN WHOSE NAME AND ADDRESS HE COULD NOT REMEMBER. IT WAS LATER EXCHANGED AND RENEWED SEVERAL TIMES BY THE QUESTURA OF UDINE. WHEN IT EXPIRED, IT WAS REPLACED BY THE ITALIAN CONSULATE IN BUENOS AIRES. SUBJECT EXPLAINED THAT HE RECEIVED HIS FIRST ITALIAN PASSPORT WITHOUT ANY PERSONAL DOCUMENTATION OR PAYMENT IN MONEY OR GIFTS. HIS ACQUAINTANCE OBTAINED IT FOR HIM AS A FAVOR BECAUSE HE KNEW OF SUBJECT'S POLITICAL POSITION. IN STATEMENTS ON HIS PERSONAL BACKGROUND HE STATED HE WAS DRAFTED BY THE AUSTRIANS IN 1939 AND WAS ASSIGNED AS A PRIVATE TO A GRENADIER COMPANY WITH WHICH HE PARTICIPATED IN THE POLISH, DUTCH AND RUSSIAN CAMPAIGNS. HE WAS MADE PRISONER, LIBERATED AFTER SEVERAL MONTHS AND RETURNED TO AUSTRIA. HE THEN SETTLED IN GRAZ AND LEFT FOR ITALY AND TRIESTE DURING THE MIDDLE OF 1946 BECAUSE HE WAS AFRAID OF BEING ARRESTED BY THE NEW AUSTRIAN GOVERNMENT SINCE HE HAD BEEN A MILITANT NAZI AND HAD BEEN RELATED TO DR. RINTLEN /SIC/, A WAR CRIMINAL. SUBJECT EXHIBITED AN EXTRACT FROM A DECREE OF THE COURT OF GRAZ EXONERATING HIM OF THE CHARGE OF COLLABORATION ISSUED 27 JUNE 1953 AS WELL AS A DECREE OF 22 AUG 1953 FROM THE OFFICE OF THE PROVINCIAL GOVERNMENT OF GRAZ WHICH PERMITTED HIM TO CHANGE HIS NAME FROM RAJAKOWITSCH TO RAJA. HE WAS AWAITING HIS AUSTRIAN PASSPORT AT THE TIME. WHILE IN THE POSSESSION OF HIS ITALIAN PASSPORT HE MADE MANY TRIPS FOR ALLEGEDLY COMMERCIAL REASONS TO SUCH COUNTRIES AS VENEZUELA, CHILE, PERU, ARGENTINA, URUGUAY, SWITZERLAND, GERMANY, AUSTRIA, SPAIN, PORTUGAL AND BRAZIL. THE REPORT CONCLUDES WITH THE STATEMENT THAT HE IS SUSPECTED OF ILLICIT TRADING WITH COUNTRIES OF THE EASTERN EUROPEAN BLOC /NOFORN/ CONTINUED CONTROL/.

/ CONTINUED /

BEST AVAILABLE COPY

DECLASSIFIED

FORM 53a

USE PREVIOUS EDITION

SECRET

☐ CONTINUED

PAGE NO.

50

MUNICH, GERMANY (AP)--SWITZERLAND TODAY EXPELLED ERICH RAJAKOVIC, THE MAN ACCUSED IN HOLLAND OF ORGANIZING THE MASS KILLING OF DUTCH JEWS FOR THE NAZIS IN WORLD WAR II. HE ARRIVED HERE BY PLANE AND WAS PLACED UNDER POLICE SUPERVISION. THE BAVARIAN INTERIOR MINISTRY SAID IT WILL DECIDE LATER WHETHER HE SHOULD BE EXPELLED FROM GERMANY.

LT1109AES 4/11

UPI-34 (NAZI) MB FM
MUNICH, GERMANY--WEST GERMAN AUTHORITIES LAUNCHED A HUNT TODAY FOR ERICH RAJAKOVITSCH, WHO ALLEGEDLY HELPED ADOLF EICHMANN FLEE FROM AUSTRIAN AND DUTCH JEWS FOR TRANSPORTATION TO NAZI DEATH CAMPS. RAJAKOVITSCH WAS RECOGNIZED YESTERDAY WHEN HE DISEMBARKED FROM A PLANE WHICH ARRIVED FROM SWITZERLAND. A BAVARIAN INTERIOR MINISTRY SPOKESMAN SAID AUTHORITIES "HAD NO GROUNDS TO ARREST HIM THEN AND HE WAS ALLOWED TO LEAVE THE TERMINAL." LATER, THE FEDERAL INTERIOR MINISTRY IN BONN DECLARED RAJAKOVITSCH AN UNDESIRABLE ALIEN. A MUNICH POLICE SPOKESMAN SAID LATE LAST NIGHT, "IT'S AS THOUGH HE'S BEEN SWALLOWED UP BY THE EARTH."

4/12--TD1009AES

Documento 17. Telegrama secreto da CIA a anunciar que Rajakowitsch foi expulso da Suíça.